

A romantic couple is shown in a close embrace in a wine cellar. The woman, with long red hair, is wearing a white cable-knit sweater and has her eyes closed in a blissful expression. The man, who has a beard and is shirtless, is holding a glass of red wine and looking down at her. The background features wooden wine racks filled with bottles, creating a warm and intimate atmosphere.

Química Perfeita

Autora bestseller da Amazon

J . M A R Q U E S I



Química Perfeita

Autora bestseller da Amazon

J. MARQUESI

Copyright © 2020 J. Marquesi

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Analine Borges Cirne

Capa: Thamerson de Andrade

Diagramação digital: Layce Design

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil

Para ouvir a *playlist* de “*Química Perfeita*” no *Spotify*, abra o app no seu celular, selecione buscar, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo.



A todos aqueles que, neste momento, estão enfrentando essa pandemia com coragem, responsabilidade e fé.

#gratidãoSEMPRE



Três anos antes.

“A vida não poderia ser mais perfeita!”

Pensei ao andar devagar por entre as pedras que margeavam o grande lago da propriedade onde meu irmão e eu morávamos. Vivíamos no paraíso, ninguém poderia ter mais alegria, segurança e paz.

Naquela manhã havíamos pescado, nadado, subido em cada árvore possível do pomar e, antes do almoço, nos refugiamos na cave fria para roubar umas garrafas de champanhe.

Está certo que eu não poderia nem pensar em beber, afinal, tinha só 12 anos, mas Peppe era muito mais esperto que eu e disse que, por ele ter 18, me autorizava. Sempre fui astuto, era óbvio que isso não existia, e ser criado em uma vinícola me fazia ter conhecimento suficiente para saber que menores não devem consumir bebidas alcóolicas.

Porém, era o que mais fazíamos!

O “nonno” Genaro nem poderia sonhar que estávamos roubando seus

preciosos champanhes, porque ele tinha a ideia distorcida de que eram o suprasumo dos espumantes. Não eram! Eu sempre sentia falta de algo neles, não sabia explicar, mas minha boca explodia à espera de sabores que não eram encontrados na bebida.

Por que roubávamos tanto, então? Porque Peppe cozinhava como um deus, sua comida era tão boa que equilibrava a falta das nuances do espumante.

Meu irmão cozinhava escondido, porque, segundo nosso avô, isso era coisa de maricas, e seu herdeiro iria fazer vinhos, assim como ele, o pai dele e o pai do pai do pai... enfim... uma porrada de Ferrero tinha feito.

Papai quebrou a corrente, infelizmente para o Peppe. Giuseppe I não queria nem saber das vinhas, odiava ficar na propriedade e vinha obrigado nas nossas férias para aplacar a ira de seu pai.

Eu, sinceramente, não gosto muito do “nonno”. Ele me chama de “riserva”, enquanto diz que meu irmão é um “superiore”. Demorei a entender isso, precisei aprender a ler para pesquisar e descobri que tem a ver com a qualidade e o valor dos vinhos. O “riserva” é o vinho mais comum, o que ficou menos tempo envelhecendo nos barris e nas garrafas, enquanto o “superiore” é um vinho especial, envelhecido adequadamente, pelo menos cinco anos, perfeito em sabor e teor alcóolico.

Mamãe ficava puta quando ele me chamava assim, então “nonno” disfarçava falando em português, porque não queria irritá-la, mesmo tendo me rebaixado ainda mais com o apelido de Reservado, enquanto meu irmão era um Gran Reserva.

Ele tentava não irritar mamãe porque o dinheiro do meu outro “nonno”, Felippo, pai da minha mãe, ajudara a reerguer a vinícola Don Ferrero e porque muitas das cepas de qualidade que estavam ali tinham vindo da Itália, a mando do meu avô materno.

Meu estômago roncou alto, e Peppe riu.

— Você não tem fundo, moleque! — Bagunçou meu cabelo. — Vai nadar ou não?

Olhei para o lago.

— Não sei, Peppe, sempre tenho pesadelos com a água!

Ele riu de mim e tirou a roupa apressado, ficando apenas de cueca.

— Larga de ser medroso e vem logo! — Pulou na parte mais funda e depois emergiu rindo. — Vem logo, Praga, essas podem ser nossas últimas férias juntos.

Concordei com a cabeça, mesmo temeroso.

Peppe iria para a faculdade e começaria um estágio em uma empresa de um amigo do papai, então dificilmente conseguiria ficar um mês inteiro na vinícola de novo. Isso me entristecia, pois, apesar da diferença de idade entre nós, éramos completamente inseparáveis.

— Vem, Praga!

Entrei no lago mostrando o dedo do meio para ele, que insistia em manter esse apelido idiota, mesmo sabendo que eu já estava me tornando um homem.

Ele nadou para longe, de costas para mim, relaxado, feliz. Isso me deixava feliz também, porque em casa as coisas estavam ficando estranhas e, mesmo que Peppe tentasse fazer com que eu não percebesse, tinha certeza de que algo não ia bem entre mamãe e papai.

De repente senti meus pés sem nenhum apoio por baixo deles e afundei. Tentei voltar à superfície, mas na queda meu pé direito ficou preso em alguma valeta. Comecei a me debater, a beber água. Queria gritar por ajuda, puxava a perna, batia os braços. Meus olhos começaram a nublar, e meus pulmões doíam muito.

Estava morrendo, eu sabia! A água entrando pelo meu nariz e boca, a

incansável busca por ar sem achar e... algo me puxou da água, livrou-me da morte e me abraçou com força, socando minhas costas.

Meu irmão!



Acordo molhado, mas não é da água do lago. Quase não consigo respirar, mas meus pulmões estão cheios de ar e funcionando normalmente. Nunca tive esse pesadelo antes, afinal, nem costumo ter pesadelos!

Sinto meu coração apertado e algo me incomoda muito. Não sei o que é!

Levanto-me. A mulher dormindo ao meu lado nem toma conhecimento de que saí da cama, exausta pela maratona de sexo que fizemos. Balanço a cabeça. Não consigo nem rir ao me lembrar da surra de piroca que dei nela, fazendo-a gozar tantas vezes antes de eu mesmo ter meu gozo que, ao final, ela implorou para que eu acabasse, pois estava exaurida.

Pego água na cozinha do apartamento dela, buscando minha calça, jogada no chão. Meu celular está no bolso. Confiro as horas e faço um pequeno cálculo mental. É tarde no Brasil, eu não deveria....

Foda-se!

Ligo para Peppe, e meu irmão atende na terceira chamada.

— Praga, aconteceu algo? — sua voz preocupada, mas firme e tranquila, acalma meu coração.

— Não, só uma bobagem. Queria ouvir sua voz.

Ele ri.

— O que houve? Sua conquista da noite descobriu que você é um mentiroso fanfarrão e te deixou na mão? — debocha.

— Não, ela dorme, nem se mexe, cansada demais de ser bem fodida, ao

contrário do que acontecia com as suas namoradas!

A gargalhada dele é alta.

— O que foi, Raffaello? Por que está me ligando às 3h da manhã?

— Sonhei com aquele dia no lago, lembra?

Ele suspirou.

— Claro! Como esquecer? — Ri triste. — Nossa vida mudou depois daquele dia, não é? O divórcio, mamãe levando você para morar aí na Itália, eu ficando com o *nonno*, e a morte do papai.

— Sim, eu me sentia tão seguro naquele dia, e de repente... — Bufo. — Eu sonhei com o afogamento, meu pé preso...

— Ainda tem medo de água? — Nego. — Eu estou à beira-mar hoje, vim fazer um curso no Nordeste e, às vezes, fujo para o mar.

— Você sempre amou nadar, não é? Eu aprendi por questão de sobrevivência e hoje uso para me manter em forma, mas você sempre gostou.

Ficamos mudos por alguns instantes.

— Por que você não volta para casa, Raffa?

— Estou em casa, Peppe. Morei mais tempo aqui do que aí, estou em casa.

— Não tem ninguém aí mais — ele lembra a realidade. — *Nonno* Felippo morreu logo após papai, e há cinco anos foi a vez da mamãe. Você está sozinho aí, mas aqui no Brasil ainda restam vovô e eu.

Rio amargo.

— O homem nunca mais falou comigo! Fingiu que eu não existia esse tempo todo! Não, eu só tenho você, somos uma família de dois!

Ele ri de minhas palavras.

— Ah, preciso te contar algo, mas tem de ser pessoalmente — a voz dele parece preocupada, mas eu penso que não deve ser nada. — Estou pensando em ir te visitar, aí aproveito para te fazer comer decentemente, afinal, nem só

de vinho vive um homem!

Rio da brincadeira dele, mas fico feliz por vir me ver. Peppe largou a faculdade de administração pela de gastronomia assim que papai morreu. O avô Genaro quase morreu do coração, ameaçou deserdá-lo, mas depois engoliu a história quando Peppe apresentou um plano de montar um restaurante na Don Ferrero para combinar com os vinhos e ganhou o velho.

Nunca entendi por que isso nunca aconteceu, mas o fato é que meu irmão trabalha na cozinha dos outros até hoje, no Rio de Janeiro, e não montou o restaurante dos seus sonhos.

— Conta logo, para de mistério. — Meu celular apita. — Porra, Peppe, minha bateria zerou, quando você vem?

— Eu vou...

A ligação cai.

Merda!

Penso em acordar Giulia para saber se ela tem um carregador, mas desisto. Daqui a pouco irei para meu apartamento, porei o celular para carregar e ligarei para o Peppe.

Eu preciso saber quando ele vem a fim de preparar um roteiro bem masculino e de irmãos para nós dois. Ele está solteiro, eu também, então poderemos sair juntos e conquistar companhia.

Meu irmão é bom de lábia, embora seja muito seletivo. Ele diz que a *finesse* vem com a idade e que sou muito jovem para entender suas escolhas, totalmente diferentes das minhas.

Volto a me deitar e abro um sorriso, feliz só pela ideia de vê-lo de novo.



Provence, França, tempos atuais.

— ...e o vinho escolhido esse ano pelos nossos jurados no teste às cegas é — o apresentador anuncia em francês antes de retirar a tarja preta que recobre o rótulo do vinho — Maison Fontaine!

Abro um sorriso satisfeito antes de desligar meu iPad e cumprimentar discretamente meus companheiros de júri. Não tinha a menor dúvida de que o delicioso vinho de corte com base nas uvas grenache, mourvèdre e syrah seria o ganhador. O sabor e a coloração estavam perfeitos, e o aroma fazia com que apenas a um leve balançar pudessem ser sentidas todas as notas de cada uma das uvas usadas para a formação da bebida tão magnética e harmoniosa.

— *Monsieur Ferrero* — Jean-Marie, um dos meus empregadores, cumprimenta-me quando passo por ele, saindo da mesa reservada para o júri. — Tenho certeza de que votou no vinho ganhador.

Sorrio.

— Naturalmente — confirmo sem nenhuma modéstia.

— Excelente paladar, meu caro, fico feliz em tê-lo conosco.

Acompanho-o com o olhar enquanto ele caminha na direção de sua esposa, uma belíssima mulher na casa dos 40 anos, e desprego o sorriso da cara, cansado, por hora, de ser simpático e aberto com todos os presentes.

Não entendam mal, eu não sou mal-humorado ou esnobe, apenas quieto, centrado, sério e observador. Sempre preferi a solidão, minha própria companhia ou mesmo a de pouquíssimos amigos.

Sou apaixonado por vinhos desde que me entendo por gente, e minha maior diversão é degustar sabores e texturas diferentes, visitar vinícolas, enquanto saboreio outra paixão: as mulheres.

— Podemos ir? — Evangeline pergunta.

— Preciso apenas cumprimentar mais algumas pessoas. — Ela fecha a cara, demonstrando sua impaciência e desagrado. — Prometo ser rápido e compensar essa demora.

O sorriso reaparece, seus olhos brilham, e a mesma sensação que tive ao perceber que votei no vinho ganhador volta, mas agora por outro motivo. A percepção de que consigo saborear uma mulher tão bem quanto saboreio um vinho me faz sorrir junto a ela, acende meu tesão e acelera minha impaciência e monotonia por ainda ter de ficar no evento por mais algum tempo.

Quero ir embora daqui, afogar-me nos sabores tentadores do corpo dela, provar e descobrir cada nuance, encher minhas papilas gustativas com o gosto agridoce de sua boceta.

Respiro fundo e tento me controlar para não causar um mal-estar devido à ereção que a simples ideia me causou. Degustar um vinho e poder identificar seus sabores é algo que faz de mim um dos maiores enólogos desta região da França, porém, fazer o mesmo com a excitação de uma mulher a ponto de levá-la ao êxtase não me confere nenhum título ou reconhecimento, apenas a deliciosa sensação de produzir a perfeição ao ouvir cada gemido de prazer.

Adoro sexo assim como adoro vinhos, embora admita que, por conta de minhas andanças pela região e, muitas vezes, pelos países europeus, quase não tenho tempo de fazer a primeira atividade tanto quanto bebo uma taça. A verdade é que estou mais calmo e seletivo com a idade – não que eu me ache velho aos 35 anos, apenas percebi que tenho preferido mais a qualidade de um relacionamento à quantidade de parceiras.

Assentei a cabeça e assumi um compromisso com uma só mulher? Não, nem me vejo fazendo isso em um futuro tão breve. Contudo, assim como a arte de provar e aprovar bebidas, é necessário ter calma e extrair o máximo de uma relação. Estou fazendo isso com Evangeline desde que cheguei até a Maison Lisblanc, há quase três meses.

— Ferrero! — Um dos meus companheiros de trabalho aparece. — Ótimos vinhos esse ano, a disputa foi acirrada.

Gaston olha e cumprimenta Evangeline, que está pendurada no meu braço, com a cabeça e depois volta sua atenção para mim, aguardando minha resposta.

— Não achei, sinceramente. O Fountaine foi o terceiro vinho que provei e, desde lá, não considere mais nenhum.

— Ainda estive na dúvida. — Dá de ombros. — Vocês não trouxeram nenhum esse ano?

— Não, não estavam prontos — digo apenas isso e fico quieto.

Gaston é um ótimo especulador, porém não caio no seu jogo. Nos três meses em que estou trabalhando na Lisblanc tenho feito várias tentativas de *assemblage*¹ que retornaram sabores satisfatórios, mas nada ainda espetacular.

E eu não me contento com nada menos do que perfeito!

Mudei de país recentemente, vindo da Itália, onde morei quase toda minha vida, estudei e trabalhei. Passei por várias vinícolas enquanto estive lá,

a maioria dentro das regiões DOCG – *Denominazione di Origine Controllata e Garantita*² – na Toscana, Lombardia, Vêneto e Piemonte. Os melhores vinhos italianos, os melhores mestres e a experiência de que eu precisava para fazer meu nome e me tornar um enólogo de prestígio, disputado entre as maiores vinícolas da Europa.

E pensar que meu amor por vinhos começou quando eu e meu irmão roubávamos das adegas da Don Ferrero!

— Tudo bem? — Evangeline pergunta, fazendo com que eu volte à realidade e não pense na propriedade da minha família no Brasil.

— Ótimo! — Olho-a, e minha fome volta com força total. — Quer saber? Foda-se! Vamos embora.

Ela sorri, e eu antevejo a noite esplêndida que teremos juntos.



— Como assim não tem previsão de volta? — Evangeline rola sobre o colchão, os lençóis amassados, o cheiro de sexo no ar. Bebo um gole de vinho de uma garrafa que eu mesmo preparei e com que a presenteei. — Raffaello...

— Preciso resolver pendências no Brasil agora que meu avô faleceu — informo-lhe. No mesmo instante ela se senta na cama e arregala os olhos. — Sim, Eva, eu tinha um avô.

— Você nunca falou nada sobre ele! — Sento-me na beirada do colchão. — Raffaello, eu sempre achei que você fosse sozinho!

Sei disso e concordo com ela. Somos amigos há algum tempo e estamos saindo desde que vim trabalhar aqui na França, e, em todas as nossas conversas, ela me contou sobre sua família – também tradicional no ramo da

viticultura –, mas eu nunca comentei sobre meu próprio legado.

Para ela sempre fui o enólogo brasileiro com cidadania italiana, premiado e disputado euro a euro pelas maiores vinícolas da Europa. A verdade é que eu não sou de falar de mim mesmo, a não ser sobre meu trabalho. Eu praticamente vivi apenas para as uvas e os vinhos, divertindo-me apenas quando dava.

— Não sou, claro! — digo o óbvio e aliso suas coxas malhadas. — Tive mãe, pai e um irmão, além desse avô que acaba de morrer.

Ela enrugando a testa.

— Todos mortos?

Respiro fundo.

— Em momentos diferentes, mas sim, todos mortos. — Evangeline me abraça com o intuito de me consolar, porém não preciso de consolo. — Ei...

Pego sua mão e a levo ao meu pau, completamente duro. Ela arregala os olhos, surpresa, mas depois agarra meu membro com força, agitando-o como sabe que eu gosto, então apenas fecho os olhos.

Assunto encerrado...

— Você deve estar triste por...

Puxo a cabeça dela para baixo, indicando como eu quero que ela use a boca. Evangeline chupa gostoso, forte. Fecho os olhos, deito-me sobre o colchão e deixo a mente vagar.

No entanto, nem mesmo a deliciosa e safada sucção faz com que eu esqueça a ligação da semana passada.

A voz potente de Luciano Pavarotti ecoava pelo meu apartamento enquanto eu acompanhava as palavras – obviamente não cantei, porque não tinha intenção alguma de fazer o espírito desse incrível tenor se revolver na tumba – e preparava algo para o jantar.

Estava sozinho naquela noite, sem companhia de nenhuma mulher ou de

algum amigo, apenas eu, um delicioso Châteauneuf-du-Pape, Pavarotti e um *prime rib* de cordeiro sendo grelhado.

Olhei para a única foto em meu porta-retratos em cima de um móvel da sala – conjugada à cozinha –, dei um sorriso, sentindo minha garganta apertar, a boca ressecar e os olhos arderem com as lágrimas represadas de saudades.

Meu irmão!

Era difícil estar na cozinha e não pensar nele, em seu dom natural para a gastronomia, o jeito incrível com que ele transformava ingredientes em obras de arte gourmets.

Eu o amava demais, ainda o amo, aprendi que o sentimento não acaba com a morte, pelo contrário, ele fica imortalizado, forte, a única diferença é que se casa para sempre também com a saudade e deixa um vazio impreenchível no lugar.

Sem ele eu não conheceria esse sentimento, o amor fraterno, o companheirismo e a cumplicidade. Mesmo com a distância na qual vivemos durante a última década de sua vida, eu o sentia perto.

Imagine alguém para quem você conta suas alegrias, tristezas, seus planos, e que não só isso, mas também vibra, chora, torce, anima e o põe para frente, mesmo com muito esporro. Conseguiram? Vocês acabaram de imaginar meu irmão.

Sua perda inesperada nunca fará sentido para mim. A dor que ela deixou nunca vai passar, principalmente por eu não entender por que ele, justo ele, estava naquele maldito avião que tinha como destino a morte. Nenhum sobrevivente, queda no mar, corpos todos achados, nenhuma esperança.

Realizem o desespero que foi quando eu soube!

Tínhamos nos falado ao telefone, minha bateria acabou, achei que voltaríamos a nos falar naquele dia para que ele me dissesse quando pretendia

ir me visitar na Itália, mas, quando liguei, o telefone dele estava dando desligado. Viajei, então, para um dos mais importantes campeonatos na Espanha, com um vinho que levei anos para aperfeiçoar, representando uma vinícola de peso, quando a notícia chegou de que um pequeno avião havia caído no mar no Nordeste do Brasil e que meu irmão estava na lista de passageiros.

Larguei tudo, absolutamente tudo, e saí em desespero para o aeroporto. Nenhum voo decolou naquele dia, o tempo estava horrível, não havia teto para a decolagem.

Tive que ficar sem muita informação, assisti ao meu vinho ser eleito o melhor do ano, mas chorei sozinho no banheiro, feito uma criança, abraçado às minhas próprias pernas, quando o nome dele foi confirmado após acharem seu corpo. Não consegui ir ao enterro, mas também não guardei o troféu da competição, nem mesmo todas as reportagens que saíram na imprensa especializada. Eu, logo eu, que sempre me orgulhei tanto das minhas conquistas, não coloquei nenhuma referência a esse dia no meu currículo. Eu queria que nunca tivesse existido! Renunciaria àquele vinho, àquela vitória, apenas para poder dar um último adeus ao meu irmão.

Não pude, não fui, depois não tive coragem de voltar ao Brasil para olhar uma lápide.

Novamente, olhei para a foto, sorri para o rosto bonito e alegre do meu irmão e ergui um brinde a ele.

Todos os meus brindes são para ele!

— Giuseppe Ferrero!

Terminei de fazer a carne e a deixei repousar por um momento antes de colocá-la no prato. Caminhei devagar até o sofá, levando o prato e a taça, sentindo o chão de madeira encerada sob meus pés, apreciando o cheiro gostoso da lenha na lareira e o calor da sala.

Apoiei o prato no braço do sofá e coloquei a taça na mesa de centro antes de apoiar meus pés sobre ela. Fechei os olhos ao ouvir a nota alta de Enrico Caruso cantando “Uma furtiva lágrima” e somente ao final da música é que comecei a comer.

Bem, só comecei mesmo, porque na segunda garfada meu telefone celular passou a tocar insistentemente. Tentei ignorá-lo, cortei mais um pedaço do cordeiro enquanto mastigava, mas o aparelho voltou a soar alto. Respirei fundo, irritado, pois sabia que não era trabalho, pois havia ficado tudo perfeito na vinícola quando eu saíra, então era assunto pessoal.

Fui até a cozinha e gelei ao ver o número na tela do telefone, pois reconheci o código do país que há mais de duas décadas não visito e do estado onde morei boa parte da minha vida.

— Alô — atendi em português, achando diferente esse idioma em minha boca.

— Raffaello Ferrero? — a voz anasalada me fez suar frio, as pernas tremeram, e lembranças de um passado distante quase me fizeram desabar. Sentei-me em uma banquetta alta antes de responder:

— Sim, sou eu, Ida — o nome da governanta da Don Ferrero saiu engasgado.

Escutei seu choro, pressenti sua dor, sabia qual era a notícia, mas não senti nada, apenas surpresa. Genaro Ferrero havia morrido, e a hora de voltar para casa tinha chegado.

— Raffaello, minha boca já está dormente! — Evangeline ri, e eu volto ao presente, surpreso por meu pau ainda estar duro mesmo diante de todas essas lembranças.

Pisco, sorrio safado e a chamo para cima de mim.

— Promete que não vai demorar muito no Brasil! — ronrona enquanto esfrego a cabeça do meu pau em seu clitóris. — Faz pouco tempo que

decidimos ser exclusivos, ainda quero aproveitar.

Gargalho.

— Vai depender do que eu achar por lá. — Ela arregala os olhos. — Estou falando da vinícola, mas é bom deixarmos subentendido que, se eu demorar muito, nossa exclusividade ficará suspensa.

Evangeline para de rebolar.

— Por quê?

— Porque não é justo nem contigo, nem comigo. Ambos adoramos sexo, não precisamos fingir que vamos ficar na abstinência por causa um do outro. — Esfrego seu clitóris com mais força, penetrando sua entrada molhada apenas para deslizar mais gostoso sobre o clitóris duro. — Quando eu retornar, se ainda tivermos interesse na exclusividade...

Evangeline faz careta.

— Você é safado e pragmático ao mesmo tempo!

— Não é a perfeição? — pergunto, pegando um preservativo e o colocando segundos antes de a penetrar bem fundo. Prendo seus punhos nas laterais do meu corpo e estoco com vontade, sem deixar que mais nenhum pensamento tire minha concentração.

Cada coisa em seu tempo!



Rio Grande do Sul.

Saio do carro e retiro os óculos escuros para poder enxergar melhor tudo à minha frente. Mesmo que eu tente me manter duro e frio por fora, sinto meu coração bater forte e descompassado por estar de volta a este lugar em que não piso há mais de 20 anos.

Nunca pensei que voltaria, essa é a verdade! Mesmo sendo um dos herdeiros, eu sabia da preferência de Don Genaro pelo Peppe, e isso não me incomodava, pois não tinha pretensão alguma de vir morar ou mesmo tocar esse negócio.

Voltei sem meu irmão, sem nenhuma perspectiva sobre as velhas vinhas da Don Ferrero, certo de que o melhor é vender as terras pelo melhor preço e retornar à minha vida na França.

Ainda não pensei muito sobre como fazer isso tudo no menor tempo possível, apenas tive cabeça para me lembrar do meu irmão, de como as coisas seriam diferentes caso ele estivesse vivo. Certamente eu viria para cá,

agora que Genaro morreu, encontraria Peppe aqui no lugar em que passamos os melhores dias de nossa infância e ficaria feliz em ajudá-lo no que resolvesse fazer com o local.

Meu irmão não era um vinhateiro³, nunca foi, embora o *nonno* tenha quase o obrigado a ser. Ele não entendia da administração, cultivo e produção, apenas sabia beber vinhos e muito bem! Entretanto, se ele quisesse, eu o ajudaria aqui.

Olho, do local privilegiado onde estou, no alto de uma colina, para os parreirais, as construções e a casa lá no vale. A Don Ferrero pode não mais produzir bons vinhos, mas tem um potencial turístico enorme, e, com o restaurante do meu irmão aqui, tenho certeza de que seria sucesso.

Respiro fundo e sorrio triste, admitindo para mim mesmo que estou melancólico assim devido à visita ao cemitério em Porto Alegre onde meu irmão foi enterrado.

Mal descí no Salgado Filho e pedi um carro para ir até onde Peppe estava descansando. Sentei-me à beirada do túmulo, tentei me lembrar das rezas que aprendi ainda criança, quando fazia catecismo, acabei declamando um Pai Nosso porcamente, mas pedi muito que, de onde estivesse, ele recebesse luz e soubesse que eu o amava profundamente.

— Eu queria ter vindo, Peppe — falei baixinho. — Vim agora tomar posse do lugar que sempre foi seu, e isso não é justo! O velho nunca deixaria a vinícola para mim, mas então você se foi, e eu sou o último Ferrero que restou. Queria você aqui para que eu pudesse provar de novo sua comida, e aí roubaríamos umas garrafas de espumante da velha cave e terminaríamos o dia nadando no lago, bêbados, falando de mulheres, carros e barcos. — Meu coração teve um baque. — Você sempre adorou a água, assim como papai. — Uma lágrima escorreu ao me lembrar que o avião caíra no mar. — Eu queria você aqui comigo!

Fiquei por muito tempo lá como se não pudesse deixá-lo sozinho. Eu nunca me senti só enquanto ele existia. Mesmo com nossa distância física, eu sempre o senti perto de mim. Seu último ano de vida foi o em que menos nos comunicamos, porque estávamos tão ocupados com nossas carreiras que mal tínhamos tempo para bater longos papos.

Peppe estava empolgado trabalhando em um restaurante de comida francesa famoso, fazendo planos para abrir seu próprio negócio, e eu estava às voltas com o vinho de uma safra promissora – aquele que recebeu prêmio no mesmo dia em que eu soube da morte do meu irmão – e mal tinha tempo para ir a casa dormir, passava o dia todo fazendo análises, misturas e tomando conta de cada detalhe.

— Raffaello? — uma voz feminina conhecida chama meu nome. — É você?

Viro-me e encaro dona Idalina, a mulher que tomou conta da casa desde que meu avô ficou viúvo, auxiliou mamãe no parto de Peppe, feito aqui na vinícola, ajudou a tirar meu primeiro dente mole e fazia os melhores lanches para piquenique do mundo!

— Sou eu, Ida! — Sorrio. — Voltei!

Ela soluça, e eu a puxo para um abraço, consolando-a como posso. Odeio ver mulher chorar, tenha a idade que tenha, porque ouvi muito desse som durante toda minha infância.

— Ainda bem que veio! Tinha medo de que não viesse. — Nego com a cabeça, e ela soluça contra meu peito mais uma vez. — Seu avô ia ficar feliz ao saber que você não se esqueceu de casa.

Tenho vontade de rir, mas não o faço em respeito a ela. Idalina era ótima conosco, mas nunca via defeitos no vovô. Durante muitos anos questionamos, Peppe e eu, se ela era uma *namorada* do *nonno*, mas nunca tivemos nenhum indício disso. Anos depois, comentei esse assunto com mamãe, e ela negou

veementemente, dizendo que Don Genaro nunca se envolveria com uma empregada.

Ele poderia até não se envolver com Idalina, mas era claro como o dia que ela sempre fazia tudo por ele. Genaro ficou viúvo muito jovem, meu pai tinha só 18 anos quando minha avó Maria morreu. Nunca voltou a se casar, nem mesmo ouvi buchichos sobre um caso ou algo parecido. Ele respirava a vinícola, *era* o próprio vinhedo, a cepa perfeita que gerou frutos imperfeitos devido a algum fator, cruzamento, cultivo ou o *terroir*⁴.

Papai nunca foi um orgulho para ele, por isso, apostou suas fichas em Peppe, que acabou por decepcioná-lo ao seguir a carreira gastronômica, mas soube lhe agradecer ao dizer que voltaria para a propriedade e montaria aqui um megarrestaurante onde o único vinho servido seria o Don Ferrero.

— Como soube que eu estava aqui? — pergunto a ela, tirando as lembranças da cabeça.

— Um dos trabalhadores te viu, e olhei a câmera e te reconheci de imediato. — Ela segura meu rosto. — Você mudou pouco desde a última vez que nos vimos.

— Eu tinha 12 anos! — Não consigo segurar o riso.

— E eu sabia que ficaria bonitão como seu avô era!

Assinto, pois nunca fui cego, e o espelho me mostra todos os dias o quanto sou parecido com Genaro Ferrero. Isso nunca me desgostou, ele era meu avô, então ser parecido com ele era normal, mas eu via traços da família Rizzo também, principalmente do irmão caçula da mamãe.

— Vim do cemitério em POA. — Ela se afastou e pegou minha mão com força. — É estranho estar de volta e não encontrar Peppe aqui.

— É, sim, ele nos faz muita falta. Seu avô só conseguiu consolo...

Um trator agrícola passa por nós, e o condutor grita alto meu nome.

— Quem é? — indago curioso.

— Gleyson, seu amigo de infância, lembra?

O homenzarrão vem andando rápido, chapéu na mão, a cabeça raspada brilhando ao sol. Gargalho surpreso por ele ainda estar aqui e por ter ficado tão diferente do garoto magrelo, loiro e cabeludo em minhas lembranças.

— Olha só se não é o Raffa, tchê! — Nós nos cumprimentamos. — Estávamos todos esperando sua volta, seja bem-vindo.

— Obrigado! Quanto tempo, não?

— Mais de vinte anos, éramos guris quando *tu se foi* para a Itália.

— Gleyson, o patrão acabou de chegar, vamos deixá-lo descansar um pouco, depois vocês dois põem a conversa em dia.

Ele ri.

— Tia Ida, se fizermos isso, vamos levar mais de um mês! — Eu rio com ele, concordando. — Eu queria dizer que lamento muito a morte do Don Genaro e que *tu pode* contar comigo para o que precisar.

— Gleyson é o gerente de campo e trabalhava direto com seu avô — Idalina explica. — Mas vamos entrar na casa!

Ela se vira para o outro lado e começa a andar colina abaixo.

— Ida, estou de carro! — grito em sua direção.

— Prefiro andar!

Gleyson ri e põe a mão no meu ombro.

— Sangue caiagangue — ele faz referência aos ascendentes de Idalina, indígenas que povoaram esta região antes de os imigrantes chegarem. — Não envelhece e continua ativa como quando nós dois tínhamos 12 anos.

Concordo com ele, volto a colocar os óculos e entro no carro para voltar ao “palácio” de Don Genaro.



Nada mudou!

Penso ao passar a mão sobre o corrimão de madeira que ladeia a escada para o segundo piso da construção. O cheiro de carvalho ainda é intenso, assim como o de especiarias, azeite e, claro, vinho. A enorme casa de pedra, com vigas de carvalho aparentes no teto, chão de madeira de lei encerada e brilhante, lareiras e enormes janelas é, com certeza, igual ao que sempre lembrei.

A decoração rústica, mas de muito bom gosto, com tapetes turcos, cristais de todos os lugares do mundo, tanto dentro da cristaleira de madeira maciça que sei que ainda deve estar na sala de jantar quanto nos lustres e alguns vitrais.

É como se o tempo tivesse congelado, pelo menos dentro deste lugar, como se tivesse sido ontem que saí daqui, e não há 23 anos. Quase é possível ouvir a voz grave e alta do *nonno* conversando com algum funcionário em seu escritório, quase consigo ouvir o som do videogame do meu irmão na sala contígua a esta em que estou.

Sorrio ante a ilusão de ter voltado no tempo, mesmo consciente de que não é real. Por um instante sinto meu corpo aquecer como se recebesse um abraço e percebo que não sou tão indiferente quanto pensava acerca desta casa, deste lugar. Ignorar o passado é uma das piores coisas que alguém pode fazer, pois ele contém aprendizados e respostas que são importantes na construção do presente.

Eu fui feliz aqui, uma infância pura, alegre, protegida e cheia de aventuras. Fiz amigos, recebi carinho mesmo de quem não era da família, fui magoado também, porque não é fácil para um garotinho lidar com a preferência do avô pelo irmão mais velho em contraposição ao desprezo que recebia.

Todavia, a alegria, certamente, sobrepujava a tristeza neste lugar.

— Acabei de passar um café. — Idalina me entrega uma xícara. — Os meninos que me ajudam aqui na casa já levaram suas malas para o quarto. Só duas mesmo?

Concordo.

— Só, não pretendo demorar muito.

A decepção em seu semblante fica evidente, mesmo quando ela sorri para disfarçar.

— Esperei que você viesse assumir, afinal, trabalha com vinhos...

— Sim, Ida, eu trabalho na Europa em grandes vinícolas, não tenho tempo ou disposição para tentar reerguer este lugar. — Aponto para os arredores abandonados, o jardim todo tomado por ervas daninhas e o vinhedo solitário e agonizante ao longe. — Ele nunca quis que eu assumisse seu legado.

Idalina não retruca, nem teria o que dizer, porque era pública e notória a preferência de Don Genaro.

— Mas é seu agora — ela diz de repente. — Ele não está mais aqui para decidir nada, mas, sim, você. — A mulher morena de longos cabelos negros pega minha mão livre. — O destino não fez conta do querer de seu avô, e é você quem está aqui para assumir tudo isso, para dar seguimento aos sonhos dos Ferreros e garantir o futuro das próximas gerações.

Rio e nego.

— Não haverá próxima geração. — Tomo o restante do café, e ela não fala nada. — Bom, agradeço o café, mas viajei durante horas e não dormi no avião.

— Claro! Vá descansar, levarei algo para você comer e...

— Ida, não precisa, obrigado. — Ela faz menção de retrucar, mas eu a impeço completando: — Vou tomar banho e dormir, não vou conseguir

acordar nem para comer. Não se preocupe comigo, estarei bem.

— Está certo. — Balança a cabeça. — Bom descanso, Raffaello Ferrero.

O jeito que ela diz meu nome quase me faz encolher. Sinto como se estivesse colocando uma responsabilidade enorme nas minhas costas, uma que eu não tenho a mínima pretensão de assumir.

Não vim para ficar, mas esqueci que este lugar não é uma terra abandonada. É preciso ter cuidado, garantir que o próximo proprietário mantenha o emprego de todos que já estão aqui e que garanta uma aposentadoria confortável a Idalina.

Amanhã, quando ligar para Arthur, vou garantir que isso seja algo obrigatório na negociação de venda deste lugar.

Sim, porque, mesmo com tantas lembranças boas e tantas pessoas que fizeram parte do meu passado, eu não vim para ficar! Tenho uma vida construída fora daqui, uma carreira em ascensão e reconhecimento tanto do meu nome quanto financeiro.

O que eu posso encontrar aqui que possa ser mais importante do que tudo o que já conquistei lá fora?

Obviamente, nada!



O dia mal amanheceu, e já estou de pé, banho tomado, cabelos úmidos e xícara de café na mão. Sinto uma enorme satisfação por ter dormido uma noite inteira – provavelmente fruto de muito cansaço –, coisa que quase não acontece quando estou trabalhando.

Minha rotina na França é sempre muito corrida. Não tenho horário certo para quase nada, nem mesmo folgas estabelecidas. Quando consigo encontrar diversão sem precisar me afastar do trabalho, fico semanas sem um dia de descanso. Eu amo o que faço e não vejo meu trabalho como uma obrigação.

Sou privilegiado, eu sei. Poucas pessoas têm essa bênção de fazer o que gostam, por isso, nunca reclamo.

Depois do banho, saí do quarto de mobília pesada e escura, do mesmo jeito que me lembrava havia mais de duas décadas, e logo me encontrei com Idalina na cozinha, passando café recém-torrado e moído pelo coador de pano.

Peguei uma das xícaras de ágata que adorava usar quando criança, e ela a completou até a boca com o líquido perfumado e quente. Recusei o açúcar

que me ofereceu e beberiquei devagar o café, andando pelo cômodo arrumado, antigo e cheio de histórias.

— *Pega o cominho, Praga!*

A voz de Peppe parecia real aos meus ouvidos quando eu passei em frente ao armário de madeira onde Ida guarda os condimentos. Sorri e fiquei um tempo olhando-o, cheio de lembranças.

— *Eu não sei qual deles é! — retruquei, trepado precariamente em cima de um banquinho para alcançar os temperos. — Tudo parece igual!*

Peppe bufou.

— *Cheira! Aprende a usar esse nariz melequento para alguma coisa! — Logo em seguida começou a rir quando aspirei com muita força o pozinho e comecei a espirrar. — Vou aí!*

Ele parou de mexer o que estava cozinhando, foi até mim e me entregou uma toalha de papel. Em seguida, pegou um pouco do pó de café que Ida guardava numa lata e me pediu para cheirar.

— *Eu conheço cheiro de café! Não conheço esses trechos aqui! — Apontei para a estante.*

— *Fica quieto e escuta! — Ele sempre me dava esporro sem levantar a voz. — Fecha os olhos. — Fiz o que me pediu sem nem mesmo perguntar o motivo. — Agora, aspire lentamente, deixe que a nuance do aroma preencha suas narinas. — Comecei a cheirar devagar. — Isso, sem pressa, consegue sentir o quê?*

— *Uma leve picância, um cheiro amadeirado, forte, mas gostoso.*

— *Isso!*

— *Tem cheiro daquele lugar aonde fomos quando papai e mamãe nos levaram para conhecer o Taj Mahal.*

Naquele momento pude ver o enorme castelo, seus jardins, sua fonte e as cores vibrantes das roupas das meninas, os olhos marcados com maquiagem

escura, a confusão e o barulho do trânsito.

— Índia! — completei.

Meu irmão agitou meus cabelos, e eu abri os olhos.

— Curry, esse é o nome desse condimento, e eles usam muito na Índia. Tinha aos montes nos mercados de rua, e você fez a associação — disse orgulhoso. — O cominho é esse. — Pegou um vidro com pó um pouquinho mais escuro. — É mais herbal do que amadeirado, sente.

Cheirei devagar e concordei, conseguindo distinguir os cheiros.

— Distinguir os aromas e sabores é um dom importante para um grande chefe e um bom enólogo — informou ao voltar para sua panela.

— E o que você vai ser quando terminar a faculdade?

Peppe riu.

— Administrador. — Franzi a testa, sem entender, e ele gargalhou. — É o que precisam que eu seja, não o que eu quero ser. — E olhou para sua panela, concentrado em colocar o tempero. — Eu sou um cozinheiro, Praguinha, e não importa o que eu estude, sempre serei.

— Eu também lembro da bagunça que ele fazia nesse armário — Idalina fala e me faz voltar à realidade e encarar que, há muito, esse tempo bom de aprendizado com meu irmão acabou. — Peppe gastava meus temperos todos, mas sempre me ajudava a moer as ervas secas no pilão para fazer mais.

— Ele sempre amou cozinhar, fico feliz que tenha conseguido realizar seu sonho. O injusto foi ser por tão pouco tempo.

— Seu avô quase morreu quando ele disse que não ia continuar a faculdade de administração porque tinha conseguido um estágio em um restaurante e ia estudar para cozinhar. — Ela ri. — Ele esbravejava pela casa que eu nunca estudei e cozinhasse bem, que era algo que não necessitava de estudo.

— Mas Peppe o convenceu rápido do contrário.

Ela concorda, seu sorriso enorme.

— Seu irmão sabia como conduzir seu avô. — Ergo a sobrancelha, e ela me olha séria. — Nunca adiantou bater de frente com ele. Você tentava ganhar suas vontades no grito, mas seu irmão conseguia tudo sem levantar a voz.

— O velho era cabeça-dura demais!

— Era, por isso mesmo que era burrice tentar ganhar na força. — Rio pelo “elogio” que ela indiretamente me fez. — Seu irmão disse o que sabia que seu avô gostaria de ouvir, deixou Don Genaro feliz e orgulhoso e ainda pôde estudar as comidas dele em paz.

— Peppe era demais!

— Você também é! Orgulhoso e cabeça-dura como seu avô. — Arregalo os olhos diante da comparação. — O quê? Só disse a verdade! Ele ficava aqui, acompanhando seu trabalho lá fora e resmungando. Nunca mais se falaram ou ligaram um para o outro, nem mesmo quando perdemos Peppe.

— Um *Reservado* nunca substituirá um *Gran Reserva*.

Ela bufa, joga o pano de prato que segura por sobre os ombros e se afasta.

— Dois bicudos, isso é o que vocês eram!

Rio dela, do inconformismo que se expressa pelo seu modo de andar e até por como mexe algo no fogão. Idalina sempre foi assim, ficava brava, mas não ralhava, deixava que todos soubessem que estava nervosa com algo através de suas atitudes.

Termino meu café e deixo a xícara perto dela, porém nem recebo um olhar sequer. Confiro as horas e penso em ligar para Arthur, porém desisto, sabendo que ainda é cedo demais para ele estar acordado e trabalhando.

Resolvo, então, descer até a adega, que fica na metade sul do porão da casa, e a encontro totalmente escura, sem climatização e empoeirada. Pego uma das garrafas que ainda permanecem deitadas nos suportes e tiro a rolha

para sentir o cheiro do vinho.

— Vinagre! — Torço o nariz e tampo a garrafa de novo.

Pelo visto Don Genaro já não utilizava esta adega para guardar seus melhores produtos, então tudo deve estar concentrado na cave do galpão de produção.

Saio de casa até onde ficam os galpões e encontro Gleyson com mais alguns trabalhadores.

— Bom dia! — saúda-me.

— Bom dia! Já na preparação para a vindima? — pergunto-lhe assim que os trabalhadores se afastam.

— Sim, fazendo entrevistas. Há alguns anos Don Genaro dispensou a maioria dos trabalhadores de campo, e passamos a contratar temporários na época da vindima. — Gleyson dá de ombros. — A produção caiu muito e, pelo que me contaram, não estava dando para manter todos aqui.

Respiro fundo, já imaginando a bagunça que deveria estar a parte administrativa da vinícola.

— Quem é o administrador atual?

Gleyson ri.

— Não tem! Don Genaro dispensou o último há uns dois meses.

— *Porca miseria!* — Xingo, e Gleyson concorda. — Temos ao menos um contador, certo?

— Sim, na cidade. Um dos Casillos.

Franzo a testa.

— Arthur deixou de ser advogado para ser contador?

— Não, não, aquela peste é advogado ainda. — Ri. — Nasceu para a coisa, o filho da puta. O contador é o outro irmão, André.

— Nem me lembro desse.

— Era guri quando *tu partiu* daqui — Gleyson explica. — A Amália é

advogada também, ela e o Arthur trabalham com o pai, e o André trabalha na contabilidade com a mãe e as tias.

Ah, o interior!, penso divertido ao constatar que, mesmo mais de 20 anos depois, as coisas ainda são as mesmas. A família Casillo era respeitada na cidade por sua tradição na advocacia, que remonta desde a chegada de imigrantes neste local.

Arthur, Gleyson e eu somos da mesma idade, inclusive os dois estudaram juntos a infância toda. Conheci o advogado porque a família dele frequentava a vinícola, pois nossos avós eram amigos.

Fizemos amizade, e todo verão brincávamos aqui, correndo entre os parreirais durante a vindima, roubando cachos de uvas das cestas, aprontando mil traquinagens com os trabalhadores na colheita. Depois que fui embora, fiquei anos sem contato com Arthur, até que ele me procurou na Itália.

Fiquei feliz em rever o amigo de infância, acompanhei-o durante o tour pela Toscana, mostrando-lhe o melhor do vinho e da gastronomia local, e então renovamos a amizade. Desde a época temos mantido contato, esporádico, mas ainda assim nos falamos uma ou duas vezes ao ano.

— Eu estava pensando em ir para a cidade e procurar o Arthur, então aproveito para ir até o escritório de contabilidade também — informo.

— Nem vai precisar andar muito, é um ao lado do outro.

Entramos na área de produção dos vinhos, e o cheiro já me faz abrir um sorriso. Ainda não estamos na época da colheita, apenas em janeiro começa a vindima, mas já é possível sentir o cheiro das primeiras uvas que estão coletando para os testes.

— Sabe, na Itália algumas vinícolas plantam a uva primitivo. Já ouviu falar dela?

— Claro! Quando fui estudar nos Estados Unidos, vi a zinfandel sendo cultivada, e as duas são praticamente idênticas.

— Nunca diga isso a um italiano! — Gargalho. — Mas você tem razão, isso já foi provado cientificamente, as duas têm o mesmo DNA, mas quem cultiva primitivo nunca vai concordar.

— Don Genaro apreciava muito um bom primitivo, até pensou em plantar essa casta aqui, mas, na época, tínhamos consultoria de mercado, e comercialmente não era bom.

— É, não são todos que apreciam um primitivo. Ele é forte, muito alcóolico, frutado, tem que ter personalidade para gostar desse vinho.

— Sim! — Gleyson concorda. — Além disso, é trabalhoso manter a vinha, são melindrosas, e o *terroir* daqui talvez não as favoreça. Ainda assim, eu arriscaria o cultivo, mas da zinfandel. Na Califórnia essas uvas rendem um *rosé* perfeito, leve e ótimo para o verão.

— As vinhas gostam de estar em locais costeiros, acho que os mais de 100 quilômetros que nos separam do mar poderiam deixar a uva com qualidade baixa. Eu gosto do fato de ela ser a primeira a amadurecer, de não seguir o cronograma das outras castas.

— Eu também.

Paro perto dos tanques de produção, gostando de vê-los novos e bem-cuidados, desde o setor de prensagem até de filtragem, tudo muito limpo e organizado. Produzir vinho parece, e é, algo simples na teoria, porém, para se ter destaque, é necessário muito mais do que apenas seguir um manual.

Apostar na uva certa, escolher o tempo certo de colheita, separar os lotes, a fermentação e o tempo de maturação dizem muito do tipo de vinho que se vai obter. Os vinhos jovens têm saída imediata da produção, mas os de guarda necessitam repouso na cave, além de temperatura, iluminação e umidade controladas.

Esse sempre foi o erro de Don Genaro! Ele nunca conseguiu acertar os momentos ideais de seus vinhos, nem no tempo nas barricas, muito menos no

envelhecimento nas caves.

— Há quanto tempo você assumiu o campo? — pergunto ao Gleyson.

— Tem pouco mais de três anos. — Suspira. — As vinhas estavam quase perdidas, eu tinha uma proposta para trabalhar nos Estados Unidos, mas queria ficar por aqui, então aceitei o pedido do seu irmão para ajudar Don Genaro.

— Peppe? — Franzi o cenho.

— Sim, pouco antes de ele falecer, esteve aqui e conversou comigo. Ele tinha o plano de vir para cá e montar o restaurante, para isso precisava restabelecer o vinhedo.

Sinto um aperto no coração ao ouvir isso.

— Ele me falava sempre sobre essa ideia — comento baixinho. — A princípio achei que era para amansar Don Genaro, mas depois percebi o tanto que meu irmão queria voltar para casa e transformar este lugar. — Suspiro. — Acho que estava esperando o velho morrer para poder modernizar as coisas por aqui.

Gleyson nega.

— Seu irmão não era homem de empenhar a palavra e não cumprir. — Concorde. — Ele viria, talvez não naquele momento, mas viria, mesmo com Don Genaro vivo.

— Não pôde vir. — Dou de ombros, resignado.

Desço até a cave, enorme, toda feita de tijolos maciços e vejo inúmeras garrafas em descanso. A cave da Don Ferrero tem capacidade para 30 mil garrafas de vinho e 10 mil de espumante. As áreas são separadas, pois os processos são diferentes, e, desde que eu ainda vinha aqui, já não era mais produzida a bebida borbulhante.

— Não vou ficar — digo ao Gleyson, minha voz ecoando pela cave, reverberando no teto baixo e nas vigas arqueadas. — Voltei para pôr a Don

Ferrero à venda.

Ele bufa alto.

— Eu imaginei isso.

— O mercado anda aquecido aqui no Brasil, e grandes vinícolas poderão ter interesse no *terroir* daqui.

— Está certo. — Gleyson se afasta, desanimado.

Sinto um frio estranho tomar conta do meu corpo. Um leve arrepiar dos pelos nos meus braços me fazem pensar na história deste lugar, nos antepassados que aqui chegaram desde a Itália e formaram esta vinícola. Sou a quarta geração de Ferreros, também a última.

Peppe queria tocar em frente os negócios da família. Era ele quem deveria estar aqui, tomando posse da herança. Eu o ajudaria de bom grado, abriria até mão do trabalho na Europa para o auxiliar a reerguer este lugar, mas sem ele, nada mais tem importância.

Vender é a melhor solução!

— Sinto muito por vocês — declaro dentro da cave, o eco levando minhas palavras até os fantasmas dos Ferreros.

Assim que volto à superfície, pego o celular e ligo para Arthur. O celular chama algumas vezes. Eu já me sinto desanimado por não conseguir falar com ele, quando sou atendido:

— *Ciao, Raffa!*

Rio do parco italiano dele.

— Oi, Arthur! Estou na Don Ferrero, podemos conversar? — vou direto ao assunto.

— O quê? Está aqui na cidade? Por que não me avisou antes, porra? Podia ter ido te buscar no...

— Passei no cemitério antes para ver a lápide de Peppe — interrompo-o.
— Preciso do seu serviço como advogado.

Ele suspira.

— Sinto muito pelo seu avô — sua voz solene me incomoda, mas apenas agradeço. — Vai começar o inventário?

— Sim, é coisa rápida, não?

— Certamente! — brinca, imitando a voz de seu pai. — Podemos almoçar e conversar, o que acha?

— Perfeito!



Rio de Janeiro, tempos atuais.

— *Hoje vamos desejar o bem, sem olhar a quem...* — cantarolo a música da banda Melin enquanto embrulho, com papel reciclado e fios de sisal, as barras de sabonete que uma cliente encomendou. — *Aproveite todas sensações, sinta a chuva te molhar...*

— *E quando “a” Sol chegar, deixa esquentar!*

Começo a gargalhar com a voz da minha irmã estragando a música, antes de abraçá-la e beijar sua bochecha. Aspiro o delicioso cheiro de alguma água de flores que ela está usando hoje, mas sem identificar o aroma.

— Fazendo essências novas? — pergunto a Luna.

— Tentando. — Ela começa a dançar o refrão da música, animada, erguendo os braços, parecendo uma feiticeira celta com seus cabelos longos e platinados balançando pelas costas. — Adoro o clima aqui do seu cantinho. Tem certeza mesmo de que tem que ir embora?

Suspiro, o coração apertadinho.

— Tenho. Sabe que fiz uma promessa que não deveria ter feito.

— Sei, você faz promessas demais! — Luna se encosta a uma bancada e pega um pequeno buquê com flores de manjerição. — Nós somos como somos, minha irmã, e não poderíamos ser diferentes. — Ri. — Nossos pais conseguiram nos passar exatamente tudo aquilo que acreditavam, nós compramos e vivemos como eles.

— Não me arrependo disso. — Paro meu trabalho e a encaro. — Você?

— Nem uma unha sequer de arrependimento! Mas não é prático ser assim no mundo em que vivemos. As pessoas não são honestas, não têm empatia, amor ou respeito. Tudo se resume a interesse ou moda e, se não jogar na rede, para que ser ou ter?

— Ainda chateada por causa da Raianna?

Luna bufa.

— Me sinto trouxe, essa é a verdade! Se ela tivesse contado a verdade desde o começo, eu a teria ajudado sem problema, agora, me usar apenas para conseguir montar uma farsa na internet e conseguir seguidores? Foi cruel!

Concordo com ela.

Luna e Raianna se conheceram em um bar e logo viraram amigas. A moça queria saber tudo sobre nosso estilo de vida, e minha irmã contou a ela cada coisa e detalhe. Ela frequentou nossa casa, olhou nossos trabalhos, ganhou muitas coisas de presente e começou a se portar como nós.

Minha irmã e ela se tornaram as melhores amigas, e eu fiquei feliz com isso, porque fico a maior parte do tempo longe de casa e me preocupo com Luna sozinha. Ao contrário de mim, ela nunca foi muito sociável ou mesmo tem facilidade em fazer amigos. Não gosta de namorar e sempre diz preferir a companhia dos bichos à de gente.

Há alguns dias, eu encontrei o perfil da Raianna no Instagram e descobri que ela vivia uma vida como a da minha irmã na rede, até colocava as frases

que Luna criava e escrevia com sua caligrafia linda como se fossem dela. Já estava com milhares de seguidores, atraídos por seu perfil *hippie chic*, descolado, zen e solidário.

A garota era uma verdadeira *vampira* e sugou a personalidade de Luna para conseguir notoriedade na rede social. Fiquei indignada, sofri ao mostrar para minha irmã, mas tinha que fazê-lo, era o certo. Luna ficou arrasada e teve uma conversa com a Raianna, que a deixou, além de tudo, revoltada com o mundo.

Eu posso sentir na pele tudo o que Luna sente, porque somos quase parte uma da outra. Não somos gêmeas, nasci exatos nove meses depois dela, mas crescemos juntas, estudamos juntas e adoramos estar perto uma da outra.

— Notícias do papai e da mamãe? — indago para mudar de assunto e tentar melhorar seu ânimo.

Ela sorri.

— Sim! Ligaram ontem, chegam ao Tibete daqui a alguns dias. — Fica séria. — Pedi a eles para tentarem não ser presos por lá, porque, você sabe...

— *Free Tibet!* — gritamos juntas, e gargalhamos.

— Pois é, o governo chinês não curte esse tipo de protesto não, o Tibete é deles, fodam-se os monges!

— Já vi que vamos ter confusão! Lembra quando os dois se juntaram a uma galera do Greenpeace e se acorrentaram numa praia onde iria ser construído um resort? — Luna quase chora de tanto rir, assentindo. — Onde foi isso mesmo?

— Numa ilha da Polinésia. Nossos pais são loucos, e a aposentadoria não colaborou.

— Não mesmo! Agora eles têm tempo para viajar, não precisam mais vestir roupa “careta” e trabalhar para a escória do mundo.

— *Banqueiros!* — imitamos a voz dos dois e mostramos as línguas.

O som alto das nossas gargalhadas enche o local que uso para trabalhar e criar com minhas ervas. Há quase cinco anos abrimos a Boticca, uma loja de produtos naturais que se tornou a queridinha do pessoal aqui da Zona Sul do Rio de Janeiro, onde nasci e fui criada.

Luna e eu investimos pouco e começamos devagar, fazendo velas, sabonetes, sais de banho e cremes corporais, todos veganos e não testados em animais (quer dizer, não testados em animais *que não* humanos). Temos selos de reconhecimento *Go Vegan* e *Cruelty Free* que, realmente, é algo em que nós já acreditávamos, mas que também ajudou nas vendas.

Os produtos conquistaram clientes pelos aromas, texturas e resultados, e, com isso, crescemos. Alugamos esta loja dentro de um shopping e criamos um clube de assinaturas através do qual os clientes pagam por mês e, ao completar um ano, recebem uma cesta especial de produtos sazonais e exclusivos que não são vendidos na loja.

Temos tido sucesso, assim como nossos pais e nosso irmão também foram bem-sucedidos em suas profissões. O estilo de vida que minha família adotou não nos tornou alienados ou coisa do tipo, como muitos poderiam julgar. Papai e mamãe trabalhavam em instituições bancárias diferentes, ele, gerente jurídico, e ela, gerente de contas.

Sim, podem rir, meu pai era advogado, e minha mãe, economista! Então, quando eles viraram alternativos, zen e todas essas coisas que as outras pessoas nos chamam? Quando se casaram e foram passar a lua de mel na Europa. Nada a ver, não é? Aí vocês se enganam, porque lá eles conheceram a religião Wicca e se encantaram.

Então somos Wiccas? Não! Eles não gostavam de rótulos, estudaram budismo, hinduísmo e qualquer outra religião que lhes chamasse atenção e sugaram o que achavam bom. Nascemos numa época em que eles estavam imersos na astrologia, então recebemos nomes relacionados aos astros. Meu

irmão mais velho, Halley, foi o primeiro agraciado (por causa do cometa, lembram?). Depois veio a Luna, e depois eu, que inicialmente seria Estrella (com dois L, como no espanhol), mas então viram minhas madeixas afogueadas e mudaram para Sol.

Ainda bem que não nascemos na época do hinduísmo, porque correríamos o risco de ter nomes de deuses, e aí seria ainda mais engraçado as pessoas pronunciando nossos nomes. Halley e Luna nunca passaram pelo constrangimento que eu passava quando dizia meu nome a alguém, pois todos achavam que era apelido para Solange. Então eu sempre dizia: “meu nome é Sol. Sol mesmo, como o astro!”, e as pessoas achavam graça.

Hoje em dia está bem comum alguém se chamar Sol, Céu, Lua, mas nasci nos anos 90, era difícil achar esses nomes bonitinhos e curtos por aí. E quando eu falava meu nome e sobrenome?! Sol Palmeira. A zoação era geral! Meus colegas de escola diziam que meus pais me fizeram na praia, ao sol, abrigados debaixo de uma palmeira, porque hippie nem casa tinha.

Não foi fácil ser tão diferente assim na infância, mas, na adolescência, minha irmã e eu causamos! Quando tínhamos 11 anos, Sandy estreou uma novela chamada *Estrela Guia*, e nós viramos o centro das atenções por nos comportarmos e vestirmos como ela na novela. Todas as garotas queriam um vestido hippie e bijuterias de *durepox*. Ali surgiu nosso primeiro negócio juntas!

— Por que você está com esse sorriso idiota na cara? — Luna interrompe minhas lembranças.

— Estava me lembrando das bijuterias iguais às da Sandy que fizemos na escola.

— E que vendemos como água! — Ela ri, lembrando-se também. — Somos boas empreendedoras. — Pega minha mão. — Somos boas juntas, não vá.

Meus olhos marejam ao ouvir esse pedido, e minha vontade é de agarrá-la bem forte e garantir que nunca sairei do lado dela, mas não posso. Prometi que voltaria até as coisas estarem resolvidas, fiz isso em um leito de morte e não posso descumprir essa promessa. Nunca fiz isso, não seria agora que começaria.

— Eu tenho que ir, você sabe.

— Eu sei. — Sorri, mas triste. — Não me abandone aqui com isso. — Aponta tudo à nossa volta. — Ainda temos aquela reunião com o consultor de franquias, e estou apavorada de ver a Boticca crescer sem você para me ajudar.

— Eu vou continuar trabalhando de lá, vamos nos falar por vídeo, vou criar e te passar as receitas. — Ela assente. — É só até resolver tudo, não deve demorar muito.

— Eu sei, espero que sim.

— Vai dar tudo certo. Além disso, nossa amiga de infância, Babi, está pensando em voltar para o Rio e... — o telefone começa a tocar, interrompendo-me bem no momento mais importante da frase, por isso o ignoro para completar: — Estou torcendo para que ela venha mesmo!

Pego o aparelho, e meu coração dispara ao ver o número do Sul do país.

— Alô?

— Sol, é a Ida, tudo bem?

Sorrio aliviada, pois conheço e gosto da dona Idalina.

— Oi! Está tudo bem, sim, e com a senhora?

— Tudo ótimo, minha filha. — Ela ri. — Na verdade, está maravilhoso! — Começo a sentir uns tremores nas pernas por causa da animação dela, já prevendo o motivo. — Ele voltou!

Meu coração dispara tanto que preciso me sentar para tomar fôlego, mesmo que já tivesse uma ideia de qual era o motivo da ligação. Tantas

coisas podem acontecer agora! Olho para minha irmã, que tem todas as minhas preocupações estampadas no rosto.

— Embarco amanhã para Porto Alegre — falo devagar, e Luna fecha os olhos e balança a cabeça. — Prometi a Don Genaro que estaria aí quando o neto voltasse, e o farei.

— Eu sei, minha filha, eu sei. — Idalina suspira ao telefone. — Nem posso imaginar a felicidade do Raffa ao conhecer o Tomás!

Sinto o corpo todo gelar de apreensão apenas com essa ideia.

— Amanhã estaremos aí, dona Idalina.

— Vou pedir ao meu sobrinho para buscar vocês no aeroporto — sua voz animada não traduz em nada o que sinto neste momento. — Façam boa viagem.

— Obrigada!

Desligo e olho para a foto emoldurada, em destaque, sobre minha mesa de trabalho. Meu coração se aperta, e uma lágrima cai.

— Eu estou fazendo a última vontade dele, Luna — tento convencê-la, mas a verdade é que eu mesma não estou convencida.

— Nunca gostei de Don Genaro, sempre o achei manipulador demais, e ele conseguiu fazer o jogo dele certinho contigo! — Minha irmã cruza os braços. — Você tem muito a perder nessa história, essa briga não é sua!

Encaro-a.

— Não haverá briga — afirmo, cheia de fé. — Idalina me disse que Raffaello amava o irmão, então...

— Certamente ele não contava em dividir a herança, Sol. E sabemos como as pessoas se transformam por causa de dinheiro.

Suspiro e concordo.

— Eu não esperava que tomaria essa proporção. Eu só quis acalentar a dor dele, por isso concordei com tudo...

Ela toca meu ombro.

— Eu sei, mas a vida é simples como uma plantação. — Concordo balançando a cabeça. — Você não pode cultivar arroz esperando colher feijão.

— Eu estou com medo — confesso, os olhos cheios de lágrimas.

— Vamos pensar positivo. — Ela me puxa para seus braços. — Vai dar tudo certo!

Fecho os olhos e tento encontrar a positividade que sempre tive para tudo na vida, porém não a encontro. A única coisa que passa pela minha cabeça é o ditado que mamãe sempre dizia quando aprontávamos: “quem semeia vento, colhe tempestade!”



O cheiro maravilhoso do tempero da comida de Ida me alcança ainda na porta da cozinha. Paro um instante, cheio de memórias e sensações boas e sorrio para ela antes de entrar no cômodo.

— Nem pense! — Ela levanta a colher de pau e me faz parar em seco, ainda na porta. — Pode tratar de tirar essas botas antes de entrar na casa.

Olho para baixo, procurando sujeira nos meus calçados, mas não há nada.

— Estão limpas, Ida!

— Limpas! — Ela faz cara feia. — Você está vindo do estábulo, não está?

— Assinto. — Claro que não estão limpas! Tire se quiser entrar na casa.

Respiro fundo para não rir, abaixo-me um pouco e cumpro a ordem de uma mulher com a metade do meu tamanho e que teoricamente é minha empregada agora, mas que me faz sentir como se tivesse 12 anos de idade novamente.

Deixo as botas em um canto, mas logo as pego de volta assim que ouço o pigarrear alto e zangado dela.

— Tem um local para isso, não se lembra? — Aponta para outra porta ao

lado da porta de entrada.

Vou até o armário e sinto os pelos do meu corpo se arrepiarem ao ver as botas e o chicote de Don Genaro ainda dentro dele. Há outro par, e, pelo tamanho diferente, presumo ser do meu irmão.

— Por que essas coisas ainda estão aqui?

Idalina se aproxima pelas minhas costas e espia dentro do armário.

— Eu não sei o que fazer com elas, as coisas do seu irmão estão todas aqui ainda, encaixotadas lá no porão. As do seu avô continuam no armário.

Mais uma coisa para eu resolver!

— Deve haver na cidade algum grupo que arrecada doações de roupas, cobertores e calçados. — Ela concorda. — Vamos separar tudo, achar esse grupo e doar.

Ida suspira.

— É uma excelente ideia. — Ela pega minhas botas e as coloca ao lado das outras, fechando o armário. — São decisões que eu não podia tomar sozinha.

— Eu sei. Estou aqui agora, vamos resolver tudo, não se preocupe.

Ela continua me encarando de um jeito estranho.

— Ontem você almoçou com o pessoal dos Casillos, não?

Cidade pequena, notícia voa!, penso desanimado. É claro que em algum momento ela tomaria conhecimento da minha intenção de vender, mas não queria que fosse antes de eu saber de todos os pormenores da herança.

— Almocei, Arthur é meu amigo desde quando vinha aqui quando era criança, e nossa amizade continua.

— Entendo.

Idalina não deixa de me olhar, mas não diz mais nada. Eu também não vou falar sobre o assunto agora, mesmo porque ainda tenho muitas coisas para resolver até decidir quando irei colocar a vinícola à venda.

O almoço com Arthur foi cheio de surpresas do começo ao fim. A primeira delas, com certeza, foi o restaurante, uma cantina italiana linda e com massas maravilhosas, muito bem elaboradas e apresentadas. O vinho que tomamos foi um de uma outra vinícola aqui da região, e apreciei bastante, mesmo que não tenha a qualidade dos que produzimos na Itália ou na França.

— Gostou da cantina? — Arthur perguntou assim que terminamos a sopa da entrada, e eu assenti. — É da minha cunhada, Sara, casada com André, meu irmão caçula.

— A família Casillo dominando o centro comercial da cidade! — brinquei, e ele deu de ombros. — Gleyson me disse que a contabilidade da Don Ferrero está sendo feita pelo seu irmão.

— Sim, há anos, desde a época de mamãe, fazemos a contabilidade da vinícola.

— Ótimo, bom saber que os registros todos estão num lugar só. Estamos sem administrador, então espero que seu irmão possa me ajudar a tomar conhecimento da situação financeira do negócio.

— Certamente. — Ele bebeu o vinho enquanto uma garçonete servia o prato principal e depois voltou a falar: — Já está na hora de a Don Ferrero voltar a todo seu esplendor, e ninguém melhor que você para fazer isso acontecer.

Droga! Era horrível perceber que todos estavam com a mesma expectativa com relação à minha volta.

— Quero vender assim que fecharmos o inventário.

Arthur se engasgou com a bebida.

— Isso é sério? — Aquiesci. — Puta que pariu, a Don Ferrero sempre foi dos Ferreros, Raffa, você tem...

— O mundo está mudando, Arthur. Há muito, até na Europa, essa coisa de domínio familiar sobre um negócio está deixando de existir. Grandes

empresas têm comprado negócios que antes eram geridos por uma família e os transformado em empreendimentos de sucesso.

— Até pode ser... mas... porra, Raffa, é uma tradição!

Respirei fundo, esquecido dessa coisa de tradição, de nunca mudar nada, de seguir velhas receitas mesmo quando elas não dão mais certo.

— Não tenho tempo para recuperar a Don Ferrero, Arthur, teria que abrir mão de muitas coisas, inclusive do melhor momento da minha carreira. É um risco muito alto, não só para meus investimentos financeiros, como também para meu futuro profissional.

— Você vai ter sua própria vinícola, qual enólogo não sonha com isso? Neguei.

— Claro que vou ter, um dia, mas ainda não chegou a hora e, certamente, não é a Don Ferrero.

— Certo, então, finalizado o inventário, você vai colocá-la no mercado à venda — a voz de Arthur transmitia seu choque com a notícia ainda. — Você quer que eu cuide de tudo?

— Sim, eu queria saber de todo o processo e quanto tempo levará, não posso ficar muito mais por aqui.

Foi então que uma conversa cheia de termos jurídicos começou. Arthur explicou que, como há apenas um herdeiro maior de idade, o inventário seria feito em cartório e que isso não iria demorar muito, o que me aliviou.

— O primeiro passo é levantar todas as informações da propriedade, e nisso meu irmão pode ajudar, já que é o escritório dele que faz a contabilidade. Então, com as certidões necessárias emitidas, a documentação da propriedade, que irei hoje mesmo solicitar em cartório, e seus documentos, poderemos dar entrada no inventário e aguardar que o cartório o processe. Fácil e descomplicado.

— Terei que pagar impostos, não?

— Sim, sobre a transmissão da herança, mas creio que os outros devam estar em dia. Seu avô era um homem muito minucioso.

— Era uma raposa astuta, isso sim!

— Era! — Ele riu, concordando. — Além do imposto, há a taxa do cartório, as taxas de emissão das certidões e, claro, meu honorário.

Fui eu quem riu quando ele disse isso.

— Faça seu preço, e vamos começar logo com isso.

— Deixe-me levantar todas as informações primeiro. — Piscou. — Preciso saber onde vou pisar antes de dizer o valor. — Riu quando eu lhe disse que ele também era uma raposa. — Nunca trabalhei diretamente com nada da Don Ferrero, então preciso conhecer primeiro as condições...

— Como assim nunca trabalhou? — interrompi-o. — O escritório da sua família sempre atuou para a Don Ferrero.

— Não exatamente. — Franzi a testa, sem entender, e então tive a segunda surpresa do encontro. — Meu pai era quem fazia tudo para seu avô, e ele nunca nos deixou ter acesso a nada.

Essa história me deixou alerta, porque era muito estranha. O que Don Genaro escondia tanto que precisaria ficar sob sigilo até mesmo dos filhos de seu advogado?

— Por quê?

— Alegava que Don Genaro era sistemático e preferia que uma só pessoa tomasse conta de suas coisas. — Arthur pareceu sem jeito, mas seguiu: — Inclusive quando seu irmão morreu, foi papai quem tratou de tudo. Nunca soubemos de nada.

Fiquei imediatamente intrigado com essa história. Na época do falecimento de Peppe, eu estava tão ferido por tê-lo perdido que não me importei com mais nada a não ser a falta dele. Não achei estranho que meu irmão, sempre providente e inteligente, não tivesse deixado nada.

Naquele momento, junto ao advogado, comecei a questionar o quanto aquela história era real. Peppe trabalhava havia anos em um restaurante conceituado, tinha um ótimo salário; era impossível que não tivesse construído nada. Não era o perfil do meu irmão!

— Se houvesse um inventário, eu saberia, não?

— Claro, todos os herdeiros seriam notificados — respondeu de pronto, mas ainda assim não me convenceu.

Don Genaro poderia muito bem ter escondido as coisas, feito tudo por debaixo dos panos para me excluir. Era bem a cara do velho sacana!

— Bom, isso é outro assunto que eu gostaria de saber. — Arthur fez careta. — Eu sei que foi seu pai quem cuidou de tudo em sigilo, mas tenho direito de saber o que meu irmão deixou e para quem.

— Está certo, eu vou...

— Ah, o bom filho à casa torna! — uma voz feminina nos interrompeu, e eu tive a terceira surpresa do dia.

— Amália? — Levantei-me para cumprimentar a irmã de Arthur. — *Madonna santa*, como você está linda!

Arthur pigarreou, mas o ignorei por completo, cumprimentando sua irmã – linda e gostosa – com um abraço e um beijo na bochecha. Novamente admirei a beleza da filha do meio dos Casillos, desde os deslumbrantes olhos claros – que não lembro se eram verdes ou azuis – aos cabelos curtos, modernos e negros.

— Raffaello, quem diria que eu iria voltar a ver minha primeira paixão! — Riu, charmosa e muito provocativa. — Quando éramos crianças, você era sempre o príncipe encantado dos meus sonhos.

— Amália... — Arthur tentou ralar com ela, mas eu gargalhei, ignorando-o mais uma vez.

— Estava longe de ser príncipe naquela época; agora, então, sou um

verdadeiro sapo cururu! — brinquei.

Ela ficou séria e olhou no fundo dos meus olhos escuros.

— Talvez esse sapo ainda não tenha recebido o beijo certo para virar príncipe.

Foi minha vez de ficar sério. Senti um clima cheio de perspectivas prazerosas entre nós, mas logo Arthur deu um jeito de cortar o meu barato.

— Amália, Raffa acaba de me contratar para fazer o inventário da Don Ferrero.

Ela abriu um enorme sorriso.

— Que bom, isso quer dizer que vai ficar por aqui um tempo ainda.

Olhei para Arthur, que estava pronto para dizer que eu estava apressado para ir embora, e respondi mais rápido do que ele:

— Por um tempo.

Ela sorriu, e eu tive mais do que certeza de que o tempo que iria passar aqui havia começado a ficar mais interessante.

— É melhor tirar essa cara de “lobo mau” do rosto e ir se lavar para almoçar — Idalina me faz voltar à realidade. — Toda vez que você fazia essa cara, guri, era porque estava aprontando algo.

Rio e pisco para ela.

— Ainda não aprontei nada, Ida. — Caminhei, com minhas meias deslizando no assoalho encerado. — *Ainda!*



Depois do almoço resolvi andar pelas vinhas, no meio dos parreirais, inspecionando como estava cada cepa, o solo e a irrigação. Aparentemente, nada está errado, e, apesar de alguns indivíduos serem bem velhos, há uma

parte relativamente nova e num pedaço do terreno nunca usado antes.

— Boa tarde! — Gleyson me cumprimenta. — Arthur acaba de ligar do escritório dele querendo saber se você estava em casa, e Idalina me pediu para te buscar.

Assinto, mas logo volto a minha atenção ao que realmente me interessa no momento.

— Isso aqui é novo, não é? — Apontei para a área.

— É, sim, foi feita há dois anos, e vamos ter a primeira colheita esse ano.

Reparo em cada cultivare, desde a forma em que foram montados os parreirais ao método usado para plantação e irrigação.

— Essa terra...

— O solo foi trocado — Gleyson me interrompe, e eu arregalo os olhos. — Foi feito um estudo, removidas algumas camadas e trazido solo de outra parte da propriedade para cá.

Que loucura é essa?!

— Por quê?

— É uma plantação orgânica — quase engasgo quando ele fala isso. — O solo daqui estava com pesticida, por isso foi feita a troca. As mudas e todas as enxertias usadas são certificadas como orgânicas.

— E o controle de pragas?

— Feito por agentes naturais, também em laboratório, durante a enxertia. Usamos uma espécie mais resistente para dar força às mais sensíveis.

Ponho a mão na cabeça, confuso demais com tudo isso. Não com o tipo de cultivo, pois é até comum, hoje em dia, encontrar vinhas orgânicas em vinhedos, mas isso não tem a cara tradicional e avessa a mudanças de meu avô.

— Isso — aponto para as vinhas novas e depois para as antigas — não combina com isso! O que aconteceu para Don Genaro decidir arriscar essa

área enorme com um cultivo que não conhecia?

Gleyson olha na direção da casa e dá de ombros.

— Acho melhor você ir se encontrar com o Arthur na cidade, ele parecia nervoso.

Franzo a testa e ajeito os óculos escuros.

— Nervoso? — Caminho de volta, seguido por Gleyson. — Há algo estranho por aqui, e eu gostaria de saber.

Ele dá de ombros e sussurra:

— Não sou eu quem vai te dizer.

Paro de repente e o encaro.

— Puta que pariu, vocês estão escondendo algo de mim, não é? — Fico puto só de imaginar que estou fazendo papel de trouxa e que o velho tenha feito alguma sacanagem para o meu lado. — Ah, não... ele fez algo para me impedir de vender. — Gleyson desvia os olhos. — Caralho, Gleyson, me conta o que ele fez!

— Acho melhor você falar com o advogado. — Dá as costas e vai embora pelo caminho contrário ao da casa.

Ando o mais depressa possível, quase correndo, imaginando tudo o que o velho poderia fazer para me impedir de vender. Até onde sei, no direito brasileiro não é tão fácil quanto em outros países deserdar alguém, por isso sei que não é o caso. Sinceramente, eu até preferia que fosse, porque aí eu esqueceria de vez este lugar.

Mentiroso!, minha consciência grita, mas a ignoro.

Não sou um homem sentimental. Embora esta propriedade me encha de sentimentos e lembranças, sou um homem prático e de negócios e sei que o melhor a fazer aqui é vender. Não importa o que Don Genaro tenha feito, tenho certeza de que conseguirei reverter.

Entro no carro praticamente correndo, atabalhado com as chaves que

estão no fundo dos meus bolsos, mas logo consigo dar a partida e saio fazendo um barulho alto no motor, arrancando a toda velocidade que o veículo consegue atingir.

Há algo errado, eu sei. Consigo sentir quando as pessoas estão tentando me dizer coisas pelas entrelinhas. Sinto olhares estranhos quando falo em vender a vinícola, e eles não são de quem tem medo de perder o lugar ou o emprego, mas de quem sabe que eu não poderei levar a cabo minha intenção.

Foda!

Eu não sei quase nada de direito, mas minha mente fervilha de possibilidades ao longo do caminho. Alguma coisa Don Genaro fez para que eu não ficasse com a propriedade, claro que sim, afinal, este lugar não poderia ficar para seu neto *Reservado*.

Bufo de raiva, sentindo-me infantil por deixar que isso me afete além do que deveria. Nunca me resenti por meu irmão ser o favorito, nunca o invejei, pelo contrário, sentia-me bem com a liberdade que eu tinha de ser qualquer coisa que quisesse.

Peppe amava este lugar e sonhava em retornar, montar aqui sua família e ter uma vinícola voltada para o enoturismo, com seu restaurante de alta gastronomia unido ao cultivo das vinhas. Seria um sucesso, eu tenho certeza, mas, infelizmente, não pôde se concretizar.

Claro que Don Genaro não ia entregar as terras a mim de bom grado! Provavelmente ele sabia que eu não escolheria permanecer com o negócio e por isso se calçou para que eu não tivesse escolha.

Filho da puta!

Estaciono na primeira vaga que encontro no Centro da cidade e fico um tempo me acalmando dentro do carro. Nunca demonstrei minhas fraquezas para ninguém durante minha vida toda, então não será agora que irei fazê-lo. Fixo o olhar em um veículo, uma caminhonete, que estaciona em frente à

cantina da cunhada de Arthur, apenas para ter algo em que me concentrar que não as possibilidades de encontrar uma armadilha...

Perco o rumo do pensamento quando uma mulher desce do veículo. Seus cabelos estão soltos, esvoaçando contra o vento, brilhantes como se fossem um metal incandescente, vermelhos e dourados ao mesmo tempo. Ela fala com o motorista, inclina-se levemente na janela do carro, e isso faz com que sua calça jeans justa se adira mais às suas curvas. A camisa sobe, e vejo um pedaço de pele alva, pura como um verdadeiro alabastro, nas suas costas.

Perco o fôlego, estranho todo esse frenesi apenas por ver uma mulher aleatória na rua. Rio de mim mesmo, achando que estou muito ansioso com essa história toda da Don Ferrero e, talvez, um tanto necessitado de sexo para aliviar essa tensão.

Imediatamente sinto a textura daquela pele. O cheiro de seus cabelos cor de fogo vem até mim numa mistura perfeita de champanhe *rosé* com creme de cassis. *Kir Royal!* Minha boca se enche de água, meu pau se enche de sangue e pulsa descontrolado, louco para se enterrar...

Que fantasia absurdamente louca!

Paro meus pensamentos e abro os olhos, surpreso por estar sonhando acordado, fantasiando com uma mulher que pode ser a esposa de alguém. Desço do veículo, decidido a ir com calma até o escritório e ouvir as notícias de Arthur, que, tenho certeza, não serão boas.

Viro-me e dou de frente com a mulher que me fez viajar como um adolescente no cio dentro do carro. Nossos olhos nem se cruzam, pois ela logo entra no carro de onde saiu, carregando algumas sacolas.

Uma curiosidade tão atípica me faz questionar quem é ela. Raramente uma mulher chama minha atenção desse jeito, apenas por sua aparência. Eu prefiro atitude a beleza, sempre fui assim, então era normal achar alguma beleza, mas não me interessar por ela.

Essa não, embora seja loucura, devo dizer que me atraiu como se eu fosse um inseto, e ela, a chama.

Porra, estou até divagando!

— Vamos eleger prioridades, Raffaello! Primeiro, a vinícola, depois, sua abstinência sexual, que, se eu for levar em consideração o que houve agora, está no limite!

Caminho, mais calmo, porém ainda cheio de tesão e curiosidade, até o escritório da família Casillo, há anos no mesmo lugar. *Tradição!*, minha pele se arrepia só de pensar nessa palavra.

— Olá, preciso falar com o Arthur — informo a uma moça que parece ser a secretária.

Ela franze as sobrancelhas e olha para o computador.

— O *doutor* Arthur vai sair agora para se encontrar com um cliente e...

— O cliente sou eu — corto-a, ignorando a reprimenda pelo tipo de tratamento que eu deveria ter com o advogado. Acho engraçado isso, chamar pessoas de *doutores* sem que sejam, afinal, isso é um título conferido a quem fez doutorado! — Pode avisá-lo que já estou aqui e que não precisa ir...

— Raffaello! — a voz de Amália me faz virar para encará-la. — Nós estávamos indo até a vinícola agora mesmo.

— Sua secretária acabou de me informar. — Caminho até Amália. — Recebi o recado de que vocês queriam falar comigo e assumi que era urgente.

Ela suspira.

— Bom, nós ligamos só para avisar de nossa visita, mas, já que você está aqui — ela desliza a mão pelo meu braço —, vamos para a sala de Arthur.

Concordo e a acompanho, com o braço enganchado no meu, até a sala de seu irmão, que fica assustado quando me vê, eu percebo.

— O que o desgraçado fez? — disparo antes que ele comece a dar voltas para dourar a pílula, como a maioria dos advogados fazem.

Arthur, que estava sentado em uma poltrona, levanta-se assustado e sorri sem jeito.

— Quem? — Ele olha para a irmã, o que me irrita.

— Meu avô. O que ele aprontou que está deixando vocês tão atrapalhados até na comunicação através de olhares? — Solto-me do braço de Amália e me sento, demonstrando uma frieza que não sinto, em uma poltrona de frente para a escrivanhinha de Arthur. — Sei que está acontecendo algo pelas minhas costas e que o pessoal da Don Ferrero sabe e que, agora, vocês também estão sabendo, então é hora de me contarem o que o velho fez para atrapalhar o recebimento da herança.

— As coisas se complicaram um pouco...

Bufo sem paciência.

— Desembucha. — Olho para Amália, e ela morde o lábio.

Merda, é coisa séria!

Arthur abre uma pasta de couro, pega um papel e me entrega.

— Seu avô fez um testamento público, e, assim que eu cheguei ao cartório para fazer o levantamento da propriedade, descobri.

Testamento? Pego o papel intrigado, pois não sabia que era necessário fazer algo assim aqui no Brasil, afinal, eu sou seu herdeiro legítimo. Leio o documento, pulando a parte de enrolação jurídica, e fico ainda mais confuso ao ler os nomes neles.

— Sol Palmeira? Quem é essa mulher?

— Eu a conheci na cidade, é uma moça bem bonita e...

— Porra, Arthur, foda-se se é a miss Rio Grande do Sul, quero saber por que o nome dela está no testamento do meu avô! — Arregalo os olhos, constatando o óbvio. — O velho arranjou uma novinha interesseira para aguentá-lo nos seus últimos anos de vida, é isso?

Arthur nega, e Amália ri.

— Não, até onde sabemos, ela não era a *novinha* do seu avô.

— Então, por que...

— Porque ela é a representante legal do herdeiro testamentário — Arthur fala tão rápido que parece que estava com medo de se engasgar com a informação.

— Herdeiro? — Termino de ler o documento e sinto todo meu ar sumir dos pulmões.

Como é possível? Só pode ser...

— Tomás Palmeira Ferrero — Amália fala o nome do garoto em voz alta.

Minha cabeça roda, e repasso, em apenas alguns segundos, as últimas conversas que tive com meu irmão, tentando lembrar se ele, em algum momento, referiu-se a essa mulher ou à história de que seria pai.

Nada!

— Filho do Peppe? — quase não consigo respirar ao dizer isso. — Eu nunca soube que... — Nego. — Ele teria me dito, essa história está estranha.

Arthur dá de ombros.

— Seu avô dispôs da parte disponível da herança para a criança e... — ele para de falar, e eu o encaro; sua expressão não é boa — como ele também é herdeiro da legítima, representando seu irmão, tem direito à metade do que sobrou.

Começo a rir, meio desesperado.

— Ele deixou 75% dos bens para outra pessoa, óbvio. — O velho nunca daria ponto sem nó, nunca deixaria sua preciosa vinícola para um *Reservado*. — De onde surgiu essa criança? Meu irmão sequer falou sobre um relacionamento!

Arthur se senta ao meu lado.

— A primeira vez que vi a Sol foi uns dois meses depois da morte do seu irmão. Ela ainda estava grávida, então provavelmente houve reconhecimento

post mortem. Depois a encontrei algumas vezes, mas não tinha ideia de que o bebê era neto do seu avô.

— E onde está essa mulher?

Amália torce o nariz.

— Ela é do Rio de Janeiro, até onde sei. Minha cunhada que a conhece bem, pois ela já almoçou lá algumas vezes. Nunca poderia relacioná-la ao Peppe, ela é...

— Amália! — Arthur corta a irmã.

Merda!

Tento não pensar na criança como meu sobrinho, filho de Peppe, porque algo me incomoda nessa história toda. Meu irmão e eu não tínhamos segredos, pelo menos eu sempre pensei assim. Toda vez que Peppe estava com alguma namorada, ele me contava, e, no último ano, não houve nenhuma, sei disso porque eu perguntei!

Então, de repente, aparece não só uma namorada, como também um filho! *Impossível, há algo errado nessa história toda!*

— Don Genaro não ia deixar mais de 70% dos seus bens para o garoto se não tivesse certeza de que ele era filho do seu irmão — Arthur parece ler meus pensamentos.

Respiro fundo e nego, conhecendo bem meu avô.

— Para não deixar para mim? Ele iria! — Rio, cínico. — Talvez ele só tenha decidido acreditar na história que essa mulher contou para se aproveitar e quase me tirar a vinícola — digo cheio de ressentimento. — Bem, o que importa agora é saber se a criança é mesmo do Peppe e seguirmos com o inventário.

Arthur pigarreia.

— Não dá mais para fazer no cartório, vamos ter que ingressar com uma ação na justiça. — Xingo, puto, porque sei que isso quer dizer que vai

demorar *pra caralho*! — E, bem, você vai ficar com apenas 25%, isso significa que irá precisar da concordância da mãe do garoto para vender ou então terá que fracionar sua parte, o que dará uma enorme...

Tenho vontade de socar a mesa, irritado com essa reviravolta. Não posso ficar muito tempo no Brasil, e agora ter que negociar com uma desconhecida, uma mulher que eu duvido que esteja falando a verdade, é de aborrecer até mesmo um monge!

Por outro lado, pode ser que ela seja mesmo uma interesseira e veja vantagem em fazermos tudo mais rápido. Se a criança for mesmo filho do meu irmão, não me importo em ficar com apenas 25%, desde que possamos resolver isso rápido.

— O que uma mulher do Rio de Janeiro iria querer com uma vinícola no Sul do país? — Amália conclui o mesmo que eu. — Claro que ela vai preferir o dinheiro, isso se ela realmente estiver dizendo a verdade, porque, afinal, ela só apareceu por aqui depois da morte de Peppe, e Don Genaro estava muito abalado. Eu acho que devemos saber se foi feito DNA ou...

— Tudo a seu tempo, Amália. — Arthur respira fundo e me encara. — E se ele for mesmo seu sobrinho?

Sinto-me incômodo ao ouvir essa expressão, porque ainda não consigo acreditar que Peppe tenha escondido algo assim de mim.

— Se for meu sobrinho... — Essa hipótese me acerta bem no peito, mas tento não cogitar a ideia de ter uma parte do meu irmão ainda viva. — Eu não sei o que pensar ainda.

— Bom, em todos os casos, a situação ficou um pouco mais complicada. — Concordo. — Pedi para levantarem toda a situação da propriedade e do negócio, ainda não chegaram essas informações. Em todos os casos, precisaremos entrar em contato com a mãe do garoto para podermos seguir com o inventário.

— Faça isso! Eu não vou mentir que estou muito curioso a respeito dessa mulher misteriosa que brotou aqui do nada dizendo esperar um filho do meu irmão depois que ele já estava morto.

— Ah, ela é um tanto *alternativa*, trabalha com ervas medicinais e essas coisas de hippie. — Amália ri. — Peppe era sofisticado demais para foder com...

— Amália, por favor, vamos esperar antes de julgar, nosso papel não é esse.

Levanto-me e balanço a cabeça em concordância com Arthur. Odeio trabalhar apenas com conjecturas, preciso de fatos para poder pensar no que fazer e em como agir. Amália tem razão sobre meu irmão ter sido um homem sofisticado, não só em sua gastronomia, como também na escolha de suas parceiras.

Quem será realmente essa mulher?



— Você vai voltar para a vinícola agora? — Amália me pergunta assim que saio da sala de Arthur.

Dou de ombros, ainda sem entender essa história toda de Peppe ter deixado um filho e eu nunca ter sabido sequer da existência da mãe dessa criança. *Por que meu irmão esconderia isso de mim?*

— Raffa? — ela volta a me chamar, e eu a encaro.

— Não sei, estou um pouco atordoado com essa notícia.

Ela sorri e assente, solidária.

— Eu sei, querido. Nós vamos dar um jeito de averiguar essa história, e, se ela for uma oportunista interesseira, vamos anular esse testamento. — Ela parece pensar. — Se bem que a gente já podia impugná-lo de uma vez.

Franzo a testa, sem entender.

— Como?

— Seu avô se tornou um homem recluso depois da morte de Peppe. Raramente vinha à cidade, começou a fazer investimentos estranhos, perder dinheiro, demitir funcionários. — Os olhos dela brilham, e sua expressão é de

ânimo. — Poderíamos alegar que ele não estava no controle de suas faculdades mentais.

Meu coração dispara ante apenas a menção dessa situação. Meu avô era um homem bronco, retrógrado, mas nunca foi louco. Alegar sua incapacidade mental apenas para reverter sua última vontade é algo muito baixo e que eu não estou disposto a fazer.

— Não — corto-a, seco. — Caso o menino seja mesmo meu sobrinho, ele tem direito à parte do meu irmão e à parte que Don Genaro lhe legou.

— Mas, Raffae...

— Não, Amália. Eu agradeço sua boa intenção em sugerir isso, mas não. Ela parece constrangida, mas não vencida.

— Talvez ele não seja seu sobrinho.

— Se ele não for, aí, sim, entraremos com todas as medidas legais para que sua mãe não receba nada.

Amália concorda.

— Eu tenho certeza de que eles não fizeram DNA. — Ela se engancha no meu braço de novo. — Seu avô estava muito frágil, e, pelo que André me contou, ele conheceu a tal Sol no enterro do Peppe em POA. Ela pode ter inventado essa história, pode ter conhecido seu irmão e se aproveitado da situação para dar um golpe.

Eu preciso concordar com ela, pois essa história faz mais sentido para mim do que a de que meu irmão tenha escondido não só seu relacionamento com a tal Sol, bem como que seria pai. Quando ele morreu, ela já estava com meses de gravidez; claro que ele sabia!

Por que não me contou?

— Vamos tomar um café na Gelattos? — Amália me convida assim que saímos do escritório. — *Tu se lembra* de lá? A gurizada toda se reunia na Gelattos nas férias.

Sorrio, lembrando-me de quando Peppe me levava lá para tomar sorvete.

— Lembro, sim. — Os olhos de Amália, azuis como o mar do mediterrâneo, brilham, e eu concordo. — Vamos lá! — Ela abre um enorme sorriso de contentamento. — Nem sabia que eles serviam café.

— Ah, eles expandiram. É uma *delicatessen* agora. A maioria dos frequentadores são adultos, a piaçada somente nas férias é que começa a aparecer.

Aponto para meu carro, estacionado perto de onde estamos, mas ela nega.

— Vamos caminhando, é perto.

— Tem certeza? — Ela se pendura ainda mais no meu braço e balança a cabeça. — Então vamos.

Eu nunca gostei de andar com ninguém a tiracolo, nunca andei de mãos dadas, abraçado, por isso me incomoda um pouco esse contato dela tão próximo a mim. Amália é linda, sexy e parece muito aberta a algum tipo de entendimento entre nós.

Não vim aqui atrás de um caso de férias, mas também não negarei caso tivermos a oportunidade. Gosto de sexo *pra caralho*, mas controlo muito o tesão por conta dos meus compromissos de trabalho, e aqui não tenho nenhum compromisso a não ser resolver esse imbróglio de inventário para poder ir embora.

Contudo, se Amália está esperando uma cantada, um convite ou qualquer coisa nesse sentido, vai morrer esperando. Não corro atrás de mulher nenhuma, demonstro interesse, claro, mas não parto para cima. Vou até onde ela entenda o que eu quero e deixo que venha até mim se quiser.

Pode parecer um tanto arrogante, sinceramente não me importo que pensem isso, essa forma de agir sempre me satisfaz. Não é agora, em um caso de “férias”, que vou agir de maneira diversa da minha. Se ela não vier, paciência.

Chegamos até a sorveteria onde, durante minha infância, foi um dos locais que eu mais gostava de ir com meu irmão. É no mesmo endereço que me lembrava, na mesma rua, com a mesma vizinhança. Todavia, não é mais o mesmo lugar. Como Amália mesma contou, houve uma mudança do público-alvo muito grande, e todo o encanto e magia que este estabelecimento tinha para mim acabou. É agora uma grande confeitaria, uma *delicatessen*, como Amália disse, mesinhas de café com pessoas que trabalham aqui no Centro e alguns turistas em substituição à ansiedade, à algazarra e à alegria da gurizada louca por sorvetes de massa italiana.

Uma pena!, penso pesaroso ao me sentar para pedir café a um garçom. Peppe se divertia muito aqui! A gente se sentava nas altas banquetas fixas no chão e ficávamos girando no assento enquanto uma moça bonita – que geralmente ele estava paquerando – montava nossos sorvetes.

— Tudo bem? — Amália me faz voltar à realidade. — Você parece um tanto melancólico.

Dou um meio sorriso e nego.

— Só olhando para o lugar e lembrando como era.

Ela sorri largo.

— Ficou bem melhor agora, não é? — Suspira e abre o cardápio. — Eu vou querer um café expresso, e você?

Fico um tempo sem responder, sentindo verdadeiro tédio por estar aqui com ela. Deveria ter voltado para a vinícola e pressionado Idalina a me contar toda essa história de Peppe ter um filho.

— O mesmo — respondo. — Não posso demorar, preciso voltar para a Don Ferrero.

Seu sorriso morre, e ela me encara.

— Sério? — Desliza um dedo sobre meu antebraço em cima da mesa. — Eu pensei que talvez pudéssemos fazer algo depois do café.

Eis a deixa!

Eu deveria estar me sentindo empolgado por ela ter demonstrado o interesse, mas não estou, pelo menos não neste momento. A descoberta de que há alguém que alega ter um filho do meu único irmão mexeu comigo, e, mesmo achando que seria uma ótima distração trepar com Amália, não estou nem cogitando a possibilidade.

— Outro dia — digo sem deixar de encará-la. — Agora vou tomar o café e depois ir para a vinícola para resolver esse mistério sobre meu irmão.

Ela faz um beicinho que me faz imaginá-la esfregando os lábios na cabeça do meu pau.

— Vou cobrar, então, esse outro encontro.

Rio, aproximo-me mais dela por cima do tampo da mesa e digo baixinho:

— Eu não tenho encontros, Amália. Cobre somente se quiser foder a noite toda.

Ela arregala os olhos, mas não responde, pois o garçom aparece com nossas bebidas. Espero que ele se afaste, bebo um gole do café, reconhecendo estar tão bom quanto os que eu tomo na Itália, e aguardo uma reação dela.

— Você é direto, não?

— Sou, detesto joguinhos. — Bebo mais um pouco antes de continuar: — Não vim para ficar e nem para ter um romance, que isso fique claro desde já. Você é linda, me atrai e parece sentir o mesmo por mim, então a decisão é sua.

Ela ergue uma de suas sobrancelhas.

— Não é porque eu moro aqui, nesta cidadezinha, que eu não sei lidar com sexo casual, Raffaello.

— Nunca disse que você não sabe, Amália. — Termino o café e me levanto. — Preciso ir. — Pego umas notas na carteira e as deixo em cima da mesa, o suficiente para pagar pelos dois cafés.

Ela assente.

— Assim que tivermos mais novidades, entraremos em contato. — Eu aquiesço. — Eu te ligo quando eu puder foder a noite toda.

Rio.

— Aguardarei ansioso.

Pisco e me despeço dela, indo de volta para o carro que deixei perto do escritório. Antes de entrar, porém, avisto a mesma caminhonete de onde a ruiva linda desceu, passando na rua. Espero do lado de fora do meu próprio veículo, mas não a vejo de novo. Um rapaz que deve ter no máximo uns 25 anos é quem está dirigindo.

Uma pena!

Seria bom vê-la de novo e, talvez, saber quem é ela.



Entro em casa pela porta da cozinha com o firme propósito de colocar Idalina contra a parede a fim de descobrir tudo o que ela sabe sobre a tal Sol Palmeira e seu filho.

Meu sobrinho... será?

— Ida! — chamo-a, porém não tenho resposta.

A mesinha de madeira da cozinha está posta para o café, e eu imagino que ela, talvez, estivesse à minha espera. Não lhe avisei que iria até a cidade, apenas saí daqui feito um maluco, prevendo que havia algo escondido.

Eu estava certo!

Bufo de raiva só de imaginar que alguma golpista possa ter enganado Don Genaro e atribuído um filho ao meu irmão morto. É impossível que Peppe tenha me escondido uma informação dessa importância. *Um filho!*

Vou para a sala de jantar, mas ainda não avisto Idalina. A casa está vazia aparentemente, tudo limpo, no seu devido lugar. A madeira do chão brilha, sinto um leve aroma de cera e couro tão característico deste lugar.

— Ida? — chamo-a mais uma vez, porém não tenho resposta.

O que me resta, então, é esperar que ela volte de onde quer que tenha ido. Sigo para o escritório de Don Genaro a fim de procurar algum documento ou qualquer pedaço de papel de pão que sane um pouco todas as dúvidas que tenho.

Abro a porta de correr, mas estanco no lugar, acompanhando o movimento rotativo da cadeira de couro marrom atrás da escrivaninha. Começo a rir de mim mesmo, parado feito um idiota, tentando achar lógica em um objeto se mexendo sozinho.

— Don Genaro, fantasmas não existem! — falo balançando a cabeça. Viro-me para fechar a porta, mas, mal encosto na madeira, paraliso, tomado de tantos sentimentos que não consigo pôr em palavras.

— *Nonno* foi morar no céu.

A voz infantil faz meu coração acelerar, meu corpo gelar. Respiro fundo e tento me acalmar, dizer a mim mesmo que esta casa está me deixando louco. Fecho os olhos assim que sinto um leve puxar na minha camisa. Um aroma gostoso, refrescante e inocente chega às minhas narinas. Engulo em seco e olho para baixo.

Cabelos escuros, lisos, cortados da mesma forma que os meus eram quando eu tinha essa idade. Tento não comparar, não achar semelhanças para não me condicionar a aceitar uma situação que ainda não sei se é realmente verdade, mas o sorriso do guri me abala.

Abaixo-me devagar, os olhos da criança transmitindo toda sua curiosidade sobre quem eu sou. Ele é corajoso, não deixa de me encarar em nenhum momento, o rostinho miúdo, redondo, ainda com traços do bebê bonito que

ele foi, erguido. O sorriso vacila, os olhos se enchem de água, mas ele não para de me observar.

— Olá — falo sem jeito, afinal, nunca tive contato algum com crianças.
— Era você brincando na cadeira do *nonno*?

Seus olhinhos escuros se desviam dos meus. Incerto sobre o que falar, ele aperta os lábios como se não quisesse responder, e isso causa um tombo no meu coração, porque Peppe sempre fazia isso quando ficava nervoso.

“*Dio Santo!*”, penso nervoso, querendo crer que aqui, na minha frente, há uma parte de meu irmão viva, crescendo e... *Calma, Raffaello!* Uma criança é capaz de comover qualquer pessoa, principalmente nesta situação, em que o suposto pai já morreu, e ela é tudo o que resta dele.

— Meu nome é Raffaello — resolvo me apresentar. — Qual o seu nome?

Os olhos se enchem ainda mais de lágrimas, e eu tenho vontade de abraçá-lo e de lhe garantir que não há perigo, que ele pode falar comigo sem nenhum problema, que sou seu tio.

— Mamãe... — o pequeno balbucia como se estivesse pedindo ajuda.

— Ei, campeão, está tudo bem. — Levo minha mão até sua cabeça na intenção de lhe bagunçar os cabelos, mas ele se afasta, encolhe-se e chama pela mãe novamente.

— Mamãe...

Ouçoo passos apressados sobre o assoalho de madeira e já imagino quem é que está vindo até onde estamos com tanta pressa. É impossível que ela tenha ouvido o chamado dele, mas talvez já o estivesse procurando pela casa.

— Tomás, você está...

A voz é bonita, rouca e sexy, o cheiro dela também é bom. Se realmente ela esteve em um relacionamento com meu irmão, já posso imaginar como é, mesmo antes de me erguer e me virar para vê-la: sofisticada, moderna, linda, pele bronzeada e cabelos escuros como ele gostava.

Ergo-me e me viro de uma vez só, pronto para ter a primeira impressão sobre a mulher que alega ser mãe de um filho do meu único irmão.

Putá que pariu!

Arregalo os olhos e dou um passo para trás, assustado, surpreso, confuso. Ela parece surpresa também, seu rosto ruborizado, a boca um tanto aberta. Afasto-me mais ainda, como se a repelisse, mas sem poder tirar os meus olhos dos dela.

Impossível!, volto a pensar com clareza assim que o garotinho passa correndo por mim e agarra a perna da mãe buscando proteção. Ela se abaixa para abraçar a criança, e seus cabelos cor de fogo escorrem pelos ombros, deixando-me tão hipnotizado quanto fiquei ao vê-la na rua.

— Tomás, está tudo bem — ela fala com carinho e beija a bochecha gordinha do filho. — É o tio Raffaello. — Olha-me rapidamente e volta a se concentrar na criança. — A gente viu fotos dele com o papai, lembra?

A dúvida sobre a paternidade do menino aumenta ainda mais agora que conheci a tal Sol Palmeira. Meu irmão nunca se relacionaria com ela! *Nunca!*

Não me entendam mal, ela não é feia, muito pelo contrário. Todavia, não é o tipo que o atraía. De todas as mulheres com as quais Peppe se relacionou, nenhuma teve esse padrão, e nós até comentamos isso uma vez, que nossos gostos eram bem diferentes nesse quesito.

No entanto, o que eu sei sobre amor? Talvez meu irmão, por algum motivo além da aparência, encantou-se com ela e... Respiro fundo e balanço a cabeça, ainda surpreso com a mulher que se apresentou como mãe do meu sobrinho, o pensamento martelando teimoso que ela não é o tipo do Peppe.

Questiono-me por que isso incomoda tanto a ponto de minha cabeça dar voltas e voltas e retornar a esse mesmo pensamento. Por que estou tão incrédulo que meu irmão tenha tido um envolvimento com ela? Sol Palmeira é linda, sedutora e...

Porra!

Tento repelir o pensamento, mas não posso enganar a mim mesmo. A questão que me incomoda não é ela não ser o tipo de mulher que atraía meu irmão, é ela ser o meu!

Sim, odeio admitir, Sol Palmeira me atraiu desde a primeira vez que a vi.

“Porca miseria”!



Sinto o corpo todo tremer enquanto tenho Tomás em meus braços. Meu anjinho está nervoso, ficou com medo de Raffaello ou de algo que ele disse. Eu nunca imaginei que o conheceria assim, pensei que teria tempo de me apresentar, conversar um pouco com ele e depois levá-lo até meu filho.

Eu já estava tão nervosa com a possibilidade de conhecê-lo, de contar toda a história que, tenho certeza, ele quer saber, que me senti aliviada quando cheguei a casa e ele não estava.

Respiro fundo, tentando achar minha voz de volta para falar com ele como a adulta que sou, mas continuo abaixada, agarrada a Tomás como se ele fosse uma tábua de salvação.

Se mamãe estivesse aqui, diria que preciso achar meu equilíbrio, meditar e tentar manter o controle de minha mente e do meu corpo. A verdade é que nunca tive tempo para isso, pelo menos não desde que comecei a tomar conta da minha vida e a correr atrás das minhas coisas.

Queria ser tão organizada como Luna ou mais racional como Halley, mas não sou, por isso estou aqui, por não conseguir controlar meu emocional e

fazer promessas que nunca deveria ter feito, mas que vou honrá-las até a morte.

— Vai dar tudo certo! — Luna disse no aeroporto, com Tomás no colo.
— Eu pesquisei sobre ele, não deve ficar muito por aqui, tem uma carreira ascendente na Europa. Provavelmente vai deixar alguém encarregado das coisas e só receber os lucros.

Tentei parecer despreocupada e sorri, assentindo.

— Além do mais, é impossível ele não gostar de você! — Piscou. — Quem não gosta da mamãe, não é? — perguntou ao Tomás, que gargalhou e mandou beijo.

— Mamãe linda!

Meus olhos se encheram de lágrimas no mesmo instante em que meu anjinho disse isso. Peguei-o no colo e o apertei com força, beijando seus cabelos cheirosos. Meu filho é tudo para mim, o motivo de eu voltar para a vinícola Don Ferrero e de, ao mesmo tempo, querer nunca ter pisado lá.

Viajei durante duas horas tentando adiantar como seria o encontro com Raffaello. Eu já sabia bastante sobre ele, porém ainda não tinha formado uma opinião. Via-o como uma espécie de playboy do vinho, sempre em festas milionárias, cercado de beldades riquíssimas e com um sorriso de deixar muita mulher com fogo entre as pernas. Entretanto, sabia que ele era muito mais profundo do que somente o que se noticiava.

Nunca ignorei seu charme, seu carisma e, muito menos, sua fama de sedutor. Confesso que as fotos nas revistas não fizeram jus a ele, talvez porque o papel frio não conseguisse emanar o magnetismo que ele exala.

O que eu sei é que Peppe amava Raffaello, e Don Genaro morria de orgulho do neto, e de saudades, também. Durante o tempo em que estive na vinícola, vi e assisti a tanto da infância dos dois que era como se eu tivesse estado lá com eles. A amizade entre os dois irmãos era linda e, mesmo com a

separação que foram obrigados a enfrentar, eles nunca se afastaram.

Por isso mesmo é tão difícil cumprir as promessas que fiz. É pesado e dolorido, mas irei mantê-las até o fim.

Desembarquei no Salgado Filho, e Glauco me esperava já com o carro preparado para me levar com ele.

— Gleyson vinha, mas, como eu tinha que fazer algumas coisas aqui na capital, ofereci para buscar vocês — disse, afivelando Tomás na cadeirinha. — Tia Idalina me recomendou muito cuidado na estrada, afinal, estou levando os tesouros da Don Ferrero.

Respirei fundo, odiando essa alcunha.

Tesouros da Don Ferrero!

Eu quero apenas cuidar do meu filho, nada mais. Mesmo que tenha amado a experiência de cultivar vinhas, de ter colocado em prática tudo o que aprendi sobre técnicas orgânicas e esperar uma uva perfeita para um bom vinho, eu preferia estar em casa, com minha irmã, na loja, e ter meu filho só para mim.

Promessas...

O percurso foi agradável, pois Glauco, assim como seu irmão mais velho, é bom de conversa, fez-me rir boa parte do caminho, e eu consegui relaxar um pouco enquanto Tomás dormia. Fui inteirada sobre a volta de Raffaello e dos comentários na cidade sobre o retorno do filho pródigo.

— Gleyson disse que ele é muito legal, sabe? Apesar de ser endinheirado e viver na Europa. — Assenti. — Os três eram muito amigos.

— Eu soube. — Sorri. — Eu espero que ele não faça ideia errada sobre mim...

— Claro que não, Sol! Impossível não gostar de você e de Tomás, principalmente depois do quanto vocês fizeram bem ao Don Genaro. O velho viveu muito feliz seus últimos anos.

Suspirei, concordando com ele, não sobre ser impossível Raffaello não gostar de mim, mas que meu menino ajudou demais Don Genaro a superar a morte do neto. Isso me consolou por muito tempo também. Mesmo depois de todas as perdas pelas quais passei, pelo luto e pela dor, a companhia do velho italiano me fez ter forças para seguir em frente.

Eu só não esperava que ele nos deixasse tão rápido e nem ter de enfrentar o irmão e melhor amigo de Peppe nesse momento. Giuseppe amava o irmão, mas não era cego ao gênio forte e aos problemas de convivência do neto caçula com o avô. Por várias vezes o ouvi chamar aos dois de cabeças-duras.

Raffaello não esteve presente na cerimônia fúnebre de Peppe, apenas Don Genaro representava a família Ferrero. Foi ali que nos conhecemos e que acabei fazendo mais uma promessa.

Ele também não veio há pouco, quando o avô morreu. Idalina o desculpou alegando que Raffaello era um homem ocupado, mas, no fundo, eu sabia que ele não tinha vindo porque não via o avô como membro de sua família, não tinha nenhum afeto ou consideração com o velho homem. Não o julgo por isso, considerando-se a maneira com que ele foi separado da família do pai, mas o entendo.

O que uma criança pode sentir quando se perde o contato com seus parentes? Abandono. Raffaello se sentia abandonado, por isso também os abandonou.

Bom, não importava como ele se sentia sobre seus parentes, minha única preocupação era como ele receberia a mim e a Tomás.

— Acha que ele vai ficar por muito tempo? — inquiri.

Glauco deu de ombros.

— Não sei. Minha tia tinha esperança de que ele voltasse para assumir os negócios, afinal, é a profissão dele, mas Gleyson acha que ele voltou para vender.

Um frio cruzou minha coluna, e meu abdômen se contraiu.

— Vender? Don Genaro nunca iria querer isso.

Glauco concordou.

— A vinícola era o amor do velho. — Ele suspirou. — Tia Idalina também, sabe? Se ele realmente vender, ela ficará sem rumo, afinal, mora aqui desde mocinha, nunca mais saiu da Don Ferrero.

...é o legado dele agora, minha filha. Prometa-me que Tomás crescerá nessas terras e será criado como um Ferrero, cultivando-a, amando-a e mantendo nosso orgulho por muitos anos. Faça isso não por minha memória, mas pela do meu neto. Peppe amava essas terras, era o lar dele.

Balancei a cabeça, ouvindo nitidamente a voz de Don Genaro em uma das últimas conversas que tivéramos antes de sua morte. Eu prometera a ele que Tomás iria crescer nas terras da vinícola... mas, e se Raffaello quisesse mesmo vender?

— Vai ficar tudo bem, Sol! — Glauco me consolou. — Não precisa ficar preocupada, o que é direito de seu filho será resguardado.

Fechei os olhos, e meu coração disparou.

— Não temo por isso... — balbuciei, e ele franziu a testa, sem ter conseguido ouvir o que eu disse.

Depois disso seguimos viagem silenciosamente até o Centro da cidade, onde parei para comprar uma sobremesa deliciosa que Sara Casillo faz e que dona Ida ama – mesmo que não admita.

Eu já conheço bem a cidade e os moradores, principalmente as famílias mais tradicionais envolvidas com o ramo dos vinhos e com o comércio. Don Genaro quase não saía de casa, mas fazia questão que eu explorasse os arredores, conhecesse os vizinhos e as pessoas que ele considerava importantes.

Ele fez questão de que Tomás nascesse na vinícola, então fiquei por aqui

durante os últimos meses de gravidez, e, quando começaram as primeiras dores, um dos amigos dele, que é médico, apareceu, junto a duas enfermeiras, para me assistir.

Foi difícil, fiquei quase 10 horas em trabalho de parto. O médico chegou a acionar uma ambulância para me levar até o hospital caso o bebê não nascesse e fosse necessário uma cirurgia. Não precisou, quando deu o tempo dele, Tomás simplesmente veio ao mundo cheio de força nos pulmões, chorando alto e firme.

Luna estava comigo, e meus pais acompanharam o nascimento do primeiro neto de longe, via vídeo chamada, entre sorrisos e lágrimas. Foi realmente um momento único em muitos sentidos, e, quando peguei meu pacotinho de amor no colo, não aguentei a emoção. A dor do luto diminuiu, e eu me senti privilegiada pela missão de criar e educar Tomás.

Don Genaro segurou o bisneto e não conseguiu conter seu pranto. Chamava-o de pequeno Peppe, chorava e dizia coisas em italiano para o bebê. Foi difícil segurar o choro, porque a emoção do homem era palpável, batia em mim de forma assustadora, e eu entendi todas as promessas que havia feito até ali.

Por isso fiquei, por isso só voltei ao Rio meses depois do nascimento de Tomás para apresentá-lo aos meus pais, que estavam de volta ao Brasil depois de meses. Mamãe conversou comigo antes de voltar para suas viagens, e eu ainda guardo suas palavras sobre a escolha que estava fazendo:

Somos responsáveis pelas pessoas que amamos, sobre o que prometemos, mas isso requer um preço. Não podemos impedir o outro de sofrer e encarar a verdade da vida, minha filha, porque, quando fazemos isso, o fardo se torna nosso, somos nós a sofrer. Cada pessoa tem seu destino a cumprir.

Eu a entendi, concordei com ela, mas aceitei a parte desse destino que cabia a mim por entender que, de alguma maneira, eu fiquei com a melhor

delas: Tomás.

O carro parou na porta da Don Ferrero, e eu respirei fundo quando vi Idalina vir correndo para nos receber. Esperei ver, logo após ela, o irmão mais novo de Peppe, o famoso enólogo, o homem que vivia cercado de belas mulheres europeias e que frequentava as festas mais privadas – até da realeza –, mas ele não apareceu.

— Bem-vindos de volta! — A senhora idosa correu até onde eu estava e me ajudou a tirar Tomás, sonolento da soneca durante a viagem, da cadeirinha. — Eu estava contando os minutos para ter nosso pequeno tesouro de volta.

Tomás, assim que a reconheceu, jogou os bracinhos para que ela o pegasse.

— Ida! — exclamou feliz.

— Oh, meu pequeno príncipe!

Esperei que ela parasse de enchê-lo de beijos para, então, perguntar:

— Tudo bem por aqui, Ida? — Ela suspirou e deu de ombros. — E Raffaello?

— Saiu, não disse para onde ia, mas deve ter ido até a cidade, porque o filho do doutor Casillo ligou para cá procurando-o.

— Arthur ou André? — perguntei curiosa, pois, dependendo da resposta, Raffaello estava indo à frente com a sua herança.

— Arthur — Ida respondeu preocupada. — Raffaello já está providenciando tudo para acertar os documentos da herança, por isso pedi que você viesse. — Ela suspirou. — Não queria que ele soubesse de vocês por outras pessoas.

Concordei com ela. A situação toda já era muito estranha, e eu não poderia explicar o motivo pelo qual Peppe nunca contara sobre nós para Raffaello.

Bem, paciência e coragem era o que eu iria precisar nesses dias na vinícola. Não havia como voltar atrás, todas as promessas já haviam sido feitas, era a hora de pagar o preço, como disse mamãe.

Eu só esperava não pagar alto demais.

Depois da nossa chegada, Idalina preparou seu delicioso café da tarde para degustarmos juntas da torta que eu comprara na *trattoria* da Sara; antes, porém, subi para tomar um banho e refrescar Tomás.

Demoramos porque meu pequeno ama a banheira do quarto do bisavô – que é quase uma piscina para ele –, e só quando consegui tirá-lo da água e deixá-lo com Idalina para se arrumar, é que pude entrar no chuveiro.

Então, qual foi meu susto quando entrei no local onde os dois estavam e encontrei a TV ligada, brinquedos no chão, e dona Ida dormindo? Imediatamente soube que Tomás não estava mais no quarto e imaginei mil situações perigosas com ele, inclusive de se perder no meio dos vinhedos. O susto de não o encontrar no andar superior me fez descer as escadas correndo, meus pés ainda descalços fazendo a madeira ranger, o coração disparado pelo medo de meu menino ter saído da casa.

Segui direto para a sala principal, mas a porta estava bem trancada. Senti alívio por saber que ele estava dentro da casa, mas, ainda assim, precisava achá-lo, e havia muitos lugares para um menino de pouco mais de dois anos se esconder ali. Pensei no escritório do *nonno* e do quanto Tomás amava brincar na cadeira de couro giratória.

Sorri satisfeita ao ouvir a vizinha dele me chamando e corri até o cômodo preferido de Don Genaro.

— Tomás, você está...

Parei em seco ao ver o homem abaixado, conversando com meu pequeno. Tomás tinha os olhos cheios de água, e seu lábio inferior tremia. Meu coração se contraiu ao ver o medo e a insegurança no rosto do meu filho. Senti

também um arrepio na espinha ao pensar que o tio o havia maltratado de alguma forma. *Que não seja isso, por favor!*

Raffaello se levantou de repente e me olhou. O impacto de sua presença, sua masculinidade e magnetismo me fizeram ruborizar como uma menina de colégio. Ele também parecia surpreso, afastou-se de mim como se eu estivesse fedendo. Uma careta estranha assumiu seu rosto bonito, e seus olhos escuros se apertaram ao me olhar.

Provavelmente me achou feia ou exótica com todas essas cores em mim.

Tomás correu até onde eu estava e se abraçou à minha perna, buscando abrigo e proteção – momento em que me encontro agora. Agacho-me para olhar em seu rostinho lindo e sorrio.

— Tomás, está tudo bem. — Beijo sua bochecha, transmitindo amor e cuidado. — É o tio Raffaello. — Olho-o novamente para me certificar de que é ele mesmo. Não que eu não o esteja reconhecendo, mas é que pessoalmente ele é... impressionante. Volto a falar com Tomás a fim de tranquilizá-lo: — A gente viu fotos dele com o papai, lembra?

Tomás concorda e, com o dedo na boca, olha novamente para o homem, que ainda parece em estado de choque.

Arregalo os olhos e me levanto.

Merda, ele ainda não sabia?

— Eu... — Titubeio um segundo, constrangida, sem saber o que ele está pensando. — Eu pensei que alguém... — Balanço a cabeça, tentando mandar embora minha estupidez. — Acho que devo começar do começo, não?

Sorrio sem jeito, mas ele continua sério.

— Você é Sol Palmeira? — sua voz não deixa dúvidas de que ele está incrédulo quanto à minha identidade, e só o fato de ter dito meu nome sem que eu me apresentasse demonstra que ele já sabe sobre nós.

— Sou. — Estendo a mão. — Esse é meu filho, Tomás.

Raffaello olha para minha mão, mas não retorna o cumprimento. Ele ainda parece um tanto desnorteado, intercala olhares entre mim e Tomás, e isso vai me deixando cada vez mais nervosa.

Eu não sei o que contaram a ele, não sei o que ele está pensando a nosso respeito, mas, pela sua reação, não é coisa boa. Sorrio ainda mais, levanto a cabeça e me aproximo dele.

— Eu esperava chegar aqui a tempo de poder conversar com você, mas tive que ir para o Rio de Janeiro e acabei não conseguindo voltar logo. — Recolho minha mão, pois ele não vai pegá-la. — Tomás é...

— Você alega que ele é meu sobrinho.

Franzo a testa, sem entender.

— Tomás é seu sobrinho, seu avô...

— Estava velho e desesperado após a morte do meu irmão. — Ele olha para meu filho e depois volta a me encarar. — Eu me pergunto, Sol Palmeira, foi feito um exame de DNA para comprovar a paternidade do seu filho?

Meu coração ameaça sair pela boca.

— Eu... nós... — Respiro fundo. — Seu avô não achou necessário na época.

Ele ri, cínico.

— Ah, que conveniente! Você chega grávida e alega que o filho que espera é de um homem já morto e, sem provar nada, tem seu filho reconhecido e uma herança para administrar.

As acusações dele são pesadas e me fazem engasgar. Eu imaginei que Raffaello pudesse questionar a legitimidade de Tomás, mas pensei que, quando ele visse meu filho, percebesse todas as semelhanças.

— Eu nunca pensei na herança, só queria que meu filho conhecesse a família do pai.

Raffaello gargalha.

— Família essa que nunca soube sequer da sua existência! — ele cospe a verdade na minha cara e não tem noção do quanto isso me machuca. — Por que Peppe a manteve escondida? Isso se meu irmão *realmente* for o pai do seu filho.

Levanto a cabeça e o encaro.

— Ele é o pai do meu filho. — Rio, imitando seu cinismo. — Seu avô não era tão ingênuo quanto você o está julgando. Ele não me acusou de golpista interesseira como você está fazendo agora, apenas esperou que eu lhe provasse meu envolvimento com Peppe.

Vejo que ele está desarmado, mesmo que sua postura não tenha mudado com o que eu disse.

— Eu preciso de mais do que meia dúzia de fotos, senhorita Palmeira. — Raffaello fica um tempo olhando para Tomás. — Meu advogado entrará em contato com a senhorita sobre o exame de DNA. Só após o resultado é que teremos algo para conversar.

Ele passa por mim, deixando um rastro do seu perfume e as marcas de sua altivez.

Respiro fundo e olho meu filho, assustado, alheio ao que está acontecendo. Abaixo-me e o abraço.

Eu sabia que não seria fácil enfrentar a mágoa e o orgulho de Raffaello e não penso que será menos difícil depois que o DNA sair. Certamente ele terá muitas perguntas, e eu, apenas meias verdades.



Que porra louca é essa que está acontecendo?!

Minha cabeça martela ao sair da casa e ir para o galpão de produção dos vinhos, louco por uma taça bem cheia do vinho mais forte que encontrar depois do encontro inusitado com a tal Sol Palmeira.

Ainda estou sem entender como a mulher que chamou tanto a minha atenção na rua, mais cedo nesse mesmo dia, é a suposta mãe do meu único sobrinho, filho do meu irmão já falecido.

Fiquei extremamente confuso quando ela apareceu e a reconheci. Retraí-me, quis ignorar todos os detalhes dela que me atraíam e só pensar que ela poderia ter sido mulher de Peppe – mesmo que eu ache estranho meu irmão ter se envolvido com ela – ou ter aplicado um golpe no meu falecido avô.

De qualquer maneira, independentemente de quem ela é, Sol Palmeira me atrai, e isso é inconcebível em qualquer uma das suposições que fiz.

Bufo de raiva ao constatar que esse é o menor dos meus problemas. O garoto é algo que eu ainda não sei como lidar. Alguma coisa nele mexeu comigo, talvez tenha sido seu olhar ou algum detalhe do seu rosto, mas tenho

que admitir que o pequeno fez tremer uma parte de mim.

Eu quero muito acreditar que ele seja mesmo filho do Peppe. Dinheiro, herança nenhuma se compara a ter um pedaço do meu irmão ainda vivo. Se o resultado do DNA for positivo, ele ganhará o tio mais devoto que nunca poderia imaginar. Contudo, se for negativo, vou ter que lidar com o fato de que a deslumbrante ruiva não passa de uma interesseira.

Certamente eles irão permanecer na casa da vinícola, então tenho que procurar outro lugar para ficar, pois não quero conviver e me apegar à criança, cultivando a ilusão de ainda ter alguém comigo e não ser mais o último com meu sangue a andar na Terra.

Bom... é bom eu ficar longe da mãe dele também!

— Ei, Raffa...

— Por que você não me contou? — interrompo Gleyson.

Ele para e levanta as mãos em sinal de rendição.

— Tia Idalina achou melhor que você a conhecesse primeiro antes de saber de todos os detalhes. — Faz careta. — Ela não conseguiu isso, não é?

— Não — respondo sério. — Arthur achou o testamento do velho.

— Imaginei isso, pela ligação. — Gleyson suspira. — Ela é uma mulher incrível, seu irmão teve muita sorte de tê-la.

Engulo em seco, a imagem do rosto dela, o sorriso... *Merda!*

— Eu ainda não estou convencido dessa história.

Gleyson parece confuso.

— Do que você não está convencido? — Arregala os olhos. — Você acha que ela está mentindo? Acha que o menino não é do Peppe?

Passo a mão no cabelo e olho para o outro lado do galpão, de costas para Gleyson.

— Você se lembra das conquistas do meu irmão enquanto ele vivia aqui? Nenhuma era como ela.

Escuto a risada dele.

— Raffaello, Giuseppe era um adolescente, ainda não tinha um *tipo* específico.

Nego.

— Não, meu irmão sempre foi muito meticoloso e detalhista. Mesmo depois, já adulto, continuou sua preferência: mulheres altas, esguias e morenas. Nunca o vi ou tive notícia de que ele se envolveu com alguém como *ela*.

— Isso acontece! — Ele para perto de mim, lado a lado, e toca meu ombro. — Dê uma chance a ela, tenho certeza de que verá que não está mentindo.

Encaro-o.

— Por que ele não me falou dela? — Gleyson tenta responder, mas o impeço, já sabendo o que vai falar: — Nós nos falávamos quase todos os dias, mesmo com um oceano a nos separar. Sempre foi assim. Nossa distância era apenas física, éramos amigos, ele me falaria dela.

Gleyson concorda.

— Você não sabia nem do bebê, não é?

— Não — digo magoado. — Ele não me disse nada. Você sabe de quantos meses ela estava quando apareceu aqui?

— Uns três ou quatro meses, eu acho. — Ele tenta se lembrar com mais precisão, mas balança a cabeça. — Eu sei que ela chegou aqui e nem sabia o sexo do bebê, só soube dias depois.

Será que era isso que ele queria me contar? Não, não pode ser! Ela já estava grávida, ele me contaria assim que soubesse que iria ser pai!

— Ficou aqui até o nascimento?

— Não, foi para o Rio algumas vezes, por causa do irmão mais velho dela, que estava doente. — Gleyson dá de ombros. — Voltou arrasada

quando ele morreu, e aí, sim, ficou para o parto e só saiu daqui quando o guri tinha uns meses.

— A família dela esteve aqui em algum desses momentos?

— Claro! Os pais são hippies, ativistas, algo assim, vivem viajando e lutando por causas ambientais, nunca vieram aqui. — Ele ri. — A irmã dela, Luna, é lindona, mas muito reservada, quase não falou com ninguém, mas ajudou no parto e nos primeiros dias após o nascimento.

Tento formar uma ideia de quem é Sol Palmeira a partir das informações que ele me deu, mas ainda é difícil imaginar meu irmão, tão capitalista, refinado, tendo um relacionamento com uma mulher de família tão alternativa assim.

Peppe, apesar de não ter seguido o caminho do nosso pai e se tornado um empresário do vinho, era muito tradicional, bem diferente de mim. Ele não apreciava grandes aventuras, nem lugares ou coisas exóticas, tanto que trabalhava com a culinária mais tradicional do mundo: a francesa.

— Relaxa um pouco, Raffa. — Gleyson ri. — Hoje vamos até o Centro beber um pouco. Há um barzinho novo que tem um churrasco de primeira. Você toma cerveja ou só bebe vinho?

— Prefiro vinho, mas bebo qualquer outra coisa.

— Então está decidido! Vamos tomar cerveja, comer churrasco e azarar umas gurias quentes!

Rio do jeito dele, mas aceito. Tudo é melhor do que ficar aqui, amargando todas as dúvidas que tenho.



— Se a montanha não vai até Maomé... — Amália brinca ao se sentar à

nossa mesa no barzinho do Centro da cidade.

— Eu não tinha visto você, por isso não fui. — Sorrio, erguendo o copo de cerveja na direção do dela.

— Oi, Gleyson! — ela cumprimenta meu companheiro de mesa. — Não sabia que vocês viriam hoje.

Ele ri.

— Dificilmente não viria, bar novo, carne nova! — Pisca e olha para uma loirinha gostosa que passa. — Por falar nisso, vou circular e ver se tenho alguma sorte hoje.

Ele se levanta rapidamente e sai atrás da moça que passou.

— Ele não toma jeito! — Amália comenta e me encara. — E você? Veio tentar a sorte também?

Gargalho.

— Não faço isso desde guri, não é o meu jeito de agir.

— Hum, então qual é?

Aproximo-me dela e falo no pé de seu ouvido:

— Ação e reação. Deixo claro o que quero, faço o movimento e espero a resposta.

A pele dela se arrepia, e eu sorrio.

Amália se levanta.

— Vamos sair daqui.

Termino a bebida, olho para trás a fim de ver Gleyson e faço sinal para ele, que ri, malicioso, já com o braço em volta da cintura da loirinha.

Amália sai do bar e se vira na minha direção para falar algo, porém não lhe dou oportunidade, apenas a pressiono contra a parede e a beijo, relaxando toda minha tensão, concentrado em acender seu tesão e a deixar pronta para uma noite de diversão.

Encaixo minha coxa entre suas pernas e, ao mesmo tempo em que a beijo,

esfrego sua boceta com vontade, louco para sentir o cheiro de seu tesão e de a ter pronta para mim, calcinha molhada e sexo quente, quando estivermos em local mais reservado e sem roupas.

Amália geme alto e rebola sobre minha perna, aumentando ainda mais os movimentos. Minha boca se enche de saliva, o beijo fica mais intenso, meu pau pulsa forte, o sangue circulando com pressão dentro dele, fazendo-o ficar ainda mais duro.

— Vamos embora — rosno, boca ainda encostada na dela. — Seu carro?

Amália ri.

— Moro aqui em cima. — Ela aponta para um prédio em frente ao bar. — Bem conveniente, não?

— Perfeito!

Pego seu punho e saio, arrastando-a pela rua. A urgência é tanta que me torno um tanto irracional, como um sedento por água. Não enxergo nada, não penso em nada, só preciso foder até não sair mais nenhuma gota de porra, exaurir meus músculos e baixar minha libido a tal ponto que eu possa olhar para aquela mulher, que *diz* ter sido de meu irmão, sem sentir um só resquício de atração.

Porra!

Mais uma vez jogo Amália contra a parede e a devoro como um animal. Ela gosta, se diverte, enfia os dedos por entre meus cabelos e arranha meu couro cabeludo com suas unhas. Isso ajuda a manter minha adrenalina lá no alto, sua agressividade, o jeito com que demonstra que gosta de foder.

É disso que preciso hoje! Expurgar de mim qualquer interesse por aquela ruiva que não seja descobrir a verdade.

Afastamo-nos um pouco um do outro, apenas o suficiente para que ela abra o portão do prédio, e seguimos atracados como dois jovens impudicos até o elevador.

Já dentro dele, não me contenho e enfio minha mão dentro da calça dela, apertando sua bunda gostosa, deslizando o dedo entre as bochechas firmes de seu rabo. A vontade de me enfiar nela aqui mesmo é tão forte que me espremo ainda mais contra seu corpo e gemo quando ela, sem nenhum pudor, aperta meu pênis com fúria.

O som do elevador parando no andar é o que me tira do transe sexual, e percebo que nem a vi apertar o número para subirmos.

Não a espero nem abrir a porta direito e a carrego para o sofá da sala, viro-a de costas, beijo sua nuca, descoberta por conta do corte de cabelo curto, e a lambo enquanto abaixo suas calças e a minha.

— Prometo ser mais detalhista na segunda vez... — já me explico assim que enfio um dedo dentro dela para saber se está molhada o suficiente e logo vou em busca da camisinha na minha carteira. Não demora muito, protejo meu pau e, sem mais nenhuma palavra, começo a comê-la como um faminto.

Fecho os olhos, deixando as sensações me invadirem, as imagens tão sacanas do que eu quero fazer depois dessa trepada de alívio, o cheiro de sexo subindo pelo ambiente, deixando meu tesão ainda mais aceso. Enfureço, meu corpo inteiro clama por mais, estoco com mais força e ouço os gemidos fortes e delirantes de prazer. Seguro os quadris dela bem firme, mergulho o máximo que posso, meu pau sendo completamente engolido por sua boceta, o som dos fluidos dela toda vez que entro e saio a me enlouquecer.

Levo minhas mãos em direção à sua cabeça na firme intenção de enroscar meus punhos em seus compridos cabelos vermelhos, cor de fogo, cor do sol poente e...

— Caralho! — Abro os olhos. A nuca alva, o pé do cabelo bem aparado, fios escuros, finos e sedosos brilhando a cada investida. Diminuo o ritmo, e ela olha para trás. Olhos azuis, e não da cor do mel.

Putá que pariu! O que está acontecendo comigo?

Paro.

— Tudo bem? — ela pergunta confusa.

Concordo, saio dela e a puxo para mim. Encaro seu rosto, beijo-a, olho-a de novo. Amália Casillo. Morena, olhos azuis, gostosa *pra caralho*, não tem por que eu estar fantasiando com uma ruiva, muito menos com *aquela* ruiva.

— Você é linda — digo com sinceridade. — Eu estou um tanto agitado, precisava de uma parada para me acalmar.

Ela sorri e pega meu pau com força.

— *Ele* não quer parar. — Pisca maliciosamente para mim.

— Não, não quer. — Tiro a camisinha. — Espero que você tenha mais dessas por aí.

— Tenho. — Ela se ajoelha. — Vou ajudar na sua pausa.

Sorrio.

— À vontade!

Quando sua boca se fecha sobre a cabeça do meu pau, gemo e fecho os olhos, voltando a sentir o prazer de ser chupado bem gostoso, sem precisar controlar nenhuma fantasia absurda.

Seguro sua cabeça e estoco em sua boca lentamente, vou ao fundo e, quando sinto sua garganta se contrair, saio bem devagar, voltando mais molhado e excitado.

Isso! Controle, Raffaello... Você precisa estar no controle do seu corpo e da sua maldita cabeça!



— *A conversa foi ruim assim?* — Luna me pergunta ao telefone.

Suspiro.

— Pior do que a pior que havia imaginado. — Minha irmã xinga. — Ele só faltou me acusar de golpista. — Suspiro mais uma vez, o coração apertado. — Eu não sei como agir com ele, Luna.

— *Ele pediu mesmo um teste de DNA?*

Rio, cheia de amargura.

— Pediu. Não o culpo por isso, não sei por que Don Genaro não pensou no mesmo.

— *Porque o velho acreditava em você.*

Minha consciência dói.

— Estou tão cansada disso, me machuca tanto.

— *Eu sei, Sol, mas ele vai ficar apenas alguns dias por aí, não é? Então tente ficar calma até ele ir embora.*

Mais uma vez sinto um aperto tão forte no peito que chego a colocar a mão sobre ele.

— Eu sei. — Fecho os olhos, cansada física e emocionalmente. — Preciso dormir, Luna, já tomei chá de cidreira e passiflora, mas ainda...

— *Medite um pouco, ajuda. Ah, Babi acabou de me mandar mensagem dizendo que vai mesmo voltar ao Brasil! Acho que chega no início do ano, não é demais?*

— É, sim! — tento seguir a animação dela por causa da volta de nossa amiga, mas me sinto tão cansada que suspiro, respondendo apenas para acalmá-la, porque, ao contrário de Luna, nunca consegui meditar corretamente. — Boa noite, minha irmã.

— *Boa noite, abençoada seja!*

Entro no quarto de Tomás e vejo Idalina adormecida na poltrona de balanço. Sorrio ao meu lembrar do desespero dela quando acordou e viu que o menino não estava no quarto. Ela apareceu ofegante no escritório, onde nós dois ainda estávamos abraçados após o encontro com Raffaello.

— Bah, que susto, guri! — ela disse com a mão no peito. — Está tudo bem?

Tentei sorrir e dizer que sim, porém Tomás correu para lhe abraçar as pernas.

— Ele se machucou? Tomás, olha aqui para a tia Ida...

A sua voz de preocupação me tocou, porque sei o quanto adora meu pequeno, desde antes de seu nascimento.

— Encontramos tio Raffaello.

— Ele foi mau com a mamãe.

Arregalei os olhos diante do que ele disse.

— Não, Tomás, ele não foi — tentei contornar a situação, mas Idalina já me olhava com espanto, pedindo explicações. — Acho que estamos todos com fome e cansados...

— Preparei um lanche, já deve estar tudo frio. — Ela pegou meu menino

no colo. — Vamos tomar suco de uva e comer um bolo da tia Ida?

— Tri legal! — Tomás disse animado, abraçando-a forte. — Saudade do *nonno*, ele gostava de suco de uva.

Idalina riu e bagunçou seus cabelos.

— Ele gostava, sim!

Depois de deixarmos Tomás lanchando, fomos para um canto da cozinha, e eu pude contar a ela que encontrei Tomás com Raffaello.

— Mas o que ele fez para que o guri achasse que te fez mal?

Balancei a cabeça.

— Nada de mais, conversamos, e ele pareceu bem chateado por ninguém ter contado sobre nós.

Idalina estranhou.

— Peppe nunca contou, e isso realmente é estranho, porque os dois sempre foram muito unidos. — Ela me encarou. — Você sabe por que ele escondeu isso do irmão?

Um frio transpassou minha coluna, e senti que meu castelo de cartas começava a balançar.

— Não sei, ele dizia que queria conversar com Raffaello pessoalmente.

Idalina suspirou.

— Nunca tiveram essa oportunidade. — Neguei, com o coração apertado. — Bom, a notícia pegou o guri de calças curtas, então vamos esperar que ele digira tudo. Tenho certeza de que se sentirá muito feliz por Tomás.

Sorri, esperando fervorosamente que sim.

Depois do lanche, Tomás e eu fomos para a sala de TV, no porão da casa, onde ficam alguns dos brinquedos dele. Toda vez que vínhamos para a vinícola, Don Genaro havia comprado algum mimo para o bisneto. O último presente que deu, já debilitado e, talvez, já sabendo que iria morrer, foi um cavalo.

— Ele terá que fazer aula de equitação — disse, tossindo, com dificuldade para respirar. — Todos os Ferreros são ótimos cavaleiros.

Eu apenas sorri naquela ocasião, sem conseguir imaginar meu pequeno em cima de um puro-sangue como o com o qual ele lhe presenteara.

Olhei distraída para a porta fechada do porão, onde eu sabia que ficavam várias e várias caixas da história dessa família.

Don Genaro uma vez explicou por que mantinha um “arquivo” dentro de sua própria casa, dizendo que, um dia, quando o mundo estivesse moderno e apressado demais para se guardarem memórias, as pessoas viriam até a Don Ferrero para ver a importância de se manter as lembranças e tradições familiares dentro de um negócio de sucesso.

Eu adorei ver um pouco do conteúdo da história dos Ferreros no Brasil, o registro de chegada dos avós dele ao país, junto aos netos, duas meninas e um menino. Na época, ele me contou que sua irmã mais velha havia falecido poucos anos após chegarem ao Sul e que a mais nova se casara, mas logo ficara viúva e sem filhos. Havia morado com ele por um período, depois resolvera seguir a vida religiosa e, pelo o que ele sabia, morrera num convento.

— O senhor também não voltou a se casar — puxei o assunto, aproveitando que estávamos vendo lembranças de seu casamento. — Desculpe-me se...

— Eu já tinha um filho, um herdeiro, não via mais a necessidade de complicar as coisas com um segundo casamento e possíveis filhos de outra mulher.

Não falei nada, embora tenha achado a explicação muito fria. Cada um é dono de sua vida e, se Don Genaro era feliz com suas convicções sem interferir na vida de mais ninguém, apenas na dele, quem era eu para julgá-lo?

— Peguei no sono de novo... — Idalina diz, fazendo com que eu pare de me lembrar do passado, e se levanta da poltrona. — Estou mesmo ficando uma velha gagá.

Nego balançando a cabeça.

— Claro que não está, você só acorda cedo demais e trabalha muito. — Ponho a mão em seu ombro. — Por que não dividir o trabalho da casa com...

— Se a senhorita achar que eu não estou dando conta mais, pode contratar — interrompe-me, visivelmente chateada.

Merda!

— Ida, não é isso, é só que esta casa é enorme. Um pouco de ajuda não faz de você uma pessoa inútil ou faz o seu serviço ser considerado ruim, é só para você ter um pouco de descanso.

— Trabalho aqui há mais de 40 anos, vim para cá ainda menina e...

— Por isso mesmo acho muito justo que você tenha mais ajuda e mais tempo de descanso. Não estou falando em substituir você, isso é impossível, Ida. — Tenho uma ideia de repente e fico animada. — Mas, com mais tempo livre, você poderia ficar mais com Tomás, por exemplo, ou organizar aquele seu livro de receitas que, desde que cheguei aqui, tenho ouvido falar.

Ela parece refletir um pouco, mas, de novo, nega.

— Don Genaro não gosta de pessoas estranhas na casa.

Respiro fundo antes de ser direta:

— Infelizmente, ele não está mais aqui. — Pego suas mãos. — Você merece um pouco de descanso, pense em como será bom supervisionar o trabalho de outra pessoa, ensinar, cobrar... — Sorrio, sabendo que ela adora dar reprimendas nos trabalhadores da vinícola. — E ainda ter tempo para fazer o que quiser.

Idalina não volta a negar, seu olhar demonstra que plantei a dúvida, mas, ainda assim, sei que essa não é uma batalha vencida. Ela olha para Tomás,

dormindo sereno, vai até ele e puxa até seu pescoço a manta que o cobre.

— As crianças crescem rápido demais — fala, ainda o olhando. — Eu acompanhei o crescimento do Peppe de perto antes de Raffaello nascer. Todos moravam aqui, Giuseppe ainda não tinha ido trabalhar em Porto Alegre. Eu gosto de saber que terei essa oportunidade de novo, com Tomás.

Abraço-a pelas costas.

— Você terá, então aproveite isso.

Idalina ri.

— Você é perigosa, Sol — Idalina diz isso rindo, e eu já consigo sentir o gostinho da vitória.



O colchão da cama balança, minha coberta é afastada e sinto braços me envolverem. Sorrio sem nem mesmo abrir os olhos, o cheirinho delicioso do xampu que eu mesma faço para ele a encher minhas narinas.

— Bom dia! — cumprimento-o preguiçosa.

— Bom dia, mamãe!

Abro os olhos, e o rostinho feliz de Tomás torna tudo mais lindo, realça o lindo céu azul, o brilho do sol e me faz ter mais conhecimento do som dos pássaros, do cheiro de pão assado vindo lá da cozinha.

Meu filho!

Aperto-o contra mim, suas gargalhadas a encherem o quarto de alegria e vida. Uma vez contei a ele que, a cada sorriso de uma criança, as fadas e os elfos dançavam na floresta. Ele ainda não entende muita coisa de contos de fadas e, creio eu, terá mais disposição para histórias de dragões e lutas do que de reinos encantados de paz, mas eu fiz questão de lhe contar o que meus pais

contaram a mim.

Beijo-o muitas vezes, até que comece a protestar... e meu estômago também. Tomás se deita sobre minha barriga e, quando a fome reclama de novo, ele ri.

— O cheiro do pão da tia Ida! — explico. — Acordou a fome na mamãe. E você, não está com fome?

— Tia Ida deu *mamá*.

Abençoada, Ida!, agradeço-lhe mentalmente por ter preparado o leite de Tomás.

— Então, mamãe vai se levantar para o café também. — Sento-me na cama. — O que vamos fazer agora?

— Galinhas!

Faço careta, mesmo esperando essa resposta. Tomás adora recolher os ovos, mas confesso que nunca gostei de ter de ir ao galinheiro logo depois do desjejum. Porém, eu vou, claro que vou! Qualquer momento com meu filho é especial, cada hora, cada segundo da vida dele importa para mim.

Entro no banheiro e me olho no espelho, contemplando a mulher que sou hoje, após Tomás, e me lembrando da que era antes de sua chegada. Gosto muito mais da Sol de agora, mesmo tendo diminuído muito meu ritmo de trabalho e feito tantos sacrifícios para cuidar, educar e amar meu filho.

Tomás me deu forças para seguir em frente, superar a desilusão, a dor, o luto e, agora, o medo. Ele me tornou uma pessoa melhor, uma mulher que entende o verdadeiro significado do amor.

Lavo meu rosto e reparo em cada sarda na minha pele, um pouco de olheiras debaixo dos olhos, uma marquinha de expressão aparecendo aqui e acolá. Suspiro ao me lembrar do encontro de ontem e sinto frio na barriga apenas pela possibilidade de me encontrar com Raffaello novamente no café da manhã.

Sorrio e balanço a cabeça, achando-me uma boba por estar reparando na minha aparência porque ele ficou surpreso por me conhecer. Talvez Raffaello ache que eu não seja o tipo de mulher com quem seu irmão se envolveria por não ser sofisticada e lindíssima como as mulheres com quem ele se envolvia antes. O que o famoso enólogo não sabe é que o amor muda tudo, por isso foi ágil em julgar minha aparência e supor que eu não servia para o irmão.

Termino de me arrumar e desço com Tomás para a cozinha, onde sempre fazemos nossa refeição matinal quando aqui.

— Bom dia, meus tesouros! — Idalina nos cumprimenta, e Tomás corre para os seus braços.

— Obrigada por ter feito o leite dele — agradeço-lhe, e ela sorri como se não fosse nada de mais. — Eu dormi como uma pedra, e, se Tomás não me acordasse, iria até a hora do almoço.

— O que te faria muito bem. — Ela põe meu filho em uma cadeira alta e me olha. — Vejo cansaço no seu rosto, mesmo depois dessas horas dormidas.

Meu coração se aperta.

— Esses dias no Rio foram corridos, porque eu precisava repor alguns produtos no estoque da loja, já pensando nas festas de final de ano — dou a desculpa mais óbvia e resolvo mudar de assunto. — Raffaello?

Ida suspira.

— Não dormiu em casa. — Dá de ombros. — Estranhei que ele não tenha acordado cedo para cavalgar e bati no quarto dele.

Fico sem jeito, imaginando que ele não queira estar no mesmo ambiente que meu filho e eu. Não tinha pensado que ele fosse reagir dessa forma quando nos conhecêssemos, mas, a julgar pelo modo que praticamente me acusou de estar dando um golpe, é até um comportamento justificável.

— Bom, eu sinto muito por tudo isso, mas espero que as coisas se ajeitem.

— Eu também. — Ida se senta à mesa ao lado de Tomás. — Tem café no bule, coado no pano, como *tu gosta*.

Aspiro o cheiro incrível do café dela e corro até a bancada perto da pia.

— Não tem bebida mais preciosa que um bom café...

— É até um sacrilégio isso ser dito dentro de uma vinícola — a voz de Raffaello me faz pular de susto, e eu derramo café quente na minha blusa.

— Merda! — Xingo e olho preocupada para Tomás, pois não costumo praguejar na frente dele.

Raffaello entra na cozinha, descalço, a roupa um tanto amarrotada, muito embora isso não prejudique em nada o seu charme e para ao meu lado, servindo-se de café.

— Isso não está queimando? — pergunta e aponta para minha blusa. — Posso ver sua pele através do tecido molhado.

Olho para baixo e vejo parte do meu sutiã aparecendo, como também um pedaço da curva dos seios. Pego um pano de prato e o uso para tampar a área.

— Eu... vou... — olho de novo para a mesa, onde dois pares de olhos curiosos acompanham nossa interação — trocar a blusa. Bom dia!

— Bom dia. — Ele sorri estranho, seus olhos têm um brilho diferente dos que tinham ontem, e bebe o café.

Passo por Ida e Tomás sem dizer mais nada e subo as escadas correndo para trocar a blusa. A pele está avermelhada, sim, mas nada grave, nem arde. *Droga, Sol, controla seus nervos!*, falo comigo mesma conforme visto outra peça de roupa.

Eu não o esperava naquele momento, mas ter atirado bebida quente em mim mesma por conta do susto é ridículo! Ponho a mão na cabeça, tento me acalmar, porém a imagem do sorriso dele...

Ah, não, Sol! Arregalo os olhos ao constatar que Raffaello Ferrero mexe comigo. O irmão mais novo do Peppe me atrai!



Respiro fundo duas vezes antes de voltar a beber o café. A primeira golada queimou minha língua e quase me fez engasgar, mas, ainda assim, não desviou minha atenção da transparência da blusa da tal Sol Palmeira, do contorno de seu sutiã rendado e da deliciosa curva dos seus seios.

Bufo e encaro Idalina, ao lado do pequeno guri, sentada à mesa da cozinha.

— Bom dia! — cumprimento-a.

— Bom dia. Por que não se senta conosco?

O guri me olha, e sinto o coração balançar. Nunca fui sentimental. No entanto, tenho essas reações por conta da mínima possibilidade de que ele seja realmente filho do meu irmão, meu sobrinho. *Família!*

— Não, eu já comi. — Deixo a xícara na pia. — Vou para o escritório trabalhar um pouco, preciso ligar para a França.

A senhora idosa assente, e eu saio da cozinha, fugindo de todos os sentimentos que o pequeno desperta, protegendo-me de uma decepção caso meus temores se concretizem e ele não seja meu sobrinho, mas sim um

inocente sendo usado por uma golpis...

Perco a linha de raciocínio quando a vejo descer as escadas e tenho, desta vez, não só o vislumbre do seu colo, mas também de suas pernas. O vestido floral é alegre, com cores vivas, larguinho, mas curto o suficiente para que eu veja as coxas torneadas, os quadríceps ressaltados, sinal de quem faz algum exercício.

Ela sorri sem graça para mim, seu rosto assumindo um tom rosado, combinando com a miríade de cores já presentes nela toda. A marca vermelha no lugar onde o café caiu não me passa despercebida, e eu aproveito para puxar assunto.

— Machucou muito?

— Eu... — ela aponta para a marca vermelha no colo — passei uma pomada, obrigada por perguntar.

— Desculpe-me por tê-la assustado — digo com sinceridade.

Ela fica parada à minha frente, sem saber o que falar, assim como eu.

— Eu vou tomar o café da manhã — comenta. — Já comeu?

Meu corpo inteiro estremece com a pergunta, e novamente imagens de minhas mãos morenas sobre seu corpo claro, deixando marcas avermelhadas por onde passam, sem machucar, apenas porque sua pele deve marcar à toa, deixam-me excitado. Tenho vontade de responder que eu comi, mas ainda não saciei a vontade, porque não pude provar o que despertou meu apetite.

Todavia, não o faço; seria canalhice demais.

— Já. Bom desjejum.

Ando rápido e sem olhar para trás e somente quando chego ao escritório é que relaxo e deixo os pouco mais de 180 ml de sangue encherem meu pau, fazendo-me ficar duro como um adolescente sem controle, sonhando com alguma mulher que nunca poderá tocar.

Porra de atração do caralho!

Fico puto, encosto-me à porta de carvalho maciço do escritório e soco a cabeça algumas vezes, tentando trazer juízo à minha mente e retornar o sangue para o coração, tirando-o de onde não deve estar agora, muito menos por *aquela* mulher.

Eu pensei que estivesse exausto, porque Amália se revelou uma ótima parceira, e ficamos a noite inteira fazendo sexo como loucos. A cada vez que eu sentia qualquer vontade, ela estava lá, pronta para saciar e ter prazer. Não vou negar que gostei muito e que, provavelmente, iremos repetir a noite, pois descobrimos ter muita afinidade sexual.

Entretanto, preciso confessar que toda a fodelância da noite anterior tinha o objetivo de abaixar meu tesão, acalmar minha necessidade e, assim, não me fazer sentir nada pela bruxa ruiva com quem eu dividiria a casa da minha família por um tempo. Ah, uso a expressão bruxa não por sua aparência, obviamente, mas por ela ter me prendido numa espécie de feitiço que nubla minha razão apenas ao vê-la.

Desde a primeira vez!

Sinceramente, ainda não entendo como Peppe e ela tiveram um relacionamento. Eu nunca a teria imaginado com meu irmão, e, certamente, ele a teria imaginado comigo.

Foda-se!, expulso os pensamentos e pego meu telefone a fim de ligar para a vinícola na França e saber como as coisas andam por lá. Se der tempo, ligarei também para Evangeline, afinal somos amigos e não nos falamos desde quando cheguei aqui.



Eu gosto de cavalgar, sempre gostei, e o clima daqui, ainda na primavera,

lembra-me muito o de casa, na Itália, já no começo do verão. A estação mais quente do ano vai chegar em breve por aqui, e as vinhas vão acordar, os frutos vão crescer, encorpar e amadurecer. É a época do ano em que eu mais gosto de estar no vinhedo!

O cheiro, o clima e a beleza dos parreirais sempre me encantaram, e aqui não será diferente, mesmo que o cultivo não seja em larga escala como os das grandes vinícolas nas quais já trabalhei.

Do alto de uma colina, consigo ver as plantações, o solo coberto com cascalho entre uma fileira e outra, a casa, no fundo do vale, seguida por todas as áreas de produção e o pórtico tão tradicional, na entrada da propriedade, com o nome da vinícola em mármore esculpido e integrado aos tijolos rústicos que fazem o revestimento da construção.

Vinícola Don Ferrero! Suspiro. Minha casa ancestral, onde meu pai e Peppe nasceram, onde eu cresci e aprendi a amar as vinhas. Por mais que eu tente não sentir um certo apego a este lugar, não posso negar que ele faz parte de mim, mesmo tendo passado aqui apenas 12 anos da minha vida.

Minhas memórias estão nestas terras, principalmente as mais felizes, ao lado do meu irmão.

Um brilho afogueado no meio do vinhedo, da área nova, o cultivo orgânico que tanto me surpreendeu, chama minha atenção. Meus olhos são atraídos para os cabelos *dela* e, simplesmente, não consigo desviá-los.

Da distância em que estou, não consigo acompanhar ou mesmo entender o que ela faz no meio das vinhas, por isso – apenas por isso – instigo o cavalo para ir até onde Sol está.

Vou rápido, a galope, mas diminuo para um trote lento e silencioso quando me acerco de onde ela trabalha. Fico um tempo parado, notando-a colher um pouco do solo, descascar um pequeno galho que tirou da parreira e olhar minuciosamente por baixo de cada indivíduo do parreiral.

Franzo a testa, reconhecendo tudo o que Sol está fazendo, surpreso por ela entender de viticultura.

— Boa tarde! — cumprimento-a, achegando-me com o cavalo.

Ela tem um sobressalto, mas nada tão grande como o de hoje de manhã.

— Que mania de chegar sorrateiramente! — reclama e me olha, erguendo sua cabeça e cobrindo seus olhos com a mão a fim de fazer sombra.

O sol já está forte. Penso na pele dela, exposta, enchendo-se de sardas, questionando-me se elas se estendem até o colo, a curva dos seios e... *Porra, esquece a pele dela!*

— Você deveria estar com um chapéu.

Ela sorri e nega.

— Esquenta demais minha cabeça — retruca e volta a se inclinar. — Eu prefiro viseiras, mas esqueci de trazê-las.

Apeio e amarro o cavalo na madeira de suporte dos parreirais.

— Então você é a responsável por esse feito moderno dentro da Don Ferrero!

Sol volta a me encarar.

— Moderno? A cultura orgânica é a mais antiga de todas.

— Não com todas as modificações que vocês fizeram com enxertia e cruzamentos.

— Está certo, usamos o que aprendemos com a ciência para fazer o cultivo antigo mais eficiente, mas, ainda assim, tem os mesmos princípios, não pode ser chamado de moderno.

Pego uma folha da videira.

— Não sabia que você era envolvida com viticultura, que coincidência!

— Não sou. — Ela me dá as costas e continua seu trabalho. — Sou formada em agronomia e tenho especialização em cultivo orgânico e farmacologia de ervas.

Isso me surpreende muito e me faz ficar curioso sobre quem e como ela é.

— Farmacologia?

— É, remédio de mato, como é popularmente conhecido. — Sua risada é gostosa e faz os pelos do meu corpo se arrepiarem de prazer. — Esse é meu trabalho de verdade, mas comentei sobre cultivo orgânico com seu avô, e ele gostou da ideia.

— O velho fazia suas vontades como fazia as do meu irmão — comento. — Aposto que ele morria de amores por você e que transferiu a importância que Peppe tinha para seu filho. — Rio amargurado. — Um novo Gran Reserva!

Ela para o que está fazendo e me encara. Fico sem jeito, não sei o que ela está pensando e como vai reagir ao que falei. Não pensei que Peppe pudesse ter falado sobre isso, ou mesmo Don Genaro, e tudo o que eu não quero é que ela sinta que isso me afeta, que me diminui.

— Por que *gran reserva*?

Sua pergunta faz com que eu me sinta aliviado, porém, intrigado. Meu irmão estava esperando um filho com essa mulher, montando uma família, e nunca falou como nosso avô se referia a nós dois? Se ele compartilhou momentos nossos com ela, como disse, por que nunca contou uma das coisas que mais nos magoava e que tinha tudo para criar uma competição entre nós e nos separar?

Don Genaro não conseguiu criar um abismo entre mim e meu irmão, muito por conta da maturidade de Peppe, que nunca se sentiu um *gran reserva* e nunca deixou que eu me sentisse como um *reservado*.

— Nada de mais, esquece. — Decido fazer um pequeno teste. — Peppe te contou que os parreirais eram a parte que ele mais gostava aqui na vinícola?

Os olhos de Sol se abrem um pouco mais, algo quase imperceptível, mas que, como estou atento às reações dela, não deixo passar. Não sei se isso a

surpreende ou se a faz lembrar de algo, mas fico atento a saber tudo o que ela sabe e o que não sabe sobre meu irmão.

— Ele não falava muito daqui — responde, e eu já acho estranho, porque, mesmo longe, Peppe amava esta propriedade. — Não com todos esses detalhes, mas talvez tenha comentado em algum momento, sim.

— Ele ia montar o restaurante perto dos vinhedos...

— Ah, sim. — Ela sorri sem jeito. — Ele falava disso, do restaurante e de como ele iria ficar no seu local preferido da propriedade. Tinha feito um esboço do local e comentava sempre conosco que...

Fecho as mãos com força, paro de escutá-la, mas tento não reagir, não demonstrar minha desconfiança. Balanço a cabeça e me afasto dela, voltando a montar Sancho sem nem mesmo olhá-la.

Mentirosa, filha da puta!, penso ao virar a montaria para pegar o caminho de volta à casa. Meu sangue parece ferver nas veias e minha vontade é de gritar para ela que é uma impostora, pois meu irmão nunca quis o restaurante nos vinhedos, mas sim à beira do lago, seu lugar preferido.

Isso não é uma coisa que eu tenha suposto, mas sim algo que falávamos sempre que ele tocava no assunto do restaurante e da implantação de enoturismo na vinícola.

Uma mulher que dividiu um apartamento com ele, que teve meses de relacionamento e uma gravidez, deveria, no mínimo, conhecer um pouco dos sonhos do homem com quem pretendia compartilhar a vida.

Porém, não, aparentemente, ela não sabe nada sobre o restaurante, e isso é muito suspeito.



Apeio do cavalo tão enfurecido que passo por Gleyson sem nem mesmo cumprimentá-lo. Ontem, ainda no bar, combinamos de entrevistar mais pessoas para a vindima, mas, neste momento, não estou em condições de resolver isso.

Minha cabeça ainda está fervendo com a possibilidade, cada vez mais real, de que essa tal Sol esteja se aproveitando de uma situação. É necessário resolver esse assunto o mais rápido possível, e nada melhor do que o exame de DNA para isso.

Caminho para o escritório com o firme propósito de ligar para Arthur e pressioná-lo, mas, ao entrar na sala de estar, vejo algo que me faz congelar.

O pequeno brinca com peças de um jogo que Peppe colecionava e do qual tinha muitos ciúmes. São bonecos e objetos de um jogo de ação do Rambo que ele ganhou quando eu ainda era só um guri e que só tive autorização para mexer quando fiquei mais velho.

— *São itens raros, Raffa, não são brinquedos, são colecionáveis!* — ele explicava. — *Daqui a alguns anos, quando estivermos mais velhos, nossos filhos irão nos perguntar sobre eles e poderemos dizer que tivemos um herói, por isso, eles têm que ficar assim, na embalagem.*

O menino brinca com o boneco fazendo sons com sua boca, usando sua metralhadora para matar seus inimigos. Olho demoradamente para cada uma das figuras, procurando alguma avaria, com o coração apertado, mas não estão em mau estado, parecem novos.

— Oi — a vizinha me faz despertar do passado e de tentar encontrar uma reação compatível com a que Peppe teria ao ver seus colecionáveis virando brinquedo de criança. — Oi?

— Oi! — cumprimento-o e me aproximo.

— Você quer brincar? — Seus olhos brilham de expectativa, e me estende o coronel em seu uniforme verde.

Pego o boneco, ainda sem saber como agir, e me agacho de frente para ele.

— Isso era do meu irmão...

O menino olha para o corredor e sussurra:

— Mamãe fica triste.

Enrugo a testa, sem entender.

— Por causa dos bonecos?

Ele balança a cabeça assentindo.

— Tem muito, mas mamãe chora.

Ainda não entendo. Não é fácil conversar com uma criança de pouco mais de dois anos.

Tomás ergue o Rambo e mostra a faixa vermelha na cabeça do boneco colada com cola instantânea.

Ah, por isso mamãe chora! Sorrio, imaginando Sol Palmeira chorando e *remendando* a faixa vermelha do Rambo.

— Você sabe o nome dele? — Aponto para o brinquedo.

— Rambo! — diz animado.

— Isso mesmo. — Ponho o boneco no chão e bagunço seus cabelos. — Os outros bonecos estão aqui?

Ele nega.

— Em casa. Mamãe só deixou esses. — Ele me olha. — Brinca!

Não sei como dizer a ele que eu não sei brincar, então pego de volta o Coronel Trautman e o seguro em pé no chão. O guri pega uma metralhadora e aponta para meu boneco.

— Ei... — chamo-o antes que comece com a *sonoplastia* de tiros. — Somos amigos.

Ele fica curioso.

— Rambo e o Coronel Trautman são amigos.

Ele parece pensar e, depois de um tempo, tira a metralhadora da mão do boneco.

— Eu não posso bater no coleguinha — explica. — Mamãe diz que é feio.

Gargalho com vontade, como há muito tempo não o faço, e ele também começa a rir tanto que se deita no chão. Eu não esperava essa resposta, talvez algumas perguntas, mas não essa resposta.

— Do que vocês dois tanto riem? — Ida interrompe as gargalhadas, parada na sala, com avental em volta da cintura e uma colher de pau na mão. — O som das gargalhadas foi até a cozinha, tomei até um susto!

— Estávamos brincando — respondo como se fosse a coisa mais natural do mundo um homem de 35 anos brincar de bonecos de ação.

Idalina sorri e olha para o menino.

— Ah, então Tomás finalmente tem um coleguinha! — Ela pisca para a criança.

— Sim — respondo. — E não se bate em um coleguinha, é o que ele acabou de me ensinar.

Rio, mexendo com ele.

— Quem queria bater em quem? — a voz de Sol me faz ficar sério e a olhar.

Não respondo, o clima descontraído some, e me coloco de pé.

— Eu preciso fazer umas ligações.

Sigo para o escritório, para onde eu deveria ter ido desde que entrei na casa, mas ver os bonecos de Peppe e a alegria do menino brincando com eles me trouxe lembranças da criança que eu mesmo fui, do encantamento que eu tinha pelas figuras de ação que meu irmão colecionava.

Mamãe fica triste! Tomás, com essa pequena frase, destruiu parte da minha desconfiança sobre sua mãe. Sol sabe da importância que os bonecos tinham para Peppe, e isso era algo íntimo, que ele colecionava desde criança

e que poucas pessoas sabiam.

— Caralho! — xingo irritado, cada vez mais confuso sobre qual é a verdade nessa história toda.



Eu tive que prender o fôlego quando vi Raffaello andando a cavalo. O porte, a forma como conduzia a montaria, o jeito másculo ressaltado pela roupa descontraída. Tentei evitar, mas não consegui não perceber o quanto ele era sexy.

Quando tive curiosidade sobre ele e queria saber mais do que Peppe havia me contado, acabei por entrar em sites de fofocas da Itália e da França. Encontrei muitas fotos dele, principalmente acompanhado por belas mulheres, sempre com uma taça de vinho ou champanhe na mão.

Achei-o muito atraente, mas desconfiava que isso se devia ao fato de ele estar sempre bem-vestido, com um terno elegante ou smoking.

Não, eu estava enganada!, pensei ao vê-lo usando uma camisa de tecido leve, com as mangas enroladas nos antebraços e calça jeans. Raffaello é o tipo de homem que não precisa se enfeitar para ficar atraente, muito menos másculo.

Nu, ele deve ser incrível!

Tirei rápido esse pensamento da cabeça, afinal, era Raffaello Ferrero ali,

não qualquer um, mas o irmão mais novo de Peppe. Concentrei-me em ignorá-lo e continuei meu trabalho de inspecionar o crescimento das vinhas. Contudo, parecia que ele não queria me dar trégua.

Tomei um susto quando parou o cavalo perto de mim e desmontou. Senti o coração na boca, coisa que vinha acontecendo sempre que ele se aproximava e que eu sempre julgava ser nervosismo.

Talvez não seja só isso!, minha consciência pareceu gritar, e eu a mandei calar a boca, pois já tínhamos problemas demais para lidarmos juntas.

— Que mania de chegar sorrateiramente! — reclamei quando ele me cumprimentou.

Ele ficou me olhando por um tempo e parecia estar me avaliando. É, eu sei que ele não me acha grandes coisas, isso ficou óbvio quando não acreditou que Peppe teve um relacionamento comigo, mas parecia que ele estava aprovando o que via naquele momento, enquanto eu tentava enxergá-lo direito contra o sol.

— Você deveria estar com um chapéu.

A observação me fez rir e tive que explicar que não gostava de chapéu, mas que me esquecera de levar minhas viseiras. Provavelmente ele estava avaliando minhas sardas, por isso falou do chapéu.

Elas nunca me incomodaram, acho até que tenho poucas para uma ruiva, tanto que, se me maquio, todas somem. O fato de ele não gostar e ainda ressaltar que eu deveria me proteger para não as ter mais só me faz pensar que ele é muito fútil para se preocupar com isso.

Bom, pelas mulheres nas revistas, ele gosta da perfeição, e eu estou longe de ser perfeita!, pensei, mas percebi a loucura que era meu pensamento. Que importância tinha o que ele pensava da minha aparência?

Raffaello desceu do cavalo e o amarrou antes de continuar a conversa comigo.

— Então você é a responsável por esse feito moderno dentro da Don Ferrero!

Eu, que, durante meus confusos pensamentos sobre ele, olhei para o chão, surpreendi-me com o que ele disse e o olhei.

Conversamos sobre a cultura orgânica que implementamos na vinícola. Ele se mostrou surpreso, mas percebi um certo amargor em sua voz quando falou do avô e usou termos sobre vinhos para falar do meu filho.

— Por que *gran reserva*? — questionei, sem entender.

— Nada de mais, esquece. Peppe te contou que os parreirais eram a parte que ele mais gostava aqui na vinícola?

Tentei trazer à memória todas as conversas que tive com Peppe sobre a Don Ferrero, mas não me lembrei especificamente do lugar que ele dizia ser seu favorito. Pensei no vinhedo e concluí que, sim, devia ser esse seu lugar favorito, afinal, quem não amaria essa ordem e organização dos parreirais? Certamente ele, tão metódico, deveria gostar disso.

— Ele não falava muito daqui — respondi sinceramente. — Não com todos esses detalhes, mas, talvez tenha comentado em algum momento, sim.

— Ele ia montar o restaurante perto dos vinhedos...

A imagem do croqui do restaurante me veio à cabeça, e me esforcei para que meus olhos não se enchessem de lágrimas. Tantos sonhos, tantos planos, e tudo ruiu tão rápido! De repente tudo mudou, ficou urgente, e o planejamento perfeito de Peppe se viu destruído. O restaurante já não importava mais, nem a Don Ferrero, e outros sonhos tomaram forma e lugar dos antigos. O amor mudou nossas vidas, fizemos sacrifícios para mantê-lo, mas, de novo, os planos foram desfeitos.

O projeto do restaurante está no meu apartamento, emoldurado, em lugar de destaque, junto a tantos outros sonhos não concretizados.

— Ah, sim. — Sorri triste. — Ele falava disso e de como ele iria ficar no

seu local preferido da propriedade. Tinha feito um esboço do local e comentava sempre conosco que a Don Ferrero iria renascer depois que ele abrisse, não só o restaurante, como também a vinícola para o turismo.

Raffaello de repente se afastou sem falar nada, montou novamente e foi embora. Fiquei parada, sem entender, seguindo-o com o olhar indo a galope na direção da casa.

Disse alguma coisa errada?, questionei-me, mas não sabia o que poderia ter sido. Meu corpo todo tremia, minhas mãos começaram a suar, e pensei em Tomás na casa com Idalina. *O que será que eu fiz?*

Volto ao presente conforme recupero o fôlego depois de ter vindo correndo até a casa, passando por todos os parreirais em disparada, desesperada, sem entender o que estava se passando na cabeça de Raffaello. Alguma coisa errada aconteceu enquanto conversávamos, ou, então, o homem só é maluco mesmo.

Tiro os calçados o mais rápido que posso, não vejo Idalina na cozinha, mas escuto vozes. Vou para a sala de estar com o coração na mão, e o que escuto me faz gelar da cabeça aos pés:

— E não se bate em um coleguinha, é o que ele acabou de me ensinar.

Bater?

Encontro Raffaello agachado e Tomás deitado no chão junto aos bonecos que eu liberei para que brincasse, de tanto que seus olhos brilhavam ao vê-los. Pedi para que tomasse cuidado, pois eram muito importantes, e ele me prometeu, inclusive me mostrou que a faixa do cabelo do Rambo estava solta e ressecada, e eu, emocionada demais por saber que o tempo estava agindo nas peças porque eu as tirara das caixas, chorei.

— Quem queria bater em quem? — pergunto sobressaltada.

Raffaello me olha e fica de pé.

— Eu preciso fazer umas ligações — dispara, vira as costas e sai.

Olho para Idalina.

— O que estava acontecendo aqui?

Ela sorri.

— Eles estavam brincando. — Arregalo os olhos, sem poder acreditar. — E gargalhavam tanto que tive que parar de fazer a geleia de morango e vim aqui saber o que era tão engraçado.

— Brincavam? — repito ainda surpresa.

— Mamãe, eles são amigos! — Tomás puxa minha calça, e eu o olho.

— Quem?

— Eles! — Mostra os dois bonecos no chão. — Tio Raffa disse!

Eu não entendo nada de Rambo, só vimos os filmes depois de adultos, porque papai não concordava com a violência neles. Meus irmãos adoravam tudo do Stallone, mas eu nunca me empolguei.

— Ele disse? — Tomás assentiu. — Viu só como tio Raffa é legal?

— É, sim! — Correu de volta para os bonecos, e eu suspirei.

Idalina pega minha mão e a aperta.

— Ele não vai conseguir ficar indiferente ao Tomás por muito tempo mais. Eu conheço aquele guri, sempre foi metido a durão, mas tem um coração enorme!

Concordo com ela. Tomás é um amor de menino, e não há quem conviva com meu filho que não se encante com sua doçura, sua alegria e espontaneidade. Raffaello vai amar meu filho, eu não tenho dúvidas! O problema é que essa certeza acalma e deixa aflito o meu coração ao mesmo tempo.



Depois do evento da sala de estar, eu não vi mais Raffaello. É fácil não nos encontrarmos aqui, numa propriedade enorme do tamanho da Don Ferrero, então imaginei que, da mesma forma que ele fez noite passada, essa noite não dormirá em casa.

Sara Casillo me ligou, convidando a mim e a Tomás para um piquenique com seu filho, Felipe, que é quase da mesma idade do meu. Eu gosto muito de Sara, nós nos conhecemos por acaso, enquanto eu ainda estava grávida e nos tornamos amigas desde então. Ela logo engravidou, e foi muito bom poder dividir com ela conversas sobre bebês e a ansiedade pela chegada.

Mesmo quando eu estava no Rio, nós mantivemos contato. Ela é muito sozinha aqui na cidade, não é daqui e veio para cá depois que se casou com André Casillo, contador da vinícola. A família Casillo e ela não se dão muito bem, quer dizer, os sogros e a irmã de André nunca a aceitaram bem, por ela ser de família simples, sem estudos. O mais velho, que é advogado, nunca a tratou mal, mas também não tem muito contato com ela. Arthur Casillo é um homem simpático, pelo pouco que conheci dele, mas reservado.

Eu sempre achei que quem está perdendo é a família que a rejeita, porque, além de Sara ser uma cozinheira fantástica e administrar seu próprio negócio na cidade, é uma mulher amável, cheia de empatia e muito inteligente, mesmo sem um diploma universitário.

Aceitei o convite para o piquenique e fiquei de ir encontrá-la bem cedo na cidade para auxiliá-la com todas as coisas que quer montar no parque próximo ao restaurante. Pelo que eu entendi, não será só um “encontrinho” entre os dois amigos, mas sim uma festinha para todas as crianças que frequentam o local.

À noite, dei o jantar ao Tomás, depois o ajudei na escovação dos seus dentes e o coloquei na cama. Idalina fez questão de dar o banho nele mais cedo, por isso já estava cheiroso e de pijama. Como todos os dias, ele

escolheu um gibi para que eu lesse, dessa vez foi do Cascão, e, antes de chegarmos ao final da primeira historinha, meu pequeno já dormia. Fiquei um tempo olhando-o dormir, admirando seu rosto, percebendo todos os detalhes que amo tanto.

Por isso, só agora, quase meia hora depois de ele ter caído no sono, é que saio do quarto dele.

— Dormiu? — Idalina questiona assim que me encontra no corredor.

— Sim, bem rápido hoje. Brincou muito!

Sim, meu pequeno se divertiu! Depois da brincadeira com os bonecos na sala, fomos ajudar Ida na horta, e ele brincou um bom tempo ao ar livre. Fizemos pique-pega, pique-esconde e um pequeno forte de gravetos, onde ele brincava de ser um índio em guerra. Estava tão sujo quando foi para o chuveiro que o banho demorou mais que o usual, dando-me tempo de esquentar a comida e esfriá-la.

— Ele está ficando cada vez mais parecido com o Peppe — comenta, e eu concordo. — Boa noite, minha filha!

— Boa noite, Ida!

Entro no meu quarto e vou direto para o banho. Não consigo dormir sem tomar uma ducha, mesmo que já tenha tomado banho antes do jantar. Gosto de estar com minha pele limpa quando passo meus cremes, deixando-a macia e cheirosa.

Meu ritual noturno sempre demora, gosto de ter esse tempo comigo. Coloco um pijama leve, calço meus chinelos e desço para a cozinha. Vocês podem achar doido, mas eu curto tomar café com leite antes de dormir, e Ida sempre deixa um fresquinho pronto, na garrafa, sabendo do meu hábito.

Esquento o leite enquanto leio a sinopse do livro que pretendo ler. É cedo ainda, os hábitos aqui são muito diferentes dos meus. Nunca precisei de muitas horas de sono, sou notívaga, adoro o silêncio e a sensação da noite.

Quando estava no Rio, geralmente fazia meus produtos de madrugada e me sentia meio feiticeira por isso. Trabalhava com as ervas nas noites de lua cheia, sentindo o cheiro da maresia invadir meu apartamento, a música leve ao fundo e a calma que sempre tive para criar texturas e cheiros perfeitos.

Meu ex-namorado dizia que meus produtos vendiam tanto porque eram enfeitiçados, e eu gostava dessa brincadeira, afinal, além de produtos naturais, vendíamos muitas coisas exóticas ligadas à saúde do corpo e da mente, como pedras energizantes, baguá de Feng Shui para harmonização de ambientes e incensos.

Preparo o meu café com leite ouvindo o som das cigarras lá fora, uma gritaria sem fim prenunciando renovação. Em breve entraremos no verão, e o trabalho será acelerado nos vinhedos, para que os frutos estejam perfeitos para a época da vindima.

Eu gosto de ficar aqui, embora ainda não me sinta em casa. Não vou mentir que criar Tomás neste lugar me agrada mais do que vê-lo crescer em uma cidade grande e violenta como o Rio. Contudo, gostaria de não ter tantos sentimentos conflitantes sobre todas as decisões que tomei.

A Don Ferrero se tornou a herança do meu filho, e, muito embora eu esteja disposta a abrir mão de tudo isso, não posso negar a Tomás o direito de estar perto de suas raízes, de decidir, mais tarde, o que quer fazer.

Não sou eu quem importa aqui, é ele!

Mexo a bebida distraidamente, lendo as primeiras páginas do livro, quando sinto algo diferente no ar. Tudo parece vibrar, fica mais denso, mais quente, e os pelos da minha nuca se eriçam, os bicos dos meus seios se entumecem, e meu coração dispara.

Paro de mexer a colher na bebida e deixo o livro se fechar em cima da bancada. Tento controlar a respiração e acalmar meu coração. Não sinto medo, é apenas a noção de que há mais alguém aqui e que essa pessoa está

quieta me observando atentamente há algum tempo.

Eu sinto... excitação, uma sensação de que algo intenso está por vir.

Olho para trás apenas para confirmar o que meu corpo já sabe: Raffaello também está na cozinha.



Eu não fazia ideia de que Raffaello estava em casa, pois não o vi desde que o encontrei na sala com Tomás. Deduzi que ele iria passar outra noite fora ou que estivesse dormindo na propriedade, mas não na casa principal. A vinícola conta com vários alojamentos, embora há muito nenhum esteja ocupado.

Viro-me devagar, sem o atrapalho dessa manhã, o copo com a bebida quente na bancada e minha expressão demonstrando uma serenidade que eu estou longe de sentir.

Nossos olhares se encontram, e o clima fica ainda mais elétrico à nossa volta, tanto que me sinto corar da cabeça aos pés. Não sou uma donzela que fica vermelha à toa, mas aqui, neste momento, não há como não reagir ao que sinto, às sensações que ele me desperta apenas estando no mesmo ambiente.

É totalmente ridículo e inaceitável que eu me sinta assim, isso nunca aconteceu. Nunca me envolvi com ninguém apenas por sua aparência, sempre precisei conhecer um pouco mais, admirar o caráter acima de tudo. Claro que isso não foi receita para relacionamentos de sucesso, quebrei muito minha

cara com homens que no começo se mostravam príncipes, mas que, na verdade, eram verdadeiros sapos.

Lembro-me de que estou de pijama e tento relaxar dizendo a mim mesma que é um conjunto discreto, nada curto ou decotado, apesar do tecido fino e fresco. Dou uma olhada para baixo, sem mexer a cabeça, apenas abaixando os olhos na direção do meu colo para conferir se o tecido não é transparente, mas meus mamilos pontudos, marcando a frente do pijama, dispensam qualquer transparência.

Merda!

Tento processar algo para dizer e quebrar esse clima, mas ele o faz por mim, salvando-me do vexame que seria minhas gaguejadas.

— Boa noite.

Respiro fundo antes de o cumprimentar de volta:

— Boa noite. — Aponto para minha caneca na bancada. — Vim tomar café com leite. Quer um pouco?

Ele não responde imediatamente, parece processar a informação.

— Não, mas se tiver só café...

— Tem, sim — interrompo-o e aponto para a garrafa térmica. — Ida passou agorinha pouco.

Acompanho-o enquanto vai até o armário de louças e pega uma caneca como a minha. Espremo-me contra a bancada como se tivesse medo de sua aproximação, quando, na verdade, tenho medo da reação do meu corpo, e ele pega a garrafa e vai se servir do outro lado da cozinha.

— Seu filho já está dormindo?

Solto o ar que estava retendo e me viro de costas para ele, pegando minha caneca de café com leite e o livro para responder e já buscar uma saída estratégica da cozinha.

— Já, ele dorme cedo e hoje estava cansado, brincou muito.

— Eu sei, eu vi... — Ele se interrompe: — Puta que pariu!

O xingamento baixinho faz com que eu me vire para ele de novo. Raffaello está com a cabeça abaixada, balançando-a, e tem uma expressão de dor no rosto.

— Você se queimou? — questiono preocupada e me aproximo para oferecer ajuda. — Quer um pouco de água ou...

Raffaello me segura pelo braço.

— Você amava meu irmão? — a pergunta disparada a esmo me surpreende. — Amava?

Só tenho uma resposta para essa pergunta e não a escondo dele:

— Muito!

Raffaello bufa ao ouvi-la.

— E ele? Amava você?

Sorrio, e meus olhos se enchem d'água.

— Eu acho que sim.

Ele franze a testa.

— Acha? — Assinto. — Se ele te amasse, você não teria dúvidas, Sol. Peppe nunca foi de esconder o que sentia de ninguém, principalmente da pessoa com quem ele estava envolvido. Eu já o vi apaixonado algumas vezes, e, em todas elas, ele não deixou dúvidas.

Meu coração se aperta.

— Eu não posso falar dos sentimentos dele, Raffaello, apenas dos meus. — Sua mão se move lentamente, os dedos me acariciando, fazendo com que minha pele se arrepie inteira com o contato. — Éramos amigos, confidentes, e eu o achava incrível...

— Ele fazia sua pele arrepiar desse jeito também? — sua voz soa rouca, a respiração pesada. — Você reagia a ele como reage a mim?

Tenho dificuldades de coordenar os pensamentos enquanto os dedos dele

passavam sobre meu braço. Nunca tive uma química dessa com ninguém. Nunca ninguém me tocou dessa forma, aquecendo minha pele, agitando meu coração e deixando o meio das minhas pernas úmido.

— Acho que é melhor eu subir para o meu quarto — digo em tentativa de apaciar essa loucura toda. — Ao que parece, você bebeu e...

— Eu não estou bêbado, Sol. — Ri. — Queria estar e usar essa desculpa, mas estou sóbrio. Algumas garrafas de vinho não me derrubam, sou resistente, então não tenho desculpa para essa canalhice toda. — Raffaello olha para sua mão, agora em meu punho. — Eu não tenho direito de tocar você. Primeiro, porque não tive liberdade para isso, e, claro, por Peppe. — Ele retira a mão. — Principalmente por Peppe.

Concordo com ele. Mesmo que eu tenha desejado o toque, sentido o clima intenso que se instala entre nós quando estamos juntos, nunca dei liberdade para que ele agisse assim comigo.

E ainda tem Peppe.

— O que está acontecendo? — faço a pergunta, mesmo já sabendo a resposta, apenas para ver se ele é capaz de admitir que se sente atraído por mim como eu por ele.

Raffaello balança a cabeça e se afasta.

— Peço desculpas mais uma vez. Você tem razão, deve ter sido a bebida.

Ele está agitado, de algum modo sei que está mentindo, mas de que adianta falar a verdade? É melhor deixar como está. Saber que eu mexo com ele não transforma as coisas. Não vim aqui para ter um envolvimento com o tio do meu filho, não preciso de mais essa complicação.

— Boa noite, Raffaello.

Saio da cozinha sem olhar para trás, mas ainda posso ouvi-lo xingar. Nada disso deveria estar acontecendo! Meus olhos queimam com as lágrimas acumuladas, mas que evito que caiam.



— Mamãe!

Sento-me na cama assustada, o coração disparado, os sentidos alertas. Aguço meus ouvidos para saber se estava sonhando ou se realmente Tomás acordou.

— Mamãe!

O chamado choroso não deixa dúvidas, e eu saio correndo para o quarto ao lado, onde meu filho dorme. No corredor escuro trombo com um corpo forte e alto e, pelo perfume, não preciso nem gritar, pois já sei quem é.

— Acordei com ele chorando — Raffaello explica. — Acha que está doente?

Entro no quarto, e meu pequeno se agarra a mim, chorando.

— Bicho feio!

Respiro aliviada, tocando seu corpo para perceber a temperatura, que, aparentemente, está normal. *Pesadelo!*, penso aliviada.

— Está tudo bem, meu amor, foi só um sonho ruim. — Beijo seus cabelos. — Mamãe está aqui, não se preocupe.

Ele se afasta de mim, olhos vermelhos de chorar e estende a mão para cima. Raffaello, que está parado em pé atrás de mim, pega-a e se senta na cama.

— Tudo bem, garotão, está tudo bem. — Olha-me sem jeito e, através da parca luz do abajur, vejo o pedido de socorro brilhar em seus olhos. — Sua mamãe está aqui e...

— Você é meu amigo — Tomás fala, e eu sorrio, o coração pesado, a emoção transbordando.

— Eu sou. — Ele bagunça os cabelos de Tomás. — E amigos, além de não baterem um no outro, defendem. — Ele aponta para o corredor. — Estou dormindo ali, do outro lado do corredor, não precisa ter medo de nada.

— Eu não tenho. — O pequeno se empertiga todo. — Sou corajoso, né, mamãe?

Sorrio.

— É muito corajoso! — Beijo sua testa. — Mas precisa dormir para renovar a coragem.

Eu o deito na cama, e Raffaello se afasta. Fico uns minutos acarinhando Tomás, cantando baixinho para que ele durma, e somente quando tenho certeza de que está em sono profundo é que me levanto da cama para voltar ao meu quarto.

— Não é melhor você dormir aqui com ele? — Raffaello me pergunta preocupado.

Olho-o, iluminado pela fraca luz do abajur, parado no batente da porta, vestido só com um short fino estilo samba-canção e o peito desnudo. Tento não focar nos músculos do peitoral e da barriga, nas coxas firmes e bem definidas e no... o que foi mesmo que ele perguntou?

— Tomás está bem, foi só um pesadelo, acontece.

Ele assente, e eu passo por ele. Seu cheiro parece me perseguir, lembrar-me de que sou mulher, que tenho desejos e que há muito tempo não sinto o toque de um homem.

Um arrepio perpassa minha coluna quando ele segura meus ombros por trás. O calor que seu corpo irradia me deixa quente, sacode algo dentro de mim como se um vento forte soprasse tudo. Fecho os olhos e solto um suspiro longo, o cheiro dele a me invadir, a levar meus pensamentos para outra realidade.

Relaxo, sinto a sua mão direita deslizando do meu ombro até minha nuca,

afastando meus cabelos como uma leve brisa morna de verão em um leve balanço que desencadeia um espasmo nas paredes internas da minha boceta. Em seguida, sinto a aspereza da barba no meu pescoço enquanto sua mão retorna ainda mais firme ao meu ombro. Estremeço, os pelos do corpo se eriçam, sinto os mamilos duros contra o tecido fino do pijama, minhas coxas se contraem, um delicioso calor se espalha sobre mim e, ao mesmo tempo, me faz arrepiar.

— Seu cheiro... — Raffaello sussurra, quase gemendo. Sinto-o se aproximar, as mãos me apertam mais, porém não se mexem. — Seu perfume é sexy pra caralho!

Ele aspira profundamente em minha nuca, seu corpo cola no meu, e o sinto tremendo tanto quanto eu. Sua pele está levemente úmida, um suor frio a cobre, porém parece ferver.

Tento permanecer lúcida, dizer a mim mesma que isso é loucura, que o desejar é maluquice e que o deixar me tocar da forma com que está fazendo agora é um caminho sem volta, mas o corpo dele no meu subverte qualquer lógica.

Inclino-me para trás e gemo baixinho. Minha bunda encosta em suas coxas, seu pênis duro pulsa contra minha lombar. Rebolar contra ele é algo sobre o que eu não tenho mais controle, meu corpo simplesmente obedece aos estímulos dessa química louca que temos. Nossas peles falam, nossos corpos parecem se entender, é uma sensação maravilhosa de algo que se encaixa. Não estou fazendo referência a nada além do carnal, é sexo, é tesão e desejo. Ele e eu somos compatíveis sexualmente, e nossos corpos perceberam isso antes mesmo de se encostarem. Ao menos é assim que tento me iludir com o que me resta de racionalidade.

A mão dele, do meu ombro esquerdo, vai para minha nuca, e seus dedos invadem meus cabelos, os fios sendo entremeados nos vãos, enroscados,

puxados, até que minha cabeça vai para trás, deixando o caminho livre para sua boca atacar minha orelha.

Ouçõ sua respiração no meu ouvido, forte, desesperada. A excitação dele é palpável, o tesão vibra entre nós. Estremeço e gemo quando sua língua, quente, macia e molhada, contorna minha orelha até chegar ao lóbulo, que ele suga com a cadência que eu penso que usaria se estivesse sugando meu clitóris.

Minhas pernas se fecham mais, meu sexo pulsa, e sinto a calcinha completamente encharcada. Meu abdômen se contrai quando ele aperta meu seio direito com força e, quando alivia o aperto, roça meu mamilo com o polegar, circulando-o, movendo-o para baixo e para cima, enquanto os outros dedos acariciam e apertam.

— Eu não consigo me conter com você. — Respira fundo. — Deveria, isso tudo é muito errado, mas eu não consigo.

Sua confissão traz um toque de lucidez em meio à nevoa da paixão que nubla minha mente.

— Raffaello...

— Você me atrai como uma chama, me hipnotiza, me tira do eixo... Eu não confio em você, não acredito em tudo o que diz, mas não consigo resistir.

Abro a boca para pedir que ele me solte, mas, antes que consiga articular qualquer palavra, ele me vira e me arrasta até a parede. Respiramos juntos, nossos corpos tremem, aquecem e se alimentam um do outro. O seu tesão aumenta o meu, e parece acontecer a mesma coisa com o dele.

Encaro-o, meus olhos fixos nos seus, escuros como a noite, a pele morena ressaltada pela minha, em um contraste lindo. Raffaello ergue minhas mãos acima da cabeça e as segura contra a parede. Gemo quando ele se esfrega contra meu corpo, de baixo para cima, fazendo seu pau resvalar em meu sexo com força.

Ele não usa nada por baixo do short de algodão, sei disso pelo balanço de seu membro a cada vez que se espreme entre minhas coxas e depois sai. A necessidade em mim acelera a ponto de eu já ir ao encontro do seu movimento e me erguer o quanto posso para não perder o contato.

Acabo perdendo o equilíbrio, e ele me segura firme antes que eu caia, mas não impede que eu encoste no vaso em cima do aparador ao nosso lado. O barulho do objeto se partindo parece ser de uma bomba estourando, ecoando pelo silêncio da noite.

De certa forma, isso faz não só com que despertemos do transe sexual no qual estávamos, como nos dá a dimensão da loucura que vivemos nesses minutos.

A porta do quarto de Tomás está aberta, a do dele e a do meu também, sem contar que Ida está no final do corredor, no quarto dos fundos.

Acabo de me dar conta disso quando a porta do quarto dela faz barulho. Raffaello arregala os olhos, olha para seu pênis esticando a frente do short de maneira indiscutível e se apressa para entrar em seu próprio quarto.

— Quem está aí? — Ida pergunta.

— Sou eu, Ida. — Abaixo-me para pegar os pedaços da porcelana partida e para me acalmar e deixar passar o tesão interrompido. — Tomás acordou, eu vim vê-lo, mas não liguei a luz do corredor e acabei derrubando o vaso.

— Ah, se machucou? — Ela parece preocupada, e minha consciência pesa.

— Não, está tudo bem. — Levanto-me com os cacos na mão. — Já recolhi a maior parte, mas...

Ida liga a luz do corredor, e eu preciso fechar os olhos com força diante da claridade.

— O que houve com você?

Gelo diante da pergunta, imaginando o motivo pelo qual sua voz soa tão

preocupada. Viro-me para o espelho acima do aparador do corredor onde estava o vaso e arregalo os olhos ao ver meu pescoço, orelha e colo completamente vermelhos. Os cabelos parecem um ninho de ratos, e meu rosto, uma pimenta malagueta bem madura.

Putá merda!

Não sei o que responder a ela, mas, por sorte, é Ida quem me salva.

— Alguma coisa deve ter lhe causado alergia! — conclui. — Sua pele é muito sensível, pode ter sido algo lá do vinhedo.

Respiro fundo, aliviada e culpada.

— Provavelmente! — Ela termina de catar os cacos no chão e pega os que estão em minhas mãos. — Eu vou tomar um banho e passar uma pomada.

— Faça isso! Amanhã você acorda novinha em folha.

Sorrio, mas por dentro quero me estapear. Como eu pude me deixar envolver assim com Raffaello? Como é possível que ele consiga tirar meu juízo dessa forma? O homem nem gosta de mim, ele mesmo disse!

Arranco o pijama bufando de raiva e ligo o chuveiro, porém, assim que removo a calcinha e vejo quão úmida ele me deixou, não tenho outro pensamento a não ser trazer alívio à fome que despertou em meu corpo.

Gozo no banho pensando nele, em seus toques, e reprimo a vontade de atravessar o corredor e o mandar fazer o serviço completo.

Porra, ele nem me beijou!



Ainda tento controlar meus batimentos cardíacos, encostado na porta de madeira fechada dentro do meu quarto. Respiro fundo, mas o perfume de Sol, o mesmo que me tira do sério, é aspirado cada vez que puxo o ar e impede minha ereção de ir embora.

Estou insatisfeito, puto, excitado, arrependido e... não, porra, não estou arrependido! *Foda!* Bufo e saio do estado de letargia mental causado pelo intenso tesão que experimentei há pouco. O que essa mulher tem que me tira tanto do eixo? Será que foi por isso que meu irmão...

Merda!

Só de lembrar que ela pode estar dizendo a verdade e que realmente teve um relacionamento amoroso com meu irmão faz com que eu me sinta um canalha, filho da puta e traidor.

Não sei lidar com essa situação! Esqueço completamente quem ela é, com quem ela esteve relacionada quando estamos juntos. Eu só consigo reagir ao tesão que sinto, à vontade de conhecer seu corpo, de ter o seu prazer em minha boca, em minhas mãos, e dividir com ela essas sensações que pairam

sobre nós e que parecem nos impulsionar um para o outro.

É assim desde que a vi, ao longe, na rua principal da cidade, e hoje à noite se intensificou de uma forma incontrollável. Eu consegui resistir ao meu próprio corpo e minha vontade quando a encontrei na cozinha. Não foi fácil, mas tentei me manter longe e controlar os pensamentos.

O pijama delineava todo seu corpo esguio, mas cheio de curvas nos locais certos. Entrei na cozinha, e ela estava de costas, não me ouviu, então fiquei parado feito um tarado voyeur apenas a observando, decorando suas formas, imaginando como seria tocar suas pernas, a bunda gostosa, as costas que pareciam firmes, e já estava excitado feito um garanhão.

Ela se virou para me encarar, e o que percebi me deixou sem ação por um momento. Sol também parecia excitada. O ar da cozinha mudou, minha pele parecia estar fervente, meu pau, já duro como pedra, pulsava descontrolado.

Tive que reunir todas as minhas forças – e pensar em coisas bem broxantes – para poder cumprimentá-la. Trocamos algumas palavras, e, quando me aproximei, ela se encolheu tanto para se afastar que temi ter entendido errado as vibrações, o clima entre nós.

Afastei-me, enchi a caneca de café, tentei focar em qualquer outro lugar que não fosse nela e, para me trazer à realidade da situação na qual estávamos, do motivo pelo qual ela estava na cozinha, perguntei se seu filho já estava dormindo.

— Já, ele dorme cedo e hoje estava cansado, brincou muito.

Sim, ele tinha brincado. Abri um sorriso ao me lembrar do moleque correndo nos fundos da casa, brincando com a mãe e Ida enquanto as duas cuidavam da horta.

Eu não queria ter espionado, mas estava na parte mais alta do galpão de produção e os vi do escritório do Gleyson.

— Eu sei, eu vi... — respondi e caí na besteira de olhá-la de soslaio,

engasgando-me com a visão do seu rabo perfeito naquele maldito shortinho.
— Puta que pariu!

Desviei os olhos rapidamente, meu pau enfurecido, o coração disparado, o desejo me queimando por inteiro.

— Você se queimou? — Sol pareceu preocupada e se aproximou, fazendo ser impossível que eu mantivesse o controle. — Quer um pouco de água ou...

Porra, por quê? Por que justo ela?

Segurei-a pelo braço e disparei:

— Você amava meu irmão? — a ideia era apenas retê-la até que me respondesse, mas o simples toque em sua pele acendeu uma fogueira dentro de mim. Tentei voltar à razão e questionei novamente: — Amava?

— Muito! — a resposta não era a que eu queria ouvir, principalmente por estar a encarando e não ver mentira em seus olhos e expressão. Sim, ela o amava.

— E ele? Amava você? — Senti-me um canalha por perguntar isso, procurando motivos para justificar meu erro por querê-la, mesmo sabendo que ela era dele.

Nunca competi com meu irmão em nada! Sempre aceitei, mesmo magoado com nosso avô, a preferência de Don Genaro pelo neto mais velho, nunca o odiei ou guardei mágoa, muito menos o invejei por isso.

Naquele maldito momento, eu o invejei pela primeira vez na vida.

Por causa dela!

— Eu acho que sim — respondeu, mas a vi titubear. A incerteza brilhava junto às lágrimas em seus olhos.

Ela “acha”?, pensei comigo, percebendo que ela não tinha certeza e que isso significava que ele nunca lhe havia dito. Franzi a testa, achando estranho, pois meu irmão nunca foi de esconder o que sentia.

— Acha? — inquiri, e ela assentiu. — Se ele te amasse, você não teria

dúvidas, Sol. Peppe nunca foi de esconder o que sentia de ninguém, principalmente da pessoa com quem ele estava envolvido. Eu já o vi apaixonado algumas vezes, e, em todas elas, ele não deixou dúvidas.

Assim que acabei de dizer isso, arrependi-me. Senti-me como se estivesse julgando meu irmão, jogando-a contra ele, e isso era uma traição enorme.

Não era que eu achasse que estivesse falando mentiras, pelo contrário. Eu conhecia bem o meu irmão, acompanhei vários relacionamentos dele e, em todos, sabia quando ele estava apaixonado e quando a paixão acabava. Peppe prezava demais pela honestidade com suas parceiras, então, se ele estivesse apaixonado, se ele a amasse, ela saberia com certeza.

Se ele sentisse por ela o mesmo tesão que eu, não ficaria dúvidas.

— Eu não posso falar dos sentimentos dele, Raffaello, apenas dos meus.
— Não escutei direito o que ela falava, concentrado demais olhando minha mão mexer em seu braço, o atrito das nossas peles e a forma como ela reagia a meu toque. — Éramos amigos, confidentes, e eu o achava incrível...

Não havia nenhuma dúvida também de que ela e eu tínhamos uma química surpreendente, perfeita!

— Ele fazia sua pele arrepiar desse jeito também? — falei automaticamente, sem pensar, enfeitiçado por seus pelos arrepiados. — Você reagia a ele como reage a mim?

— Acho que é melhor eu subir para o meu quarto. — Ela tentou recuar, mas não se afastou de mim. — Ao que parece, você bebeu e...

Sim, eu havia bebido a porra da tarde toda, mexido com as coisas que aconteceram naquele dia: a conversa com ela no vinhedo, a certeza de que ela não conhecia tão bem o meu irmão como dizia e, depois, a emoção compartilhada com o pequeno Tomás na sala e a descoberta de que ela sabia da importância dos bonecos colecionáveis, coisa que quase ninguém sabia. Bebi, tomei cinco garrafas inteiras do vinho da casa – que não era de todo ruim, mas precisava

de ajuda para ser melhor – ao longo da tarde e da noite.

Entretanto, não era por isso que eu estava fazendo todas aquelas perguntas a ela. Era somente porque não dava mais para negar o tesão.

— Eu não estou bêbado, Sol. — Ri, cheio de amargura, desejando que fosse tão simples. — Queria estar e usar essa desculpa, mas estou sóbrio. Algumas garrafas de vinho não me derrubam, sou resistente, então não tenho desculpa para essa canalhice toda. — Olhei para minha mão, já próxima da sua. — Eu não tenho direito de tocar você. Primeiro, porque não tive liberdade para isso, e, claro, por Peppe. — A simples menção do nome do meu irmão me trouxe de volta à realidade, e eu decidi controlar aquela porra toda que estava acontecendo comigo. — Principalmente por Peppe.

— O que está acontecendo?

Porra, ela ainda precisa perguntar?, pensei puto e ri de mim mesmo. Talvez estivesse bêbado demais mesmo, imaginando coisas e... Olhei para a pele dela novamente, seus mamilos duros, excitados contra o pijama. *Não, não imaginei!*

Mesmo assim, não era certo.

— Peço desculpas mais uma vez. Você tem razão, deve ter sido a bebida.

— Boa noite, Raffaello.

Ela passou por mim, o perfume delicioso me provocou, debochou da minha falta de controle e da covardia por ter deixado que ela se fosse. Xinguei, dei um pontapé no armário e saí de casa.

Andei no escuro, a lua alta no céu, até me cansar. Voltei para casa já de madrugada. Tudo estava calmo e silencioso. Tomei um banho, coloquei meu short para dormir, mas, antes que eu me deitasse, ouvi o chamado desesperado de Tomás e fui correndo para o corredor.

Fiquei parado à porta do quarto do menino, reticente, sem saber se deveria entrar para saber o que estava acontecendo ou se deveria acordar sua mãe. A

simples ideia de ir ao quarto dela...

Não precisei, pois ela apareceu apressada, esbarrou em mim, fazendo meu corpo todo acender como luzes de Natal e depois toda nossa situação ficou ainda mais confusa.

Ligo o chuveiro apenas com água fria, disposto a arrancar os pensamentos sobre ela da minha cabeça. O que aconteceu há pouco não pode voltar a acontecer, embora eu queira muito. Eu devo respeitá-la, respeitar o relacionamento que teve com meu irmão – se isso for verdade – e me livrar desse tesão todo.

Gemo apenas em pensar no tesão, ainda evidente na minha ereção. Ficamos sarrando feito dois adolescentes virgens, nem mesmo nos beijamos ou nos tocamos sem as roupas. Só roçadas safadas e mãos bobas!

Madonna santa! Rio e seguro meu pau pronto para agir, mais uma vez, feito um guri de 12 anos.

Bem-vindo de volta a 1997!



— Bom dia! — cumprimento Ida na cozinha.

— Bom dia!

Ela coloca o bule com café na mesa, e vejo apenas uma xícara.

— Sou o primeiro a acordar?

Idalina ri e nega.

— É o último!

Franzo a testa e olho para o relógio da cozinha, conferindo que ainda são 8h da manhã. Sol e Tomás costumam acordar bem mais tarde que isso, bem depois de mim. É verdade que eu não acordei cedo como de costume,

demorei demais a dormir depois de ter gozado em praticamente todos os azulejos do boxe.

O volume de porra acumulada me impressionou!

— Sol e Tomás foram para a cidade. Acabaram de sair — Idalina me dá a informação que eu queria sem que precise perguntar. — Foram visitar o amiguinho do Tomás, neto do doutor Casillo.

Neto?

— Filho de qual deles?

— André, o caçula.

Ah, sim! Amália disse que Sol e a cunhada são amigas.

— Eu não sabia que ele tinha um filho. — Sento-me à mesa. — É da idade de Tomás?

— Não, um pouco mais novo. Preparei lanches, porque, ao que parece, é uma festa tipo piquenique que as crianças vão fazer hoje. — Ela me oferece um sanduíche, provavelmente sobra do que preparou, mas eu nego.

— É aniversário ou...

— Não, acho que é uma festinha no parque, ou algo assim. — Ela ri. — A moça é um amor e faz uma torta que é minha perdição.

Tomo meu café em silêncio, com o pensamento de que é melhor que ela fique fora de casa por umas horas, talvez até seja suficiente para aplacar a loucura que foi ontem.

Tenho coisas a resolver hoje com Gleyson, além de ter que ligar para a França, coisa que não fiz ontem depois que falei com Arthur ao telefone. Estava tão confuso com tudo que, simplesmente, pedi a ele que providenciasse o DNA em tempo recorde, que parasse de enrolar.

— Vou entrar em contato com ela para pedir que faça o exame, mas, se ela se negar, teremos que entrar com um pedido judicial, e aí as coisas vão ser demoradas — Arthur explicou.

— Se ela se negar, eu já terei a resposta.

— Pode ser, mas ela pode se negar se ficar ofendida ou algo assim. Já vi acontecer. De qualquer forma, você terá seu exame, mas se lembre de que temos prazo para iniciar o inventário, e que ele está se esgotando.

— Caso não o façamos no prazo, o que acontece?

— Muita. Pode parecer bobagem, mas, depois que você vir o montante que se paga para o governo apenas para tomar posse do que é seu, não vai querer dar mais dinheiro.

Bufei de raiva.

— Temos como mudar o inventário caso o DNA dê negativo?

— Temos, sim, claro!

Fiquei mais aliviado com essa resposta e pedi a ele que desse início ao inventário judicial. Caso se provasse que Tomás não era filho de Peppe, ele disse que poderia cancelar a ação e fazer no cartório, que era mais rápido.

— Mas isso tem que ser rápido, por isso vou agilizar a questão do exame, fique tranquilo.

Depois da conversa, acabei indo para o escritório do Gleyson a fim de falar sobre as entrevistas do pessoal para a colheita e acabei me esquecendo de ligar para a vinícola na França. Isso é algo que preciso resolver, pois já era para eu estar voltando e não vou poder fazer isso até que o exame de DNA saia.

Uma questão surge e quase faz com que eu me engasgue com o café. Estamos falando de DNA desde que descobri sobre a criança, mas em nenhum momento os advogados me explicaram como se fará esse exame. Eles precisarão exumar o corpo do meu irmão ou dá para se fazer de outra forma?

Levanto-me de repente, o que chama a atenção da Ida.

— O que foi? — indaga assustada.

— Preciso falar com o Arthur! — Pegando o celular no meu bolso e saio da cozinha para o pátio. O telefone chama até cair na caixa postal. *Merda!* Deixo o recado: — Arthur, ligue para mim, surgiu uma dúvida e gostaria de conversar.

A ideia de tirar meu irmão de seu túmulo, de seu descanso eterno, e submetê-lo a técnicos que, não sei como, irão pegar seu DNA, é macabra demais. Eu não gostaria de fazer isso!

Fico agitado, o pensamento incômodo não sai da minha cabeça, então decido ir até a cidade para falar pessoalmente com Arthur.

Antes de entrar no carro, No entanto, Gleyson me chama.

— Precisamos resolver umas coisas antes de contratar o pessoal.

Respiro fundo.

— Eu vou até a cidade, mas já estou voltando.

Ele percebe minha agitação e me pergunta se estou bem.

Rio, sem saber o que responder, pois me sinto meio louco nesses dias com tudo o que está acontecendo.

— Don Genaro deve estar incomodado que eu esteja em suas terras, então não tem me dado sossego também. — Gleyson arregala os olhos, e eu começo a rir. — Não, não estou vendo fantasmas, fique tranquilo!

Despeço-me dele e concluo que o que me assombra não é um fantasma, mas sim alguém bem vivo, de cabelos vermelhos flamejantes, corpo sensual e um cheiro que enche minha boca d'água.

Piso no freio, lembrando-me de que ela está na cidade com Tomás, local para onde estou indo. Rio de mim mesmo ao perceber que não preciso ir até o Arthur para resolver a dúvida que tenho, posso muito bem esperar que ele me ligue de volta.

— Patético, Raffaello! — falo comigo mesmo, voltando a dirigir rumo à cidade. — Você só arranjou desculpa para ir atrás dela!

Patético!



Ter que sair de casa cedo, sem me encontrar com Raffaello, foi um alívio! Mal dormi à noite pensando em tudo o que aconteceu e cheguei à firme decisão de que nada mais poderia haver entre nós dois.

É loucura, insanidade pura me envolver com ele!

A experiência que tivemos juntos naquele corredor escuro foi o ápice de toda a tensão sexual que pairava entre nós desde que nos conhecemos. Nunca foi assim com ninguém, e ter acontecido exatamente com ele é apavorante.

Sei que o fato de ter tido Peppe na minha vida irá freá-lo e que, por isso, será mais fácil de mantermos a cabeça no lugar quando tivermos que conviver. Ontem não pensamos, mas agora, com tudo mais claro, é mais fácil ver o caminho certo a se tomar, e, certamente, não é a cama dele.

Sinto um frio na barriga só em pensar nisso, mas tento não me concentrar nessa imagem mental. É hora de ter juízo, lembrar-me de todas as promessas que fiz por amor, por dever ou apenas por consciência pesada. Todas! Não importa as circunstâncias nas quais foram feitas, todas são válidas, e vou honrar cada uma delas.

— Tudo bem? — Sara me pergunta preocupada.

Decido parar de viajar nos meus pensamentos e me concentrar na tarefa de arrumar a pequena mesa de armar que ela colocou em um cantinho na praça, debaixo das árvores.

— Tudo, estava criando a imagem da mesa na cabeça para poder decorá-la. — Coloco um pequeno arranjo floral que fiz. — Esse piquenique foi uma ideia ótima para um sábado de manhã.

Ela sorri orgulhosa.

— Eu sei, por isso queria tanto realizá-lo! É importante que as crianças tenham um tempo juntas mesmo fora da escola e experimentem comida saudável quando estão fora de casa.

Sim, concordo com ela. A iniciativa foi ótima, e várias mães da cidade abraçaram a causa. Cada uma contribuiu com os lanches, todos o mais saudáveis possível, nada de comida rápida, tudo caseiro e delicioso.

Ida fez questão de preparar o lanchinho que Tomás trouxe, sanduíches feitos com pão que ela mesma fez, com fermentação natural, queijo branco que comprou de um produtor local e tomatinhos da horta.

Na mesa principal, além dos lanches, têm muitas frutas, sucos diversos todos naturais e água. Nada de açúcar, enlatados, gorduras e conservantes. Sorrio vendo a pracinha cheia, as crianças brincando com balões de gás hélio pendurados em seus punhos.

A ideia foi incrível, devo admitir.

Assim que cheguei com o Tomás, ele recebeu o balão com o nome dele escrito bem grande e legível. Mesmo de onde estou consigo ver o balão indo de um lado para o outro, assim como outras mães. A cidade é pequena, mas atrai muitos turistas por estar na rota dos vinhos, então todo cuidado é pouco.

— Bom dia! — Arthur Casillo me cumprimenta com um sorriso. — Isso aqui está uma loucura hoje. — Ri e olha em volta. — Mas é uma loucura

boa!

— Sua cunhada é uma mulher muito especial.

Ele assente.

— Meu irmão é um homem inteligente. — Pisca quando eu balanço a cabeça por ele estar dando o crédito ao irmão. — É um evento muito bacana. Mesmo pequeno, consegue trazer mais pessoas para a área comercial e movimentar as vendas.

Assinto, vendo o lado frio e prático da coisa.

— Quer um suco? — ofereço-lhe, e ele aceita.

— Pode ser esse de abacaxi. — Ri de novo. — Não sei se crianças gostam de abacaxi; eu detestava.

— Detestava a fruta ou colocou na cabeça que não gostava antes de experimentar? — indago divertida quando ele faz careta, dando a resposta sem precisar falar. — Imaginei!

Sirvo um copo de suco de abacaxi com hortelã e aponto para o sobrinho dele, que completou dois anos há pouco tempo.

— Felipe cresceu desde a última vez que o vi.

— Sim, eu disse isso essa semana para o meu irmão quando ele o levou ao escritório. — Suspira. — Quando as crianças crescem, aí nós vemos que estamos envelhecendo.

Franzo o cenho, encarando-o, procurando por algum indício de que ele está velho e acabado; não tem. Arthur não deve ter nem 40 anos e já está filosofando sobre a passagem do tempo.

— Não vejo a passagem do tempo como algo ruim. Tudo tem seu tempo, já fomos crianças, agora eles são. É um ciclo de renovação, e isso me deixa feliz.

— Você é jovem, apesar de já ser mãe. — Olho-o mais uma vez, sem entender o que tem a ver uma coisa com a outra. — Como estão as coisas na

vinícola? Já conheceu seu cunhado, pelo que sei.

Cunhado.

A palavra pesa em mim como se fosse puro chumbo.

— Creio que o doutor saiba como estão as coisas — sou direta. — Ele quer um exame de DNA para comprovar que Tomás é um Ferrero e disse que o advogado dele, que deve ser você, entraria em contato.

Arthur arregala os olhos.

— Não foi por isso que me aproximei de você hoje.

Viro-me de frente para ele a fim de olhar bem em seu rosto.

— Pode marcar o exame, doutor. — Arthur parece surpreso, e eu avalio que ele também deve ter dúvidas acerca da paternidade de meu filho. — Minha intenção não é atrapalhar qualquer plano de Raffaello com sua herança.

Ele assente e sorri.

— Eu não pensei que fosse, Sol. — O advogado bebe seu suco. — Mas, de verdade, quando me aproximei, nem me lembrava dessas questões todas. Vim apenas porque queria conversar com você. A última vez foi há meses e muito rápido, quando tomamos um café na *Trattoria* da Sara. — Concordo, lembrando-me de que o achei muito simpático na ocasião. — Eu nem sabia que seu filho era neto de Don Genaro.

— Nunca vi necessidade de anunciar isso pela cidade — sou sincera. — Eu não estava a par de todas as famílias daqui ainda, mal saí da vinícola durante o tempo em que permaneci na cidade. Só soube que sua família tratava dos assuntos legais da empresa e de Don Genaro quando ele estava no hospital, já morrendo.

— Pois é, nós nunca conversamos com tanta intimidade para que você me contasse que era viúva de Peppe, embora Sara e André soubessem disso desde o começo.

Sorrio sem jeito e dou de ombros.

— Não sou *oficialmente* uma viúva. Não éramos casados.

— Mas viviam juntos, e isso foi reconhecido, pelo que sei, por isso o registro de Tomás com o nome de Peppe mesmo *post mortem*.

Sim, ele tem razão. Para fazermos o registro, precisei provar que eu e Peppe vivíamos juntos. Não foi difícil fazermos isso, meu irmão ajudou bastante na época, contratou um advogado bom que conhecia e tudo foi feito conforme a lei exigia.

Don Genaro achou que isso era suficiente, além de ter certeza de que Tomás era um Ferrero desde que o pegou nos braços. Pensei que ele pediria o exame de DNA, mas não o fez.

Suspiro, cansada demais de toda essa situação, desejando que fosse diferente, que não houvesse nenhuma herança e que eu pudesse viver tranquilamente com meu filho.

— Desculpe se a entristeci com essa história. — Arthur toca meu ombro. — Não foi minha intenção.

— Está tudo bem. — Forço um sorriso. — Eu não posso mudar o que aconteceu, mas juro que gostaria.

— Eu entendo. — Ele fica um tempo olhando para o copo em sua mão. — Já se passaram três anos, você não pensa em seguir em frente...? — Olho-o, sem entender aonde quer chegar. — Quer dizer... você é jovem, linda, poderia ter o homem que quisesse...

Já não consigo mais processar as palavras dele, tamanho espanto com o rumo do assunto. Arthur Casillo está sondando minha vida pessoal para saber se eu tive, tenho ou pretendo ter outro homem? Meu coração dispara com o medo de não saber qual o propósito de sua intromissão na minha intimidade sem eu nunca ter lhe dado nenhuma abertura para isso.

Ele é advogado do Raffaello, pode muito bem estar colhendo informações

que poderão, de alguma forma, ser usadas contra mim em momento propício. Afinal, qual outro interesse ele teria?

— Arthur!

A voz de Raffaello me faz virar rapidamente em sua direção. Vejo-o caminhando a passos largos para onde estamos, o advogado e eu, seu corpo se movimentando com segurança, seu porte chamando a atenção de todas as mulheres, solteiras ou não, próximas ao caminho por onde ele passa.

Meu coração dispara, as mãos ficam suadas, a pele parece vibrar ou – não sei descrever – ser atraída por ele. É como eletrostática a química que temos, faz-me tremer, agita tudo dentro de mim, mesmo que eu não queira.

— Bom dia — ele me cumprimenta rápido, sem tirar os óculos de sol e volta sua atenção ao advogado. — Preciso tirar uma dúvida contigo. Liguei, mas não atendia e...

— Hoje é sábado, Raffa — a voz do advogado demonstra insatisfação por estar sendo incomodado em um dia em que não trabalha, mas não foco nisso, mas tão somente no jeito que ele chamou Raffaello.

Raffa! Sorrio involuntariamente, achando que o apelido o deixa mais descontraído. Raffaello é um nome muito grande, muito italiano, muito formal. Eu gosto de pensar nele como Raffa... principalmente se pensar nessa madrugada.

Balanço a cabeça e afasto o pensamento inoportuno.

— Não vai demorar. Podemos tomar um café na *gelateria* e...

— Amália não pode ajudar? — Arthur tenta se esquivar, e vejo a mão de Raffaello se fechar. — Tenho certeza de que ela irá gostar de ajudar você hoje, num sábado.

Amália? Puxo uma imagem para esse nome e então me lembro da morena de olhos azuis que é cunhada de Sara. *O pesadelo de Sara!* Apesar de seu jeito frio e – sim, eu tomei ranço por ela pelo modo com que trata a cunhada

— esnobe, ela é uma belíssima mulher, moderna, bem-vestida, sofisticada e refinada.

Olho para o homem à minha frente, vestido com roupas de grife famosa, mesmo sendo casuais, óculos caríssimos e relógio que deve ser quase do preço de um carro popular. *Sim, eles combinam!*, penso desanimada.

Amália é o tipo de mulher que atrai o playboy dos vinhos, o tipo com quem ele era fotografado para as revistas chiques da Europa. Relembro minha própria roupa, um vestido de algodão leve, solto e meio hippie e começo a rir.

Nem com *hippie chic* eu chegaria aos pés das beldades que o acompanhavam!

— Disse alguma coisa engraçada? — Raffaello pergunta, encarando-me.

— Não. — Paro de rir e fico constrangida. — Desculpa, eu estava prestando atenção em outra coisa. — Aponto para as crianças. — Vou deixar vocês conversarem a sós.

Raffaello entra na minha frente.

— Eu já estava de saída — informa. — Arthur já deixou bem claro que está de folga hoje e que não pode me atender.

— Raffa... — Arthur tenta falar, mas Raffaello não deixa, levantando a mão para impedir o advogado de seguir com seu argumento.

Mesmo com os óculos, posso sentir a intensidade do olhar dele. Respiro fundo para manter o controle e não demonstrar o quanto a sua simples presença mexe comigo.

— Aproveitem o dia — embora fale no plural, olha só para mim. — Eu não vou mais atrapalhar a diversão de vocês.

Ergo uma sobrancelha, sem entender do que ele está falando, mas sem nenhuma disposição para perguntar, apenas sorrio e agradeço. Ele parece ficar ainda mais tenso com minha reação, puxa o ar com vontade e, sem nenhuma palavra de despedida, volta pelo caminho de onde veio.

— Não entendi o motivo de ele estar tão tenso — Arthur comenta. — Eu sei que ele quer logo ir embora do país, voltar para a França e para sua vida glamurosa de vinhos e modelos. — Ri. — Mas eu não tenho culpa se os planos dele foram frustrados assim que descobrimos o testamento.

Arregalo os olhos, sem entender.

— Testamento?

Agora quem parece confuso é Arthur.

— Sim, o testamento que Don Genaro fez antes de morrer, no qual deixa 25% dos bens para seu filho. — Fico ainda mais confusa, e ele parece perceber. — Você não sabia que, além dos 50% que Tomás tem direito, o bisavô também deixou mais 25% que tinha disponível para testar?

Fico lívida, sinto-me gelar como se todo o sangue parasse de circular no meu corpo. Eu não fazia ideia de que Don Genaro tinha deixado um testamento, muito menos de que tinha legado algo para Tomás.

Olho de novo na direção por onde Raffaello seguiu e agora entendo o que ele está sentindo, o motivo pelo qual ficou tão furioso quando descobriu que tinha um sobrinho. Não foi por apenas ter que dividir a herança com meu filho, foi porque praticamente ficou sem nada.

Um novo Gran Reserva!

A voz dele, magoada, volta à minha memória, e eu tento entender por que seu avô fez isso.



Marcho puto até o carro, bufando, fervendo, odiando a mim mesmo por ter feito papel de trouxa. Eu sei muito bem por que vim até a cidade, e não tem nada a ver com dúvidas sobre DNA, afinal, eu poderia as ter tirado a qualquer momento, não tinha tanta pressa.

Eu vim atrás dela!, sento-me no banco do motorista com a constatação que me deixa surpreso e receoso ao mesmo tempo. Eu nunca corri atrás de mulher e não vou começar agora e, principalmente, não com ela!

Respiro fundo, arrependido pela atitude estranha que tive ao vê-la conversar com Arthur em clima descontraído. Ela serviu um copo de suco para ele, com um sorriso, depois os dois conversaram, isolados de todos, debaixo de umas árvores.

Pude notar que ela estava vendo Tomás de onde estava, mas que não parava de conversar com o advogado – que, por sinal, nem deveria estar falando com ela enquanto não resolvêssemos essa pendenga da prova de paternidade – e não parecia nem um pouco tensa, nervosa ou desconfortável, como fica quando trocamos meia dúzia de palavras.

Essa madrugada ela não estava nada disso com você!, minha consciência acusa. As lembranças da noite me fazem gemer de vontade, e soco o volante do carro.

— Porra, caralho, parece que nunca viu mulher na vida! Se concentra, Raffaello!

Sol Palmeira pode ser astuta, pode muito bem estar usando de joguinhos comigo e o advogado. Eu não sei se a história que ele disse, de que ela aceitou fazer o exame, é verdade ou se ela o engambelou. *Idiota!* Arthur estava praticamente babando em cima dela, eu via perfeitamente em sua postura, em seu jeito de olhá-la, parecia um cãozinho em busca de um afago.

Talvez eu deva deixar Amália como advogada principal dos meus assuntos. Arthur não me parece mais ser a pessoa indicada para, caso seja necessário, brigar com Sol.

Amália...

Lembro-me da insinuação de Arthur e me pergunto se ela contou algo sobre nossa noite de sexo para o irmão. Não gostei nem um pouco de ter minha vida privada sendo usada contra mim com ironia, ainda mais na frente de Sol.

Não que a opinião dela me importe, claro que não é isso. Contudo, ela pode muito bem tentar me prejudicar com algo e... começo a rir, achando a desculpa mais ridícula do que Arthur arrastando a bunda atrás da ruiva carioca.

Eu não gostei de ele ter insinuado que eu gostaria de ver Amália, muito menos gostei da falta de reação de Sol ao que ele disse. *Nada!* Parecia que ela não tinha notado a malícia com que Arthur disse isso e, mesmo que eu não espere que ela sinta ciúmes – ciúmes! –, deveria ter, pelo menos, alguma curiosidade sobre o motivo pelo qual o advogado falou daquela forma, afinal, estive em uma situação bem íntima comigo no corredor da...

— *Você amava meu irmão?*

— *Muito!*

A lembrança dessa pergunta simples me faz parar o pensamento, e sinto um frio na barriga. Será que, na noite passada, o modo como o corpo dela se encaixou no meu, o jeito como se entregou às carícias, os gemidos baixos, eram para Peppe? Será que ela estava vendo em mim o homem que amava e por isso aqueles simples toques foram absurdamente foda?

Reservado!

Fecho os olhos e tento não pensar nisso. Não me importa! O que aconteceu entre mim e ela não voltará a acontecer, ainda mais sob essas circunstâncias. Eu nunca quis o lugar do meu irmão em nada, nunca me senti em competição com ele. Embora a forma como fomos criados tivesse proporcionado isso, nunca senti ciúmes ou quis ter o que ele tinha, não vou começar agora.

Ligo o carro e abandono a cidade, voltando para a vinícola, ainda arrependido por minha atitude impensada de ter ido até lá. Nunca fui impulsivo, ninguém pode me acusar disso, muito menos pensei com a cabeça do pau ao invés de usar a certa. No entanto, aquela mulher me tira do centro e consegue me fazer ter reações imprevisíveis.

Sol Palmeira não é uma mulher com quem eu possa me envolver sexualmente. Ela é praticamente – e supostamente – minha cunhada, a mãe do meu sobrinho. Além de tudo, há algo nela que me desconcerta como nenhuma outra o fez, que mexe com meu jeito reservado – e até esnobe – de encarar as relações. Eu nunca corri atrás de mulher nenhuma, e não é agora, aos 35 anos, que vou começar a fazê-lo.

Estaciono o carro no pátio de pedra em frente à casa, ligo para meus empregadores para deixá-los a par de minha situação e caminho até o escritório de Gleyson a fim de ajudá-lo com o que estava fazendo. Ainda vou

ter que ficar um tempo por aqui até essa situação toda da herança ser resolvida. O pessoal da Lisblanc não recebeu bem essa notícia, mas meu nome, a carreira que eu criei e o trabalho que fiz até agora fizeram com que concordassem em esperar mais tempo pela minha volta.

A cada dia aqui no Brasil, arrisco mais a minha carreira. Sempre tem gente nova ascendendo, tomando espaço, e quem não se estabilizou no mercado corre grandes chances de se frustrar. Sempre tive o lema de que a maior dificuldade, em qualquer carreira, não é alcançar o topo, o sucesso, mas permanecer nele. No momento, eu sou o enólogo da moda, o queridinho, o playboy de gosto apurado e ideias modernas, mas isso tudo pode ser passado caso eu fique enterrado aqui.

Bato à porta do escritório do gerente de campo da Don Ferrero, e Gleyson me recebe parecendo aliviado por me ver.

— Já estava ligando para você.

Percebo o nervosismo em sua voz.

— O que houve?

— Minha mãe sofreu uma queda e precisou ser internada, vai passar por cirurgia, e Glauco, meu irmão mais novo, embarcou ontem para um intercâmbio fora do país.

— Você precisa estar lá com ela? — Ele assente. — Pode ir, eu posso receber o pessoal que está à procura de trabalho na vindima e...

— Não é só isso. — Gleyson parece nervoso. — Sou eu quem assumiu o processo também. — Arregalo os olhos. — Com a morte de seu avô e a situação indefinida da vinícola, eu não pensei em contratar o pessoal da produção.

Levanto a mão pedindo para que ele me dê um tempo, afinal, essa é uma notícia que me pegou desprevenido. Não temos equipe? Já não temos pessoal para a vindima, apenas os trabalhadores de campo – meia dúzia de homens –

que ficam com Gleyson inspecionando os vinhedos, cuidando da adubação e irrigação. Agora ele me diz que não temos uma equipe de produção na adega?

Putá que pariu!

— Não temos gerente de cave? — Gleyson nega. — Enólogo? — Outro sinal negativo com a cabeça. — Você deve estar de sacanagem comigo! E a vindima passada, como vocês fizeram?

— Seu avô dispensou todo mundo e condenou o vinho. — Sento-me estupefato. — Foi vendido em tonéis para uma fábrica de bebidas que faz cooler, sangrias e...

Meu coração se aperta ao ouvir isso.

— Tão ruim estava a qualidade?

Gleyson parece sem graça.

— Tivemos alguns problemas de julgamento e...

Rio, imaginando o que aconteceu.

— Don Genaro interferiu no trabalho do enólogo e azedou toda a produção. — Gleyson não responde. — Típico dele, sempre quis fazer isso, e, pelo que eu me lembre, papai era quem não deixava.

— Ele alegava que os pais dele sempre produziram vinho sem nenhum estudo, só pela tradição trazida de seus antepassados.

Ponho a mão na cabeça, sem saber o que dizer, e o pior, sem saber como agir.

— Como está a qualidade da uva?

Gleyson sorri pela primeira vez desde que cheguei ao seu escritório.

— Estava boa na vindima anterior, mas nessa tenho certeza de que estará perfeita.

Olho-o surpreso.

— Por quê? Olha essa bagunça toda! — Aponto para os campos lá

embaixo. — Você nem tem equipe para cuidar dessa quantidade de vinhas.

Ele cruza os braços, e seu sorriso parece ainda mais satisfeito.

— Fizemos um planejamento de cultivo para esse ano de modo a reduzir recursos naturais e de pessoal. A organização, bem como os produtos que usamos e, claro, a ajuda do clima com chuvas e temperatura ideais formam um cenário promissor para a próxima colheita.

— *Fizemos?* — Olho em volta. — Você e mais quem, Gleyson? Meu avô já demonstrou que, além de teimoso, deveria estar senil e...

— Sol Palmeira ajudou. — Ele ri quando vê minha expressão de espanto. — Ela é formada em agronomia também, sabia? Trabalha com ervas e produtos naturais e não tem muita experiência com viticultura, mas sabe tratar o solo como ninguém. — Gleyson pega uma pasta e me entrega. — Demoramos semanas fazendo isso tudo, sabendo das dificuldades financeiras da vinícola e que Don Genaro não estava em condições de ajudar. Ela estudou, consultou professores, falou com outros viticultores, e traçamos esse planejamento aí.

Passo folha por folha, admirado, vendo o potencial das escolhas e decisões que eles fizeram. As vinhas são antigas, o que, por si, já diminui muito a produtividade, mas percebo que eles não focaram na quantidade de uva que iriam obter, mas sim na qualidade de cada casta, de cada indivíduo, de acordo com suas características.

Em minhas mãos vejo um trabalho de engenharia completo voltado para a viticultura, e uma energia potente se espalha pelo meu corpo. *Admiração!* Não só pelo trabalho do Gleyson, levando este lugar praticamente nas costas, mas pelo trabalho dela, pelo esforço para entender a arte da família cujo sobrenome seu filho carrega.

— Conseguiu executar esse projeto? — Gleyson assente. — O que falta agora é uma equipe para a adega?

— Quando seu avô faleceu e soube que você viria, achei que poderia contar com sua experiência nisso.

Bufo.

— Gleyson, eu não voltei para me envolver com a Don Ferrero, só para vendê-la e voltar para a Europa, onde é meu lugar.

Ele dá de ombros.

— Como a vinícola está agora, principalmente com os registros da última vindima, ela não está valendo muito. — Ele se senta ao meu lado. — Eu sei que o dinheiro disso aqui para você é irrelevante e que não se importa com a história deste lugar, não o vê como um lar. A Don Ferrero é umas das mais antigas aqui, do Vale dos Vinhedos, e, sinceramente, vendê-la no estado em que se encontra é um atentado a toda a história desta região.

Sou obrigado a concordar com Gleyson. O planejamento feito e executado por ele durante todo esse ano pode render bons frutos e, conseqüentemente, bons vinhos e apagar os erros cometidos por Don Genaro ao longo dos anos. A Don Ferrero só precisa de alguém que consiga extrair o máximo de sabor de cada uva.

Respiro fundo e balanço a cabeça.

— Vou assumir isso. — Gleyson apoia a mão no meu ombro. — Preciso de um bom gerente de cave que já possa indicar uma equipe para trabalhar conosco na adega. Vou ter que confiar nele, porque eu não tenho acompanhado nada aqui no Brasil sobre a produção e...

— Não se preocupe, vou ajudá-lo a achar. — Ele pega uma mochila. — Vou resolver o assunto da internação e cirurgia de minha mãe o mais rápido que puder, mas preciso de alguém para ficar com ela no hospital.

— Idalina. — Ele concorda. — É sua tia, irmã dela, é perfeito.

— Sim, ela está nervosa desde que contei o que havia acontecido, mas você a conhece, parece que tem o umbigo enterrado aqui na Don Ferrero.

— Vou conversar com ela e deixar claro que, se quiser ir, não haverá problema para mim.

— Ela tem medo de que você contrate outra pessoa. — Gleyson ri. — Sol vem insistindo para que ela aceite ajuda na faxina, mas ela nega constantemente, e o pior, se ofende.

Levanto-me.

— Vou resolver isso, não se preocupe. — Entrego a pasta para ele. — Vamos dar um fim digno à Don Ferrero. Vai ser trabalhoso, mas acredito que iremos conseguir.

— Eu tenho certeza.

Ele me estende a mão, e eu a aperto, selando nossa parceria, torcendo para que eu não me arrependa disso. Não voltei para erguer esta casa, apenas para me livrar dela, mas sinto que preciso salvar um pouco de sua dignidade, pelo meu irmão, principalmente. Corro um grande risco, eu sei, porque este lugar é cheio de lembranças de uma época da minha vida em que eu era feliz.

Não me tornei enólogo à toa, foi graças a este lugar, aos vinhos que, mesmo criança, degustava com meu irmão; aos conhecimentos que adquiri na cave, observando todo o processo; ao meu pai, que era um ótimo negociador e entendia tudo que o mercado parecia querer.

Devo parte do que sou a este lugar, por isso não posso deixá-lo morrer indigente, preciso ajudá-lo a recobrar seu nome e prestígio. Só espero que não seja um erro e que custe tudo o que conquistei com anos de trabalho e estudos na Europa.

Penso no trabalho que Gleyson e Sol fizeram juntos e no cultivo orgânico que ela começou aqui. Aquela mulher me surpreende a cada nova faceta descoberta, ainda que eu não entenda sua motivação ou mesmo confie nela.

Sol Palmeira é como um *puzzle*, e a cada peça colocada no lugar certo, mais um pouco da imagem completa se mostra. Resta saber se o resultado

será belo ou feio.



Tomás parece pesar como chumbo em meus braços enquanto o carrego em meu colo dormindo. O garotinho brincou tanto que, assim que se sentou em sua cadeirinha, adormeceu pesado. Tentei acordá-lo para que chegasse à casa e tomasse um banho, mas a tarefa se mostrou impossível.

Ele está suado e um pouco melado, mas dorme tão tranquilo que sinto meu coração doer só de pensar em o acordar.

Entro pela cozinha e estranho o local todo escuro. Por causa do peso do *chumbinho* que carrego, nem tento acender as luzes, apenas descalço os sapatos e sigo para o andar de cima, onde ficam os quartos.

O silêncio e a escuridão da casa me deixam aflita, porque isso é algo totalmente incomum para Idalina. A governanta da Don Ferrero sempre deixa um abajur ligado pelas áreas de circulação da casa, e, principalmente, na cozinha, o fogão a lenha sempre permanece aceso, e o cheiro de café recém-passado está constantemente no ar.

Por sorte eu já conheço bem o caminho até o primeiro andar e todos os obstáculos que encontrarei nele. Não acendo a luz do quarto de Tomás, apenas o deito na cama, descalço seus tênis e o cubro com sua manta.

Também me sinto tão moída quanto o meu pequeno, por isso, assim que entro no meu quarto, vou direto para o banheiro. No banho, enquanto a água morna relaxa meus músculos, penso no dia maravilhoso que Sara e as outras mães proporcionaram às crianças.

A diversão durou o dia inteiro, parando apenas com intervalos para lanches e atividades. Eu trabalhei ajudando na organização o tempo todo, mas confesso que minha cabeça não estava concentrada no evento.

A descoberta de que existe um testamento que concede a Tomás a maior parte dos bens de Don Genaro me desconcertou, principalmente porque ele nunca disse nada sobre esse assunto. Tento entender o motivo pelo qual o avô de Peppe faria isso com o outro neto, deixando-o com uma parcela mínima, e isso não se encaixa na imagem que eu tenho do homem idoso.

Ele sempre falou do neto enólogo, e eu achava que ele tinha orgulho do que o irmão caçula de Peppe conquistou. Pensava que Don Genaro gostaria que Raffaello voltasse para o Brasil a fim de ajudá-lo na vinícola, principalmente depois dos fiascos dos últimos anos.

Ao que parece, julguei tudo errado.

Raffaello é o herdeiro ideal para tocar a atividade. É da área, tem conhecimento e nome para levantar a vinícola, então, fazia todo o sentido que ele iria assumir, mesmo que de longe, a empresa familiar.

Eu deveria ter imaginado que algo não estava certo quando Don Genaro me fez prometer que Tomás cresceria na propriedade! Ele deveria saber que Raffaello voltaria com intenção de vender a vinícola, por isso me encurralou desse jeito e, talvez, por isso tenha deixado a maior parte dela para Tomás.

Quando Raffaello chegou, eu pensei que queria vender porque não se importava com este lugar, por ter passado anos distante e que visava apenas o dinheiro da venda. Talvez tenha me enganado nisso também.

É provável que ele não se sinta no direito de ficar aqui porque tem a

consciência de que o avô não queria que permanecesse. Peppe era o favorito, o primeiro neto, o herdeiro. Eu não via nenhum problema de o irmão mais velho ter sido tratado assim, pois imaginava que Raffaello era quem não queria se envolver com os assuntos da vinícola por ter uma carreira de sucesso na Europa.

Percebo que não! Ele foi descartado, esquecido e agora está assumindo algo que julga não lhe pertencer. A voz magoada naquele dia no parreiral orgânico me diz muita coisa agora. O fato de o avô ter regalado mais do que a lei dispunha a meu filho foi como um lembrete de que ele continua não sendo bem-vindo.

Tomás é o novo Gran Reserva de Don Genaro!

Encosto a cabeça no boxe e sinto lágrimas quentes rolarem pela minha face. Eu não tinha ideia daquilo em que estava me metendo, ninguém tinha, nem dos danos que tudo iria causar. Toda ação gera reação, meus pais sempre disseram isso, e eu ignorei; o amor era tanto que eu ignorei.

— Eu gostaria de ter dito não e de, agora, não estar causando tanta dor, a mim mesma e a outras pessoas — falo baixinho, como se ele pudesse me ouvir. — Eu sei que a intenção foi boa, mas nós não deveríamos nunca ter feito isso!

Demoro mais alguns minutos debaixo d'água, tentando que ela limpe meus pensamentos e minha alma, e só então, depois de colocar um vestido leve, vou à procura de respostas para o silêncio e a escuridão da casa.

— Ida? — Bato à porta de seu quarto, mas não responde.

Nunca entro no quarto dela sem que me convide, mas a preocupação me faz abrir a porta, com medo de que algo possa ter lhe acontecido. Respiro aliviada ao ver o cômodo vazio, mas continuo intrigada.

Desço, acendendo as luzes e a chamando, porém, não tenho resposta. Encho uma chaleira de água e a ponho no fogo a fim de fazer café e esperar

que ela apareça. Confiro as horas; ainda é cedo, embora já tenha escurecido.

Pego meu celular e respondo algumas mensagens. Mando recado para Luna contando um pouco do que aconteceu, pedindo a ela para me ligar quando puder. Sinto falta de conversar com minha irmã, mas, por causa da transformação da nossa loja em uma franquia, ela está sobrecarregada, e trocamos poucas palavras por dia.

Rio ao ver uma foto do papai e da mamãe meditando com monges.

“Estou com saudades de vocês. Divirtam-se!”

Mando a mensagem, mas não espero resposta, pois geralmente eles demoram a ver. Encontro Babi online e fico trocando mensagens com minha amiga, que mora na Espanha, rindo de suas histórias loucas.

A água do café ferve, e eu a derramo no coador enquanto ouço uma *playlist* no aplicativo de música, cantarolando baixinho uma música antiga, sentindo o cheiro maravilhoso se espalhar pela cozinha, transmitindo a mesma sensação de aconchego que sempre senti neste cômodo.

Eu gosto muito de Moonchild, e uma das minhas músicas preferidas é *Cure*, então começo a cantar, esperando o café esfriar. Danço devagarinho. Adoro a melodia, o clima da música, a mensagem dela.

*I can show you that love is the cure for heartaches...*⁵

Dou uma voltinha, quadris soltos, estalos os polegares com os dedos médios, olhos fechados, aproveitando o momento de relaxamento e descontração. Sorrio, balanço a cabeça e os ombros, a tensão deixando meu corpo, o cansaço indo embora devagar, o cheiro do café e de carvalho no ar... abro os olhos.

— Não pare por minha causa — Raffaello fala achando graça. — O cheiro do café me atraiu.

Relaxo do susto inicial e rio.

— Por que você sempre tem que me surpreender na cozinha? —

pergunto, e ele dá de ombros. — Cheguei há pouco e não tinha ninguém em casa. Você sabe alguma coisa sobre Idalina?

Raffaello se aproxima, xícara na mão, e se serve de um pouco de café.

— Ela vai passar um tempo fora, com a irmã. — Ele me encara. — A mãe do Gleyson sofreu um acidente e quebrou o fêmur, Ida vai ficar com ela.

Arregalo os olhos.

— Mas ela está bem? — Ele assente. — Por um momento, quando cheguei e não a vi, achei que tivesse lhe acontecido algo. Idalina nunca se afasta da casa!

— Eu sei, acredite, não foi fácil convencê-la de que tudo por aqui iria ficar bem. Ela estava preocupada com a irmã, mas, ao mesmo tempo, estava temerosa em não estar aqui para cuidar da casa.

Acredito nele, eu mesma já tentei fazê-la tirar férias ou mesmo ter ajuda, mas nunca aceitou.

— Como você a convenceu?

Ele ergue as sobrancelhas e sorri malicioso. Minha pele se arrepia em reação, meu ventre se contrai.

— Poderia dizer que tenho talento especial em convencer uma mulher, mas a verdade é que prometi a ela que nós dois cuidaríamos juntos da casa e de Tomás.

Arregalo os olhos.

— Nós dois? — Ele faz que sim com a cabeça. — Eu dou conta de...

Raffaello se aproxima, e eu me engasgo.

— Sol, Gleyson me contou a situação da vinícola e o que houve com a produção de vinhos. — Respiro fundo, sentindo-me um tanto culpada por não ter podido fazer nada na ocasião. — Ele me mostrou também o plano que vocês traçaram para aproveitar ao máximo os frutos da próxima vindima. — Retenho o fôlego para saber o que ele vai dizer sobre isso. — Vocês foram

muito inteligentes e fizeram um belo planejamento, mas, infelizmente, ter boas frutas, mas não ter gente para trabalhar o vinho é um problema.

Concordo com ele, aliviada por ele ter gostado do trabalho que eu e Gleyson fizemos desde a colheita retrasada, quando a coisa começou a sair do controle, e a produção, a não ser aproveitada para bons vinhos.

Todavia, é a mais pura verdade ele dizer que um bom cultivo não é o suficiente para se ter uma boa bebida. A vinícola está sem pessoal de produção há algum tempo, e os últimos profissionais não tiveram o pulso firme necessário para lidar com as ideias – nem sempre sábias – do dono da vinícola.

— É necessário contratar pessoas.

— Sim, eu me dispus a montar a equipe da adega.

A notícia é surpreendente, porque ele chegou aqui disposto a se livrar da vinícola e voltar para a Europa, parecia não querer nada com a propriedade e agora está querendo ajudar. Fico feliz e tensa ao mesmo tempo, porque, se Raffaello ficar, pode ser um problema de muitas maneiras para mim, mas certamente é uma solução para reerguermos a Don Ferrero.

— Obrigada! — agradeço sinceramente.

— Não precisa disso, este lugar também é meu, embora em pequena escala.

Baixo os olhos, e meu coração dói.

— Eu não sabia disso — confesso sem encará-lo. — Não sabia que ele tinha feito um testamento.

Raffaello não responde, mas sinto seu olhar sobre mim. Olho-o e vejo ceticismo em seu rosto.

— Ele deixou 75% disso tudo para seu filho e você não sabia?

Nego.

— Não, fiquei sabendo hoje, pelo Arthur. — Raffaello bufa e passa a mão

sobre o cabelo. — Eu não teria concordado caso fosse consultada, acredite. Não sei se tem como eu abrir mão disso, porque sou só a representante legal, mas, se puder, eu o farei.

Ele parece surpreso.

— Por que você faria isso? — Ele ri e cruza os braços, irônico.

Olho dentro dos seus olhos.

— Porque não é justo com você. — O sorriso arrogante morre. — Don Genaro era bisavó de Tomás, mas era seu avô também. Não acho certo o que ele fez favorecendo apenas um lado.

A mandíbula de Raffaello se contrai, ele parece incomodado e, então, diz:

— Eu não me importo, era a vontade dele que Peppe assumisse tudo isso, nunca estive incluído em seus planos.

É, parece que ele tem razão sobre isso, mas, ainda assim, não acho justo.

— Peppe não está mais aqui para assumir nada — sou direta e vejo a dor em seus olhos. — Você está, e, sinceramente, é o mais capacitado para reerguer este lugar, que é tão cheio de potencial.

Raffaello ri e nega.

— Não quero isso. Minha intenção é melhorar a imagem da vinícola para que possamos vendê-la bem. — Ele põe a caneca na bancada e me encara. — Não sou e não quero ser substituto de meu irmão em nada.

As palavras, cheias de mais sentidos do que somente a propriedade, batem forte em mim, e eu concordo com ele.

— Ninguém quer que você seja, Raffaello — digo baixinho, sem olhar para ele, constrangida porque não estou falando apenas da vinícola. — Peppe sempre vai estar presente neste lugar e em nossas lembranças, mas ele já não está mais conosco. — Raffaello ergue minha cabeça, apoiando meu queixo com sua mão. — Cabe a nós dois agora o trabalho de tentar manter este lugar para o filho dele e... — engulo em seco — para os seus.

— Arthur está interessado em você — ele muda o assunto, e eu franzo a testa, sem entender. — Por que não reconstruiu sua vida, Sol? Você é jovem, linda, por que ainda está sozinha?

Sorrio, pois a pergunta é simples.

— Minha prioridade é meu filho. — Ele se aproxima mais, e meu corpo todo parece vibrar. — E ninguém me interessou antes e...

— Agora está? — ele me interrompe.

— O quê?

Ele sorri.

— Você disse que ninguém te interessou *antes*. Agora está interessada em alguém?

Meu coração dispara assustadoramente, porque, sim, eu estou, mas como dizer isso a ele? Como arcar com todas as consequências desse envolvimento sem que isso me faça sofrer mais tarde as consequências do que fiz até agora? *É loucura, Sol!*, minha consciência me aconselha, mas algo dentro de mim ignora qualquer pensamento racional.

— Eu não sou ele, Sol — Raffaello continua. — Eu nunca quis o que era dele, nunca o invejei por nada, mas agora, sem direito nenhum, eu quero. — Ele acaricia meu rosto, e eu fecho os olhos. — Não queria querer, mas isso não muda nada.

— Eu sei... — balbucio. — Eu também não queria, mas quero.

Escuto-o gemer, algo entre prazer e dor, e o calor dos seus braços me envolve toda. Sinto a pressão do seu abraço, o tremor de seus músculos, as batidas fortes de seu coração.

Seu cheiro me inebria, transporta-me para um lugar sensual e confortável, acende meu desejo de um jeito absurdo. A barba de Raffaello arranha meu rosto quando ele se aproxima mais. Nossos narizes se encostam, sinto a respiração dele em mim, junto à minha, e antecipo o prazer de ter seus lábios

sobre os meus.

O beijo vem macio, saboroso, devagar. Lábios que vão conhecendo os meus, descobrindo meu sabor, irradiando através da minha boca, várias promessas de êxtase. Entrego-me, meus lábios se abrem, recebendo os dele, a textura macia, a saliva carregada de café, a língua morna que roça na minha. Eu deliro, aperto-me a ele, busco-o como se não pudesse me sustentar sem seu apoio. Meu corpo inteiro pulsa de tesão por ele.

Suas mãos apertam meu rosto enquanto aprofunda o beijo, devorando-me esfomeado, respirando forte, gemendo como se meu sabor fosse uma iguaria rara. Raffaello me pega pela cintura e me carrega até a mesa de madeira maciça, no centro da cozinha, e me senta sobre ela, encaixando-se entre minhas pernas. Sua boca se afasta da minha apenas para beijar todo o meu pescoço, causando-me arrepios da cabeça aos pés, fazendo-me gemer alto e segurar seus cabelos com força.

Há muito não me sinto assim, nunca tive essas sensações que ele me causa. Quero gritar, quero arrancar suas roupas e tocá-lo por inteiro, quero que ele me preencha até o máximo que pode e me faça sua até estarmos exaustos. Meu desejo é urgente, embora ele não pareça ter pressa.

Suas mãos apertam minhas coxas, o vestido já embolado na minha cintura e sua boca avançando pelo meu colo. Reclino-me e apoio as mãos no tampo da mesa. Abro os olhos e encontro os dele me fitando intensamente.

— É um caminho sem volta, Sol — avisa, mas suas mãos me impedem de processar o significado. — Se você quiser fazer isso agora, não teremos tempo para lidar com arrependimentos, nem recriminações.

— Eu quero — respondo gemendo, contorcendo-me em cima da mesa, desesperada para sentir seu toque.

— Isso é loucura, você sabe. — Concordo, mas gemo. — Foda-se, então!

Em seguida sua boca habilidosa se fecha sobre meu mamilo por cima do

tecido do vestido e sua mão toca meu sexo por cima da calcinha. Raffaello geme e chupa com mais força, esfregando a mão em mim mais rápido.

Sei que estou molhada, posso sentir minha boceta vibrando, o cheiro do meu desejo no ar e a facilidade com que os dedos dele deslizam sobre o tecido fino da calcinha.

— Isso! — exclamo quando ele afasta a peça íntima, sua pele contra a minha, seu dedo brincando na minha entrada encharcada, colhendo minha lubrificação, banhando-se no meu tesão descaradamente, fazendo-me rir de pura satisfação.

As alças do vestido são baixadas, e meus seios ficam completamente desnudos à sua frente. Novamente o encaro, e o que vejo em seus olhos faz com que eu me sinta a mulher mais desejável que já andou na Terra. Admiração, desejo, loucura, tudo junto em um olhar embevecido pelo que vê.

Toco meu seio direito, acariciando-o.

— Porra... — Raffaello parece sem palavras. — Porra!

Contrariando minhas expectativas, ele se abaixa e, por um momento, não entendo o que pretende. *Mas só por um momento mesmo!* Antes que eu possa perguntar o que ele fará, sinto-o lambe minhas panturrilhas, deixando um rastro molhado enquanto sobe para minha coxa.

Abro a boca em busca de mais ar, jogo a cabeça para trás, meus dedos ainda brincam com meu mamilo, mas toda minha atenção está concentrada na sua boca e no que ela faz.

É possível enlouquecer de tesão? Porque, se for, podem garantir minha vaga em algum manicômio.



Não consegui me conter quando Sol se tocou na minha frente!

Estava tentando ir devagar, sem afobação, embora a urgência estivesse gritando dentro de mim – ainda está –, mas bastou que ela se mostrasse para mim daquele jeito, tocando seus peitos perfeitos, brincando com seus mamilos rosados com um sorriso para eu perder completamente o controle e sentir sede.

Sim, eu senti sede, e a única coisa que poderia matá-la era o corpo dela. Precisava beber o seu desejo, chupá-la até ouvi-la gritar meu nome em desespero, lambê-la até que urrasse de prazer – o que ainda estou fazendo.

O cheiro da sua pele parece me viciar, aumentando em níveis inimagináveis a minha vontade. Aperto suas coxas e as saboreio com os lábios, língua e dentes. O cheiro da sua boceta pingando de tesão, como já constatei com meu dedo, atraindo-me diretamente para o meio de suas pernas, mas ainda consigo manter um resquício de perversidade; mesmo louco para abocanhá-la toda, apenas vou lambendo sua virilha.

Sol se deita sobre o tampo da mesa onde a coloquei, e aproveito o melhor

acesso e arreganho suas pernas, dando-me a visão privilegiada de sua boceta exposta pela calcinha de lado.

A peça impede que eu a veja toda, então enfio a mão por baixo de sua bunda. Meu pau pula feito um touro na cueca quando sinto suas nádegas, e puxo a peça íntima sem nenhuma delicadeza a ponto de ouvir o tecido se rasgando. Tiro-a toda do seu corpo, mas não a jogo no chão. Gosto do cheiro dela, e a calcinha molhada está completamente perfumada com todas as notas aromáticas de uma mulher cheia de tesão.

Aspiro forte esse perfume antes de a colocar no meu bolso, então paro um momento apenas para contemplar a perfeição à minha frente. Sorrio, tocando-a devagar, solenemente, desfrutando de sua pele arrepiada de prazer. Suas coxas são firmes como eu imaginei, mostrando que, em algum momento, ela pratica exercícios. Sua boceta é exatamente como eu imaginei e, ao mesmo tempo, muito melhor.

Eu ficava pensando nos pelos dela, se seriam tão ruivos quanto seus cabelos, mas, ao que parece, ela não vai me deixar descobrir isso. É tudo branco e rosado, como uma mistura clássica de morango e chantili. Boceta carnuda, de lábios contornados em tons do rosa mais claro até – abro-a um pouco para conferir e sorrio – o vermelho brilhante.

Não resisto mais e coloco a língua bem no centro daquele botão de rosa perfeito. Minhas papilas gustativas tão treinadas para sentir todas as nuances de sabores da uva são agraciadas pelo gosto de mulher. Gemo, adorando, e fecho a boca para comê-la como merece.

Seguro firme seus quadris e a faço rebolar enquanto a sugo com força. Mamo o seu clitóris, recebendo em troca gritos extasiados e puxadas de cabelo, forçando-me a ir mais e mais. Relaxo a pressão, ela faz um muxoxo, que dura pouco, pois logo ataco seus lábios íntimos, fazendo-os vibrarem com a ponta da minha língua.

Puxo-a mais para a borda da mesa e enfio minha cabeça por baixo, alcançando seu rabo perfeito, lambendo seu cuzinho devagar. Quando está bem molhado, reteso minha língua para que ela o penetre e fico aqui, abrindo-o lentamente, segurando meu pau com força – ainda contido pela roupa –, controlando-me para não gozar na calça feito um guri.

Ergo-me e faço o mesmo com as pernas dela. Sorrio, aparecendo entre suas coxas para o alto, pisco um olho, e Sol gargalha, apontando para baixo.

— Peça! — provoco-a.

Ela ergue a sobrancelha.

— Continua a me chupar, Raffaello!

Sua voz autoritária, seu rosto sério, seus olhos nublados de desejo são os estímulos necessários que preciso para voltar à minha tarefa deliciosa. Não sou delicado com ela, não mais, esfrego minha língua, toda para fora, do seu cu até o clitóris e então o chupo com vontade.

— Ah... isso... — Sol resfolega.

Os gritos de prazer, os espasmos em seus músculos me aceleram a tal ponto que não tomo conhecimento de como tirei a roupa toda, mas só me dou conta de que estou nu quando sinto a ponta do meu pau deslizando no charco entre as pernas dela.

— Vem... — Sol implora, contorcendo-se sobre a mesa, ainda à mercê do orgasmo. — Vem, Raffa!

O apelido me faz sorrir, mas me contenho. Acaricio meu pau devagar, o sangue correndo dentro das veias, por baixo da pele fina e quente. Sinto-o pulsar, latejar, a cabeça vermelha e inchada brilhando com o gozo dela.

— Não tenho camisinha — falo puto, entredentes.

Sol se ergue, olha para mim e geme ao me devorar com os olhos.

— Você tem tatuagens! — Ela toca meu ombro e desliza a mão até o cotovelo. — Eu nunca poderia imaginar isso.

Sua mão continua a me explorar todo, deslizando pelos músculos do meu abdômen, voltando para tocar meu peito, excitando meus mamilos, para depois tornar a descer.

— Você está me torturando! — resmungo, e ela faz um biquinho.

Não resisto e a beijo, dividindo com ela o seu próprio prazer.

— Quero você dentro de mim... — ela geme ainda em meus lábios.

— Eu sei — lamento. — Mas não tenho nenhuma aqui comigo e não acho seguro fazermos isso sem proteção, eu nunca faço sem.

Ela concorda e olha para minha mão, esfolando meu pau feito um adolescente.

— Você quer gozar? — pergunta toda safada e se afasta.

Rio e paro de me masturbar.

— Desesperadamente!

Ela morde o lábio.

— Precisa de ajuda?

Gargalho. Ela só pode estar brincando! Se eu espirrar aqui, o gozo já sai junto. Não preciso de ajuda, mas gostaria de uns estímulos.

— O que você pode fazer para me aliviar? — brinco.

Eu esperava tudo, menos o que ela faz!

Sol se apoia no tampo e abre as pernas, os calcanhares na borda da mesa. Ela desliza a mão por seu abdômen até chegar em sua boceta, esfrega-a devagar, encharca os dedos e depois os estende em minha direção.

Inclino-me para frente e chupo seus dedos, o gozo fazendo minhas bolas tremerem. Ela volta a se tocar, safada, dando prazer a si mesma enquanto eu me masturbo.

— Vem aqui! — chamo-a, mas ela não se move, massageando seu clitóris freneticamente. — Vem agora!

Puxo-a para o chão, e Sol se ajoelha à minha frente, recebendo-me na

boca. O prazer é tão foda que sinto o corpo todo se retesar. Trinco os dentes para me controlar e a deixo foder meu pau com a boca um pouco.

— Vou daqui direto para uma farmácia! — informo-lhe ofegante.

Sol ri e me olha, ajoelhada, o vestido em sua cintura, a pele toda vermelha por onde eu beijei e toquei, sua boca fechada em volta do meu pau. *Putá que pariu, não dá mais!*

Puxo-a para longe pelos cabelos e em seguida derramo todo meu leite em seus peitos. Tremo inteiro, coração acelerado tal qual se tivesse corrido uma maratona, suor frio e cabeça rodando.

Fecho os olhos, busco ar e equilíbrio e, quando os abro, vejo-a sorrir, suja com minha porra, tirar o vestido e ficar ali, nua, gloriosamente nua na minha frente.

— Farmácia!

Ela gargalha.



— Ora, ora, quem é vivo...

Viro-me para cumprimentar Amália e a vejo olhar curiosa para a cestinha de plástico em minha mão. O arquear da sobrancelha é suficiente para eu saber que ela viu, junto às aspirinas e desodorante, os pacotes de camisinha e o lubrificante.

— Boa noite! — cumprimento-a.

Ela me fita, curiosidade brilhando em seus olhos, mas dá um sorriso.

— Programando uma festinha? Espero ser convidada!

Não tenho culpa se minha mente fértil já a imagina na cama comigo e com a Sol, porém, no mesmo instante rejeito a ideia. O que acontece entre

mim e Sol só pertence a nós dois, ninguém mais precisa saber ou participar, mesmo porque ainda teremos que lidar com todas as outras coisas pendentes que temos.

Sim, foi uma foda – ou quase, né? – épica, mas não anula todas as dúvidas que tenho acerca do relacionamento dela com meu irmão, nem sobre a paternidade de Tomás ou do motivo pelo qual Peppe nunca falou dela.

Está tudo como antes, embora tudo tenha mudado.

— Precaução. É sempre bom estar prevenido, não é?

Ela concorda e abre a boca para falar algo, mas o caixa me chama.

Aproveito a deixa, pago pelas coisas que comprei e me despeço dela com um aceno. Não quero alongar o assunto e nem ficar de conversa aqui na farmácia, preciso voltar para casa urgentemente para terminar algo inacabado.

Dirijo sorrindo, satisfeito – parcialmente – com a ideia de passar a noite toda trepando com a Sol. Às vezes, durante essa excitação toda, bate-me uma dor na consciência ao me lembrar de quem ela é e o que pode ter representado na vida do meu irmão, mas sempre a ignoro.

Em algum momento terei que digerir isso tudo, mas não agora. Por enquanto quero explorar essa atração louca, essa química perfeita pela mulher que entrou na minha vida inesperadamente.

Estaciono o carro e, pasmem, só de olhar a casa, meu pau já fica duro. Entro praticamente correndo e subo as escadas para o segundo piso. A porta do quarto dela está fechada, então bato, porém não responde.

— Sol — chamo-a baixinho, com medo de acordar Tomás, que dorme ao lado.

A porta do quarto do garoto se abre.

— Tomás está passando mal. — Seu rosto, cheio de preocupação, faz com que eu vá rápido até ela. — Acordou dizendo que estava com dor na

barriga e vomitou muito.

— Está com febre?

Ela nega, e eu me sinto mais aliviado.

— Foi algo que comeu na festinha ou talvez por ter brincado ao sol o dia todo — continua, dando de ombros. — De qualquer forma, preciso ficar aqui com ele para ver a evolução disso. Se for só um mal-estar, amanhã ele acordará novinho em folha.

Lá se foi a noite inteira de trepada!, penso, mas sorrio e a abraço.

— Fique com seu filho. — Falo em seu ouvido depois: — Comprei camisinhas o suficiente para um ano inteiro de sexo!

Ela ri, e eu a beijo.

Sol suspira.

— Vamos mesmo fazer isso? — Não entendo a pergunta, e ela esclarece: — Ficar trepando enquanto você estiver aqui no Brasil?

O prolongamento no tempo é um incômodo para mim, não posso negar. Não gosto que essas coisas sejam definidas assim, porque me causam a sensação de compromisso, e não é assim que nos vejo.

— Vamos trepar enquanto estivermos com vontade. Se isso durar até que eu vá embora, que seja, se não, cada um segue sua vida sem arrependimentos ou recriminação. — Ela concorda. — Somos adultos, Sol, e não tem ninguém aqui prometendo nada ou criando ilusões.

— Eu sei. — Sorri. — Eu me preocupo com ele. — Faz sinal para dentro do quarto do filho.

— Seremos discretos — acalmo-a. — Boa noite, espero que amanhã ele acorde cheio de saúde.

Ela ri.

— Eu também! Boa noite!

Não a beijo, embora tenha vontade. Sol tem razão sobre nossa situação.

Temos uma criança em casa – que pode ser meu sobrinho – e precisamos ser discretos para que o guri não crie expectativas ou fique enciumado.

Sinceramente, não sei lidar com isso, porque nunca tive um envolvimento assim, como também nunca senti essa atração toda por alguém, então estou me arriscando. Serei discreto, teremos muito trabalho à frente e, à noite, poderemos relaxar fodendo até perder as forças.

Sorrio.

É um bom quadro!



Depois que Raffaello saiu apressado para a farmácia da cidade, eu voltei ao meu quarto e ao chuveiro. É estranho como a água funciona como uma terapia para mim. Fiquei ali, sentindo os jatos da ducha lavarem meu corpo e analisando tudo o que está acontecendo comigo.

O firme propósito de não me envolver com Raffaello foi, como eu olhava acontecer com a água do banho, por ralo abaixo. Perguntei-me se eu tinha alguma escolha naquela situação toda, se tinha formas de lutar contra minha sina. *Sim, eu acredito em destino!* E, pelo modo como nossa relação está se desenvolvendo, acredito que seja isso. Eu preciso passar por essa experiência por algum motivo.

Estremeci ao pensar que arrisquei tudo o que mais prezo por um momento de prazer, mas, ainda assim, não consigo me sentir arrependida. Foi incrível, algo que nunca senti com ninguém e que sempre imaginei como seria quando ocorresse. Raffaello me faz sentir a mulher mais gostosa desse mundo. O jeito como me olha, a forma como seu corpo estremece apenas ao tocar o meu, e o modo como se dedicou ao meu prazer me fizeram sentir muito

desejável, fatal, poderosa.

Sempre tive boa autoestima, sempre cuidei muito bem de mim e me amei, mas foi ótimo sentir o desespero na carne de outra pessoa, a forma como ele me queria, a urgência e, ao mesmo tempo, o zelo. Ele ter mantido o controle por causa da camisinha foi algo especial, pois a maioria dos homens não pensaria nisso.

Eu não me protejo, nunca gostei de tomar hormônios, e pensei sinceramente em colocar algum tipo de dispositivo que impedisse a gravidez, mas, como nunca surgiu a oportunidade – talvez eu nem a tenha dado a mim mesma – de começar um relacionamento após o parto de Tomás, não vi necessidade de utilizar um método contraceptivo.

Além da gravidez, há riscos de doenças. Ele não me conhece direito, nem eu a ele, e ambos temos experiências sexuais anteriores, então, nada mais justo nos preocupar com a possibilidade de contágio.

Respirei fundo debaixo do chuveiro, abri um sorriso e percebi o quanto meu corpo estava desperto. Sensível, marcado, satisfeito, com aquela languidez maravilhosa de quem foi bem tratada. *Prazer!*, isso era algo que eu não sentia havia muito tempo!

Resolvi deixar de lado as preocupações e apreciar o momento. Ainda não sabia como iria encontrá-lo depois que processasse o que fizemos, afinal, havia Peppe na história, e, pelo que Raffaello me falou, nunca pensou em substituir o irmão em nada ou na vida de ninguém.

Meu coração se contraiu ao pensar nisso. Tudo o que se semeia, colhe-se, e eu tinha plena consciência de que nada permaneceria oculto para sempre. Em algum momento todas as minhas decisões, as minhas promessas estariam prontas para ser colhidas, e eu precisaria lidar com as consequências de cada uma delas.

Fechei os olhos, sentindo antecipadamente a dor que isso poderia me

causar.

— Eu aceito meu destino seja como for — falei olhando minha imagem refletida no espelho. — Minhas escolhas, minha responsabilidade.

Estava escolhendo alguma lingerie sexy – missão ingrata, diga-se de passagem, pois só encontrava coisas confortáveis e nada provocantes – quando escutei Tomás chorando.

Achei que fosse outro pesadelo, mas, assim que entrei em seu quarto, percebi que não era.

— Dói minha barriga, mamãe. — Ele pôs a mão sobre o abdômen. — Dói!

Deitei-me ao seu lado e conferi se eram gases. Descartada essa possibilidade, pensei em preparar um chá digestivo para ele, mas, antes que eu pudesse decidir qual erva usaria, ele disse que estava tonto, e eu soube que iria vomitar.

Levei-o a tempo para o banheiro, auxiliiei-o e o acalmei enquanto colocava tudo o que estava lhe causando o mal-estar para fora, depois o coloquei no chuveiro, dei-lhe um banho morno e o coloquei de volta na cama, com pijama limpo e muito carinho.

Fiz um chá de camomila para ajudar a digestão e o acalmar, e, assim que bebeu tudo, Tomás voltou a dormir. Sorri diante da novidade que era ter um homem esperando para fazer sacanagens comigo a noite toda, mas sendo relegado pelo meu filho.

Prioridades!, pensei, esperando que ele entendesse.

Ah, e ele entendeu, pelo menos pareceu que sim! Gostei de como Raffaello reagiu quando lhe disse o que tinha ocorrido com Tomás. Vi a decepção pelos planos frustrados, mas também a compreensão de que eu sou mãe e que preciso estar ao lado do meu filho quando precisa.

Ele me beijou, tratou-me com um carinho que eu não esperava e que era

perigoso, por isso fui logo perguntando como funcionaria entre nós. Precisava me situar, proteger meu coração e, acima de tudo, resguardar meu filho.

Raffaello é tio de Tomás, embora ainda não acredite nisso. Sempre teremos essa ligação, então tudo precisa ser feito de forma limpa e sincera entre nós. Cartas na mesa, como diria mamãe.

A resposta que ele deu à minha pergunta foi a que imaginei ouvir. Sem promessas, sem expectativas, somente vivendo a experiência que o tesão e a química absurda que temos nos proporcionará. Sem tempo, sem vínculos e com discrição. Não seremos um casal, não andaremos juntos, de mãos dadas, ou compartilharemos coisas simples como cinema ou um passeio qualquer. Não será um namoro, nem mesmo um relacionamento, apenas curtição, e eu tenho que estar nessa mesma sintonia, pois está tudo muito claro.

Sem ilusões!, penso sorrindo, lembrando-me de ontem à noite, esticando-me na cama de Tomás. Abro os olhos, vejo o dia lindo que está lá fora através das vidraças das janelas do quarto e me viro de lado para abraçar meu pequeno.

Sento-me assustada ao perceber que Tomás não está na cama. Com um pulo, levanto-me e vou até o banheiro, mas ele também não está lá. Vou para o meu quarto, mas também não o encontro. Lembro que Ida não está em casa e que aquele moleque pode estar enfiado em qualquer canto deste enorme mausoléu de 15 quartos.

Merda!

— Tomás! — dou um berro, ainda sonolenta, assustada e temendo qualquer coisa ruim, afinal, ele é só um bebê!

Desço as escadas de madeira escutando os degraus rangerem, mas ainda não o avisto na saleta. Passo pela sala de visitas e o chamo novamente.

— Estamos na cozinha!

A voz de Raffaello me faz parar por um segundo antes de sentir alívio por meu filho estar com algum adulto enquanto eu dormia feito uma pedra.

Entro na cozinha disposta a questionar por que não fui acordada e dizer que tomei um susto por não ter visto meu filho no quarto, mas todas as palavras morrem quando vejo Raffaello fazendo panquecas e Tomás rindo e comendo, sentado em sua cadeira preferida, à mesa.

— *Queca* voadora para a mamãe! — ele pede animado, seus olhinhos escuros brilhando.

Raffaello sorri, dá de ombros e faz o que meu menino pede, virando a panqueca no ar e a pegando perfeitamente de volta com a frigideira. Tomás aplaude, e um bolo se instala em minha garganta diante desta cena tão bucólica, tão comercial de margarina.

Não somos uma família... quer dizer, somos, mas não esse “tipo” de família!, obrigo-me a lembrar quando me sento à mesa ao lado de Tomás, e Raffaello me serve uma xícara de café e sua *panqueca voadora*.

— Bom dia! — cumprimento-o. — Ele o acordou ou te encontrou quando acordou e fugiu do quarto?

Raffaello ri.

— Alguém pulou na minha cama bem cedo e disse que estava com fome. — Ele parece divertido com isso. — Amigos também alimentam!

Gargalho imaginando a cena e beijo a cabeça de Tomás, ainda concentrado na panqueca com calda.

— Desculpa por isso — digo a Raffaello quando ele se senta para tomar seu desjejum conosco. — Tomás é confiado demais, e você ainda disse onde dormia.

— Não tem problema, precisava mesmo acordar cedo, tenho que começar a procurar a equipe de adega.

Concordo.

— Eu gostaria de ajudar se não tiver nenhum inconveniente para você.

Ele franze a testa e mastiga um pedaço da panqueca.

— Problema nenhum, você já está envolvida desde que desenvolveu aquele projeto com o Gleyson, além disso... — Raffaello olha Tomás — você é parte interessada também.

Essa confissão me surpreende, não o imaginava aceitando a possibilidade de eu estar dizendo a verdade. Será que a noite passada teve alguma influência no seu julgamento?

— Naquele dia em que nos encontramos na praça, Arthur me disse que você aceitou fazer o exame de DNA. Ele ligou há pouco informando que já providenciou um laboratório — Raffaello comenta, e eu entendo sua mudança de atitude. — Fiquei preocupado em como se daria para que pudéssemos saber sobre a paternidade, mas, como ele me explicou, o que vamos deixar claro é o parentesco. — Concordo, pois já sabia disso. Com Peppe morto, o modo mais fácil de fazer o DNA é comprovando que Raffaello e Tomás são consanguíneos. — Se você não se importar, pedi a ele que marcasse para quinta-feira desta semana.

— Sem problema — digo com sinceridade.

Ele parece sem jeito, come e bebe parecendo agitado, então para, respira fundo e me encara.

— Eu não quis ofender você com esse pedido de exame, mas...

— Eu entendo, Raffaello — interrompo-o. — Não estou ofendida. Estava disposta a fazer assim que Tomás nasceu, mas seu avô não pediu e ainda serviu de testemunha para lavrarmos o registro de nascimento.

— Ele confiava em você — Raffaello conclui.

Eu costumava pensar que sim. Todavia, depois que descobri sobre o testamento, começo a pensar que Don Genaro viu minha gravidez como uma saída para que Raffaello não pusesse as mãos na vinícola sozinho. Talvez ele

não se importasse em deixar a maior parte de sua propriedade para um suposto bisneto, filho de seu neto favorito, ainda que não tivesse total certeza da paternidade, desde que Raffaello não herdasse tudo sozinho.

Um silêncio constrangedor ameaça nos deixar desconfortáveis, mas somos salvos pela inocência de meu filho:

— Mais! — ele pede mostrando seu prato vazio.

Rio e nego.

— Ontem sua barriguinha estava dodói, lembra? — Pego os pratos vazios e os levo para a pia.

— Tia Ida... — Tomás tenta ajuda com sua protetora, ciente de que ela o deixaria comer mais.

— Tia Ida precisou ajudar uma pessoa e ficará uns dias longe. — Os olhos de Tomás se enchem de lágrimas. — Mas ela não vai demorar.

Meu menino, malandro demais já para a idade, olha para Raffaello, sondando se nele terá apoio.

— Estou com sua mãe, guri! — ele diz, levando sua xícara para a pia e se encostando em mim. — Além disso, não quero que passe mal essa noite. — Ele desliza o dedo pelo meu braço e depois olha para trás, para Tomás. — Nada de barriguinha dodói hoje. Mais tarde vou te levar para andar a cavalo, o que acha?

Arregalo os olhos assustada, e Tomás vibra com a novidade.

— Ele ainda é pequeno e...

— Não se preocupe, não vou abusar, mas vi que temos um pônei no estábulo e imaginei que ele foi comprado para Tomás.

Suspiro e concordo.

— Ideia do seu avô. — Dou de ombros. — Ele dizia que todo Ferrero já nasce sabendo cavalgar.

Raffaello ri.

— Isso é exagero, mas Peppe e eu, com a idade de Tomás, já andávamos sozinhos em nossos pôneis. — Ele ri da minha cara preocupada. — Venha conosco; se achar muito arriscado, prometo não incentivar mais.

Acho justo e concordo, ainda assim, a aproximação dele com Tomás me deixa um tanto incomodada.

— Você sabe que não precisa fazer isso, não é?

— Fazer o quê? Ensiná-lo a andar a cavalo? Não é trabalho nenhum, além do mais, posso só incentivar, não ficarei tempo suficiente para vê-lo progredir.

Sim, ele vai embora, e espero que, quando for, não deixe um vazio na vida do meu filho.

Nem na minha.

— Agora preciso ir até a cidade me encontrar com Gleyson. Combinamos de ir até uma cidade próxima onde ele disse que tem um conhecido que quer crescer dentro da vinicultura. Acho que está fazendo enologia e quer trabalhar numa vinícola.

Estranho, pois já temos um enólogo.

— Não vai trabalhar conosco?

Ele não faz uma cara boa e bufa.

— Vou, mas espero que, assim que a vindima terminar, eu possa retornar ao trabalho na Europa. Se ele for um bom gerente de cave, posso passar algum conhecimento prático que nenhuma faculdade lhe ensinará, e, então, mais tarde ele poderá assumir meu posto aqui na Don Ferrero.

É uma boa solução, ainda mais para quem não quer se comprometer.

— Nós ainda precisamos conversar sobre a herança — Raffaello volta a falar. — Eu não tenho como administrar a vinícola de longe, não tenho tempo e, embora haja pessoas qualificadas para isso, acho que a venda ainda é o melhor negócio.

— Eu não sei, Raffaello, seu irmão amava este lugar, e seu avô me pediu para...

Ele põe um dedo sobre minha boca, impedindo-me de continuar.

— Vamos falar disso mais tarde, quando soubermos de todos os pormenores da herança.

Concordo com ele.

— Vou levar Tomás para escovar os dentes e trocar de roupa. — Saio de perto dele e pego meu filho no colo. — Você voltará para o almoço?

Raffaello arregala os olhos.

— Você irá cozinhar? — Assinto, e ele arregala ainda mais seus olhos escuros. — E sabe fazer isso bem? — Aperto os olhos, e ele gargalha. — Aposto que sim, estou provocando. — A expressão dele muda. — Você já me provou que é ótima na cozinha.

Pisca safado e sai, deixando-me parada e vermelha como um pimentão. Olho para a mesa na qual compartilhamos a refeição matinal e me lembro da noite passada.

Eu fui sua comida!

Meu corpo esquenta. Balanço a cabeça para não pensar nisso agora e nem na noite de hoje, cheia de promessas sensuais, e levo Tomás para o andar de cima.



João Hortiz é um homem que me inspirou confiança desde o primeiro contato. Quando Gleyson me levou até uma cidade próxima para conhecê-lo, pensei que era um jovem estudante que queria uma primeira oportunidade, mas acabei me deparando com alguém bem mais velho que eu e que trabalhou a vida toda nos vinhedos.

— A família do João tinha uma pequena vinícola, uma propriedade familiar que produzia vinhos para consumo próprio e vendia as uvas para mercados — Gleyson me contou ainda no caminho enquanto eu dirigia. — Os irmãos mais velhos dele todos quiseram ir para a cidade grande e, quando seus pais faleceram, decidiram vender a propriedade. João se empregou em uma vinícola maior e trabalhou lá de coletor a funcionário de adega.

— Por que saiu? — foi minha pergunta natural, pois, se o homem estava crescendo, por que saíra do emprego?

— Uma grande produtora de vinhos comprou a vinícola e reduziu o pessoal. — Gleyson riu, amargo. — Vinho em escala industrial, jovem, para mercado. Não era necessário manter todos os funcionários, as máquinas

fazem quase tudo hoje.

Balancei a cabeça concordando e, quando conheci o João, percebi a grande bobagem que fizeram ao dispensá-lo e a grande sorte que eu teria por poder trabalhar com ele e lhe ensinar o que sei da parte técnica da arte de construir sabores.

— Por que está estudando enologia? — perguntei a ele depois de duas garrafas de vinho – muito bom, por sinal – que ele mesmo produziu.

— Diploma conta muito nessa área. — Concordei com ele. — Tenho a experiência, mas preciso do papel.

— E agora tem o melhor dos mestres! — Gleyson deu um tapinha nas minhas costas. — O currículo de Raffaello e seus prêmios são de invejar qualquer um!

Fiquei constrangido com isso, mas lisonjeado quando João admitiu acompanhar minha carreira pela internet e que já havia lido vários artigos e entrevistas minhas.

— Veio para assumir a Don Ferrero de vez? Aquele lugar merece ter reconhecimento à sua altura.

Sorri sem jeito e neguei.

— Vim só resolver a questão da herança, depois vou resolver o que fazer.

João olhou para Gleyson, provavelmente questionando o futuro da vinícola, receoso por passar novamente por uma venda como a de seu emprego anterior e perder a oportunidade de ser tonar enólogo.

Eu, apesar de levar em conta tudo o que ele me contou sobre as aquisições das pequenas e médias propriedades pelas grandes e como são tratados os funcionários da casa, pensei em Sol e em Tomás. Aparentemente eu já aceitei a ideia de que o menino é mesmo meu sobrinho. Sol não teria aceitado submeter o filho a um exame à toa, se não tivesse certeza da paternidade.

Não acho que seja o momento de conversarmos sobre o futuro, mas em

alguma hora precisaremos fazer isso. Percebi que ela é resistente à ideia da venda, por Peppe e por meu avô, mas ainda não vejo como pode dar certo a vinícola ser tocada enquanto eu estiver trabalhando na França.

Talvez... freio meu pensamento, não querendo mudar de ideia por enquanto, mesmo que possibilidades comecem a se apresentar. Quando voltei ao Brasil, julgava estar sozinho, por isso a venda seria a melhor solução. Entretanto, descobri que, mesmo sem meu irmão e sem Don Genaro, há pessoas que estão dispostas a manter a Don Ferrero e a fazer voltar a ter prestígio.

— Raffa, acho que já podemos ir — Gleyson diz, afastando meus pensamentos conflituosos e a lembrança da reunião de mais cedo.

Olho através da vidraça da janela e confirmo. A chuva inclemente que começou a cair depois do almoço deu uma trégua, mas me fez perder o compromisso que marquei com Tomás.

Mexo no celular mais uma vez, porém ainda não tem sinal. Xingo baixo, detestando pensar que decepcionei o guri. Detesto não cumprir com minha palavra, ainda mais a tendo empenhado a uma criança. Eu sei bem o que é se sentir frustrado, deixado de lado, e não quero que Tomás pense que eu fiz isso com ele.

— Vamos embora! — Levanto-me e estendo minha mão para o João. — Obrigado por ter nos recebido em sua casa. Espero de verdade poder contar com sua experiência na Don Ferrero.

Ele sorri.

— Pode contar com isso! — E aperta minha mão com força, selando assim um contrato de trabalho como se fazia antigamente.

Gleyson se despede do homem e de sua família, e eu o espero no carro, ansioso, apressado, conferindo o celular a cada minuto, louco para chegar a casa e explicar o que houve para o menino e a mãe dele.

— Com a estrada molhada desse jeito e depois de uns tragos — ele ri —, é melhor irmos devagar.

Concordo com ele, embora minha vontade seja afundar o pé ao máximo e chegar à Don Ferrero em tempo recorde.



Demoramos mais de duas horas para chegar, e ainda tive que deixar o Gleyson em casa. Aproveitei para saber notícias da mãe dele e de Ida antes de seguir para a vinícola.

Sinto-me um tanto abobalhado por estar ansioso feito um guri para chegar, para falar com Tomás e a sua mãe. Pela hora, é possível que o menino já esteja dormindo, e, embora eu queira chegar já arrastando a Sol para um banho comigo, não sei como estará seu humor depois do furo que dei.

— Ei! — ela me cumprimenta, sentada no sofá de couro da saleta, pés descalços, abajur ligado e um livro na mão. — Eu já estava preocupada, que bom que chegou!

Sorrio, aliviado, confesso. Estava com o “cu na mão” diante da perspectiva de ela estar puta por eu não ter chegado mais cedo e me rejeitar nessa noite. Meu desespero por ela, minha vontade de estar dentro de seu corpo é tão grande que a simples ideia de ter isso negado me corrói.

— Desculpe pelo furo. — Olho para as escadas. — Tomás já dormiu? — Ela assente, e eu bufo chateado. — Choveu muito logo depois do almoço, e ficamos presos a tarde toda na casa do amigo do Gleyson.

— Tomás nem se lembrou do passeio do pônei, ou, se lembrou, não se chateou por você não ter vindo. — Ela sorri. — Sara veio nos visitar e trouxe

o Felipe. Os dois brincaram o dia todo.

Ah, perfeito! Os dois não passaram o dia sozinhos, então. Sinto-me aliviado e mais animado.

— Como foi lá com o amigo do Gleyson? — ela pergunta, mas não consigo responder.

Meu corpo já está conectado ao dela, só consigo pensar em me enterrar em sua carne macia, provar seu sabor novamente, ouvir seus gritos de êxtase enquanto goza como louca para mim.

Caminho até ela e a ergo nos braços, tirando-a do sofá. Sol se assusta, mas, percebendo meu estado sólido contido pela calça, gargalha, fecha o livro e o coloca sobre uma mesinha.

— Conversamos depois? — questiona, mordendo o lóbulo da minha orelha.

Gemo.

— Definitivamente, depois.

Ela ri, e a sua risada ecoa pela sala, contagiando-me com seu humor delicioso. Estou um desastre, fiquei fora de casa o dia todo, mas tudo o que penso é tomar um banho e a foder a noite toda.

Uma ideia passa pela minha cabeça, mas não sei se ela vai topar ou como vai reagir. Olho para ela enquanto subo as escadas, o sorriso ainda em seu rosto, as bochechas vermelhas e os olhos cor de mel brilhando de diversão.

Não quero quebrar esse clima, então sigo para o meu quarto e a levo direto para o banheiro.

— Preciso de um banho — explico quando a coloco no chão e começo a desabotoar a camisa.

Ela afasta minhas mãos.

— Deixe-me fazer isso — pede com doçura, e eu não tenho como negar.

Deveria!, penso ao acompanhar seus movimentos torturantemente lentos.

Sol vai tirando botão por botão das casas e só me toca quando a camisa se abre e ela afasta as abas, deslizando as mãos pelo meu peito e ombros.

Respiro fundo, o corpo reagindo à carícia. Minha mente viaja, projetando todas as coisas deliciosas que quero fazer com ela, imaginando-a na minha cama, nua, desejosa e aberta ao que nosso tesão quiser. Gemo quando ela pressiona mais forte os músculos dos meus braços e a olho.

Sol morde o lábio inferior, sua respiração está forte, posso ver pela camisa de malha que usa, esticando-se na altura dos seus peitos gostosos. *Porra!* Meu pau pulsa só com a lembrança daqueles dois globos perfeitos, com os bicos de um rosa forte, quase vermelhos, as pequenas sardas espalhadas por todo o colo, a carne firme, pesada, perfeitamente moldada para encher minhas mãos.

Quero tocá-la! Queimo como se estivesse em brasa com vontade de sentir sua pele, mas a deixo terminar de me despir lentamente, matando-me devagar de ansiedade e tesão. O cinto está aberto, e ela, não satisfeita, tira-o da calça e o joga de lado. A torturadora começa a abrir o botão da calça, depois desce o fecho resvalando com uma pressão desnecessária no meu pau.

— Sol... — gemo entredentes, impaciente.

Ela ri, abaixa a calça e faz o mesmo com seu corpo, ficando de joelhos diante de mim, como na noite passada. Estremeço só em me lembrar da minha porra cobrindo seus peitos, escorrendo nela, e um sentimento pungente me faz segurá-la pelos cabelos.

— Anda logo com isso, senão vou gozar antes mesmo de te pôr para mamar.

Ela gargalha e esfrega a mão sobre o volume na minha cueca. Meu membro responde à provação se contraindo, liberando lubrificação e deixando uma marca molhada em volta de sua cabeça.

— Gosto do seu tamanho — ela revela, e meu peito incha. É bom saber

disso. — Gosto da espessura, da textura, mas o que me encanta é como ele é imponente. — Ela abaixa a cueca, e eu o olho junto a ela. — Seu pau é orgulhoso, fica apontando para cima...

Eu rio.

— É um problema, às vezes — digo com sinceridade.

— Por quê?

Não respondo diretamente, prefiro demonstrar.

— Tira a camisa e o sutiã — mando sem nenhuma sutileza. Ela parece não entender o desvio do assunto, mas faz o que eu quero. *Perfeito!* Agachome e a puxo para perto. — Segura os peitos juntos, bem apertados.

Ela sorri e segue minhas instruções, e eu encaixo meu pau entre eles para foder o vale apertado e demonstro a ela por que meu pau ser curvado para cima é um problema. Ele fica muito duro, e é difícil pressioná-lo para baixo sem causar dor. Nada que eu não consiga suportar, é até prazeroso, mas ele não tem a flexibilidade de um pau que fica reto, isso não tem. Todavia... sorrio ao pensar em o que ela vai achar quando estiver dentro dela, quando essa mesma curva que dificulta fazer uma espanhola cutucar o ponto mais sensível de sua vagina e ela delirar de prazer.

Contraio-me todo para segurar o gozo. É difícil me reprimir quando estou desde ontem acumulando porra, louco para esvaziar tudo com ela. Ergo-a, arranco seus shorts junto à calcinha e a levo encarapitada em mim para o boxe.

Ligo o chuveiro, e a água morna nos encharca rapidamente, cheia de pressão. Encurralo Sol contra a parede azulejada, seguro seu rosto e a beijo como estava querendo fazer o dia todo. Ela corresponde e se agarra aos meus ombros. Sua perna se enrosca na minha, seus quadris ondulam contra os meus.

Sinto uma fome desmedida dela, algo completamente insano. Seu cheiro

embriaga meus sentidos, suas reações tão fortes quanto as minhas fazem aumentar o meu tesão a níveis inimagináveis. Bufo feito um garanhão no cio e a viro, embolo seus cabelos úmidos na minha mão e beijo sua nuca, devoro-a, arranho-a com os dentes, meu pau se encaixando em sua bunda, deslizando sobre a pele molhada, deixando tudo mais quente.

Ela se empina para trás. Afasto meu tronco para poder olhar esse rabo perfeito contra minha pele morena, subindo e descendo, rebolando gostoso contra meu pênis. Não resisto e estapeio a nádega esquerda. Ela geme e rebola mais forte. Repito a ação, a marca vermelha da minha mão aparece, e só penso em me afundar em seu corpo.

Foda, as camisinhas!

Solto-a de repente e me afasto. Sol olha para trás ainda agarrada à parede, e eu saio do boxe de vidro e abro a primeira gaveta do gabinete da pia. Volto o mais rápido possível. Ela ri do meu desespero com o pacote de camisinha na mão, mas foda-se, só quero comê-la até perdemos a cabeça.

— Achando engraçado, né? — Lambo a coluna dela da nuca ao cóccix, e sua pele toda se arrepia. — Quero ver você achar quando eu estiver socando você bem lá no fundo, tão forte que seu corpo ficará batendo na parede do boxe. — Ela geme, e eu separo suas nádegas. — Quero tremer essa porra toda, pôr abaixo, não me importo, mas minha vontade de te comer é tão urgente que me sinto um bicho esfomeado.

Assim que acabo de falar, meto a boca na sua bunda, lambendo-a, estimulando-a, chupando-a com força e vontade. Toco uma enquanto faço isso, devagar, acarinhando meu pau só com as pontas dos dedos. Enfio a língua no seu cuzinho e o fodo, entrando e saindo, girando, voltando a estocar.

Sinto o cheiro da excitação dela de onde estou e tenho certeza de que está pingando de tesão. Posso imaginar a boceta brilhando, encharcada, inchada,

quente e macia. Mal posso esperar para ser envolvido por seus músculos apertados e me perder dentro dela.

Levanto-me já sacando uma camisinha da embalagem e encapando meu pau. Esfrego a outra mão em seu sexo, confirmando minha conjectura, sentindo tudo úmido e viscoso, o clitóris duro e aparente, o interior apertado e quente.

Sol delira com meu toque, mas não quero fazê-la gozar agora, apenas deixá-la pronta para me acompanhar enquanto estoco até o orgasmo nos atingir ao mesmo tempo.

Brinco com a cabeça do meu pau em sua entrada, e ela se afasta da parede, grudando em mim, enlaça meu pescoço com a mão e se movimenta como eu. Seguro-a apertada contra meu corpo, agarrando-a pelos peitos, instigando os mamilos duros com meus dedos.

— Vai... — ela geme. — Eu quero!

Eu rio e lambo sua orelha.

— O que você quer? — provoco-a.

— Você!

Não, não é suficiente essa resposta.

— Seja específica, Sol. Qual parte de mim você quer?

Ela geme alto e ronrona, esfregando seus cabelos no meu pescoço.

— Seu pau.

Bem melhor!

— Onde?

Ela rebola mais forte.

— Dentro de mim. — E olha para cima, dentro dos meus olhos. — Me fode!

Ela nem precisava pedir!

Dobro-a, faço-a se inclinar para frente e seguro firme em seus quadris. Sol

apoia a mão em um dos vidros do boxe, e eu firmo meu corpo contra a parede. Abaixo-me o suficiente para entrar nela e depois subo de volta, gemendo, trincando os dentes, erguendo-a do chão levemente, encaixado bem no fundo de sua boceta.

Puxo o ar. A onda de prazer que sinto me faz cambalear, as pernas tremem. Por causa da camisinha, não sinto a umidade dentro dela, mas posso intuir que está completamente empoçada pelo jeito com que meu pênis se move com facilidade, apesar da cavidade bem apertada.

Seguro sua cintura e estoco com força, vendo-a balançar inteira contra o vidro, os cabelos indo para frente e para trás.

Sol está na ponta dos pés, praticamente empalada em mim. Sua vagina se contrai cada vez que atinjo seu fundo, e ela geme alto. Tento me conter um pouco para não a machucar, mas, quando diminuo o ritmo, ela rebola forte, pedindo mais.

Ah, porra!

Pego seus cabelos e os puxo para trás, montando nela, cobrindo-a como um animal. Não dá para pensar, tempo e espaço deixam de existir, é como se eu não mais estivesse contido dentro de uma caixa de vidro, estou livre, sem amarras ou restrições.

Tudo é sensual, sexy, incrivelmente gostoso, os gemidos roucos, ou gritos, a voz dela me incentivando a continuar socando como um louco meu pau dentro de si. Suo, mesmo com a água do chuveiro a cair parcialmente sobre mim, urro e tenho vontade de xingar, extravasar esse tesão louco.

De repente sinto contrações diferentes. Meu pau é apertado a ponto de não poder se mexer. Faço careta, não de dor, mas de um puta prazer que nunca senti antes. E então a mágica acontece, ela goza sem freio. A folha de vidro do boxe balança, e eu temo que se quebre, mas não consigo raciocinar, apenas sentir.

Meu abdômen se contrai todo, os meus músculos têm espasmos, e eu tenho receio de não conseguir me sustentar. Um frio gostoso perpassa minha coluna, e então...

— Porra! — grito, gozando feito um louco, tremendo.

Volto a encostar na parede, o azulejo frio causando ainda mais sensações. Tudo está sensível, consigo sentir o ar batendo em cada terminação nervosa do meu corpo. Espalmo a parede e fecho os olhos, mergulhando de cabeça no orgasmo mais foda que já senti em toda a minha vida.



Eu não consigo parar de tremer.

Ainda estou curvada, olhando para o piso do boxe, as mãos apoiadas no vidro – que correu um sério risco de se quebrar – e o corpo inteiro pulsando. Parece que meu coração desceu para o meio das minhas pernas e bate bem dentro da minha boceta.

Foi intencional a apertada que dei assim que senti o orgasmo vindo, mas até aí foi só o que tive de controle, depois tudo se desfez. Treinei as técnicas de pompoarismo há algum tempo, principalmente pensando na minha saúde, então, quando resolvi usar um pouco do que aprendi, fui surpreendida por um gozo que não tinha como dominar.

Esse homem me enlouquece!

Sinto-me tão sexy e desejada, tão poderosa, que isso tira todas as minhas inibições. Quero responder à altura da safadeza de Raffaello. Sinto prazer em ser livre, em deixar de lado as inseguranças que adquirimos ao longo da vida apenas por ser mulher.

Não tivemos, lá em casa, uma criação tradicional ou mesmo repressiva.

Mamãe sempre conversou conosco sobre sexo, masturbação e qualquer outro assunto que, normalmente, os pais evitam falar. Crescemos sem a opressão de que mulher não pode se tocar, de que é feio se masturbar ou qualquer outra dessas normas que a sociedade em geral impõe.

Mesmo com essa criação mais liberal, demorei a começar minha vida sexual. Apenas na faculdade é que tive coragem de ir para a cama com alguém. Luna também foi assim, namorou durante anos e só transou com um cara. A personalidade da pessoa conta muito na hora da intimidade. Eu não tive problema com sexo por sexo, por exemplo. Às vezes só sentia tesão por um cara, matava a vontade e tchau. Alguns podem dizer que isso é promiscuidade, mas mamãe sempre disse que isso é liberdade.

Eu me respeito e respeito minhas vontades. Depois de um tempo solteira, acabei também assumindo compromissos e, bem, agora estou aqui, depois de anos, voltando a fazer sexo sem nenhum compromisso.

E, caramba, que delícia!

Não gosto de comparar situações, cada pessoa é única, mas posso dizer por mim, pelo que senti, que nada foi igual a isso até hoje.

Eu sei, foi uma trepada rápida no chuveiro, mas, cacetada, que trepada!

— Ei! — Raffaello me puxa para seus braços. — Tudo bem? Te machuquei?

Sorrio e nego. Ele me abraça mais forte, é possível sentir seu coração disparado. Ele está sem fôlego e trêmulo, assim como eu. *Ele sentiu isso também, não é possível que não o tenha feito!*

— Foi... — ele busca a palavra, mas acaba rindo — foda!

Gargalho.

— Foi!

Olho-o, e ele me beija, os lábios passando lentamente sobre os meus, varrendo tão sutilmente que quase não os sinto. Depois sinto sua língua

quente e molhada e abro a boca devagar, e ela a invade. Raffaello suga meus lábios. Meu sangue se aquece de novo, e meu coração parece inchar com o carinho do beijo.

Abraço-o, meus olhos se enchem de lágrimas, sinto algo tão potente, tão único dentro de mim que não sei explicar por que estou emocionada por causa de algo tão singelo quanto um beijo apaixonado após um orgasmo.

O jeito com que ele acaricia minhas costas, o modo como os seus lábios se movem sobre os meus me fazem sentir tão adorada, tão especial que sinto medo. Raffaello é muito envolvente, charmoso e ridiculamente perfeito. Tudo nele combina, cheira a masculinidade, impele meu desejo de forma viciante.

— Vamos tomar banho antes que acabe a água de todo o mundo! — ele brinca e pega uma esponja. — Machuquei sua pele.

Eu me olho e não vejo machucado nenhum.

— Onde?

Ele passa a esponja cheia de espuma de sabão sobre minha nádega.

— Aqui. Não sente arder?

Sim, sinto uma leve ardência, mas nada de mais. Gostei muito quando ele deu tapas em mim. Isso é inédito, geralmente não gosto – ou não gostava – de sexo bruto.

Entrego-me a ele, aos seus cuidados, e ele me banha por completo. É possível sentir tesão por uma esponja? Rio, sabendo que o objeto apenas está me acendendo conforme o cheiro do sabonete que ele usa se impregna na minha pele. Não consigo não gemer quando ele ensaboia minhas coxas e depois de dedica ao meu sexo.

Raffaello é delicado, não esfrega com força, muito menos introduz espuma dentro de mim, pelo que agradeço. Gosto da fragrância do seu sabonete, mas minha cabeça já processa outro cheiro para ele, algo que eu faria especialmente pensando na sua pele.

— Essa sua cara está dizendo que o banho está gostoso! — ele fala e me desperta do transe luxurioso que estava tendo.

Pego a esponja da sua mão.

— Agora é minha vez!

Ele sorri e nega, pegando um pouco da espuma e cobrindo seu pau.

— Esfrega aqui!

Sorrio, notando-o já levemente ereto.

— De novo? — Ele dá de ombros, e eu pego seu membro e o masturbo devagar. — Não arde?

— Um pouco, mas é suportável. — Geme. — Suas mãos em mim são incríveis. Você é delicada, mas tem um toque firme, uma pegada de quem sabe o que quer e o que está fazendo.

Sorrio, adorando o elogio. O safado sabe bem como encher a bola de uma mulher!

Lavo seu pau e o aperto com força. Raffaello termina de se ensaboar. Não resisto e fico passando os dedos nos músculos de sua barriga, adorando os gominhos, os pelos curtos, o jeito que ele estremece com o meu toque.

Temos realmente muita química, nossos corpos parecem se reconhecer, não há nada que ele faça que não provoque uma vibração em meu corpo em resposta.

Saímos juntos do banho, e ele me seca toda e me enrola em sua enorme toalha. Entro em seu quarto, um cômodo que eu já conheço, mas noto coisas que faz com que o ambiente se pareça com ele.

Há alguns livros em francês na cabeceira, uma pasta de couro, uma caneta de ouro de marca famosa, seu relógio caro e um anel. Pego a joia e vejo um brásão.

— Família Rizzo — ele explica. — Esse anel era do meu avô materno, deveria passar ao Peppe quando ele faleceu, mas meu irmão me deu. — Sorri

sem jeito. — Ele conhecia pouco o *nonno* italiano, por isso não se sentiu à vontade com a joia.

Assinto.

— Sua família de lá também tinha uma vinícola. Ela ainda existe?

— Sim, mas, antes de meu avô falecer, ele decidiu vender para uma grande empresa. Deu certo. — Ele parece pensar em algo que o incomoda a julgar pela expressão. — Lá na Itália, uma empresa grande entende a importância de se manter a tradição dentro de um negócio familiar. O vinhedo não pertence mais aos Rizzos, mas toda nossa história ainda continua lá em destaque.

— Isso é bacana! — Ele apenas balança a cabeça concordando. — Se eu for dormir aqui, preciso ir ao meu quarto buscar um pijama — informo-lhe. — Se Tomás acordar, eu não posso ir até ele pelada.

Raffaello se aproxima e me abraça pelas costas, livrando-me da toalha.

— Não vamos dormir agora — diz no meu ouvido.

A toalha que ele tem na cintura cai no chão, e sinto sua ereção pulsar contra minhas costas.

— Você tem ideia melhor? — Rio, e ele balança a cabeça.

Raffaello se afasta e se deita na cama. A visão do seu corpo todo definido, do seu pau comprido e curvado é deliciosa. Involuntariamente passo a língua pelos lábios, e ele me chama.

— Vem me chupar!

Tenciono subir na cama na mesma posição que ele, porém sou parada.

— Quero você em cima de mim. — E ele faz sinal para que eu me vire. — Quero lambe-lo enquanto me chupa com vontade.

Meu corpo todo estremece, e faço o que ele pede. Praticamente me sento sobre seu rosto, e ele prende meus punhos, impedindo-me de me deitar sobre si. Imobilizada, fico à mercê de sua língua, que se move com perfeição sobre

meus lábios, separando-os, contornando-os, colhendo meu desejo na entrada da minha vagina e seguindo com ele para estimular meu clitóris.

Gemo baixinho, correntes elétricas parecem percorrer meu corpo, estremeço. Raffaello suga meu sexo devagarzinho, mantendo o ritmo, chupando-me com fome. Meus quadris se mexem, esfrego meu sexo em seu rosto. Ele mantém a língua parada, e eu a uso para passá-la do começo ao fim de minha boceta.

Pendo a cabeça para trás, cavalgando em sua cara, enquanto ele me fode com a língua. Sinto-me à beira de mais um orgasmo. Meus músculos se contraem, e ele parece sentir, pois me solta, e eu, literalmente, caio de boca no seu pau.

Acelerada pela forma com que ele me comeu, devoro seu membro sem nenhum pudor, sentindo os olhos arderem quando ele bate no fundo da minha garganta. Meu estômago se contrai algumas vezes quando exagero na profundidade, mas isso faz com que a chupada fique ainda mais gostosa, mais molhada, mais intensa.

Seguro suas bolas enquanto lambo apenas sua cabeça. Grito quando seus dedos começam a estocar dentro de mim e sua língua explora minha bunda. Aperto-o firme e o chupo rápido, minha cabeça subindo e descendo sem trégua, minha mão apertando sua base grossa e a outra brincando com suas bolas rijas.

Começo a rebolar freneticamente quando Raffaello substitui a língua na minha bunda por seu polegar. Sinto quatro dedos apoiados na nádega enquanto o outro entra, abre-me e me faz enlouquecer.

— Molhada demais! — ele geme. — Seu cuzinho é uma loucura, Sol. Você gosta que eu brinque com ele?

— Gosto...

Ele ri e afunda mais o dedo.

— Gostaria de colocar meu pau aqui um dia desses. — Gemo quando ele gira o dedo dentro de mim. — É tão apertado e quente.

— Eu vou gozar, Raffa!

Escuto sua risada.

— Eu sei, você está pingando na minha cara. — Beija exatamente em cima do meu clitóris. — Me dá seu gozo, Sol. — Dá um tapa leve na minha bunda. — Goza na minha boca agora.

O pedido dele é tudo o que eu preciso para deixar vir o orgasmo. Gemo alto, seguro em suas coxas, o corpo convulsionando, arrebatado de prazer. Desmonto sobre ele, mas logo sou jogada para o lado, e ele sobe em mim.

Arregalo os olhos quando minhas pernas são levantadas ao máximo, quase vindo sobre minha cabeça, e meus quadris, erguidos. Raffaello rebola seu pau sem nenhuma proteção na minha entrada, gemendo com o barulho molhado da fricção dos nossos sexos.

Morro de vontade de senti-lo assim, sem nada, pele com pele, mas entendo os riscos e não quero corrê-los. Estamos apenas apreciando o momento, aproveitando-nos dessa química maravilhosa e a compatibilidade sexual que temos, mas é só isso.

Ele se estica todo para pegar outro preservativo – nem vi que tinha trazido a caixa para o quarto consigo –, e o observo colocá-lo, a forma como se dá prazer mesmo fazendo algo que muitos homens acham desconfortável.

É delicioso o modo como ele reage ao entrar em mim devagar, preenchendo-me centímetro por centímetro, vibrando, gemendo por estar no meu interior. Fecho os olhos momentaneamente, perdida nas sensações de tê-lo. As estocadas leves me dão uma sensação deliciosa após o orgasmo em sua boca, o leve balançar dos quadris dele e... *puta merda!* Sinto o corpo inteiro tremer, me falta ar, um arrepio cruza minha espinha e, ao mesmo tempo, faz com que meu ventre esquente.

Arregalo os olhos, seguro firme no lençol, uma sensação de insaciedade, de querer mais, além da adrenalina que sinto por não entender essa reação do meu corpo.

Raffaello sorri e continua o movimento cadenciado que provoca essas reações em mim. Sinto-me flutuando, embriagada, enlouquecida como se estivesse sob efeito de algum alucinógeno muito forte. Não consigo coordenar os pensamentos, só sentir, e sinto muito, sinto tudo!

Minha pele parece estar mais sensível, consigo sentir as fibras do lençol embaixo de mim, o tesão é tanto que até o leve roçar no colchão está me excitando, como também os sons que ele emite, um leve bufar, um gemido contido de quem sabe o que está fazendo e está se controlando.

— O que é isso? — pergunto, contorcendo-me contra o colchão.

Ele apenas sorri e continua, só que dessa vez mais encaixado em mim, rebolando no fundo, atento às minhas expressões. Então, atinge um local que me faz urrar como louca. Levanto o tronco, resfolegando e gozo de um jeito que nunca imaginei acontecer.

Derramo tudo nesse gozo, toda a frustração sexual dos anos que estive apenas concentrada no trabalho e em Tomás, a tensão que senti desde que me encontrei com Raffaello pela primeira vez e nosso primeiro toque. Tudo se vai nesse orgasmo – que nem dá para ser definido assim, é literalmente uma explosão.

Ele me beija ainda em meio à névoa de desejo que minha mente se tornou e acelera as estocadas. Raffaello me puxa para seu colo e se senta sobre os calcanhares, fazendo-me cavalgar sobre seu pau ao passo que ele mesmo nos impulsiona com suas pernas.

Mordo sua clavícula, delirante de prazer. Minha pele está úmida, e sinto o gosto salgado de seu suor também. Aspiro seu perfume, tão bom, sorrio e me deixo levar novamente.

Dessa vez ele me acompanha. Seus gemidos gostosos, nada discretos, ecoam pelo quarto, sua expressão de prazer é quase dolorosa também, e isso faz com que eu perceba que ele sente tudo o que eu sinto, compartilhamos não só o tesão, como também o êxtase.

Abraço-o apertado, emocionada com isso tudo, satisfeita, bem comida, feliz. Meu corpo começa a relaxar, a cabeça pesa, e os olhos parecem cansados demais para permanecer abertos. Sinto um beijo nos meus cabelos e escuto ao longe sua voz me chamar, porém a languidez me vence, e não penso em mais nada.



Passo o dedo sobre o nariz de Sol, gostando dessa coisa de ver o sol iluminá-la de manhã, toda embolada na minha cama. Rio ao lembrar que ela literalmente desfaleceu após a segunda trepada da noite.

Por um momento achei que seria só um cochilo, que ela iria acordar na madrugada e que iríamos iniciar tudo de novo, mas não, ela apagou. Em compensação, meu pau me manteve acordado quase a noite toda.

Tomás acordou de madrugada, mas ela não o ouviu. Levantei-me, fui até ele, levei-o ao banheiro para se aliviar, dei-lhe água e o pus na cama de novo. Foi uma experiência interessante para alguém que, até poucos dias, nunca teve contato algum com uma criança.

— Fica — ele pediu quando eu estava saindo do quarto. — Mamãe fica quando Tomás dorme.

É bonitinho esse jeito que ele tem de se referir a si mesmo pelo nome. Olhei na direção do meu quarto, onde a mãe dele dormia nua na minha cama, e aceitei ficar até que ele pegasse no sono.

Não demorou muito e voltei para a tortura de abraçar uma mulher nua que

dormia feito pedra.

Durante a noite, além do incômodo de uma ereção de hora em hora, fui açoitado por pensamentos sobre o que está acontecendo entre nós. A todo momento eu tento me convencer de que Peppe não se importaria, de que ele não amava ou sequer a considerava para uma relação estável, afinal, nem falou dela para ninguém!

Talvez os dois tenham tido um caso, e a gravidez veio sem querer, e, como meu irmão era um cara incrível, responsável e protetor, decidi assumir a criança e a mãe.

Eu tento arranjar uma desculpa que alivie em mim o peso de estar comendo a mãe do meu sobrinho, a mulher do meu falecido irmão. Isso me dói e me faz sentir-me uma espécie de usurpador, tomando posse de tudo que deveria ser dele, desde os bens até sua mulher e filho.

Penso que certamente ele iria querer que eu cuidasse de Tomás, mas talvez não aprovasse o jeito com que estou cuidando de Sol. Isso me incomoda, e, durante a noite insone, picava-me como uma vespa, mas a cada mexida que ela dava e fazia com que seu corpo encostasse no meu, tudo era esquecido e só ficava o desejo pungente que temos um pelo outro.

Parece brincadeira de mau gosto ela ser justamente quem é.

Por um momento, pasmem, desejei que ela fosse a mentirosa que julguei em primeiro momento. Gostaria que Sol Palmeira fosse uma impostora e que não tivesse tido nenhuma relação com meu irmão, porém, cada dia mais, sinto que ela diz a verdade e que Tomás é realmente meu sobrinho.

Até mesmo o medo que eu tinha de me aproximar dele, temendo que não fosse filho de Peppe ao final, passou. Eu o vejo como parte de mim, do meu sangue, uma parte do meu irmão que continua viva e que deve ser cuidada com o mesmo amor com que Peppe cuidou de mim no passado.

Não vou negar que a situação com Sol me machuca por esses sentimentos

de deslealdade para com meu irmão. Entretanto, não posso me manter longe dela.

— Ah, meu Deus! — Sol abre os olhos e os arregala ao me fitar. — Eu dormi, não foi?

Gargalho.

— Como uma pedra!

Ela tampa o rosto com as mãos.

— Dormi mal a noite passada por conta da indisposição de Tomás, estava cansada, e você... bem, você minou o resto das minhas forças!

Faço cara de coitado.

— Desculpa?

Ela ri, e eu beijo a ponta de seu nariz.

Um clima estranho paira sobre nós, ficamos constrangidos, envergonhados, e ela desvia os olhos e se senta na cama.

— Eu preciso voltar para o meu quarto antes que Tomás acorde e venha para cá como fez ontem.

Concordo, embora já esteja com o pau em riste, louco para uma trepada matutina. Não resisto e passo a mão por suas costas, admirando sua pele se eriçar ao meu toque. Escuto o gemido baixo, e ela se contorce.

— Raffa...

— Eu gosto de você me chamar assim — confesso. — Me lembra seus orgasmos. — Ela me olha. — Sim, quando você goza, antes ou durante, você me chama assim.

Ela se vira na minha direção.

— O que foi aquilo ontem?

Sorrio, meu ego inflado.

— É a curva do meu pau atingindo um ponto sensível dentro de você.

Ela arregala os olhos e depois ri.

— Isso é mito, não existe essa coisa de ponto G.

Dou de ombros. Eu vi, senti, ela também! Qual nome tem essa área, não importa, o importante é que, quando a cabeça do meu pau tocou lá, ela foi parar nas nuvens.

— Chame como quiser, é uma zona erógena, e, naquela posição, a curvatura do meu pau vai direto sobre ela.

Sol analisa o que eu digo por um momento, e eu fico parado, olhando-a, rosto ainda inchado de sono, cabelos alvoroçados e “fodivelmente” perfeita.

— Você sabia disso!

— Já aconteceu antes, sim, mas a coisa tem que ser muito intensa para dar certo e, de verdade, nunca foi como ontem. — Sorrio. — Você se deixou ir, se entregou, mesmo sem entender.

— Foi maravilhoso! — Puxo-a e a beijo, um selinho apenas, mas queria o contato de sua boca na minha. — Eu preciso...

— Está cedo, mal amanheceu. — Tiro o lençol de cima do meu corpo, e ela olha diretamente para meu pau. — Estou assim a noite toda.

— A noite toda? — pergunta levando a mão até meu membro.

Gemo alto.

— Sim! — Ela me masturba, e eu fecho os olhos. — Quis você, mas entendi que precisava descan... — Não termino a frase, perco o fôlego quando sinto a sua boca quente e molhada se fechar sobre a cabeça do meu pau. — Porra, Sol, isso!



— Quer mais uma? — indaguei a ela com a frigideira na mão.

— Não, estou satisfeita! — Ela rejeitou mais uma panqueca.

— Eu quero! — Tomás logo se manifestou. — De bichinho, tio Raffa!

Meu coração deu um tombo ao ouvi-lo me chamar assim. Não era a primeira vez, foi a grande novidade da manhã, logo depois de Sol ter saído do meu quarto após uma trepada rápida, intensa e cheia de gozo.

Eu tinha saído do banho e estava colocando a bermuda quando ele entrou no quarto. *Preciso me lembrar de trancar a porta!*, pensei quando vi o pequeno, com seus olhos sonolentos, invadir meus domínios.

— Bom dia, guri!

— Tio Raffa, quero *queca*.

Fiquei imóvel por um tempo, absorvendo o novo tratamento pelo qual ele estava me chamando. Tomás pediu de novo, seu pijama de desenho animado amassado e uma mantinha na mão.

Sol parou à porta do quarto quando o viu.

— Ei, baixinho, você invadiu o quarto do Raffaello de novo?

Tomás olhou para a mãe, mas nem a cumprimentou, virou-se para mim e repetiu:

— Quero *queca*, tio Raffa.

Olhei para a Sol, e ela estava sorrindo. Relaxei, esperando que meus instintos sobre ela no começo estivessem errados e que, de verdade, aquele guri fosse mesmo meu sobrinho.

Ofereci meu colo a ele e saí do quarto, entregando-o para sua mãe.

— Vou descer e fazer as panquecas, guri, enquanto isso, troque de roupa...

— ...e escove os dentes — Sol complementou. — Estou sentindo um bafinho daqui!

O garoto riu e se deitou no colo dela.

— Você não precisa cozinhar hoje de novo... — ela começou, mas a calei negando, embora quisesse calá-la com um beijo.

— Eu gosto, sempre cozinhei para mim mesmo. — Baguncei os cabelos de Tomás e desci para fazer as *quecas* voadoras que ele tanto gosta.

— Hoje Sara vai mandar uma moça aqui para eu conhecer — Sol me informa enquanto lava os pratos, e eu paro de pensar nos acontecimentos de mais cedo. — É uma moça que a ajudou com Felipe por um tempo e que está desempregada.

Olho-a.

— Para tomar conta de Tomás?

Ela assente.

— Quero trabalhar com vocês na preparação para a vindima, fazer o inventário da adega e auxiliar no que for preciso.

Toda ajuda é bem-vinda, mas me sinto um pouco incomodado com isso. Sei que não deveria, ainda mais se Tomás for meu sobrinho, isso aqui é mais dele do que meu, mas, ainda assim, é estranho pensar em trabalhar com ela.

— Tem certeza?

Ela sorri e faz que sim com a cabeça.

— Não entendo nada de produção de vinho, apenas de cultivos e de produtos naturais, mas quero aprender para poder ser útil quando chegar a hora.

— Tudo bem, posso ensinar algo a você.

Ela sorri em agradecimento, e eu olho de soslaio para a mesa, confiro que Tomás está entretido vendo vídeos no tablet e a beijo rapidinho.

— Raffa!

Ela ri nervosa, mas depois relaxa quando percebe que Tomás está olhando para o outro lado.

— Eu sei, vamos ser discretos! — Pisco para ela. — Gleyson e eu vamos até a cidade, precisa de algo?

— Não, obrigada. Liguei para Ida ontem e falei um pouco com ela, mas

não tive coragem de contar sobre a moça que vou contratar. — Rio do medo dela da idosa. — Eu entendo que ela queira assumir essa tarefa de ajudar na criação do Tomás como fez com Peppe, mas no momento a irmã dela precisa mais.

— Eu concordo com você. Quando Ida voltar, a moça pode auxiliá-la na limpeza da casa, e ela fica com Tomás.

Sol concorda, e eu olho para o relógio.

— Preciso ir, volto para o almoço. Quer que eu traga algo do restaurante da sua amiga?

— Não. — Sorri cheia de malícia. — Vou fazer sua comida hoje!

Aproximo-me dela já excitado e falo ao seu ouvido:

— Você será minha comida hoje, de novo!

Ela ri alto. Tomás nos olha sem entender, eu me despeço dos dois e vou encontrar-me com Gleyson.



— Ah, lá vem ela!

Balanço a cabeça quando Gleyson sorri feito um cachorrinho querendo atenção e bufo, panfleto na mão, um céu prenunciando chuva de novo, e louco para voltar para casa e almoçar com Sol e Tomás.

Vimos à cidade para nos encontrar com mais duas pessoas que Gleyson queria que eu conhecesse. Eram homens maduros, assim como João, e trabalharam durante a vida toda em vinícolas que acabaram vendidas ou mesmo fecharam.

O primeiro deles quase nos matou de rir com suas histórias, e, apesar de eu apreciar muito trabalhar em silêncio, ter alguém com bom humor nas

horas de descanso e de refeição é algo muito benéfico para todos os trabalhadores, principalmente na época da vindima, quando o trabalho costuma bater uma jornada mínima de 15 horas.

— Um tanoeiro de primeira linha — Gleyson comentou assim que saímos da padaria onde nos encontramos. — Ele montou sua própria marcenaria, mas adora trabalhar na produção dos vinhos ainda, assim, seria ótimo termos um profissional de ponta para renovarmos os nossos barris.

— Seria serviço terceirizado? — Gleyson concordou. — Parece bom. Usaremos e pagaremos somente o que precisarmos sem precisar mantê-lo na folha de pagamento. — Eu ri. — Mas sei que não sairá barato.

— Não, não vai, ele sabe o quanto é bom, mas, se vamos prezar pela excelência do nosso produto, devemos ter os melhores ao nosso lado.

Concordei com seu ponto de vista, e seguimos para o segundo encontro, na antiga *gelateria* perto do escritório dos Casillos. O homem em questão era um antigo funcionário da Don Ferrero, demitido anos atrás pelo meu avô.

Assim que meu viú, não ficou satisfeito, e eu entendi que Gleyson não havia comentado com ele o motivo da “reunião”.

— Alvim, nós viemos porque estamos com a ideia de reerguer a Don Ferrero, e não há melhor operador de colheitadeira do que você nesta região — Gleyson começou, mas o homem me olhava puto.

— Não piso mais lá — disse, seu sotaque forte, e o jeito, rude.

— Alvim, eu sei que...

— Eu não sou Don Genaro — interrompi Gleyson e me aproximei, por cima da mesa, do homem. — Não sou nem parecido com ele, mas o conheci bem o bastante para saber que você deve ter bons motivos para não querer voltar à vinícola. — Mantive meus olhos dentro dos dele, de um azul profundo e cansado, e continuei: — Ele não está mais lá. A Don Ferrero, embora ele não admitisse, não era uma extensão de Don Genaro. O que quer

que tenha acontecido, foi enterrado com ele, a não ser que seja alguma dívida trabalhista. — O homem negou, e eu continuei: — A vinícola sobreviveu à tirania de meu avô, mas está avariada, precisando de ajuda para ter o lugar que merece entre as outras aqui do Vale. O que Gleyson e eu queremos, por esse motivo estamos aqui, é que você esteja conosco quando isso acontecer. Porque vai, Alvim, é só uma questão de tempo.

Ele olhou para Gleyson sem a convicção de não mais voltar a trabalhar na vinícola, mas decidi não pressionar. Pedi a conta, paguei os cafés e me despedi.

— Estamos montando a equipe permanente antes da chegada da vindima, depois, só contrataremos temporários. Pense na proposta e entre em contato.

Ele apertou minha mão com força e se despediu.

Assim que pisamos na calçada, Gleyson riu.

— Você é uma raposa, Raffa Ferrero!

— Não, não sou, o que eu disse a ele é verdade. — Olhei para o homem que brincava comigo e meu irmão quando éramos crianças. — Eu não sou Don Genaro, posso ser melhor ou pior que ele, mas igual, eu não sou.

— Bom dia! — a voz de Amália me faz focar novamente no que ocorre à minha volta. — Que surpresa encontrar vocês aqui, bem na hora do meu almoço. — Sorri para Gleyson, e ele parece babar. — Aceitam me fazer companhia?

— Nós ado...

— Eu infelizmente não posso, Amália — interrompo-o antes que confirme minha presença. — Mas Gleyson pode ficar e almoçar contigo se ele quiser sem nenhum problema.

O sorriso encantador no rosto da advogada some.

— Qual é o motivo da pressa? Depois poderemos conversar sobre o processo. Soube que a fulaninha carioca aceitou fazer o DNA.

O modo como ela fala da Sol me incomoda, e vejo que o mesmo acontece com Gleyson, que recolhe a baba e fecha a cara para a advogada.

— Bom, eu tenho mesmo que ir — corto qualquer assunto com ela, porque sei que também julgava a Sol como ela o está fazendo, mas agora não mais, e não poderei ouvi-la falar dela sem a defender. — Gleyson, você fica?

— Não, estamos em um carro só — ele responde frio. — Bom almoço, doutora Amália.

Ela sorri para ele por um segundo e depois me olha.

— Você não me ligou mais. — Faz um biquinho sexy. — Está esperando a montanha ir a Maomé de novo?

Gleyson pigarreia e se afasta.

— Não, não estou esperando isso — respondo sério. — Foi muito boa nossa noite, Amália, mas agora estou concentrado em outras coisas — digo sem entrar em detalhes da minha vida pessoal, afinal, não devemos nada um para o outro.

— Está se preparando para voltar para a Europa assim que o resultado sair? — questiona.

Bufo e nego.

— Vou ficar por mais algum tempo, quero colocar a Don Ferrero em ordem. — Ela arregala os olhos. — Do jeito que está, não seria um bom negócio vendê-la.

— E a ruiva? — Sua sobrancelha escura está arqueada. — Vai permanecer na vinícola também?

Dou de ombros.

— Ela tem direito, caso se confirme que Tomás é meu sobrinho.

Amália aperta os olhos, desconfiada.

— Você não parece mais duvidar disso, na verdade, parece bem conformado. — Então sua expressão muda, como se tivesse compreendido

algo. — Entendo...

Ela não termina a frase ou mesmo explica o que entendeu, e eu, sinceramente, não me importo.

— Preciso ir. Foi bom vê-la, mande abraços a seu irmão.

Ela não me cumprimenta de volta, mas, enquanto ando até o carro, sinto seu olhar nas minhas costas. *Foda-se!*, penso ao sentir que ela está especulando o que me fez mudar de ideia com relação a Sol.

Não foi somente o fato de estarmos trepando; o jeito dela, a maneira com que se portou desde o começo me fazem acreditar que, por mais que sinta que algumas coisas não se encaixam na história de amor dela e de meu irmão — o que me faz supor que, na verdade, eles tiveram um caso e ela engravidou sem querer —, Sol não mente quando alega que Tomás é meu sobrinho.

Bom, não importa o que Amália pensa ou deixa de pensar, meu envolvimento com a Sol só diz respeito a mim e a ela, a mais ninguém!

— Venenosa, a sua amiga... — Gleyson comenta no carro. — Não sabia que ela se referia a Sol naqueles termos, achei ofensivo.

Respiro fundo.

— Foi ofensivo, mas não posso condenar Amália por ter falado daquela forma. Eu mesmo, quando fiquei sabendo da existência da Sol e do Tomás, achei que ela se tratava de uma aproveitadora.

— Eu sei, me lembro de como você ficou. — Ele me olha, e sinto perguntas no ar. — Que bom que mudou de ideia.

— Temos pouco tempo de convívio, mas algumas coisas nela são tão transparentes que acho difícil que esteja mentindo.

— Ela não está — ele fala com convicção. — Seu avô não aceitaria o menino se não tivesse certeza, não Don Genaro.

Rio amargo.

— Tenho minhas dúvidas. — Dou de ombros. — De qualquer forma, ela

aceitou tirarmos a prova e deixar tudo esclarecido, assim, não haverá mais questionamento da parte de ninguém.

— Sim, é uma boa saída. — Ele se reclinou no banco e fecha os olhos. — Seu irmão era um sortudo, isso sim! Só arranjava mulher bonita, e, embora a Sol seja diferente das outras que vieram aqui com ele, eu entendo por que ele se apaixonou por ela. — Aprumo-me no banco do motorista ao ouvir isso, incomodado com a conversa. — Ela é linda por dentro também, nas atitudes, no modo de pensar na vida e na lealdade para com as pessoas que gosta.

— Você conviveu mais com ela do que eu, então deve saber do que está falando — respondo tentando manter um tom neutro. — Peppe não chegou a trazê-la aqui quando era vivo, não? — Ele nega. — Mas veio visitar Don Genaro na época em que já estava com ela?

Gleyson parece pensar.

— A última vez que ele veio aqui foi uns dois meses antes de morrer. Eu me lembro porque foi na ocasião do aniversário do seu avô. Quando Sol apareceu aqui, já estava com quase quatro meses de gravidez, então, sim, ele veio aqui e não a trouxe.

Estranho isso, porque meu irmão sempre levou as namoradas para nosso avô conhecer, a não ser que fosse apenas um caso, mas as oficiais todas passaram pelo crivo do velho.

Peppe era diferente de mim até em como conduzia suas relações. Intenso, jogava-se de cabeça no relacionamento como se não houvesse amanhã. Uma vez, bêbados, falamos sobre isso, e a explicação que ele deu me ajudou a repensar minhas ações sobre a quantidade de mulheres com quem eu ia para cama e com quais ficava por algum tempo.

— *Eu tento viver o que sinto, ainda que seja fugaz e temporário. Quero o máximo, quero a experiência completa, ainda que dure pouco, fazer ser infinito enquanto durar.* — Ele riu muito na época. — *Você é um piranha,*

transa com alguém uma ou duas vezes e acha que está tendo vantagem. — Ele parou de rir e se aproximou para cochichar em meu ouvido: — Vou te contar um segredo de irmão mais velho, as primeiras podem até ser boas, mas as outras são muito melhores! Quando se cria intimidade, quando se conhece o que move o tesão de sua parceira, aí fica foda pra caralho!

— Então por que não dura? — perguntei.

— Porque paixão é como palha seca pegando fogo, se alastra rápido, cria altas labaredas, mas consome todo o combustível que a fez ficar linda e forte. Paixão tem intensidade imoderada...

— E amor?

Ele balançou os ombros.

— Não sei, ainda não descobri.

Gargalhei.

— Quando você souber, vai me contar?

Ele respirou fundo e deu um tapa nas minhas costas.

— Você será o primeiro a saber.

Minha lembrança me faz concluir que meu raciocínio está correto.

Pepe não amava a Sol.



— O cheiro está incrível, Sol! — Sara comenta ao aspirar o vapor que sai da panela. — Eu sabia que você cozinhava bem!

Sorrio, agradecida pelo elogio.

— Como?

— Você tem paladar excelente e consegue distinguir cada condimento que uso em meus temperos. Geralmente quem cozinha é que tem essa percepção. — Ela para um momento de falar para acompanhar a algazarra que Felipe e Tomás fazem juntos. — É bom ter tirado esse tempo para ele.

Eu concordo com ela, pois sei que sua rotina no restaurante é bem desgastante.

— E como Luzia está se saindo comandando a cozinha sozinha? — inquiri sobre sua funcionária mais antiga, que está em seu lugar enquanto ela tira “férias” para ficar com Felipe e o marido.

— Está tudo bem. — Sorri. — Eu ainda passo por lá todos os dias, força do hábito, mas ela não me deixa nem lavar um copo. — Sara se encosta à minha pia e me encara. — Gostou da Nora?

Assinto, feliz pela moça doce e atenciosa que ela tem demonstrado ser no tempo em que está aqui conosco.

— Você não vai mesmo precisar dela?

— Não, daqui a alguns dias vamos viajar, assim ela vai ganhar um extra mesmo estando de férias lá de casa, te ajudando aqui com Tomás. — Minha amiga fica séria. — Ela precisa, é a única que possui renda em sua casa. Sua mãe lava roupa para fora, mas não tem nada fixo, e o pai dela infelizmente é um beerrão.

— Fico feliz, então, de poder ajudá-la. Uma ajudando a outra, para falar a verdade, porque, sem Ida aqui, não sei como conseguiria trabalhar na vinícola e ainda tomar conta do Tomás. Há muitas coisas perigosas nos galpões e lá na adega.

Sara concorda.

— Sabe, não querendo ser indiscreta — ri e fica vermelha —, mas já sendo, como está sua relação com o Raffaello?

O coração parece que vai saltar do meu peito a qualquer momento, e eu, tenho certeza, estou mais ruborizada que ela. Eu contava com essa pergunta, é verdade, até com mais do que essa, porque o marido de Sara sabia que Raffaello tinha vindo para liquidar a Don Ferrero e agora, do nada, se interessou pela vinícola e ainda vamos trabalhar juntos! É normal que ela esteja curiosa, até eu estou, confesso!

— Progredindo — uso a palavra com cuidado. — Estamos convivendo. No começo foi difícil, mas já estamos conseguindo conversar e nos entender.

— Que bom! Eu não tinha dúvidas de que, quando ele a conhecesse, iria gostar de você. — Ela dá uma risadinha maliciosa. — Meu cunhado não para de falar e perguntar por você!

Arregalo os olhos.

— Arthur? — pergunto, e ela assente.

— Ele ficou bravo comigo por eu nunca ter dito que você era a mulher do Peppe e que o menino era neto de Don Genaro. — Encolhe os ombros. — Vocês sempre foram muito discretos, e, se isso não se espalhou, mesmo em nossa cidade tão pequena, não seria eu que iria falar por aí.

A curiosidade de Arthur me deixa desconfiada.

— Mas o que, especificamente, Arthur pergunta?

— Ah, sobre você. Mesmo antes da volta de Raffaello, sabe? Uma vez ele comentou que, se você fosse livre, ele iria investir. — Arregalo os olhos de novo, surpresa. — Ele achava que você fosse casada ou algo assim. Disse que nunca conseguiu mais do que algumas palavras entre vocês lá no restaurante e, como Tomás estava sempre junto, ele achou que havia um marido em algum lugar.

Arthur Casillo interessado em mim? Essa é uma novidade que eu não esperava! Ao longo dos anos, encontrei-me algumas vezes com ele na *trattoria* de Sara, trocamos algumas palavras ou apenas o cumprimentei, então nunca poderia supor que o advogado bonitão tivesse algum interesse em mim.

— Eu gosto do Arthur e, se você quiser conhecê-lo melhor, darei o maior apoio. — Pisca para mim. — A família Casillo é complicada, mas André e Arthur são exceções, graças a Deus.

Sim, eu sei da história complicada que ela tem com a família do marido, principalmente com os sogros e a cunhada. A imagem de Amália, tão sofisticada, tão linda com seus cabelos negros cortados curtos e os olhos claros me vem à cabeça, e me lembro das insinuações de Arthur para Raffaello.

Não se meta nisso, Sol!, minha consciência aconselha, mas, como sempre, não a escuto.

— Sua cunhada conhece bem o Raffaello?

Sara franze a testa por um momento antes de responder:

— Acho que eles eram amigos. Arthur e Raffaello são da mesma idade. Amália tem pouca diferença para o irmão, então creio que brincavam todos juntos nas férias. Eu não sei muito, porque André era pequeno quando Raffaello foi embora.

Concordo com ela, pois o jovem casal não tinha nem 30 anos cada.

— Mas, pensando bem, Raffaello é bem o tipo de homem que ela curte — Sara volta a falar. — Bonito, com grana, com fama...

— E ela também é bem o tipo dele. — Sara me olha curiosa. — Eu o vi em algumas fotos na internet. Amália é bem-vestida, culta, de família tradicional, se encaixaria perfeitamente na vida dele.

Sara faz careta.

— Nem brinca com isso! — Ri. — Coitado do seu cunhado, ele não merece esse destino trágico!

Gargalho com a expressão de pena dela.

— Não seja tão exage...

— Quem não merece um destino trágico? — Raffaello indaga aparecendo na porta da cozinha. — Ah, temos visita! — Sorri, e eu me derreto. — Você é a babá?

Sara nega e estende a mão para ele.

— Sara Casillo.

— Ah, sim, a esposa do meu contador! — Raffaello a cumprimenta. — Prazer em conhecê-la. — Ele olha em volta da cozinha. — E Tomás?

Meu coração se aquece ao ver que ele sente falta do meu filho.

— Com Felipe na sala, brincando.

— Felipe é meu filho — Sara explica. — E nós já vamos, Sol!

— Não! — Seguro sua mão. — Faço questão de que almocem conosco. — Olho de esguelha para Raffaello, mas ele não tem expressão alguma no

rosto. — Você disse que o cheiro da minha comida estava ótimo!

— E está mesmo! — Raffaello diz, e eu fico vermelha como um tomate.

— Vou passar na sala para ver os guris e depois vou subir para meu quarto.

— Ele aponta para a panela no fogo. — O almoço ainda vai demorar?

— Não, está quase pronto.

— Ótimo. — Ele olha para Sara. — Fique conosco, Gleyson também virá almoçar aqui.

Ele se despede e vai na direção da sala. Eu me perco olhando-o, adorando o jeito que se move, o contorno de sua bunda na calça, lembrando-me de como foi gostoso segurá-la enquanto ele rebolava dentro de mim.

— Ei! — Sara me chama. — Desse jeito você vai escorregar na baba! — Ri. — Meu Deus, Sol, a olhada que você está dando para a bunda dele... — Sara põe a mão no rosto. — Você estava devorando-o com os olhos!

Balanço a cabeça, sinto o rosto arder demais e tento disfarçar meu constrangimento mexendo na comida, mas estou tão atrapalhada que deixo cair a colher dentro do ensopado.

— Merda!

Sara gargalha.

— Sol, amiga, você é um livro aberto! — Eu a encaro sem jeito. — Há quanto tempo você tem olhado assim para ele? — Dou de ombros. — Ele já deve ter percebido. Aconteceu algo entre vocês?

Fico nervosa, dividida entre contar a ela e deixar esse assunto somente entre mim e ele. Não poderia contar para a Luna, porque sei que minha irmã só veria coisas ruins nesse envolvimento, e, como sei que ela não está errada, mas quero ignorar tudo isso para desfrutar do prazer que encontrei com ele, então não tenho com quem conversar.

Preciso conversar!

Eu já guardo tanta coisa, tantos segredos, que mais um irá me sufocar.

Todavia, não posso fazer isso, não posso me abrir com ela, porque ele também está envolvido, e eu não sei se gostaria de saber que alguém tão próximo ao nosso convívio sabe o que estamos fazendo.

— Não, eu que fico boba com o charme dele — tento ser sincera, mesmo omitindo as coisas. — E ele tem uma bunda...

— Sim! — Ela ri. — E anda de jeito tão seguro, não é? Parece o tipo do homem que sabe o que faz.

Ô, se sabe!

Sorrio sem jeito diante do que ela falou, contando as horas para que chegue logo a noite e eu possa comprovar – de novo – que ele sabe o que faz, e sabe muito!



— Eu pensei que esse dia não teria fim! — Raffaello confessa quando me abraça pelas costas na cozinha. — Mas gostei de ver que Tomás se divertiu. Deve ser chato para ele ficar sem ter com quem brincar aqui neste lugar grande, preso dentro desta casa escura e antiga.

— Eu penso nisso também, mas meu consolo é que, ano que vem, ele irá para a escola. — Ele concorda. — Você não gostava daqui quando era pequeno?

Raffaello me olha intrigado.

— Você disse que Peppe contou algumas de nossas histórias aqui.

— Sim, contou — respondo tranquila. — Eu sei que *ele* amava estar aqui, quero saber o que você sentia.

Ele demora a responder, parece pensar, analisar o que realmente sente, e, quando responde, noto uma sinceridade que o surpreende.

— Eu gostava daqui, ainda gosto.

Suspiro.

— Eu sinto falta de casa, mas também gosto da vinícola e sei que Tomás prefere estar aqui a ficar dentro de um apartamento no Rio de Janeiro.

— Sim, eu aposto que sim. — Ele cheira meu pescoço. — Eu também prefiro estar aqui a em qualquer outro lugar... — Ele ri baixinho. — Quer dizer — desliza a mão pelo meu abdômen e toca meu sexo levemente —, eu prefiro estar aqui neste momento.

Gargalho, achando-o um safado descarado por dizer isso.

Raffaello me vira e beija minha boca como se estivesse desesperado. Sua saliva abundante torna o beijo ainda mais erótico do que somente o roçar inclemente de sua língua na minha. Há gosto de tesão e muitas promessas de prazer neste beijo, e isso acende o fogo dentro de mim. Agarro-o com força, cravando minhas unhas em seus ombros, os músculos pulsando sob a ponta dos meus dedos, o gemido rouco de prazer abafado por nossos lábios.

Eu desejo demais esse homem, quero-o como nunca quis alguém, e, tenho certeza, o que está acontecendo comigo é a tal da paixão que mamãe sempre disse que faz o corpo incendiar e a cabeça enlouquecer. Sempre achei exagero dela, afinal, mesmo empolgada com alguém, eu sempre mantive a racionalidade. Não com ele; não agora; muito menos com sua mão apertando minha bunda e sua língua em minha garganta.

Meu corpo parece se liquefazer com o toque dele. Basta pouco, apenas um roçar de barba no meu pescoço ou um sussurrar em meu ouvido, e eu já fico molhada, pulsante e esfomeada dele.

Sugo sua língua, imito a sucção que ele gosta que eu faça na cabeça de seu pau, e Raffaello reage rebolando contra meus quadris, apertando sua ereção em mim. Ele me espreme contra o balcão da cozinha, e eu penso que irá me comer aqui, como a primeira vez que nos rendemos um ao outro.

Contudo, ele me ergue levemente e começa a me arrastar em direção às escadas. A pressão de sua mão em minha cintura, a boca que devora a minha sem nem dar tempo para que respiremos, a notável ereção contra meu abdômen, tudo isso não me deixa ter noção do tempo ou mesmo do espaço. Não faço ideia de para onde ele está nos levando, também não me importo, desde que o sinta inteiro dentro de mim de novo.

Raffaello se desequilibra e me segura firme para não cair de costas no chão. Começa a rir e me encara.

— Não fomos muito longe, mas já nem consigo andar. — Faz cara de dor.
— Você está me matando!

Finjo-me de inocente.

— Não estou fazendo nada, Raffa!

— Exatamente — fala sério e se afasta, abrindo o zíper da calça. — Você não está fazendo nada, e eu preciso que faça, desesperadamente!

Estamos na sala principal da casa, com sua mobília pesada, tapetes grossos e luminárias fracas. Há uma enorme lareira de pedra em uma das paredes que nunca vi funcionar, mas que me faz pensar em testá-la no frio. Deve ser incrível fazer sexo perto do fogo e...

Paro de divagar sobre o local assim que Raffaello saca seu pau para fora da cueca e começa a se tocar devagarzinho, sem tirar os olhos dos meus. Já disse que adoro o jeito com que ele se masturba? Não é aquele para cima e para baixo desesperado, o famoso clichê do bate-estaca que a maioria dos homens – e mulheres – faz. Não... ele acaricia, reverencia, parece gostar de sentir seu sexo enrijecer mais e mais, o sangue ser bombeado para mantê-lo duro. Raffaello passa as pontas dos dedos sobre o pênis, deslizando-as por toda a extensão do órgão, depois se concentra na cabeça, espalha sua lubrificação sobre ela e volta a acariciar todo o pau de novo.

É viciante, lindo, completamente sexy o modo como ele se dá prazer.

Aproximo-me devagar, encantada, fascinada pelos movimentos de seus dedos, entendendo como ele consegue ser tão preciso com minha própria masturbação.

Não é fácil me tocar, precisa-se ter muita sensibilidade para saber como, em que velocidade e quais movimentos fazer para que eu goze com a mão de outra pessoa. Não adiante esfregar em desespero, nem somente colocar o dedo e massagear. Há a pressão certa, o local e a forma como gosto, e ele aprendeu isso, talvez naquele dia em que nos tocamos um para o outro na cozinha.

Ajoelho-me aos seus pés, ainda absorvendo o jeito que ele faz, querendo fazer tudo para que seu prazer seja tão intenso quanto o meu. Ergo a mão para tocá-lo, mas ele nega.

— Abre a boca para mim, Sol.

Sorrio e faço o que pede, apenas um leve afastar de lábios, e vejo que é o suficiente para o que ele quer.

Fecho os olhos e gemo baixinho quando o sinto esfregar a ponta de seu pau sobre meus lábios. Não me mexo, apenas espero. Ele os contorna devagar, cobrindo-os com seu líquido morno, então, balança-os para cima e para baixo, abrindo mais minha boca, raspando sua glândula em meus dentes.

Olho-o para saber se não sente dor, afinal, sei o quanto essa parte é delicada, mas não, ele parece se refastelar com minha boca, sua expressão de prazer aquecendo ainda mais o meu corpo.

— Abre mais — pede entre gemidos.

Sigo sua instrução e o recebo em minha boca por completo. Afasto os dentes, deixo os lábios relaxados, enquanto ele se aprofunda. Os gemidos de Raffaello me causam arrepios de prazer, transportam-me para uma realidade onde nada mais existe ou importa, apenas este momento.

Sinto-me como um vulcão prestes a entrar em erupção. Aperto minhas

pernas; o líquido da minha excitação, que encharcou minha calcinha, agora molha minhas coxas. Estou fervendo por ele, louca para misturar nossos prazeres num só.

Raffaello faz o movimento de sair, e eu o sugo com força, obrigando-o a usar mais energia para tirar seu pau. Quando ele volta a entrar, uso a língua para esfregá-lo todo, e ele agarra minha cabeça, apoiando-se, trêmulo de paixão.

Seus quadris começam a se movimentar mais. Aceleramos com a brincadeira, e o chupo e lambo com mais vontade, já sem me importar como e quando faço isso, apenas agindo por instinto.

Ele delira, os dedos afundados nos meus cabelos, a cabeça pendendo para trás, enquanto bufa e sua. Desvio-me quando ele estoca novamente e deslizo meus lábios pelo corpo de seu membro, chego até suas bolas e as chupo devagar, cheia de cuidados.

— Porra, Sol... — geme. — Eu não quero gozar agora.

Sorrio com a confissão e sua voz desesperada de vontade. Subo para a cabeça de seu pau, arrastando a língua por todo o caminho desde suas bolas até o topo. Olho-o, passo a pontinha da língua justo na fenda que ele traz na glândula. Raffaello trinca os dentes, seu maxilar pula, e seus olhos parecem vidrados de tesão.

— Tira a calcinha por baixo do vestido sem se levantar daí ou parar de me chupar. — Ergo a sobancelha, e ele fica impaciente. — Agora, porra!

Dou um risinho, mas faço o que ele me pede. Não é fácil, vou com a calcinha até meus joelhos, mas tenho de levantá-los um por um para tirá-la sem cair. Além disso, preciso esticar o máximo o meu braço para trás e reclinar levemente meu corpo para retirá-la dos meus pés.

Quando pego a peça, Raffaello estende a mão.

Entrego-lhe a calcinha, fecho meus lábios sobre a cabeça de seu sexo e

chupo com força. Ele urra e rebola. Fecho os olhos, sentindo seu tesão alimentar o meu, deliciando-me por estar dando prazer a ele dessa forma, enlouquecendo-o como ele me enlouquece.

— Olhe para mim, Sol — pede em um rosnar.

Minha calcinha está em sua mão, e ele a cheira enquanto rebola na minha boca. O safado sorri, passa a língua nela, depois a chupa descaradamente.

Sinto choques em meu clitóris e espremo as coxas conforme ondas de prazer assolam meu corpo, fazendo-me convulsionar. Agarro-me em suas coxas quando ele se abaixa, toma minha boca, divide nossos sabores em um beijo molhado e pervertido.

Gemo alto, mesmo com seus lábios nos meus, e, quando penso que atingi o ápice, ele me deita sobre o tapete da sala, abre minhas pernas ao máximo e se enfia entre elas, roçando seu membro duro contra meu clitóris, rodando-o, instigando-o, indo até a entrada da minha boceta e voltando para cima.

— Você quer me matar! — digo chorosa, o corpo todo respondendo à provação dele.

— Eu quero! — Ri bem safado.

Finco as unhas no tapete, ergo meus quadris e rebolo contra seu pau. Raffaello geme, esfrega-o com mais força, e eu aumento os movimentos para seguir seu ritmo e gozar de novo.

Paraliso ao sentir parte de seu pau dentro de mim. Ele também parece assustado, sem entender como isso aconteceu.

— Não... — ele respira forte — me peça para sair.

Um arrepio cruza minha espinha, o anúncio do orgasmo chegando apenas com seu pulsar dentro de mim. Nenhum dos dois está se movendo, apenas estamos juntos, conectados, pele com pele, olhos nos olhos.

— Eu vou gozar — aviso-lhe, e ele parece que tomou um soco, sua expressão completamente chocada e, ao mesmo tempo, inebriada.

— É a sensação mais foda que eu já tive — diz. — É... — move-se bem devagar, a cabeça passando do primeiro anel muscular da minha vagina — transcendental.

Ele pulsa mais forte, e eu não resisto mais. Deixo que o êxtase me leve para onde quiser, esqueço-me dele dentro de mim, esqueço que deveríamos estar protegidos e apenas curto o orgasmo delicioso e forte que me arrebatava totalmente, levando-me ao céu, tirando minha razão e me transformando apenas em um conjunto de sensações.

Quando volto à realidade, respirando como quem estivesse submersa por horas, corpo parecendo gelatina, cabeça rodando, coração a mil, olho-o, e a expressão dolorosa em seu rosto me comove.

Raffaello ainda está dentro de mim, parado, esperando que meu clímax acabe, segurando o seu próprio.

Ele me olha desolado. Meu coração se aperta, pois não tenho ideia do que está se passando por sua cabeça neste momento.

— Tudo bem? — pergunto, e ele nega.

Tento me afastar para tirá-lo de mim, mas ele logo levanta as mãos, pedindo para que eu fique onde estou.

— Se você se mover mais, eu não vou aguentar segurar — explica. — Foi uma tortura deliciosamente lancinante estar em seu interior enquanto você gozava, mas agora o mínimo movimento vai me fazer ir. — Assinto. — Eu queria muito ter te acompanhado, porra, muito!

Eu o noto tremer, seu rosto molhado de suor, sua camisa empapada. Queria também que ele gozasse em mim, junto comigo. Seria perfeito, mas é perigoso, é assumir um risco que nenhum de nós quer.

— Raffa? — chamo-o.

Deslizo devagar, milímetro por milímetro, retirando-o de mim. Ele parece concentrado, focado em algo além de nós dois. Sento-me no tapete e ergo seu

rosto. Ele sorri e balança a cabeça.

— Desculpa por isso. — Bufo. — Prometo que não voltará...

Toco sua boca com a minha, um beijo carinhoso e consolador. Seu pau parece em brasa, duro feito pedra, pulsando mais que o meu coração. Raffaello se contorce quando o toco cheia de carinho, instigando-o, estimulando-o.

— Se você continuar, vou melar todo o tapete — brinca, já mais relaxado.

— Que desperdício!

Estico-me de bruços no tapete e o tomo em minha boca. Raffaello me segura pelos cabelos, e eu o chupo com rapidez e força, estocando com minha cabeça como ele faz quando está dentro de mim.

— Porra, Sol... — geme antes de esporrar na minha garganta. — Toma tudo, porra, é seu!

Não penso muito em *todos* os motivos para não tomar gota por gota de seu prazer, apenas o faço, engolindo devagar enquanto o pau dele se contrai e Raffaello urra de prazer.



— Já temos 23 coletores confirmados, o operador de colheitadeira, o tanoeiro, o gerente de adega e de campo e... — ela me olha e sorri — o enólogo. É uma boa equipe, não?

— É ótima, Sol! — confirmo e fecho os olhos, cansado por mais uma trepada fora de horário dentro do escritório.

Ela se deita sobre meu peito, e sei que está sorrindo pelo movimento de sua face. Oito dias se passaram desde que começamos a trabalhar juntos no escritório do Gleyson. Confesso que tenho a sensação de que foi rápido demais, principalmente por conta de todos os afazeres que nos tomou tempo na preparação das equipes para o trabalho árduo que nos espera no próximo mês.

Dezembro chegou com tudo, e, embora ainda não seja verão, posso já sentir o cheiro doce das uvas nos parreirais, a brisa mais morna que nos toca durante a tarde e, sem dúvida, a luminosidade incandescente do sol.

— Viu a previsão do tempo para os próximos 15 dias? — pergunto a Sol.

— Vi para o mês todo naquele site de apoio aos agricultores. — Ri. — Eu

te falei ontem, está tudo perfeito, e o que está feito, está feito. Em breve vamos colher.

Concordo com ela. Muitas chuvas ou tempo seco demais nesse período pode afetar a qualidade da uva, porém isso já não depende de nós, mas sim da sorte. Temos um plano de contingência para caso algo dê errado, mas sei que ele só serve para amenizar os prejuízos.

Cultivar videiras é algo sensível em qualquer parte do mundo. Ter um *terroir* perfeito é um bom ponto de partida para vinhos excelentes, mas, infelizmente, ainda não temos como controlar as intempéries. Chuvas demais produzem frutos sem açúcar suficiente, enquanto tempo seco produz frutos pequenos, sem suculência e de casca grossa. Os dois são péssimos para vinhos de qualidade, o ideal é ter controle dos dois extremos, e isso é feito de forma planejada.

Este, sem dúvida, é o mês do tudo ou nada. Eu não estava aqui na época em que houve o despertar fenológico das videiras – a brotação, após o inverno –, nem mesmo nas fase de crescimento e floração, mas, de acordo com os relatórios de Gleyson, nada fora do normal aconteceu, nem ao clima, nem ao solo, o que foi comprovado quando os bagos começaram a ganhar corpo e o pintor⁶ se deu de forma completamente satisfatória. Eu acompanhei parte deste estágio, vi as uvas crescendo, ganhando corpo, acumulando açúcares e diminuindo sua acidez a cada prova que era colhida e analisada.

Até a perfeita maturação para a colheita, Gleyson e eu estamos tirando as provas de cada cultivar, analisando seus aspectos fisiológicos e gustativos para que eu possa traçar o melhor método para a produção do vinho.

A preocupação com as chuvas de verão ainda é alta, principalmente perto da colheita, mas – aperto Sol contra meu corpo –, ao que parece, continuamos tendo sorte de ter o sol ao nosso lado.

— Acho que o Gleyson sabe o que temos feito todas essas tardes aqui,

trancados neste escritório — ela comenta baixinho.

Tenho vontade de rir, mas não o faço, respeitando a inocência dela por achar que ele ainda não tem certeza do que estamos fazendo aqui todos esses dias. Desde terça-feira da semana passada nós temos trabalhado juntos, entrevistando pessoas, fazendo contratos de trabalho temporário, testando equipamentos e anotando tudo o que possamos vir a precisar durante a vindima.

Sol tem estado comigo e com Gleyson o tempo todo, opinando, mostrando que, mesmo sem conhecer muito sobre a produção do vinho, é esperta, inteligente e muito racional. A moça que ela contratou para tomar conta de Tomás durante o dia pareceu segura, sensata e muito carinhosa com o menino, e, apesar de Sol ir de tempos em tempos à casa, pudemos nos concentrar em todos os processos para a vindima, que começa a partir da segunda semana de janeiro.

Mas é claro que não estamos vivendo apenas de trabalho! Sorrio, o cheiro do xampu dela chegando às minhas narinas, conforme lembro como temos trepado como loucos. Desde nossa primeira vez juntos, Sol não dormiu mais sozinha. É certo que, quando Tomás acorda, ela me deixa para estar com o filho, mas, na maioria das noites, durmo com ela ao meu lado.

É algo novo, e eu ainda tenho receio de que essa rotina intensa desacelere esse tesão todo que temos e que, de uma hora para outra, percamos o interesse, porém, decidi aproveitar ao máximo essa experiência enquanto podemos.

Além disso, há outras questões que ainda me incomodam.

O fato de ela ter sido mulher do meu irmão me traz um gosto amargo à boca às vezes. Não é que eu tenha ciúmes ou qualquer outro sentimento de posse, apenas me sinto trair Peppe, e isso é suficiente para que eu me culpe e condene, mas não para que não queira estar com ela.

Ainda sobre esse relacionamento, há a questão da paternidade pairando sobre nós. O exame de DNA, marcado para a quinta-feira passada, teve que ser adiado porque o laboratório teve problemas – assim, genérico mesmo! –, pelo menos foi a justificativa para que cancelassem todos os exames da semana. Fiquei louco por causa disso, pois já estava contando com o esclarecimento desse assunto, mas Arthur justificou o atraso como: “coisa de laboratório do interior”.

Por esse motivo, decidi que vamos fazer o exame em um laboratório de Porto Alegre, e isso vai finalmente acontecer amanhã.

— Raffa? — Sol me chama, e eu paro de pensar no exame.

Adoro que ela me chame de Raffa! Sorrio para ela, lembrando-me do assunto do Gleyson e da preocupação dela.

— Ele sabe, Sol — decido ser sincero. — Impossível não saber.

Ela fica vermelha.

— Comentou algo contigo?

Nego.

— Eu sou discreto com minha vida particular, e Gleyson sabe. — Beijo sua cabeça. — Ele não vai perguntar e nem falar sobre o assunto, não se preocupe.

— Eu fico sem jeito, sem saber o que ele está pensando de mim.

Ela se senta, e eu faço o mesmo, preocupado com o tom em sua voz.

— Isso te importa muito? O que ele pensa de você?

Ela respira fundo, levanta-se e começa a se vestir.

— Eu cheguei aqui há três anos, grávida, esperando um filho de seu irmão — as palavras me acertam como flechas. — É, no mínimo, estranho que agora esteja tendo um caso com você... parece, sei lá, errado.

Concordo com ela.

— Eu sei, penso nisso também. — Ergo-me e vou até ela. — Eu concordo

com você, deveríamos ter sido mais discretos ou, até mesmo, rejeitado essa atração que sentimos um pelo outro, mas você consegue não sentir isso? — Passo a mão pelo seu braço e vejo sua pele arrepiar inteira. Ela olha para si mesma, para a reação de seu corpo a apenas um toque meu, e nega. — Nem eu, Sol. Acredite, eu gostaria, mas não consigo.

— Eu me preocupo com Tomás e como isso entre nós irá repercutir depois que você for embora. — Ela me olha. — Como vamos conviver depois disso? Mesmo à distância, se decidirmos tocar a vinícola juntos, teremos mais um vínculo.

Beijo sua testa, reconhecendo o motivo de sua preocupação, mas querendo que ela não pense tanto, porque também não quero digerir completamente nossa situação.

— O que temos é o agora, Sol, depois, ninguém sabe. Somos adultos, sabemos o que estamos fazendo, ninguém está iludindo ou enganando, está tudo às claras desde o começo. — Ela assente. — Não pense tanto no que vai acontecer, vamos aproveitar “a bolha” que criamos quando estamos juntos. Nada mais importa além do que sentimos quando nos tocamos; o resto, lidamos em outros momentos, em outras oportunidades.

— Você tem razão. — Sorri, mas ainda vejo preocupação em seus olhos. — É que eu conheço o Gleyson desde quando vim aqui a primeira vez e não queria que ele pensasse mal de mim por conta dessa nossa situação.

— Eu sei, mas, creia-me, ele também é adulto e sabe que não tem nada a ver com a nossa vida e como escolhemos vivê-la.

Sol termina de se arrumar, suspira e me olha.

— Arthur se ofereceu a me levar junto a Tomás para Porto Alegre amanhã.

Fico tenso ao ouvir isso, principalmente porque *eu* também vou para o mesmo local que eles, e o mais natural é ela e o guri irem comigo, afinal,

moramos na mesma casa!

— Eu já havia dito a ele que iríamos juntos — digo contrariado. — Não tem por que você ir com ele. — Respiro fundo. — A não ser que prefira.

— Eu agradeço o oferecimento, mas declinei. — Sorrio ante a sua resposta. — No entanto, propus que fôssemos *todos* juntos. — Arregalo os olhos. — Não faz sentido irem dois carros quando apenas um é suficiente para nos levar.

Ah, porra, Arthur junto?, penso muito contrariado, mas resolvo não demonstrar meu... desgosto.

— Tudo bem.

Ela sorri.

— Ótimo!

Sol passa por mim para sair, mas, antes, pega a camisinha usada no chão do escritório e a embrulha em papel para descartá-la na lixeira.

— Quando você começa com o contraceptivo? — questiono à queima-roupa.

Ela franze a testa.

— Não vamos fazer os exames primeiro?

— Providenciaremos isso amanhã mesmo — respondo decidido. — O laboratório nos enviará os resultados por e-mail no outro dia.

Vejo-a buscar ar, seu peito se expandir.

— Preciso esperar meu próximo ciclo menstrual para começar, mas o ideal seria eu ir até um ginecologista para decidir o melhor método.

Concordo.

— Faça isso.

Sol me olha séria, e eu fico com medo de sua expressão, verdadeiro pavor de que ela volte atrás sobre treparmos sem camisinha.

Isso tem martelado minha mente desde semana passada, quando, durante

uma brincadeira na *portinha* dela, meu pau entrou, e meu corpo inteiro se incendiou só por sentir a maciez, a calidez e a umidade de seu corpo sem nenhuma barreira.

Quase morri, literalmente!

Tive que fazer um esforço sobre-humano para não gozar dentro dela, junto a ela, sentindo os músculos de sua boceta ordenharem meu pau enquanto ela se entregava ao orgasmo. Foi a sensação mais perfeita e a mais fodida que eu já senti.

Depois, quando ela me consolou com uma chupada fenomenal e ainda engoliu todo o meu esperma, tive que ficar um tempo quieto, praticamente imóvel, lidando com as vibrações em meu corpo e o batimento exagerado do meu coração.

— Precisamos arrumar isso... — comentei com ela.

— O quê? — perguntou, deitada no meu braço, suada e linda.

— Eu quero gozar dentro de você.

Sol se levantou e me encarou com seus olhos arregalados.

— Tem certeza disso? — Assenti. — Eu não tomo nenhum tipo de anticoncepcional.

— Eu imaginei quando você disse que não estava protegida naquela noite na cozinha. — Pisquei. — Precisamos arrumar isso.

— Não é só o risco da gravidez, temos também que fazer exames e...

Comecei a rir.

— Sim, vamos fazer, mas, convenhamos: Inês é morta! — Ela ficou séria, e eu parei de rir. — Você gozou como louca no meu pau e depois me bebeu como se eu fosse um vinho premium.

O rosto dela ficou vermelho.

— Eu sei... eu não pensei direito na hora e...

— Eu sou limpo, Sol. — Segurei suas mãos. — Nunca tive ninguém com

quem quisesse isso que acabei de te pedir. Sempre trepei de camisinha, levei isso muito a sério a vida toda.

— Eu também. — Franzi o cenho com essa declaração, e ela percebeu que estava pensando em Tomás. — Até Peppe — completou.

Sol soltou suas mãos das minhas e se afastou.

— Vamos pensar sobre isso, afinal, algo assim não só demanda confiança entre o casal, como também dá um certo ar de perenidade.

Entendi o ponto de vista dela, mas não vi esses pontos como algo negativo na nossa situação.

— Eu confio em você e não tenho intenção de estar com outra pessoa, é tudo o que posso dizer em favor do meu pedido. — Abracei-a. — Agora a resposta é sua, a decisão final. — Beije-i-a. — Vamos para o banho?

Ela concordou, e não falamos mais no assunto, distraídos entre trepadas incríveis e muito trabalho.

— Talvez nem dê tempo — Sol comenta de repente, e eu volto à realidade.

— Do quê?

Ela me encara.

— De o método fazer efeito a ponto de estarmos seguros antes de você voltar para a Europa. — Engulo em seco. Não estamos pensando nisso agora, mas vejo razão no que ela diz. — A vindima vai até março, mas você já disse que, assim que os primeiros vinhos forem produzidos, você deixará o resto sob a supervisão de João Hortiz e...

— Isso não vai acontecer antes de março — interrompo-a. — É inverno na Europa, as videiras estão todas semiadormecidas e cuidadas pelos viticultores que farão as devidas podas. Preciso estar de volta no outono para o abrolhamento, é quando os novos ramos vão brotar e onde meu trabalho efetivamente começa.

— Entendo. — Ela sacode a cabeça. — Eu vou marcar um ginecologista para conversar e...

— Já disse que você não precisa fazer isso se não quiser. — Aproximo-me dela e esfrego meu nariz em seus cabelos. — Não quero que se sinta pressionada.

— Não estou, só queria deixar tudo claro. É uma situação nova para mim também.

Ela sai, mas suas declarações me intrigam, porque ela já viveu maritalmente com Peppe, inclusive teve um filho com ele, então, o que pode ser novo nessa nossa relação para ela?



Droga, Sol! Balanço minha cabeça enquanto espero o técnico do laboratório me chamar para fazer o exame de sangue.

Quase não dormi essa noite, preocupada com tudo que está acontecendo entre mim e Raffaello. Eu não tinha planejado nada assim para mim, abdiquei de tudo para criar meu filho, para fazer jus a todo sacrifício e todas as promessas que foram feitas.

Eu sei que ele não iria querer que eu vivesse minha vida sozinha. Contudo, acho que também não aprovaria meu envolvimento com Raffaello. Nós nos conhecíamos muito bem, certamente ele iria prever, antes mesmo de mim, que eu me apaixonaria perdidamente e que isso me faria sofrer.

Sim, ele saberia!

Essa semana foi tão especial para mim de tantas formas possíveis que não consigo nem mesmo enumerar todas as coisas que contribuíram para que eu me sentisse como estou me sentindo. Vocês podem achar exagerado eu ter me apaixonado por ele em tão pouco tempo, mas tenho a impressão de que fui guiada para isso desde que nos vimos pela primeira vez.

Não sei se o que sentimos irá se perpetuar no tempo, mas a emoção está aqui, queimando, propulsando, pronta para crescer e se tornar algo mais profundo. A chama da paixão já está acesa em mim; resta agora saber se ela irá consumir tudo ou se irá se transformar em amor.

Respiro fundo, nervosa com a possibilidade de amar Raffaello.

Eu sei que a gente não combinou nada disso, que dissemos que não seria nada sério, apenas coisa de momento. Todavia, quem pode controlar o coração? É muito fácil chegarmos a um acordo racional; difícil é manter as barreiras da racionalidade erguidas quando se percebe que o carinho, a atenção, o desejo, a proteção e o cuidado são recíprocos.

Tudo o que dou a ele volta para mim de alguma forma.

Estamos passando muito tempo juntos, e, mesmo nos momentos mais cansativos, ele dá um jeito de sorrir cheio de tesão para mim; de dar uma piscada safada me provocando; mandar um beijo carinhoso; ou apenas buscar o toque da minha pele como se precisasse estar em contato com ela.

Raffaello é preocupado com Tomás, algo que eu esperava que acontecesse a partir do momento em que ele tivesse a certeza de que o meu filho é realmente seu sobrinho, mas que aconteceu naturalmente antes mesmo de essa dúvida ser sanada.

Certa vez o encontrei questionando Nora sobre as refeições de meu filho, pedindo a ela que tentasse disfarçar o feijão em algum lugar, porque Tomás estava rejeitando o alimento, e ele sempre ouvira falar que tinha propriedades importantes para o desenvolvimento.

Vi os dois brincarem pela casa, à noite, como se fossem dois gurus – como ele fala –, suas risadas enchendo aquela casa escura e antiga de luz e alegria.

— Mamãe — Tomás me chamou certa vez, antes de dormir. — Tio Raffa pode ficar?

Eu não entendi o que ele disse até que explicou:

— Com Tomás e mamãe. — Meu coração se apertou. — Tio Raffa pode ficar, não pode?

Apertei-o contra o peito, a garganta com um nó impedindo-me de emitir qualquer som, os olhos ardendo com as lágrimas que eu não poderia deixar caírem perto dele.

Como explicar que, embora eu também quisesse que ele ficasse, não seria o melhor para ninguém? Eu quero, sim, poder continuar vivendo esse sentimento com Raffaello, mas sei dos riscos que correrei a cada dia que ele permaneça aqui.

Raffaello é um homem muito esperto e já percebeu alguns *vacilos* que dei; não posso correr o risco de me entregar, principalmente porque não poderei explicar tudo, não sem quebrar promessas.

Eu não quebro promessas!

— Ele pode, filho, mas, ainda que não fique aqui na casa conosco, ele sempre será seu tio Raffa.

Tomás ficou um tempo me olhando, processando o que eu disse, mas não voltou a falar nada. Eu espero que, quando Raffaello voltar para a Europa, nós dois – meu filho e eu – fiquemos bem com sua partida.

Tudo isso somado ao enorme desejo que sentimos um pelo outro, à nossa química tão perfeita, que me traz a sensação de pertencimento, de reconhecimento, como se meu corpo, meu prazer conhecesse o dele desde sempre, pode fazer com que eu perca meu coração.

Agora, aqui, sentada esperando para fazer exames que serão levados ao ginecologista que marquei há pouco para que eu possa escolher um contraceptivo me dá a sensação errada dessa história toda.

Não somos um casal planejando uma vida juntos! Estamos apenas tentando deixar nossas transas mais gostosas e seguras, apenas isso. É necessário que eu me lembre, que situe a real situação antes de deixar meu

coração iludir minha cabeça.

— Sol Palmeira? — o técnico do laboratório me chama, e eu sorrio, pronta para dar o primeiro passo em direção a uma nova fase em minha vida.



— Podemos almoçar em alguma churrascaria? — Arthur pergunta quando nos encontramos na saída do laboratório.

Tomás está no meu colo, um tanto chateado, cansado da viagem e sonolento. Raffaello ainda não voltou do exame que está fazendo, pois tivemos que ir separados para que alguém ficasse com Tomás.

Eu acompanhei, primeiro, o exame de DNA, algo tão simples que, sinceramente, poderia ter sido feito em casa. Não colheram sangue, apenas fizeram raspagem por dentro da bochecha dos dois, algo rápido e, ainda bem, indolor.

Depois disso, fui para o outro lado do enorme laboratório para colherem meu sangue, enquanto Raffa tomava um lanche com Tomás. Sinceramente, não entendi por que Arthur fez questão de vir, afinal, não precisamos dele em momento algum.

— É melhor esperarmos pelo Raffaello — respondo. — Mas eu gostaria de comer algo leve e já pegar a estrada de volta para o Vale.

Arthur assente.

— Se quiser ir comigo, posso levá-la de uma vez — oferece.

Nego e sorrio, mesmo achando chata a insistência dele. Foi assim desde cedo, quando saímos da nossa cidade para vir para cá. Arthur apareceu na vinícola de carro, mas Raffaello preferiu vir dirigindo e, ao contrário do que eu sugeri, nenhum dos dois quis ceder para ir de carona com o outro.

— Sol e Tomás vão comigo — ele avisou ao advogado. — O guri não te conhece bem, ficará melhor com o tio dele.

Disfarcei um sorriso ao ouvir a justificativa, porque era ótimo ouvi-lo assumir seu parentesco com Tomás tão naturalmente. Eu tive medo de que ele o rejeitasse por conta do que Don Genaro fez com a herança, mas, aparentemente, isso não irá acontecer.

— Tem certeza de que não prefere vir comigo, Sol? — Arthur insistiu. — Acho meu carro mais confortável do que a caminhonete da vinícola.

Raffaello riu debochado, olhou para Arthur e entrou no carro, seguro de que eu iria com ele.

O que está rolando entre esses dois?, questionei-me antes de declinar do convite de Arthur mais uma vez. Raffaello já havia prendido a cadeirinha de Tomás no banco de trás do veículo, e eu apenas o coloquei lá, com seus brinquedos e me sentei no do carona.

— O que está acontecendo? — perguntei-lhe, mas ele fez cara de paisagem enquanto manobrava o carro. — Raffaello?

— Acho Arthur muito inconveniente, apenas isso — respondeu. — Ele nem é seu advogado, não tem por que ficar em cima de você desse jeito.

Ficar em cima de mim?!, as suas palavras me deram uma sensação de que ele estava enciumado, mas logo deixei essa ideia de lado, pois não havia motivo algum para isso.

Durante a viagem até Porto Alegre, falamos basicamente da vinícola, pois Tomás estava alerta, agitado e não cochilou em nenhum momento.

Meu filho se remexe em meu colo, e eu penso que, se ele tivesse dormido na vinda, não estaria tão enjoadinho agora. Afago suas costas e falo baixinho:

— Já vamos para o carro, está bem?

Tomás esfrega os olhos, cansado, mas balança a cabeça.

— *Quer* tio Raffa!

Sorrio.

— Ele já está vindo, não se preocupe.

Arthur se aproxima e estende os braços na direção de Tomás.

— Vem comigo, Tomás, sua mãe já deve estar com os braços doendo de te segurar.

Meu filho dá as costas para ele e se agarra em mim.

— Pode deixar, Arthur, estou acostumada. Obrigada.

De repente, Tomás se ergue de novo no meu colo e se agita.

— Tio Raffa! — Contorce-se para sair do meu colo, e eu o coloco no chão.

Vejo meu pequeno sair correndo até o tio, que o pega no colo, fala algo para ele, fazendo-o rir, e o abraça.

— Desculpem a demora.

Não consigo desviar os olhos da enorme mão dele fazendo carinho nas costas do meu filho, que está com a cabeça deitada em seu ombro, acomodado, acolhido, protegido. Meu coração toma um tombo cada vez que vejo o quanto os dois se gostam, quanto já se apegaram um ao outro.

É aterrorizante e, ao mesmo tempo, emocionante.

— Estava propondo a Sol que almoçemos em uma churrascaria que tem aqui que é maravilhosa...

— Tomás está muito cansado, Arthur — Raffaello o interrompe. — Acho até que já caiu no sono aqui no meu ombro.

Ele ri, e eu dou a volta para olhar meu pequeno e confirmo:

— Dormiu, sim!

— Então acho melhor irmos para casa. Quando ele acordar, paramos no caminho e comemos algo. — Raffaello me olha. — O que acha, Sol?

— Ideia maravilhosa!

Arthur suspira e concorda.

— Se você tiver algo mais a fazer aqui em POA, fique, Arthur.

O advogado fica sem jeito.

— É, eu acho que vou adiantar algumas coisas que preciso resolver aqui.

— Ele me olha. — Assim que eles liberarem o resultado, voltamos a conversar, mas, surgindo qualquer dúvida, podem me ligar.

— Obrigada!

Ele se despede, e nós também seguimos para o carro.

— Fomos convidados para uma festa da comunidade italiana nesse final de semana — Raffaello me conta assim que entramos no carro. — É algo bem familiar, muito vinho, muita *pasta*, dança típica. — Ri. — O que acha? Estamos trabalhando direto e, depois, quando começar a vindima, adeus divertimento fora do vinhedo.

— Parece ser legal — digo animada.

— É, sim! Não é algo grande, nem feito para turistas, apenas para os moradores mesmo. No convite incluíram a degustação de vinhos da Don Ferrero, mas, pelo que eu já entendi das safras anteriores, a produção não foi boa.

— Não — concordo com ele. — Gleyson e eu, antes de Don Genaro adoecer, estávamos fazendo o levantamento do que havia na cave. Como o gerente de adega havia sido demitido, bem como o administrador, não achamos registro de estoque. — Raffaello bufou. — Então começamos a fazer o inventário de novo.

— Precisamos retomar isso antes da nova produção.

— Falei isso ontem com Gleyson, e combinamos de passar pelo menos umas duas horas na cave por dia. — Rio nervosa. — Não gosto muito de lá, sei que precisa ser daquele jeito, com aquela luz bruxuleante, o clima mais frio que o ambiente externo, mas é tão grande e parece um labirinto com aqueles tijolos à mostra e os arcos no teto.

— É uma das caves mais lindas da região, Peppe sempre dizia isso quando falávamos em transformar a Don Ferrero em uma vinícola para enoturismo.

Arregalo os olhos, vendo sentido no que Peppe dizia, pensando em quantas pessoas, do mundo todo, gostariam de conhecer a Don Ferrero. A vinícola, por si só, é um espetáculo! O vinhedo, as construções, o lago, o pomar e, claro, a cave, tudo é lindo e tradicional, coisa que turista ama.

— Ela é perfeita para isso! — digo animada. — Nunca entendi por que uma família tão pequena quanto a Ferrero precisava de uma casa com 15 quartos, mas, pensando pelo lado turístico...

— Usar a casa como hotel? — Raffaello parece não acreditar no que acabei de sugerir.

— Por que não? Temos também aquela enorme construção que era usada como alojamento. A pousada oficial poderia ser feita lá, e a casa ficaria apenas para hóspedes premium, um pacote exclusivo, caro e raro, aberto apenas algumas vezes por ano.

Ele ri da minha empolgação.

— Sol, é um trabalho da porra preparar a vinícola para isso. — Fica sério. — Sem contar que, para atrair turistas, é necessário que tenhamos um vinho de qualidade.

Suspiro, sentindo meu gás da animação vazar um pouco.

— Eu sei, mas é algo que poderia dar muito certo.

— A longo prazo, sim, mas não agora. — Ele me olha de esguelha. — É necessário que, primeiro, tenhamos uma boa vindima e uma produção que compense os desastres anteriores, só então poderemos pensar em outras possibilidades. — Respira fundo. — Além disso, ainda não decidimos se iremos manter a Don Ferrero na família.

Meu coração gela.

— Está pensando em vender ainda?

— Tudo vai depender de como as coisas vão progredir no próximo ano, mas, sim, ainda penso que é a melhor saída.

Decido não comentar nada, pois a venda, de certa maneira, seria um alívio para mim também. Eu adoro a vinícola, acho que é um ótimo local para que meu filho cresça, porém ela é o maior elo entre mim, Raffaello e Tomás.

Eu sei que, como tio, ele irá participar da vida do meu filho, porém, como mora longe, tem sua rotina intensa de trabalho, nosso contato será o suficiente para que ele acompanhe a vida de Tomás. Entretanto, se a vinícola persistir, Raffaello terá mais ligações conosco, poderá vir ao Brasil mais vezes, e eu não sei até que ponto isso é bom.

Se eu gostaria de vê-lo mais depois que for embora? Claro! Porém, não sei se é prudente.

— Ficou chateada? — ele me pergunta depois de um tempo, o silêncio pesando entre nós no carro.

— Não, apenas pensativa.

Ele pega minha mão por sobre minha coxa e a aperta.

— Vamos participar da festa? — volta ao assunto, e eu concordo. — Tomás vai poder interagir com mais crianças e se divertir. — Olha-me. — Nós também.

Sorrio, coração disparado, pensando em poder dançar com ele.

— Vamos, sim!

Ele puxa minha mão até sua boca e a beija.

— Vou adorar trepar contigo alegrinha depois de algumas taças de vinho.

Rio.

— Ah, é? — Ele concorda. — O vinho me dá sono, é capaz de eu chegar em casa e cair dura na cama.

Ele gargalha no carro.

— Duvido, Sol! — Leva minha mão até sua virilha, e me contorço no banco ao perceber o quanto ele está duro. — Duvido!



— Hum, que cheiro é esse? — Sol pergunta rindo quando eu e Tomás entramos em casa.

Ela se aproxima do filho e torce o nariz ao sentir o cheiro forte de cavalo.

— O que vocês fizeram para cheirar assim? — Ri.

— Cavalo amigo! — Tomás diz e me olha. — Tio Raffa e Tomás *gosta* de cavalo!

— Gostam — ela corrige o pequeno. — Tio Raffa e Tomás *gostam* de cavalo! — Ela o entrega para Nora, que sorri encantada com o menino e o leva para tomar seu banho. — Fizeram o quê? Rolaram na baia suja?

Eu gargalho e nego.

Tomás estava com medo do pônei, e lamentei não o ter levado antes para conhecer o animal. Havia dias ele vinha me pedindo para ver o cavalo, mas, com os compromissos na preparação da colheita, acabei adiando.

Então, hoje de manhã, ele me acordou e me intimou a levá-lo até o estábulo para ver seu cavalinho. Sol tinha acabado de deixar meu quarto quando ele entrou, e eu tinha praticamente começado a pegar no sono.

Sorrio ao me lembrar da noite espetacular que tivemos e da surpresa dela ao meu convite para estrear a banheira na suíte principal.

— É o quarto de Don Genaro.

Rolei os olhos diante do argumento dela.

— Ele não dorme lá há meses, né? — Ela ficou vermelha, e eu a abracei.

— Não precisamos de uma banheira, podemos usar um dos tonéis de pisa que ainda têm guardados lá no galpão.

Ela sorriu toda safada.

— Aquela tina de madeira usada para pisar as uvas? — Assenti. — Podemos mesmo?

Fiquei todo animado.

— Claro! Só preciso saber onde estão e transportá-las para algum local reservado para que ninguém acabe nos pegando no flagra.

Ela mordeu o lábio, pensando, talvez imaginando nós dois no recipiente, com água gelada, refrescando um pouco o calor do verão que ainda nem chegou.

— Já tomou banho de suco de uva?

A sua pergunta me fez sentir água na boca só em imaginá-la submersa em vinho – ou suco de uva –, e não pude esperar mais para fodê-la. Foi uma noite de pura sacanagem, cheia de risadas e fantasias reveladas.

— Eu sempre quis nadar pelada, mas nunca tive coragem — confessou, deitada no meu braço.

— Podemos arranjar isso, temos um lago. — Pisquei para ela. — Eu quero te banhar em champanhe e beber o líquido direto na sua pele.

— Uau! Acho que vou gostar disso também!

— E, claro, preciso comer seu rabo.

Ela se engasgou com a própria saliva, e comecei a rir.

— Precisa?

Concordei.

— Preciso, é uma necessidade! — Rolei para cima dela. — Enquanto você não resolve a situação com o anticoncepcional, poderíamos praticar sem camisinha no seu...

— Raffa! — Ela riu nervosa.

Ergui uma das minhas sobrancelhas, desconfiado, ainda que incrédulo. Sol era tão liberal na hora do sexo, não era possível que ainda não...

— Você nunca deu esse rabo delicioso, é isso?

Ela se tingiu mais do que uva tinta na época do pintor, e eu soube a verdade. Meu pau, já todo animado com a conversa safada, pareceu ganhar vida, e eu gemi apenas com a antecipação de penetrar em terras nunca exploradas.

— É fato, eu *preciso* comer seu rabo! — Ela me olhou intensamente. — A não ser que você não queira experimentar ou tenha medo...

— Eu quero — confessou, o rosto rosinha do rubor. — Eu gosto quando você põe o dedo ou enfia a língua.

Tive que fechar os olhos e me controlar para não avançar nela como um bicho e já começar a exploração. *Calma!*, aconselhei a mim mesmo, lembrando que uma boa experiência inicial é a chave para que o sexo anal seja algo prazeroso.

— Eu prometo que vou te fazer gozar muito gostoso enquanto estiver todo enfiado na sua bunda — falei devagar, o tesão reverberando em meu corpo todo. — Vou te mostrar como é bom, tanto que você mesma vai pedir para que eu coma seu rabo.

— Hum... — Ela se contorceu. — Você é bem seguro das coisas que faz.

Ri.

— Tudo até agora entre nós foi espetacular, não tem como isso ser diferente. — Beijei-a. — Você vai delirar com meu pau no seu cuzinho.

— Ei!

Sol me chama, e eu paro de me lembrar da noite *fodástica* que tivemos e volto a pensar na manhã de hoje, quando levei Tomás para o estábulo.

— Ele estava com medo do pônei — explico. — Então fui devagar, levei-o até o bicho, deixei que passasse a mão, que montasse em pelo, então, do nada, o guri se abraçou ao cavalo. — Sol ri. — Ainda não tínhamos escovado, nem limpado o bichinho, por isso esse cheiro forte.

— É tão a cara do Tomás abraçar o cavalo! — Ela sorri divertida. — Eu queria lhe dar um pet, mas tenho medo de que mate o bichinho de tanto o abraçar.

— Não vai matar um cavalo, pode ter certeza! — Abraço-a, e ela torce o nariz com o meu cheiro. — Já arranjei aquela “banheira” especial para nós e realmente estou precisando de um banho.

— De mangueira, porque eu não entro em água fedida de cavalo não! — ela avisa toda “bravinha”, e isso me excita.

Puxo-a pelo cabelo e a beijo cheio de tesão, roçando meus dentes em seus lábios, apertando-a contra meu corpo já excitado, louco para estar com ela de novo.

Esse tesão não cessa! Não importa quantas vezes façamos sexo, não diminui! Eu pensava que o faria, até por conta da rotina intensa que temos um com o outro, mas não. Cada vez mais quero estar com ela, sinto falta do seu cheiro, da sua risada, de como me sinto leve e feliz ao seu lado. Sem contar que, pela primeira vez em muito tempo, sinto como se tivesse uma família de novo, com ela e Tomás comigo. Não é justo, nem direito eu me sentir assim, principalmente porque eles eram a família do meu irmão, e me sinto usurpar tudo isso dele.

Foi impossível não me apaixonar pelo guri mesmo antes de saber que ele é meu sobrinho. O exame de DNA foi apenas um documento para que não

houvesse nenhuma indagação futura, e seu resultado positivo me trouxe alívio, por não ter de continuar a julgar mal a mulher com quem eu estava vivendo dias únicos e um estranho sentido de pertencimento.

Eu tenho uma família de novo, não sou o último Ferrero, uma parte de Peppe ainda permanece viva!

Acho que meu coração, meu sangue, reconheceu isso antes de meu cérebro. Nunca consegui me manter afastado de Tomás, mesmo achando perigoso me apegar ao garoto antes de saber se ele era realmente filho de Peppe.

A verdade é que os dois me conquistaram, cada um à sua maneira. Sinto por Tomás o mesmo amor fraterno que tinha pelo Peppe, talvez até mais, por sentir que sou eu quem tem que cuidar dele, retribuir tudo o que meu irmão fez por mim quando éramos crianças. Já pela Sol, é essa loucura que me faz agarrá-la no meio da cozinha, sentir-me o tempo todo excitado feito um touro e buscar a todo momento seu olhar, seu toque, seu carinho.

Carinho! Está aí uma palavra nova entre mim e uma mulher. Sempre foi tesão, conveniência e interesses mútuos. Antes de eu chegar aqui, achava que estava pronto para assumir algo com Evangeline, por me sentir assim com ela, mas comprovei que essas coisas não bastam.

Eu sinto carinho pela Sol, tenho vontade de protegê-la, apoiá-la, fazê-la feliz todos os dias. Não sei de onde isso veio e nem aonde levará, mas não nego o que eu sinto, embora seja algo que, talvez, nunca diga a ela.

Não seria justo dizer qualquer coisa que possa transformar o que temos em algo mais profundo. Não posso seguir por esse caminho!

Um leve pigarrear nos faz pular de susto, e nos separamos rapidamente. Gleyson está na porta da cozinha, visivelmente sem jeito, com algo nas mãos.

Olho para a Sol, mas ela está apoiada no balcão, de costas para nós dois.

Merda!

— Bom dia — Gleyson nos cumprimenta. — Desculpa ter aparecido assim, mas achei algo que requer a atenção de vocês.

Noto a seriedade em seu rosto e sua voz solene.

— O que foi? — pergunto nervoso, e ele me estende a prancheta que carrega. — Achei vinho engarrafado no lado oeste da cave e mais algumas barricas cheias. — Sinto o cheiro da Sol, e logo ela aparece em meu campo de visão, espiando o relatório que Gleyson me deu para ler. — Pelos registros, a bebida é antiga, Raffa, tem quase cinco anos. — Encaro-o, e ele desvia os olhos de mim para a Sol. — E estão com o nome do Peppe.

Meu coração dispara de um jeito que parece que vai sair pela boca. Pego a mão da Sol e entrego a prancheta para o Gleyson.

— Vamos até lá!

Ela assente, e nós três andamos apressadamente até a cave, no porão do galpão principal.

Quando meus tataravós construíram este lugar, acertaram na localização da cave. Não tinham estudos, mas a experiência de produzir vinhos vem de longa data na minha família, de muito antes desses meus antepassados, por isso tiveram a expertise de colocar a cave onde está, com umidade, calor e iluminação corretos para a maturação dos vinhos e espumantes.

Andamos um bom tempo dentro do local escuro, cheio de corredores e suportes para vinhos e barricas. Gleyson liga uma lanterna de LED e ilumina bem o exato lugar onde viu os tonéis com o nome do meu irmão.

— Está aí! — aponta.

Aperto a mão da Sol, que não soltei desde que saímos da casa, e prendo a respiração. Meu irmão nunca participou da produção de um vinho, então não teria sentido ter o nome dele nesses tonéis, a não ser que seja alguma safra especial que Don Genaro tinha a intenção de dedicar a ele.

Sorrio, achando sentido na expressão que, por anos, foi um estigma entre

nós.

— Um *gran reserva*!

Gleyson suspira.

— Só você poderá nos dizer. — Ele passa a mão pelos barris. — Mas veja, barrica nova como há muito tempo não via por aqui, de *Quercus sessiliflora*, provavelmente recém-tostada quando foi enchida. — Seus olhos brilham com esperança, e eu concordo com ele, admirando o carvalho francês de primeira qualidade. — Um vinho maduro. As barricas têm pouco mais de três anos, e as garrafas já fizeram cinco.

Quase não consigo respirar, notando as implicações de ter encontrado isso e, principalmente, os questionamentos do motivo pelo qual Don Genaro manteve tudo aqui, mesmo passando por uma enorme crise nas safras seguintes.

Acima de tudo, concordo com Gleyson sobre as possibilidades de esses vinhos estarem espetaculares. Contudo, sei também que as coisas não são tão simples assim. A bioquímica de um vinho é quem vai definir se ele será único ou não. O fato de ele estar envelhecendo em madeira de qualidade, nova, por tanto tempo, não assegura sua qualidade. E, quanto aos engarrafados, é necessário que ele estivesse pronto a abrir todo o *bouquet* de aromas e sabores quando foi envazado.

Pego uma das garrafas para conferir o que está etiquetado e sinto um bolo na garganta ao perceber um modelo de rótulo já fixado nela.

— Don Peppe! — Leio, os olhos marejados. — Era uma homenagem.

Olho para Sol, mas ela parece estar em choque. Segura uma garrafa e passa a mão sobre o rótulo como se estivesse fazendo carinho. Vejo lágrimas rolarem e a escuto soluçar.

Gelo diante de sua reação. Olho para Gleyson, que também parece estar assustado com o choro dela e lhe entrego a garrafa.

— Depois analisamos isso! — Vou até ela. — Sol! — Ela me olha, e eu posso ver dor e saudade em sua expressão. — Vamos subir.

Ela assente, mas não larga a garrafa.

— Precisamos deixá-la aqui por enquanto. — Retiro-a devagar de sua mão. — Assim que analisarmos tudo, levaremos algumas para degustação.

Ela sorri sem jeito e seca o rosto.

— Acho que fiquei emotiva. Desculpa!

Porra, ela está pedindo desculpas por amar meu irmão? Tenho vontade de socar minha cabeça em uma dessas colunas centenárias de pedra. Eu não tinha a dimensão do quanto ela o amava, mesmo que tenha dito que o fazia demais. Entretanto, aqui, olhando-a ver algo feito para ele, percebo que é verdade o que me disse.

Ela o ama demais!

Eu deveria me sentir feliz por ter essa confirmação, por saber que meu irmão foi amado dessa maneira antes de desencarnar, mas não, é como se algo espremesse meu coração a ponto de eu não conseguir respirar.

Isso me confunde, mas tento não analisar demais o que sinto e a guio para fora da cave escura e claustrofóbica, necessitando ver o sol, tomar ar fresco, respirar. Nunca me senti assim dentro de uma adega, pelo contrário, sempre adorei estar entre os barris e garrafas, porém, agora, sinto como se este lugar roubasse todo o meu fôlego, como se eu estivesse enterrado.

Que merda está acontecendo comigo?



— Sol, você está bem? — pergunto, servindo-lhe um copo de água dentro do escritório.

Não trocamos uma só palavra enquanto eu a tirava da cave e a trazia para cá, mas sentia seu corpo trêmulo e sua expressão demonstrava toda a dor da saudade e todo o amor que ainda sente por meu irmão.

— Estou. — Ela sorri. — Desculpa minha reação, é que... — respira fundo — eu não esperava.

— Você também não fazia ideia de que...

— Não! Eu sabia! — a sua confissão me intriga, e eu preciso me sentar. — Sabia que houve um vinho separado para ele. — Sorri. — Mas não tinha ideia de que ele ainda estava lá.

— Don Genaro lhe falou sobre...

Ela nega, e eu me interrompo.

— Foi Peppe. — Põe a mão no rosto e soluça. — Foi quando nos conhecemos, ele contou a história do vinho.

Isso mexe comigo de um jeito estranho, dolorido, mas preciso saber tudo

o que ela puder contar sobre a bebida que pode ser a salvação da Don Ferrero, ainda que eu tenha medo do que venha a sentir. Não quero ter ciúmes do meu irmão e da história que os dois tiveram, não há nenhum sentido nisso.

— O que ele te disse? — indago devagar.

— Nada muito especial, apenas que seu avô tinha reservado uma parte do vinho de uma safra que ele considerou excepcional e que o tinha homenageado.

Assinto, percebendo o que Don Genaro quis fazer.

— Um *gran reserva* para o Gran Reserva — penso, mas as palavras saem da minha boca acompanhando meu pensamento.

Sol concorda.

— Ele parecia feliz, contente, principalmente... — ela se interrompe e me olha. Suspira e conclui: — Foi quando nos conhecemos.

Entendo que ela fique sem jeito de falar sobre sua relação com meu irmão agora que estamos tendo... um caso. Eu também não me sinto confortável, mesmo sendo irracional. Tento não aprofundar meus questionamentos sobre esse tempo dos dois, as coisas que falaram, porque a verdade é que me sinto um tanto enciumado desde quando estávamos na cave, assim que percebi o quanto ter achado o vinho dele a emocionou.

Não faz sentido ter ciúmes do meu irmão! Sou eu quem está onde não deveria nesta história.

— Se for um vinho bom... — ela começa, mas nem precisa terminar a frase para eu entender que ela percebeu a importância que isso tem para a Don Ferrero, por isso concordo e sorrio. Sol fica um instante em silêncio, analisando tudo que está acontecendo, e, quando me olha, vejo o temor em seus olhos. — Há algo que você possa fazer para consertá-lo caso não seja o vinho excepcional que Don Genaro achava?

Ah, como quero abraçá-la, consolá-la, compartilhar com ela todos esses sentimentos de perda, de saudades e esperança. Entretanto, não consigo me aproximar, sinto-me travado diante de suas reações, sem saber como ela está enxergando nossa situação, como ela está lidando com tudo isso.

Restrinjo-me a responder à sua pergunta:

— Sim, há muitas possibilidades, porém temos que saber se é um varietais⁷ ou um vinho de corte⁸, como está seu sabor e aroma, se amaciou corretamente, a porcentagem alcoólica... — Rio. — Enfim, vou ter que trabalhar nele no laboratório, além de provar as amostras.

Ela parece tensa, embora sorria compreensiva.

— Isso pode mudar tudo, não é? — não entendo a pergunta, e ela a reformula: — Se for um *gran reserva*, pode significar o renascimento da vinícola, não é?

— Sim, mas não tão rápido. É preciso viajar com esse vinho, apresentá-lo em concursos renomados, fazer o nome dele e dessa safra.

Ela me olha de um jeito diferente.

— E você fará isso?

Eis a questão!

Fazer isso é abdicar do meu trabalho na Europa para me concentrar em fazer da Gran Ferrero uma vinícola de renome na América do Sul. É uma aposta alta, mas que pode ser benéfica não só para os negócios, como também para meu próprio nome.

— Se o vinho valer a pena, sim — sou sincero, e ela desvia os olhos. Meu corpo gela, sem entender o que se está passando por sua cabeça, sem entender o que, de fato, ela está achando de toda essa novidade. — O que está acontecendo, Sol?

Ela se levanta.

— Nada, só que, quando a gente pensa que tudo passou, tem sempre algo

que vem e prova que não. — Seus olhos estão cheios de lágrimas. — Eu vou para casa ver o Tomás.

Assinto, mas não me movo, acompanhando sua saída apenas com os olhos, o coração disparado e a boca seca, sem entender o que ela quis dizer, temendo que ela tenha se dado conta de que eu nunca poderei chegar aos pés do meu irmão.

Porra!

Levanto-me da cadeira, puto demais com meus próprios pensamentos, confuso com todas as reações e revelações desta manhã, que pareceu ser tão promissora e que, agora, parece ter se tornado uma bagunça.

— Raffa? — Gleyson me chama na porta do escritório, e eu faço sinal para que entre.

— O que você acha disso tudo, Gleyson? — inquiri, e ele abre um enorme sorriso.

Bufo diante de seus olhos cheios de esperança.

— Bah, que estamos salvos! — sua voz alegre me causa medo.

Ainda é muito cedo para comemorarmos, e, quanto mais altas forem nossas expectativas acerca do vinho, mais frustrante será se descobrirmos que estávamos iludidos.

Gleyson me estende a prancheta, mas eu nego. Prefiro conversar a ler relatórios neste momento.

— Que tipo é? — faço a pergunta direta.

— As garrafas são de corte, e as barricas, varietais. — Ele anda de um lado para o outro, excitado, animado. — Tem vinho de várias uvas lá, Raffa, infinitas possibilidades para *tu criar*.

Fico animado com isso, claro, mas, ainda assim, não consigo sentir essa alegria toda que ele sente. Tudo parece ser bom demais. Todavia, há um certo amargor em minha boca que não me deixa aproveitar as possibilidades de

termos achado um tesouro na velha cave.

Olho para a porta, por onde Sol saiu há pouco, e penso no que ela vai fazer daqui por diante. Será que irá se afastar de mim? É o sensato a se fazer, ainda que o simples pensamento tenha o poder de me dilacerar por dentro.

Gleyson pigarreia, e eu o encaro. Ele segura algo além da prancheta, olha para os lados sem jeito e me estende o objeto.

— Eu não queria falar nada perto da Sol, mas achei um bloco de desenho perto dos barris. Parece que seu irmão foi quem desenhou aqueles rótulos, e aí têm várias tentativas.

Pego o bloco, sinto minhas mãos tremerem e sorrio ao reconhecer a letra do Peppe.

— Sim, ele tentou, o que é impressionante, pois nunca foi bom em desenhar. — Rio de alguns rabiscos, a alma mais leve apenas por ter algo dele comigo. — Don Genaro deve ter colocado pressão, pedido a ele que fizesse para que fosse tudo único e especial.

— Também achei isso, contudo, se foi seu irmão quem desenhou os rótulos, ele se esmerou, pois estão tri legais!

— Peppe era assim! — digo orgulhoso. — Colocava algo na cabeça e não sossegava enquanto não atingia a perfeição.

Gleyson concorda.

— Bom, agora deixo o tesouro contigo! — Ri e coloca a prancheta com suas anotações em cima da escrivaninha. — Preciso ir à cidade, porque mamãe recebeu alta, e Glauco está voltando para o Brasil.

— Ida ligou para a Sol esses dias, mas não comentou que está voltando para casa.

Gleyson nega.

— Ainda não, acho que vai ficar com mamãe mais uns dias. Mas ficou uma fera quando soube que Sol tinha contratado a Nora. — Ele ri. — Vocês

vão mais tarde para a festa?

Fecho os olhos e respiro fundo. Tinha me esquecido de que combinamos de ir juntos à festa da comunidade italiana! Não sei se Sol irá querer ir, mas, como já falamos com Tomás, não é justo privar o guri de se divertir com outras crianças.

— Vamos, sim! — respondo, torcendo para que ela não tenha mudado de ideia.

— Então nos vemos lá!

Ele se despede, e eu volto a olhar o bloco de anotações do meu irmão, sujo, empoeirado, enterrado naquela cave por anos!

Os rabiscos de Peppe são deprimentes, até para mim, que também não sou bom em desenhar, mas gosto das coisas que ele escreveu nas margens de cada folha, debochando de si mesmo, fazendo-me rir e me lembrar de como era seu humor.

Sinto falta dele, amo-o demais e gostaria de que estivesse aqui, no meu lugar. A vida não foi justa conosco! Ele deveria estar aqui, não eu. A Don Ferrero lhe pertencia, assim como a mulher e a criança que estão comigo.

Viro a página e já não encontro um desenho, mas sim uma folha amarelada e dobrada. Abro-a, intrigado, esperando encontrar um desenho medonho que o fez ficar envergonhado a ponto de não querer vê-lo mais.

Não há desenho, apenas um desabafo, e, pela primeira vez, vejo uma data, meses antes de ele morrer.

Por que as coisas têm que ser assim? Não gosto do que estou fazendo, não gosto de enganar ninguém, mas como contar a verdade sem sofrimento? Eu não posso mais mentir movido por uma obrigação. Tenho vontade de jogar tudo para o alto, tocar o foda-se, ignorar o remorso

e seguir em frente. Não posso ser obrigado a amar alguém, assim como não posso deixar de amar quem eu amo, nem mesmo a morte tem esse poder. Entendo que não conseguirei ser feliz mantendo a mentira, ainda mais agora, quando há uma criança em jogo, mas como dizer a verdade sem ferir? Como me livrar das amarras, ser livre e viver minha vida como eu quero vivê-la? Não posso ignorar minhas responsabilidades, mas preciso achar um jeito de resolver tudo isso.

Releio o texto de Peppe tantas vezes que meu cérebro decora cada palavra, e apenas passo os olhos por cima de sua letra, sem precisar ler de verdade. Meu irmão não era homem de fugir de suas responsabilidades, mas, aqui, ele parece estar no limite.

A pessoa a quem ele não queria ferir era a Sol?, questiono-me a todo momento, tentando achar sentido em tudo o que ele escreveu. Aparentemente, é, sim, porque ele fala em responsabilidades, na criança envolvida, mas também em ser livre. Esse texto dele me faz pensar que ele não a queria e nem ao Tomás, e talvez tenha sido por isso que nunca me contou sobre eles. Fecho os olhos, imaginando o sofrimento dela ao tomar conhecimento dessa confissão desesperada, ao saber como ele se sentia com relação à gravidez e ao compromisso dos dois.

Peppe deve ter se apaixonado por Sol como fazia com as outras mulheres. Deve ter vivido intensamente o sentimento que sentia por ela, mas, quando acabou, viu-se preso por conta da gravidez. Provavelmente conheceu outra mulher e se apaixonou loucamente de novo, e aí a notícia do filho caiu como uma bomba sobre si e o deixou transtornado desse jeito, a ponto de usar um bloco de desenhos como diário.

Tiro a folha do bloco e a guardo entre uns papéis velhos dentro de uma pasta na última gaveta da escrivaninha. Sol não precisa saber disso! Eu já desconfiava de que meu irmão não a amava tanto quanto ela o amava e que, por eu nunca ter sabido dela ou do filho, ele não tinha certeza de que queria mantê-los em sua vida.

De certa forma, isso alivia minha consciência sobre o estar traindo, sobre meu envolvimento com a mãe de seu filho. Saber que Sol não era o seu grande amor me traz conforto e liberdade para... respiro fundo e balanço a cabeça.

Não é hora de pensar nisso!

Olho para a gaveta onde deixei o papel, certo de minha decisão de mantê-la à margem do que descobri. Não é necessário que ela saiba que ele estava se sentindo preso a ela, que via sua gravidez como amarras que o impediam de ser livre. Tenho convicção de que Peppe, embora tenha escrito essas palavras, nunca as disse para ela. Meu irmão não queria feri-la, não sou eu quem vai fazer isso.

Lembro-me da emoção que ela sentiu na cave ao ver o rótulo do vinho, de como o acariciava como se fosse precioso, de suas lágrimas cheias de saudades. Não há nenhuma dúvida de que Sol ainda ama meu irmão, mesmo depois de tantos anos que ele se foi, e eu, por experiência própria, sei que um sentimento forte assim não morre, ele muda, mas não morre. Eu nunca deixei de amar meu irmão apenas porque ele morreu e sei que ela também se sente dessa forma.

Está decidido!, penso resolutivo. Sol nunca saberá que Peppe não correspondia aos seus sentimentos. No entanto, de alguma maneira, ter consciência disso me libertou para estar livre e tratá-la com todo amor e carinho que ela merece e não teve.

Engulo em seco ao pensar que não posso substituir Peppe na vida de

ninguém, nem dela, nem de Tomás, mas posso tentar que ela me veja como sou e que perceba que eu a quero demais.

É isso!, tomo coragem para confessar para mim mesmo que, pela primeira vez em 35 anos, estou finalmente apaixonado.

Eu a quero como nunca quis ninguém!



Não quero pensar sobre isso!, minha cabeça martela esse pensamento a cada toque de chamada que escuto no meu celular. Não quero imaginar o que ele fará se descobrir tudo!

— Oi, Sol! — Luna atende, sua voz ofegante. — *Eu estava atendendo um cliente, por isso demorei a atender. Tudo bem?*

— Eu me descontrolei! — Choro, sentada na cama. — Eu me descontrolei e estou com medo.

Ela suspira.

— *Calma, devagar, me conta o que houve.*

— O vinho que o avô fez para ele ainda está aqui — conto. — Os rótulos também.

— *Oh, meu Deus! Ele mandou fazer os rótulos, então? Eu tinha entendido que ele não ia fazer, que era só uma brincadeira.*

— Ele fez, e algumas garrafas estão com ele. — Sorrio, mesmo em meio às lágrimas. — Eu não consegui me controlar e chorei. Tudo voltou à minha cabeça, Luna, todas as coisas que passamos nesses anos, todas as dores, as

esperanças, tudo voltou!

— *Eu imagino, Sol. Sei o que esse rótulo significava.*

— Pois é, e é por isso que estou tão confusa! Por que estão ali? O que isso significa?

— *Nunca saberemos, minha irmã.*

Concordo com ela, e isso me faz chorar ainda mais. Todas as promessas que fiz, todas as coisas que tenho que manter em segredo pesaram sobre mim quando vi o rótulo do vinho. Ter aquele desenho lá me fez ter a dimensão de como tudo poderia ter sido diferente e, ao invés de me aliviar, trouxe grande dor.

Não imagino minha vida diferente do que tem sido, mesmo com todo o sofrimento por que passei. Percebo isso a cada momento como o que vivi mais cedo, após a descoberta dos vinhos, quando vislumbro que posso perder tudo. *Eu não suportaria isso!*

Tudo mudou. Mesmo que a verdade mostre sua cara, nada mais é como antes!

— *Quando o italiano volta para a Europa?* — Luna pergunta de repente.

Meu coração se aperta, odiando a ideia de perder Raffaello, mas compreendendo que, talvez, seja mais seguro ele estar longe.

— Após a vindima, mas... — respiro fundo — se o vinho que achamos for bom o quanto achamos que é, ele vai ficar. — Aperto minhas mãos. — Talvez para sempre.

Minha irmã xinga baixinho.

— *Como você vai lidar com isso, Sol? Ele ainda desconfia de você?*

— Não, depois do exame de DNA, ele sabe que eu não menti, que Tomás é seu sobrinho.

— *Como ele está tratando vocês?*

Solução ao pensar no idílio maravilhoso que temos vivido. Apesar de não

querer admitir, parecíamos um casal criando nosso filho juntos. O carinho dos dois, hoje de manhã mesmo, rindo, sujos e fedidos, lembrou-me papai e meu irmão.

— Ele é maravilhoso, Luna. Tomás o idolatra, e ele ama meu filho.

— *E quanto a você?*

Meu coração dispara.

— O que tem? — tento postergar a resposta, e ela ri.

— *Sol, como você se sente em relação a ele? Quer mesmo que vá embora?*

Nego com a cabeça, mas não consigo dizer. É tudo tão difícil, tão complicado!

— *Quais são as chances de ele saber a verdade?* — Luna questiona. — *Nenhuma! Tudo foi resolvido, não resta mais nada, apenas você e Tomás. Não há riscos, Sol, a não ser você mesma.*

— Eu sei, esse é o problema! Não posso sentir o que sinto por ele e continuar mentindo, mas vou, porque não vou quebrar a promessa que fiz, e isso vai me consumir.

— *E o que você sente por ele?*

Respiro fundo, pronta para dizer a ela o que tenho encarado cada vez mais nesses dias.

— Eu estou apaixonada por ele, Luna. — Seco meu rosto e sorrio, o sentimento fazendo meu coração bater mais forte. — É algo tão forte que, mesmo com todos os riscos, mesmo diante das mentiras e das promessas, não posso me afastar.

— *Então não se afaste!* — Luna me surpreende com seu conselho. — *Viva, deixe na mão do destino, e o que tiver que ser, será.*

— Eu tenho muito a perder, você sabe — chamo-a à razão.

— *Sei, mas se ele sentir por você o mesmo, acha que irá querer magoar*

você? — Pondero sua questão. — É a melhor solução, Sol, todos ficarão felizes.

Concordo com ela, mas não sei o que Raffaello sente – se ele sente – algo por mim. Sinto que já não estamos fazendo apenas sexo, há uma conexão, um sentimento maior quando estamos juntos. Só que não fizemos promessas, não há ilusões, está tudo às claras, como ele mesmo diz.

Não posso arriscar tudo na possibilidade de, um dia, ele vir a me amar a ponto de não ficar decepcionado comigo. Um relacionamento não se constrói sem confiança, e, mesmo sem querer, eu não poderei fazer jus à sua.

— Não é tão simples assim — retruco.

— *Não, não é, eu entendo, mas é justo você deixar de viver algo seu por conta das promessas que fez a outras pessoas? Você, minha irmã, merece tudo de bom nesse mundo, e eu tenho certeza de que todos concordariam comigo. Não há quem eu conheça que tenha o seu coração, Sol, e, se ele for esperto, vai perceber isso e não te deixará escapar.*

É estranho ter a Luna me incentivando nessa direção. Eu achei que ela me julgaria louca quando contasse sobre meu envolvimento com Raffaello, mas, surpreendentemente, não.

— Mamãe! — Tomás invade meu quarto correndo, a boca um tanto suja de algo que estava comendo e me abraça. — A festa, mamãe!

Gemo ao me lembrar da festa italiana hoje, na casa do imigrante. Eu havia esquecido que tínhamos combinado de ir, os três, para participar junto ao pessoal da cidade e das outras vinícolas. A festa é um evento importante, ainda mais se a Don Ferrero quiser retomar seu lugar entre as melhores vinícolas da região, ela precisa se reafirmar em sua própria cidade, e é a última comemoração antes que comece a peregrinação de turistas para o Natal, Réveillon e vindima.

— *É meu lindão aí falando?* — Luna pergunta, e eu passo o telefone para

Tomás.

— É tia Luna.

Ele sorri animado e pega o aparelho, esquecendo-se da tão aguardada festa por um momento.

Levanto-me da cama e vou até a janela do meu quarto conforme Tomás fala com a tia. Suas palavras e conselhos ficam se repetindo em minha mente enquanto, dentro de mim, cresce a esperança de que ela tenha razão.

Eu adoraria viver esse sentimento com Raffaello e descobrir o quão profundo é o que sentimos um pelo outro. Queria ter a certeza de minha irmã de que tudo está resolvido e parar de sentir medo.

Eu não sinto medo quando estamos juntos!, concluo, fechando os olhos diante da verdade que meu coração já sabia. Quando Raffaello me abraça, eu não sinto medo, eu não sinto o peso das promessas, eu não penso no que poderia ter sido se as coisas tivessem acontecido como eram para ser.

Quando ele está comigo, eu me sinto segura, protegida, em casa.

Eu me sinto amada!

Fecho os olhos e entoo uma prece, pedindo para que essas sensações sejam verdadeiras.



Termino de ajeitar a camisa social de Tomás, e ele sorri, todo faceiro e sedutor para mim, e nesse sorriso vejo muito de Peppe. Bagunço seus cabelos e o beijo, agarrando-o contra mim, enquanto ele gargalha.

Ouçoo uma batida na porta, embora ela esteja aberta. Olho na direção do som e perco o fôlego ao ver Raffaello arrumado, cheiroso e sorrindo diante da cena dentro do quarto.

— Não resisti! — confesso. — Ele está lindo demais!

Tomás enche o peito, orgulhoso e feliz, e apruma o corpo, imitando a postura do tio.

— O guri mais arrumado da festa, com certeza! — Raffaello estende a mão, e Tomás bate nela. — Nós vamos ter que montar um forte sistema de segurança, Tomás. — Ele me olha. — Sua mãe está linda, e tenho certeza de que todos os outros homens do local vão perceber isso.

Meu menino me olha e cruza os braços.

— Mamãe é minha! — declara, mas depois olha para o tio. — E sua também.

Raffaello sorri, e eu prendo o fôlego.

— É isso aí, guri esperto!

Ele vem até onde estou e estende a mão para mim.

— Vamos?

Pego sua mão sem tirar os olhos de Tomás, e ele me cola ao seu corpo.

— Você está deliciosamente linda! — diz no meu ouvido. — Mas não vejo a hora de chegar em casa e poder tirar seu vestido e beijar seu corpo inteiro nu.

Meu rosto queima, eu tenho certeza de que estou vermelha.

— Raffa! — ralho com ele, mas o safado gargalha, chamando meu filho para descerem juntos.

Ele põe Tomás nos ombros. O som das risadas dos dois por algo que meu filho disse, parece encher todo o ambiente, bem como meu coração. Ainda sinto medo dessa aproximação toda entre os dois, mas o que Luna me falou tem martelado constantemente na minha cabeça e, de certa forma, acalmado meus temores.

Tenho certeza de que, se Peppe ainda estivesse vivo, ficaria feliz por eu ter me apaixonado por Raffaello e por estarmos, os três, vivendo como uma

família. Luna tem razão nisso, em pensar que a oportunidade de ser feliz, não só eu, mas todos nós, é grande demais para deixar passar.

É maior do que o medo que eu tenho de perder tudo.

— Mamãe! — Tomás me grita ao pé da escada, então desço, deixando os pensamentos de lado, afinal, estou tomando por certo algo que ainda nem sei se irá se concretizar, pois Raffaello nunca fez promessas, pelo contrário.

Acho que, de alguma forma, deixo transparecer que algo me incomoda, porque Raffaello questiona se algo está errado.

— Não — respondo com um sorriso. — Está tudo perfeito!

Entramos no carro juntos depois de termos colocado Tomás na cadeirinha e seguimos em direção ao Centro da cidade, onde será realizado o evento.

— Está tudo bem mesmo? — Raffa volta a questionar.

Sorrio e coloco a mão sobre sua coxa.

— Está! — confirmo. — Eu fiquei muito emocionada com as lembranças que aquele desenho me trouxe, mas estou bem.

Ele sorri e apoia sua mão sobre a minha.

— Que bom! — Entrelaça seus dedos nos meus. — Eu quero que esta noite seja especial.

Meu coração dispara ao ouvir isso, ao reconhecer carinho e cuidado em seu tom de voz. Encho-me de esperança de que o que eu sinto possa ser correspondido por ele e que possamos construir algo juntos, não só uma parceria na vinícola.

— Festa! — Tomás exclama animado, e eu presto atenção ao local a que chegamos.

O Centro de Tradições Italianas é composto por uma linda construção com tijolos aparentes, além de um belo jardim na frente e um enorme pátio com chão de pedras na parte de trás.

Raffaello volta a colocar meu filho em seus ombros, sem se importar nem

um pouco com sua camisa de linho clara e me espera no portão para entrarmos juntos.

O som está alto, posso ouvir a música típica italiana ecoando dentro do grande salão, além das vozes animadas das pessoas. Sorrio, contagiada pela alegria do lugar, mas meu riso é substituído por uma boca aberta quando sinto a mão de Raffa pegar a minha.

Olho para ele, mas parece não perceber o que fez e continua caminhando em direção às pessoas da cidade com meu filho – seu sobrinho – nos ombros e de mão dada comigo.

— Ah, olha quem chegou! — a voz de Sara me faz acordar do transe em que me encontro desde que a mão dele encontrou a minha, e eu a encaro. Ela percebe minha cara de espanto e olha rapidamente para nossas mãos unidas. — Fico feliz em vê-los aqui!

Ela se apressa a nos saudar, mas vejo curiosidade em seus olhos.

— Tomás, tem uma área infantil, Felipe está lá. — Meu filho joga os braços na direção dela. — A tia te leva lá enquanto sua mãe e seu tio confraternizam com o pessoal.

— Depois vamos até lá, campeão! — Raffaello fala, arrancando um sorriso do meu pequeno.

Acompanho-os com os olhos até sumirem por uma porta de madeira e depois olho para Raffaello, que está me encarando.

— Pronta para uma noite bem ruidosa? — comenta divertido.

Sorrio e concordo.

— Eu gosto dessa animação, você não?

Ele parece pensar um pouco, talvez se recordando de algo.

— Sim. Apesar de dizer que prefiro algo mais tranquilo e de ouvir ópera em italiano — Raffaello ri quando faço careta —, eu gosto disso aqui também. — Olha em volta. — Lembra minha infância.

Confesso que estou um tanto confusa, não reconhecendo muito esse homem tão relaxado ao meu lado, que nada se parece com o das fotos das revistas glamurosas da Europa.

Gosto ainda mais dele assim!

— Ah, olha lá o Stephano! — Franzo a testa, sem saber de quem ele está falando. — Nosso anfitrião — diz já me levando até o homem bonachão. — Foi ele quem nos convidou.

— Raffaello Ferrero! — O homem, grisalho, um tanto barrigudo e de rosto redondo, cumprimenta-nos. — Que bom que puderam vir! — Ele me olha. — Ainda não nos conhecemos...

— Essa é Sol Palmeira — Raffa diz apenas, sem mencionar Tomás ou sua ligação comigo. — Eu achei que teríamos degustação de vinhos.

O homem ri, sua barriga balança um pouco, e ele aponta para a enorme porta dupla que está aberta para o pátio.

— Temos vinhos e outros produtos da cidade. — Ele bate nos ombros de Raffaello. — Vamos até lá, que eu vou apresentá-los ao prefeito.

— Ah, seria um enorme prazer, mas Sol está procurando por sua amiga, Sara Casillo, e acho que ela está na sala das crianças — ele se desculpa. — Aposto que não faltará oportunidade de conhecermos o prefeito ainda nesta noite.

— Certamente não! — o homem concorda.

Raffaello e eu nos despedimos dele, e eu tento segurar o riso até que estejamos fora de seu campo de visão.

— Você dispensou conhecer o prefeito! — Começo a rir. — E ainda usou Sara como desculpa! Você tem raciocínio rápido.

Ele dá de ombros, mas há um brilho divertido em seus olhos.

— Acha que vim aqui para ficar a noite inteira ouvindo conversa mole de político? — Pisca daquele jeito safado que só ele tem. — Vamos dar uma

olhada no Tomás e sair por outra porta para o pátio.

Andamos no meio da multidão de pessoas que se apinham no salão. Não conheço quase ninguém que está aqui, mas sinto os olhares sobre nós e tenho certeza de que sabem quem somos.

Dane-se!, penso resignada, imaginando o julgamento que farão de mim por estar de mãos dadas com ele, sendo que sou *viúva* de seu irmão.

Na sala de jogos infantis, Tomás brinca com Felipe no pula-pula, enquanto Sara e outras mulheres conversam.

— Boa noite! — André, marido de Sara, cumprimenta-nos e nos oferece saquinhos de pipoca, que prontamente recusamos.

— Estamos atrás de algo mais... substancioso — Raffaello diz, e ele faz careta.

— Sara e eu fomos escalados para ficar por duas horas aqui, monitorando a gurizada, mas estou louco para ir lá fora comer *pasta* e tomar um bom vinho. Aproveitem essa mamata, porque, no próximo ano, certamente vocês também serão escalados, os pais nunca se livram de... — Ele fica sem graça, lembrando que Raffaello não é o pai de Tomás. — Enfim, quando se tem um guri, eles usam isso como desculpa.

Raffaello sorri.

— Se estivermos aqui ano que vem, ficaremos com prazer, não é, Sol?

Meu coração dispara, a boca seca, o coração se enche de esperança mesmo tendo ali a conjunção “se”, que condiciona toda sua fala a uma incerteza.

— Claro! — respondo.

Uma meninada cerca o *pipoqueiro*, e aproveitamos o gancho para sair de perto dele, mas, no caminho até Tomás, Raffaello se encontra com um amigo da infância, e eu peço licença para ir até Sara.

— Sol, o que significa aquilo? — ela dispara assim que me vê. Seu rosto

está corado, além de ter um sorriso enorme. — Quase caí dura quando vocês entraram de mãos dadas.

Fico sem jeito, mas sorrio.

— Eu também não sei bem, estamos...

Ela sorri e assente, mesmo que eu ainda não tenha a palavra certa para definir o que temos. Pega minha mão.

— Você está feliz, não está? — Sorrio e concordo. — É isso que importa! E, nossa, que casal vocês fazem... que química! Percebi isso naquele dia na sua casa, mas hoje... uau!

Dou de ombros, constrangida, mas o coração aos saltos, batendo feliz, emocionado demais para se conter. Olho para o homem responsável por este meu novo estado de espírito, inédito, se eu for honesta, e o pego me observando, mesmo conversando com seu amigo.

— ... significa que ele vai ficar?

— Hã? — pergunto confusa, por ter ouvido apenas o final da pergunta de Sara.

— Eu perguntei se vocês estarem assumindo que estão juntos significa que ele vai ficar aqui no Brasil.

Respiro fundo.

— Não sei, ainda não falamos muito sobre o assunto — sou sincera. — Aconteceram umas coisas que... — Vejo Raffaello vindo em nossa direção e encaro Sara. — Depois conversamos, e eu te conto tudo.

Minha amiga concorda e recebe Raffaello com seu sorriso encantador e animação única.

— Passem na minha barraca! — Avisa-nos quando nos despedimos para ir até o pátio.

A área externa do Centro de Tradições está lindíssima! Muitas lâmpadas, penduradas em um fio, enfeitam o local, além de pergolados com mesinhas

embaixo e as barracas de comida e bebidas.

O grupo que toca músicas típicas italianas está em um canto, sobre um tablado, e várias pessoas dançam próximo a ele. Ao fundo, há uma grande tenda, com muitas bancadas cheias de réchauds de massas, e o cheiro de pizza artesanal faz meu estômago roncar.

Raffaello gargalha.

— Entendi a indireta! — Brinca. — Vamos comer!

— Você não quer passar nas barracas de vinho primeiro?

Ele nega.

— Teremos tempo para isso depois, primeiro vou te alimentar. — Ele se abaixa um pouco e sussurra: — Preciso de toda sua energia para o que eu preparei.

Sinto o rosto queimar e devo ter ficado muito vermelha, mas sorrio como boba, o corpo antecipando o prazer que irá sentir mais tarde, quando chegarmos à vinícola.

A tenda da comida está cheia de pessoas que também se servem das delícias preparadas para a festa. Peço uma fatia generosa de pizza sabor marguerita, e Raffaello pede para prepararem uma *pasta* ao molho *pesto*.

— Agora vamos escolher um vinho! — declara, indo na direção da barraca de uma das vinícolas mais tradicionais da região.

— Isso eu deixo nas suas mãos, não tenho nenhuma expertise em harmonização.

— Ah... você harmoniza muito bem com qualquer coisa, Sol! — Pisca. — Harmoniza com a mesa da cozinha, com o tapete da sala, com sua cama, com a minha, com os dois banheiros e...

— Raffa! — interrompo-o, rindo. — Você está me deixando...

— Molhadinha? — Ele puxa meu corpo para perto do seu. — Cheia de tesão? Porque eu estou! Está um inferno ficar aqui, com sua mão deliciosa na

minha, enquanto eu fico me lembrando dela no meu pau... — Solto o ar devagar, excitada. — Eu gostaria de conhecer bem este lugar para achar um cantinho, levantar seu vestido rodado e te comer devagarinho. Aposto que já não ouviríamos a música ou mesmo a falação das pessoas.

— Tenho certeza de que não! — respondo séria, o corpo pulsando, a vontade de fazer o que ele acaba de narrar me matando. — Quero muito você!

A declaração sai de uma forma tão espontânea que ele me abraça forte e, sem pensar nas pessoas à nossa volta, beija-me profundamente.

— Boa noite!

Separamo-nos rapidamente quando escutamos o cumprimento. Respiro fundo, lamentando ter esse momento tão gostoso interrompido. Viro-me para cumprimentar Amália de volta, mas sua expressão me faz gelar.

— Agora estou entendendo algumas coisas! — Ela não tira os olhos de mim. — Olha, eu acho que subestimei você, *carioquinha*!

— Boa noite, Amália — Raffaello a cumprimenta sério, e eu sinto certa tensão no ar. — Estávamos indo pegar um vinho. — Ela finalmente tira os olhos de mim e o encara. — Com licença.

A advogada ri.

— Tão típico! Homens são mesmo bichos preguiçosos, não? — Cruza os braços e não sai do nosso caminho. — Por que se relacionar com alguém a quilômetros se tem boceta sendo oferecida dentro de casa?

Fico pálida com o que ela diz, e Raffaello aperta minha cintura, grudando-me mais contra ele.

— Nós não devemos nenhuma satisfação a você — sua voz soa grave. — Saia do nosso caminho.

Ela balança a cabeça.

— Tenho pena de você, Raffaello Ferrero. — Ela dá um passo para o

lado, indo para trás de uma mesa, liberando nossa passagem. — Não satisfeito por receber todos os bens destinados ao seu irmão, ainda aceita ser o substituto dele na cama dessa ordinária...

Abro a boca para me defender, mas Raffaello para, solta minha mão e vai até Amália.

— Cuidado com o que você fala! — adverte-a baixinho, usando um tom de voz que nunca ouvi antes. — Por muito menos eu já teria chamado um homem para a briga. Sua sorte é que não bato em mulheres.

Um frio cruza minha espinha, e o puxo pelo braço para tirá-lo de perto dela e evitar uma cena. Amália nunca foi com a minha cara, eu sempre soube disso, e o desgosto é recíproco, principalmente por ela fazer a vida da minha amiga um inferno. Definitivamente, ela não vale tanto a ponto de estragar nossa noite.

— Raffa, ela só quer provocar, vamos... — tento conciliar.

— Raffa? — Amália ri, chamando a atenção das pessoas ao nosso redor. — O esnobe enólogo Raffaello Ferrero foi reduzido a Raffa! — Amália se aproxima dele. — Ela fode tão bem quanto eu?

Tento não sentir ciúmes diante da confirmação de que ambos foram para a cama, mas sinto uma pontada desse sentimento, afinal, eu mesma já pensei que Amália seria mais o “tipo” de Raffaello do que eu, e percebo que não estava errada.

— Não seja ridícula! — ele responde, um sorriso cínico em seu rosto. — Você não se compara a Sol em nada! — Amália fica pálida, e seu sorriso morre. — Então, quando for se referir a ela, meça suas palavras e seus modos e não me obrigue a ser rude.

— Uau! Ela te pegou de jeito... — Amália parece em choque.

Raffaello me olha antes de responder:

— Não, ela me pegou por inteiro, como ninguém mais fez. — Arregalo os

olhos diante da declaração, e Amália me encara. — Não que isso seja da sua conta.

Ele vira as costas para a mulher e volta a pegar minha mão, levando-me para longe da advogada.

— Desculpe-me por isso.

Não respondo, a garganta embargada pelo que ele disse a ela e a cabeça a mil, tentando entender o que significa.

— Sol?

Raffaello para em frente à barraca da vinícola que escolheu e fica de frente para mim.

— O que você disse a ela...

— Perdi a cabeça — interrompe-me, e retenho o fôlego, temendo que ele diga que falou sem pensar. — Não era para ela que eu pretendia dizer aquelas palavras. — Sorri. — Na verdade, eu não pretendia dizer, eu queria demonstrar e... — Suspira. — Não sou bom com isso!

Ri sem jeito e passa a mão no cabelo.

— Com o quê? — pressiono-o.

— Com essa coisa de estar apaixonado. — Aproxima-se. — Eu sei que não era bem o que combinamos, mas...

Ponho a mão sobre sua boca, impedindo-o de falar. Meus olhos estão cheios de lágrimas, meu coração parece querer sair pela boca, e, embora pareça que vou ter um ataque cardíaco a qualquer momento, sorrio.

— Não importa o que combinamos, mas sim o que estamos sentindo. — Ele balança a cabeça positivamente, e eu continuo: — Eu também não sei como lidar com essa coisa de estar apaixonada. — Dou de ombros. — Mas, sabendo que você compartilha o sentimento comigo, fico mais tranquila. — Raffaello fecha os olhos. — Podemos aprender juntos!

Novamente ele me puxa para si, porém não me beija. Encosta sua testa na

minha, fecho os olhos, respiramos juntos, corpos tremendo de emoção. Tudo deixa de existir, não ouço mais a música, muito menos a conversa animada das pessoas.

Estamos a sós em um mundo só nosso!



Nada esta noite saiu como imaginei!

Penso ao olhar de soslaio para a mulher sentada no banco do carona. Olho Tomás dormindo em sua cadeirinha, pelo retrovisor central do carro, e penso em como vamos explicar essa situação toda para o guri. Não que ele entenda agora, mas, com certeza, quando estiver maior, teremos que conversar.

Quando estiver maior!

É apavorante me dar conta de que estou fazendo planos de ficar com uma mulher para sempre, desistindo da vida que eu tinha na Europa para permanecer no Brasil e tocar a vinícola de Don Genaro. É surreal, mas estou certo de que é a melhor decisão que já tomei na vida.

Eu quero essa mulher como nunca quis outra! Quero compartilhar não só a cama dela, como também seus sonhos, planos e ser mais do que o tio de seu filho.

Um nó aperta minha garganta ao pensar que quero ser o pai que meu irmão não pôde ser para Tomás e amar Sol como Peppe nunca pôde amá-la.

As luzes do farol do carro iluminam o pátio principal da vinícola, e

aciono a abertura do portão com o controle-remoto, sentindo que voltei para casa.

Estou de volta ao lar!

— Tomás não conseguiu ficar nem por um minuto acordado depois que entrou no carro — Sol comenta, retirando seu cinto de segurança assim que estaciono o carro. — Nunca o vi se divertir tanto!

— Sim, ele aproveitou muito. — Nós nos olhamos e sorrimos. — Achei que você tivesse dormido também, veio tão quieta.

Ela nega.

— Estava pensando... — pega minha mão — e desejando que essa noite não acabasse nunca!

— Ela não vai, ainda tenho cartas na manga! — Pisco.

Sol fica vermelha, mas morde o lábio inferior, demonstrando que está adorando a expectativa da surpresa que preparei. Ela tem razão, essa noite foi muito especial!

Eu não tinha a intenção de falar para ela como me sinto do jeito que o fiz, na afobação, depois de um momento tenso com Amália, mas aconteceu. Fiquei tão emputecido quando a advogada começou a ofender Sol que só queria que ela soubesse o quanto era querida e tudo o que significava para mim.

Sempre vi Peppe apaixonado por suas namoradas, eu mesmo nunca me apaixonei por ninguém, então, tinha um certo receio de ficar como ele ficava, empolgado e depois entediado. O sentimento parecia frívolo demais para a dor de cabeça que sempre resultava nos finais de relacionamento dele.

Percebo agora a diferença.

Eu amo Sol Palmeira, o sentimento não tem nada de fugaz, é empolgante, arrebatador, mas, ao mesmo tempo, é terno, cheio de carinho e cuidado. As coisas podem ter acontecido em uma velocidade que eu não imaginava

possível, mas foi assim, e, como mamãe sempre dizia, não há regras para amar alguém.

É engraçado pensar nisso, porque eu sempre achei que, para tudo na vida, houvesse regras, fórmulas e caminhos a serem seguidos. Não no amor, percebo agora.

Ajudo Sol a tirar Tomás do carro, mas não pego o guri. Preciso do tempo que ela vai demorar com ele – a fim de tirar sua roupa e colocá-lo na cama – para dar o toque final à minha surpresa.

— Vou fazer um café — anuncio assim que entro na cozinha.

Espero uns minutos e saio da casa, indo até o pergolado na parte mais alta do vinhedo, que tem vista para o lago, com a mala que deixei pronta e no carro que não usamos hoje. Olho para o céu e agradeço a boa sorte de contar com o tempo limpo, uma linda lua crescente e um clima quente, porém com ventos frescos.

Passei o dia todo monitorando as atividades de Sol, receoso de que ela viesse para este lado da propriedade e descobrisse o que eu estava planejando. Ligo o aquecedor a um pequeno gerador de energia – agradeço ao Gleyson, que sabia onde achar tudo isso aqui na vinícola – e espalho as coisas todas em lugares que penso que ela vai gostar.

Depois que termino a *decoreação*, corro de volta para a cozinha, reconhecendo mais uma vez minha boa sorte, pois, depois dos acontecimentos da noite, estávamos tão famintos um do outro que não comemos ou bebemos nada.

Tiro a caixa térmica que coloquei no closet da cozinha, em meio aos casacos e botas, ponho-a em um cantinho em cima da bancada e, de última hora, busco nas gavetas do armário algo que possa ser usado como venda.

— Não estou sentindo cheiro de café. — Sol entra na cozinha, e eu me viro de frente para ela com um guardanapo de linho na mão. — Você sabia

que Nora estava aqui em... — Ela me olha desconfiada quando escondendo o tecido às minhas costas. — O que você está aprontando?

— Eu? — Faço careta, nego, mas vou até onde ela está. — Eu nunca apronto nada, Sol.

Ela me olha desconfiada, e dou a volta, ficando atrás de si.

— Raffa...

Passo o guardanapo, que dobrei, por seus olhos e amarro as duas pontas atrás de sua cabeça.

— Você está sendo sequestrada! — sussurro.

Ela gargalha.

— Agora sei por que Nora veio dormir com o Tomás.

— Porque sou inteligente pra caralho! — Ela bufa com minha arrogância, mas sorri. Agito as mãos na frente do seu rosto. — Está vendo algo?

— Claro que estou! — Sol segura o riso. — Seu ego inflado e enorme tomar conta da cozinha.

Ego inflado e enorme?

Pego sua mão e a pressiono contra o meu pau.

— O nome disso agora é ego? Porque é a única coisa que está inflada e enorme aqui nesta cozinha — provoco-a.

— Hum, acho que ego não é um bom nome, Raffa — sua voz é divertida. — Talvez... — ela o apalpa desde a cabeça até a ponta — egocentrismo... — Ela me apalpa com mais força. — Sim, acho que cabe!

Gargalho e a puxo para beijá-la, sentindo-me um filho da puta sortudo por tê-la, por ter a oportunidade de compartilhar nossos sentimentos.

— Vamos andando!

Ela assente, nossas bocas ainda se encostando.

Levo-a com cuidado pela lateral da casa, o cheiro das uvas já enchendo o ar, os sons da natureza, a lua iluminando o caminho por entre os parreirais até

chegarmos ao local que reservei para nós dois.

— Fique aqui e não tire a venda ainda.

— Que barulho é esse? — ela inquire, movendo a cabeça na direção do gerador.

— Já vai parar. — Confiro a temperatura da água e em seguida desligo o motor barulhento. — Pronto.

Respiro fundo, nervoso, louco para ver sua reação ao que preparei para ela e retiro a venda. Sol está de olhos fechados e os abre devagar, encarando-me.

— Eita, agora vi o rosto do meu sequestrador — brinca. — Qual vai ser minha punição?

Sorrio, coração disparado, o corpo todo tremendo de antecipação.

— Ficar para sempre comigo.

Ela sorri e, pode ser coisa da minha cabeça, é o sorriso mais lindo que já me deu até hoje. Acaricio seu rosto, e sua mão toca meu peito exatamente sobre onde fica o coração.

— Nada me faria mais feliz!

A reação do meu corpo é violenta ao que ela diz, e o carinho se transforma em fome. Pegoa-a forte pela nuca e a beijo profundamente, sinto o gosto de sua boca, sorvo devagar sua saliva doce enquanto chupo sua língua sem nenhum pudor.

Trepo com ela com a boca, penetro sua garganta com a língua, exploro seu céu da boca, mordo seus lábios levemente e, às vezes, com fúria. Nossos beijos sempre foram especiais, sempre conduziram meu tesão, aumentando-o, cobrindo meu corpo de antecipação e enchendo meu pau até que sua dureza doesse.

É o princípio de tudo, o início de uma aventura completamente viciante e louca com o objetivo de vê-la se arquear de prazer, seu corpo ficar mole e

lânguido de satisfação. É um desejo desenfreado, primitivo, que faz meus ouvidos surdos a tudo, menos aos gemidos dela; que faz meus olhos só conseguirem acompanhar hipnotizados cada reação, até os mínimos detalhes, como o latejar de sua carótida ou mesmo os arrepios que fazem sua pele engrossar.

Toco sua cintura, meu tato já tão mais sensível que até o roçar do tecido de seu vestido leve me faz pulsar. O calor que irradiamos contrasta com a brisa mais fria daqui de fora, e o cheiro dela, do tesão que sente, misturado com o aroma das surpresas que preparei, inebria meus sentidos.

— Acho que não quero ver a surpresa agora... — ela comenta, ainda de olhos fechados, sua boca na minha. — Preciso de outra coisa...

Rio, adorando saber que ela sente a mesma fome que eu.

— Vai ter, mas antes...

Saio da frente dela e a espero abrir os olhos para ver se gostou do que preparei. Foram coisas simples, tirando só o trabalho de trazer o ofurô improvisado para cá.

Escolhi o pergolado na colina porque, além dos parreirais, conseguiríamos ver também o lago. É uma área bem bonita, e tive apenas que roubar alguns almofadões da casa e um enorme pelego que meu avô costumava ter sobre sua cama (que Ida nunca suspeite que eu surrupiei as coisas do quarto do velho!).

Sol arregala os olhos e sorri ao ver o “cantinho” que fiz para nós dois ao ar livre, bem como a pequena mesa baixa, improvisada com uma tora de árvore cortada ao meio (obra do Gleyson), com algumas frutas, champanhe no gelo e chocolate.

— Se eu soubesse que não iríamos conseguir comer na festa, teria providenciado algo mais substancial do que...

Ela me abraça e beija gostoso.

— Está tudo perfeito! — Sorri feito criança no Natal. — As velas, as lanternas! — Aponta para os potes de vidro com vela dentro, que pendurei na treliça do pergolado. — Nossa cama sob as estrelas!

Sorrio, derretido pelo seu deslumbramento. *Realmente acertei na escolha!*, penso, um tanto convencido, porque tinha certeza de que ela iria gostar da experiência de dormir aqui, de fazer amor com apenas o céu estrelado a nos cobrir.

— Esse cheiro de uva... — Ela respira fundo. — Está vindo dos parreirais?

Nego e aponto para a velha tina de madeira que encontrei na adega. Provavelmente já foi usada como local de prensagem das uvas, mas quando ainda se fazia a pisa. Estava em perfeito estado, apenas suja e entulhada de coisas. Limpei-a, testei-a para ver se havia locais com vazamento e convenci Gleyson a transportá-la até o pergolado com uma pá carregadeira. Aqui, enchi-a com água e extrato de uva, o sumo extraído assim que prensamos as frutas.

— Um banho de vinho?! — Sol se aproxima da banheira e sente o aroma inconfundível e delicioso. — Vinhoterapia! — Ri. — Tem gente que paga caro por essa experiência em SPAs!

Abraço-a pelas costas e começo a abaixar as alças de seu vestido lindo.

— Aqui também é caro, viu? — brinco. — Vai custar muitos beijos, algumas chupadas gostosas e talvez uma parte especial de seu corpo que ainda não exploramos!

Ela se vira espantada, e eu gargalho.

— É brincadeira! — Sol me olha séria. — Eu me contento com as chupadas e o sexo incrível que fazemos.

— Que coisa feia! Barganhando sexo... — Balança a cabeça. — Até parece que precisa disso! Só por causa dessa brincadeira, eu vou entrar

primeiro, e você vai ficar de fora, lavando meus cabelos!

Sol se despe por completo, e eu fico parado, admirando seu corpo à luz bruxuleante das velas. Faço qualquer coisa por essa mulher, lavo seus cabelos, seus pés, dou-lhe banho todos os dias se quiser; nada do que ela me peça será demais para eu fazer.

— Hum, está quentinha! — exclama feliz ao entrar.

— Aquecedor portátil e barulhento — informo-lhe. — Espere um momento.

Ela abre os olhos, já submersa na água tépida e com o delicioso cheiro das uvas, e eu ligo o som e dou play no *app* de música do meu celular.

— Você fez uma *playlist* para nós dois? — ela pergunta, seu sorriso tão grande que faz meu coração disparar. Ela adora essas pequenas coisas!

— Fiz!

Heal the pain, do George Michael, começa, e Sol fecha os olhos de novo e suspira.

— Eu acho que você é meio bruxo, Raffa.

Chego perto dela, solto seus cabelos e pego o pequeno balde que usei para encher nosso “ofurô”.

— Por quê? — indago assim que jogo água em seus cabelos.

— Porque você parece adivinhar tudo o que eu já sonhei.

Meu coração se aperta, sinto uma emoção que não consigo definir, meus olhos ardem, e tenho a sensação de que estou prestes a chorar. Não sinto um só pinga de tristeza, é como se eu tivesse conseguido algo que sempre quis, mas nem sabia que queria.

Ela!

Eu a quero, eu a quis por todo esse tempo sem nem mesmo saber.

Ergo-me por cima de sua cabeça e a beijo ao contrário.

— Você é meu sonho!

Sol abre os olhos e me puxa para si, e eu entendo o convite e não me faço de rogado, arrancando as roupas, colocando a camisinha e entrando na tina com ela. Puxo-a para o meu colo, meu pau já duro espremido entre nossas barrigas.

— Eu amo você! — ela confessa entre beijos leves, ergue-se e me introduz dentro de si.

Gemo, sendo engolido centímetro por centímetro por sua carne quente e apertada. Eu não tinha planejado que as coisas acontecessem dessa forma, mas entendo nosso desespero em unir nossos corpos. A felicidade que sinto é tanta que não há outra maneira de expressá-la a não ser dentro dela, fundindo-me a ela, tornando-me parte dela.

Sol cavalga meu pau com ardor, subindo e descendo, usando meus ombros como apoio. Eu amo vê-la assim, entregue, tomando posse de seu tesão e de seu prazer. Perco-me nas expressões de deleite em seu rosto. Excita-me ainda mais saber que ela se realiza e se satisfaz me comendo dessa forma.

Sim, ela me come, devora-me inteiro, marca meu corpo com o dela e me torna seu! Sou seu escravo, seu amante, seu dono e amigo ao mesmo tempo. Sou todo dela!

Travo os dentes, meus músculos se retesando com o prenúncio do gozo, mas o seguro. Preciso do dela primeiro, quero vê-la se desfalecer de prazer no meu pau antes de deixar toda minha porra se esvair.

Seguro-a firme pelas ancas, movendo-a mais forte, forçando-a para baixo para sentar bem vigorosamente e ter meu pau todo dentro de si. Sol rebola curto, devagar, sorri. Vejo sua pele se arrepiar e sei que não é de frio. Solto seus quadris e agarro suas mãos, prendo-as atrás de seu corpo. Forço o meu mais para cima e a faço se reclinar levemente, então, como eu previ, consigo alcançar o local sensível de sua boceta com a ponta do meu membro, e o

orgasmo vem avassalador, também pela fricção do seu clitóris na minha pélvis.

Porra! Vê-la gozar é como assistir a fogos de artifício no Réveillon! Sol explode, colore, alegre e aquece tudo ao redor com seus movimentos e seus gemidos. O céu acima de nós parece mais aceso, as estrelas perdem seu brilho, e eu, mero observador dessa gloriosa visão, fico parado, vendo tudo isso acontecer e tentando entender como é possível que ela seja minha.

Sol cai sobre meu corpo, rindo, ofegante, e deposita um beijo delicado no meu ombro.

— Uau! — é sua única exclamação antes de se aprumar e me encarar.

— Você é um espetáculo! — Ela fica vermelha, e eu me mexo dentro dela. Os pelos finos e claros de seus braços se arrepiam e me fazem rir.

Adoro essas reações!

Ela volta a se mover, dentes mordiscando o lábio inferior, sem tirar os olhos dos meus. Vejo fogo em seu semblante e me sinto banhado não por extrato de uvas, mas sim por lava pura!

Urro como um bicho, o eco do meu gemido incontido se propagando por todo o vale, passando por cima dos vinhedos, entrando em cada pedra histórica deste lugar antigo.

Foda-se! Que os fantasmas acordem!, penso divertido enquanto me movimento com ela, buscando minha própria liberação.

Aposto que nunca houve um Ferrero fodendo assim neste lugar, então que eles morram de inveja ou tapem seus ouvidos fantasmagóricos, porque eu não tenho intenção alguma de me conter. Gemo alto, parecendo um rosnado, sentindo a energia do gozo se aproximando, pressionando minhas bolas, fazendo com que eu contraia meu abdômen e...

— Porra! — grito, gozando feito um animal, agarrado ao corpo de Sol como se pudesse me liquefazer tamanho prazer.

Escuto os gemidos dela acompanharem os meus, sua boceta apertando meu pau com força, pulsando junto a mim, e isso faz meu tesão alcançar níveis estratosféricos. Ela goza comigo de novo, com os movimentos que me pau faz para expelir toda a porra que é somente para ela, e isso é perfeito.

Afundo um pouco mais na tina, minha bunda se arrastando no fundo de madeira polida e encerada, a nuca apoiada na beirada do grande recipiente, enquanto a abraço apertado, ainda em busca de ar, enchendo os pulmões, que parecem ter se esvaziado totalmente conforme eu morria afogado de luxúria.

Nossos corações palpitam muito forte. Acaricio os cabelos úmidos dela e me lembro que ainda devo lavá-los corretamente.

— Agora esse cheiro de vinho e de chocolate está fazendo minha barriga roncar — Sol comenta, e eu sorrio em concordância. — Já que comecei a satisfazer uma das minhas fomes — ela se levanta para poder me olhar —, quero descobrir as delícias que você preparou para mim.

Faço careta e um biquinho.

— Nada muito elaborado, o que é uma pena, uma vez que não conseguimos jantar.

Ajudo-a a se erguer e aponto para os baldes com água morna e limpa ao lado da tina.

— Eu os trouxe para recarregar, porque imaginei que iríamos jogar um pouco desta água aromatizada para fora ou que você iria querer tomar um banho com algo que não tenha cheiro de vinho.

Ela concorda e sai da tina, tremendo.

— Você se lembrou de trazer toalhas?

Vou até onde coloquei os itens de cama, mesa e banho – um pequeno baú antigo que também encontrei na adega – e abro a toalha gigante e felpuda para ela.

Sol me beija assim que está enrolada e vai se aconchegar no cantinho com

o pelego e as almofadas. Aproveito este momento para esvaziar nosso “ofurô” e acender a fogueira.

— Ah, temos fogueira! Agora sim, ficou perfeito!

Termino meu serviço de atizar o fogo e vou até ela para dividir a toalha e o calor de seu corpo.

— Você não merece menos que a perfeição!

Sol beija a ponta do meu nariz, e eu acaricio seu rosto.

— Obrigada por esta noite linda. — Ela olha na direção da casa. — Mesmo tão pertinho, você conseguiu quebrar nossa rotina, e isso é muito especial, demonstra muita atenção.

— Eu não queria ficar longe daqui, mesmo com Nora em casa com Tomás. — Ela assente, entendendo minha preocupação. — Mas tive vontade de fazer algo especial, só nosso, porque não temos muito tempo além do que roubamos durante o dia e quando vamos dormir à noite.

— Eu adoro cada momento contigo!

Beijo-a carinhoso, sentindo seu carinho também, compartilhando com ela um Raffaello que eu nunca imaginei existir: um homem apaixonado!

— Eu poderia ficar a noite toda aqui, enrolada nessa toalha, te beijando.

Ergo a sobrancelha e dou um sorriso de lado, meio provocador.

— Não poderia não! — Ela gargalha e fica vermelha. — Estou sentindo seu estômago vibrar, Sol!

Estico meu braço até a mesa baixa improvisada e tiro as proteções que coloquei sobre os vidros com as frutas e os doces.

— Hum... — Ela se levanta, os olhos brilhando. — Aquilo ali é marshmallow? — Dou de ombros, e ela pega um. — Oh, eu adoro! Vamos assar alguns naquela sua fogueira, né? Já posso imaginar com morango e chocolate e...

Começo a rir.

— Por que tanta fixação por doces? Eu percebi que você gosta muito mais de um bom docinho do que de um salgado.

Ela termina de mastigar o marshmallow e sorri.

— Mamãe e papai não nos deixavam consumir açúcar quando crianças, descobri tarde demais, tenho muito tempo a recuperar!

A explicação dela me convence, e pego as taças de champanhe.

— Quer beber agora? Combina bem com doce.

Ela aceita, e eu estouro a rolha, sem derramar nada da espuma, do espumante que comprei na cidade, esperando fervorosamente que ele seja bom, porque é de uma vinícola da região.

— Hum, ficou ótimo mesmo! — Sol elogia depois de comer um morango e beber o espumante. — Você não vai beber?

Nego.

— Trouxe algo diferente para mim. — Pego a cuia com a erva-mate dentro e despejo água quente que estava em uma garrafa térmica. — Essa coisa de passar a noite fora da casa me lembrou de quando Peppe e eu “acampávamos” aqui nas férias e me deu saudades do chimarrão.

Sol sorri.

— Eu vejo o Gleyson tomando isso o dia todo, e Don Genaro também gostava muito. Ele se sentava na cadeira de couro na varanda, no final da tarde, olhava o vinhedo e tomava chimarrão sem nenhuma pressa.

Ofereço-o a ela, mas nega.

— Achei muito amargo. — Ri. — Eu gosto de doce.

— Menos o café.

Ela concorda.

— Menos o café, mas, não sei se você já percebeu, eu sempre tenho algo doce para acompanhar. Ou são os biscoitinhos de nata da Ida, bolos, ou...

— Torradas com geleia! — completo. Ela aponta para mim e pisca antes

de comer mais um pedaço da barra de chocolate que eu trouxe.

Sento-me ao seu lado tomando meu chimarrão, gostando da sensação que tenho, depois de tantos anos, ser a mesma da época do meu irmão. O chimarrão parece aquecer meu coração gaúcho, e, mesmo que eu não tenha mais o sotaque gostoso e não lembre a maioria das expressões, tenho orgulho da terra onde nasci e para onde voltei.

Sol e eu começamos a conversar amenidades enquanto comemos. Eu sempre gosto de contar a ela algumas lembranças da infância ou mesmo do tempo com minha mãe na Itália. Quando falo do meu passado para ela, sinto que a coloco lá também, e isso é muito foda!

Temos essa ligação louca, de pele, de desejo, de sentimentos e, corro risco de parecer piegas, de alma. É essa química perfeita, uma junção de tantos elementos que formam uma *assemblage* única. Se nós dois fôssemos vinhos, com certeza ganharíamos todos os concursos do mundo em questão de harmonia de sabores.

— Você já teve um brinquedo erótico? — pergunto de repente, e ela quase se engasga com uma cereja.

— Tipo vibrador? — Assinto. — Já, mas confesso que não curti muito, prefiro minha mão.

Eu sorrio, olho para a mão dela, brilhando com o suco da cereja fresca que estava comendo, então avanço e chupo dedo por dedo, tirando o melado da fruta.

— Suas mãos são muito eficientes mesmo! — Pisco. — Mas só experimentou um vibrador?

— Só. — Ela suspira. — Vocês são um tanto impacientes na hora H.

Fico sério. O ciúme me afeta ao pensar nela com outros homens, tentando usar brinquedos e travo o pensamento antes de chegar ao meu irmão, à lembrança de que eles eram um casal.

Pego a caixa que chegou ontem pelos correios e a abro.

— Já experimentou isso?

Sol arregala os olhos ao ver o objeto preto em minha mão.

— Eu sei o que é e *para que é*, mas nunca experimentei. — Ela morde o lábio. — Você quer?

— Se você quiser. — Ela pega o plug anal de *cyberskin*, uma tecnologia que deixa o brinquedo mais confortável e real para ela. — Eu tenho umas coisas aqui... — Tiro os outros itens que comprei, todos ligados ao sexo anal. — Andei pesquisando e acho que vamos nos divertir treinando.

Sol me olha com olhos apertados.

— Você é muito safado, sabia?

Diminuo o espaço entre nós e a seguro firme contra mim.

— Sabia! E você é muito sortuda: sou todo seu!



— Seja bem-vinda de volta! — Abraço Idalina assim que ela entra na cozinha. — Sentimos muito sua falta!

— Ida! — Tomás corre até ela e abraça suas pernas. — Eu estava com saudade!

A expressão no rosto de Idalina é de pura alegria. Ela olha para Raffaello, que vai até ela e beija sua bochecha, cumprimentando-a, e suspira.

— Eu nem acredito que estou de volta!

— Sua irmã está bem? — Raffaello pergunta.

— Está ótima! — é Gleyson quem responde, entrando com as malas da tia. — Ela não queria que Ida viesse, mas não houve argumento que convencesse a tia a ficar.

— Aqui é a casa dela! — Raffaello diz.

Ida nos olha juntos e sorri.

— Ouvi dizer que a Don Ferrero não será vendida, é verdade? — Meu sorriso se alarga, e, com muito prazer, confirmo. Idalina estende a mão para Raffaello, que a pega. — Eu sabia que aqui era o seu lar, sempre foi!

— Eu sei, Ida, por isso não vou embora mais. — Ele passa o braço sobre meus ombros. — Encontrei o lugar em que quero estar para sempre.

— Eu poderia morrer agora, que morreria feliz! — Abro a boca para pedir a ela que não diga bobagens, mas ela completa: — Mas aí seria burrice demais morrer no começo da felicidade!

Gargalho.

— Vem, Ida, vou ajudá-la a desfazer suas malas — chamo-a para subirmos juntas ao andar superior. — Aproveitamos para colocar os assuntos em dia.

— Você vem, meu tesouro? — ela questiona ao Tomás.

— Não. Tio Raffa e Tomás vão de cavalo.

Ela ri do jeito de o meu filho falar e se despede deles. Subimos juntas as escadas e encontramos Gleyson descendo depois de ter colocado as malas no quarto dela.

— Hoje vamos colher a primeira amostra do seu cultivo orgânico, Sol, quer participar?

Sinto-me tão orgulhosa que minha vinha tenha frutificado bem que assinto, animada.

— Vou pedir que ninguém prove a uva antes de você.

— Obrigada! Eu estou tão feliz, mas um tanto temerosa de que ela não seja boa.

— Ah, minha filha, tenho certeza de que estará ótima! — Idalina diz cheia de orgulho. — Você se dedicou muito, estudou e se entregou a cada cepa daquele parreiral.

Sim, eu sei disso. Aquele cultivo me salvou em um momento extremo de dor. Estava em frangalhos, com medo do futuro, e ter podido me dedicar a algo me ajudou a não enlouquecer. Passei os últimos meses da gravidez empenhada em fazer dar certo e, anos depois, colherei os resultados.

— Eu vou ajudar a Ida a se instalar e daqui a pouco me encontro com vocês lá na adega.

— Tudo bem, esperamos você! — Ele beija a testa da tia. — Bem-vinda novamente.

Gleyson desce as escadas, enquanto Ida e eu seguimos juntas para seu quarto.

— Ele é um ótimo menino, só precisa criar juízo e arranjar uma boa moça para se casar e ter filhos.

Dou de ombros.

— Vai ver ele não quer isso — opino.

— Ah, mas já está ficando velho, daqui a pouco vai ser avô do filho, isso sim!

Abraço-a, divertida, adorando esse jeito tão dela de ser. Ida consegue ser muito liberal e moderna, mas, às vezes, seu jeito conservador vem à tona.

— Ele está longe de ficar velho, Ida! Raffaello e ele têm a mesma idade.

— Sempre me preocupei com Raffaello, mas sabia que, em algum momento, ele iria voltar a ser o guri carinhoso que conheci. — Ela sorri para mim. — Eu o vi hoje e acho que isso se deve a você.

Respiro fundo, temendo seu julgamento.

— Eu o amo, Ida — confesso. — Pode parecer estranho, afinal, eu sou mãe do filho de Peppe e...

Ida põe a mão na minha boca, impedindo-me de falar.

— Você tem todo direito de ser feliz, de ser amada, independentemente do que pensam do seu passado.

Meus olhos se enchem de lágrimas tamanha emoção ao perceber que ela entende o que sinto por Raffaello. Isso é importante para mim, embora não devesse ser. Preciso que as pessoas de que eu gosto me entendam mesmo que eu não possa explicar.

— Obrigada, Ida! Você tem sido generosa e compreensiva comigo desde que cheguei aqui.

— Não me agradeça! Você me deu Tomás, Sol, um pedaço do meu Peppe. — Ela funga. — E agora Raffaello vai ficar em casa, de onde nunca deveria ter saído, graças a você. Meu pequeno precisa ser amado, e, tenho certeza, ninguém poderia amá-lo como você.

Sim, eu o amo muito!

As palavras dela renovam a esperança de que tudo vai dar certo, de que todas as minhas mentiras, omissões e promessas continuarão enterradas e não voltarão como fantasmas a me assombrar.



— Incrível! — Mastigo a fruta. — Como é doce! Qual é essa variedade?

— *Pinot noir* — Raffaello é quem responde. — Está com uma concentração alta de açúcares, principalmente para essa época.

Assusto-me.

— Tem algo errado com minha uva?

Ele ri, pois meu tom maternal não passou despercebido.

— Não, só não é comum. As duas *pinot* estão assim. — Raffaello fica pensativo por um momento e cochicha algo com João, seu gerente de adega. — Eu também acho.

Homens!

— Ei, eu sei que não sou entendida no assunto, mas poderiam compartilhar a conversa comigo, por favor!?

— Estava falando que essas uvas dariam um ótimo *blanc de noir*⁹.

Bufo, pois não aguento mais tanta palavra em francês hoje.

— Traduz!

Raffaello sorri.

— Espumante, Sol, feito apenas de uvas tintas.

Franzo a testa, sem entender.

— Eu pensei que o espumante fosse feito a partir de uvas brancas.

— Não, mesmo os mais clarinhos, sem ser *rosè*, são feitos com um *blend*¹⁰ de uvas brancas e tintas. Mas há os feitos com apenas uvas brancas, chamados de *blanc de blanc*, e os feitos apenas com as tintas, os *blanc de noir*.

Fico animada com a possibilidade de minhas uvas virarem champanhe!

— Você pretende fazer? — pergunto-lhe.

— Ainda não sei, vai depender da vindima. Ter um *blanc de noir* não é nenhuma novidade...

— Ah! — interrompo-o. — Mas é um desses feitos de uvas orgânicas! Por isso eu insisto na certificação, porque aí poderemos exhibir o selinho. As pessoas têm buscado por produtos mais naturais, e isso pode fazer diferença.

Raffaello faz uma cara de quem acabou de ter uma ideia, mas não fala nada. Eu fico louca quando ele fica assim, introspectivo, apenas demonstrando que não está desligado por conta de suas expressões faciais.

Ah... eu já contei a vocês que ele faz uns biquinhos lindos?

— Você já trabalhou com o método *ancestrale*¹¹? — ele inquire, de súbito, para João.

— Não, mas conheço em teoria.

Ele fica mais um tempo mudo, depois come outra uva. Seu olhar parece longe, e quase posso ouvir seus neurônios funcionando, avaliando alguma coisa.

— Está ocorrendo uma tendência na Europa de os grandes apreciadores de espumantes redescobrirem os *Pét-Nat* — Raffaello volta a falar, e eu rolo os olhos e balanço a mão no alto, chamando a atenção para minha presença,

lembrando-lhe que uma leiga está participando da conversa.

Ele ri, mas explica:

— São processos em que as leveduras não são retiradas após a fermentação. *Pét-Nat* é o apelido para *pétillant naturel*¹², jeito natural de se fazer um espumante sem a adição do licor de tiragem¹³ como no método tradicional — a explicação ainda é vaga para mim, afinal, entendo de plantar e não de produzir, mas consigo achar a linha de raciocínio dele.

— Se o público que consome produtos mais naturais já iria adorar um espumante feito com uvas orgânicas, valorizariam ainda mais se ele fosse feito por esse método.

— Exatamente! — Ele sorri animado. — É um espumante rústico, não tem muitas bolhas, mas posso fazê-lo leve, adocicado e com baixo teor alcoólico, bem típico para ser consumido no verão, na praia, em algum resort exclusivo. Como também não é uma bebida longa, estará pronta para ir ao mercado em poucos meses, por não precisar de amadurecimento.

Concordo com ele sobre o tipo de vinho, mas penso na praticidade.

— Acho legal estourar um champanhe na praia no final de ano ou em um evento, mas não vejo as pessoas fazendo isso no dia a dia, a não ser nesses locais de luxo que falou, então fica parecendo um produto para ser consumido *apenas* por pessoas com certa condição social, e eu não sei se gosto dessa limitação.

Raffaello se aproxima de mim e aperta a ponta do meu nariz com seu indicador.

— É aí que está uma das graças desse tipo de espumante: ele não usa rolha, mas sim uma tampinha dessas de metal iguais às de cervejas, o que pode deixá-lo mais *popular*.

Arregalo os olhos, surpresa com essa informação, já imaginando o pessoal na praia tomando um espumante bem gelado, talvez do tamanho ¼ – 185 ml

— com a tampinha de *long nec*. É ótimo ele ser assim, mas obviamente não é apenas para ficar diferente.

— Por quê? — pergunto curiosa.

João gargalha.

— Acho que sua Sol está precisando de umas aulas — ele diz para Raffaello, que concorda e pisca para mim.

— Terei prazer em dar umas aulas... particulares — a última palavra é sussurrada em meu ouvido. — Mas, basicamente, posso dizer que ele vai com essa tampa porque não passa pelo *dégorgement*, que é a retirada dos sedimentos – da borra – do espumante.

Analiso o que ele me explica e penso que, comercialmente, é uma maneira bem diferente de se ter um produto exclusivo e diferente, desde que esse método não prejudique o sabor do espumante.

— Não tirar os sedimentos pode ser ruim para a qualidade?

Raffaello sorri devagar, de um jeito que já conheço, cheio de arrogância.

— A qualidade desse tipo de espumante depende da expertise do enólogo, e isso a Don Ferrero tem!

João ri, assim como Gleyson, que trabalha com sua equipe com as amostras, diante do enorme ego de Raffaello. Ignoro sua soberba e volto a pensar no espumante natural feito de uvas tintas orgânicas e...

— Qual a cor que esse espumante terá?

Raffaello levanta uma mecha do meu cabelo e a cheira devagar. Eu adoro quando ele faz isso, mas fico vermelha, porque nunca o tinha feito com pessoas perto de nós. Ouço risinhos, mas ignoro-os, completamente embevecida pelo olhar dele.

— Sua cor — diz baixinho, e a energia sexual pulsa entre nós. Alguém pigarreia, e ele solta meu cabelo. — Eles geralmente escurecem por conter a borra.

— Mesmo os de uvas brancas? — indago, e ele assente. Fico preocupada com isso. — O vinho, então, oxida?

— Não, pelo contrário, nesse processo nem é preciso colocar conservantes como o anidrido sulfuroso, pois o *Pét-Nat* fica em fermentação e libera dióxido de carbono, que atua como um conservante natural.

Bato palmas, animada, pois vejo logo a propaganda: orgânico, feito pelo método natural e sem conservantes adicionados! É completamente perfeito e o típico produto que eu produziria e... De repente outra ideia surge.

— Vocês descartam as cascas e sementes das uvas depois de um tempo, não é? — Raffaello estranha a pergunta, mas concorda. — Eu quero esse resíduo.

Ele fica confuso, vejo em sua expressão, e rio divertida, porque certamente ele pensou que apenas ele consegue usar seus conhecimentos químicos para transformar uvas em produtos perfeitos.

Iludido!

— Para quê? — quem pergunta é Gleyson, tão curioso quanto todos no salão.

Sorrio animada, encho o peito de ar e declaro:

— Vamos aproveitar a uva toda! Vocês prensam e fazem esse espumante incrível, e eu uso a casca e as sementes para fazer cosméticos. — Raffaello arregala os olhos, e eu gargalho. — Não é só um enólogo foda que a Don Ferrero tem, viu?

Dessa vez sou eu quem pisca para ele, e o danado me manda um beijinho disfarçado. Meu corpo se arrepiou, pois adoro quando ele faz isso!

— Bah! Onde vocês dois estavam escondidos esse tempo todo enquanto eu estava aqui me matando? — Gleyson ri e me tira do transe sexual em que sempre mergulho quando Raffa está por perto. — Acho que, dessa vez, a Don Ferrero está salva!

Concordo, e Raffaello me abraça apertado. Retribuo o carinho, animada, pensando em quantas coisas maravilhosas nós poderemos fazer juntos.

A vida não poderia estar mais perfeita!



— Raffaello, como vai? — Arthur me cumprimenta ao telefone. — Que bom que retornou minha ligação, estou precisando conversar com vocês.

— Pode falar, Arthur, que depois passo as informações para a Sol, ela não está no momento — respondo apreensivo, torcendo para que seja assunto de trabalho e não alguma repercussão da festa do último final de semana.

Não vi Arthur na comemoração, nem tive qualquer contato com ele depois da reunião em que ele abriu o resultado do exame de DNA entre mim e Tomás.

Não sei se ele tem falado com a Sol, pois ela nunca comentou nada comigo. Espero que seja alguma novidade boa ligada ao inventário.

Sorrio, o coração cheio de emoção, ao lembrar que Sol quis recusar a parte extra, deixada por testamento, mas eu não achei justo, afinal, ela era representante de Tomás, e Don Genaro quis que pertencesse ao guri, não a mim. Não era responsabilidade deles.

— Achei algo sobre o inventário do seu irmão. — Sinto um estranho arrepio, como se fosse alguma notícia macabra, porque eu nunca soube de um

inventário. — Sem querer, achei um documento que, pelo que li, diz que ele deixou umas coisas para a sua empregada, a dona Idalina.

— Ele nomeou Idalina como herdeira, foi isso?

Arthur ri.

— Não, já expliquei que isso não pode ser feito no Brasil, a não ser que não haja a legítima. Enfim, foi um codicilo¹⁴. Eu juro que nunca vi outro além desse, mas ele deixou para ela uma coleção de livros de receitas e facas de cerâmica.

Sorrio ao pensar que Peppe pensou em Idalina, que, por lei, não teria direito a nada, e a homenageou deixando itens que demonstravam sua gratidão por ela tê-lo ensinado a cozinhar.

— E sobre qualquer outro bem? — inquiri.

Ainda acho estranho que, depois de anos de trabalho bem-sucedido para grandes restaurantes, meu irmão não tenha comprado sequer um imóvel. Ele e eu nunca falamos sobre essas questões, mas me lembro vagamente de que ele estava procurando por um apartamento uns dois anos antes de morrer.

— Nada! Como eu te disse, meu pai foi quem tratou disso com seu avô, e eu não tenho acesso às coisas dele, pelo menos enquanto estiver na ativa aqui no escritório, porque, depois que se aposentar, não vai ter como ficar sentado em cima de seus processos.

— Está certo. Obrigado por ter ligado, e, se tiver qualquer outra novidade acerca disso, eu agradeceria.

— Pode deixar, que eu fico atento. — Ouço um suspiro. — Mande lembranças para a Sol. Fiquei sabendo que vocês estão juntos. Parabéns, ela é uma mulher incrível.

— Eu sei, foi por isso que me apaixonei por ela. — Resolvo deixar bem claro que tipo de relacionamento temos e faço uma pergunta idiota: — Não há nada que me impeça de me casar com ela, não é? Legalmente falando.

— Por ela ser mãe do seu sobrinho? — Ele ri, provavelmente me achando idiota. — Não! Ainda que ela tivesse sido casada com seu irmão, a lei brasileira não impede as núpcias de colaterais por afinidade, como seria o caso de vocês, apenas os parentes em linha reta, por exemplo, se ela fosse sua ex-sogra, você não poderia se casar com ela, porque ela seria sua mãe por afinidade, e esse vínculo não se desfaz nem com o divórcio.

— Ainda bem, então, que ela não é! — brinco.

Arthur ri, mas depois volta a ficar sério.

— A coisa entre vocês é para valer, então?

— Totalmente, Arthur. Como você disse, Sol é uma mulher incrível, e eu seria louco se a perdesse.

— É, seria, sim. — Ele limpa a garganta. — Bom, espero que vocês sejam felizes, de verdade.

— Obrigado.

Despeço-me dele e saio do escritório, onde passei a manhã toda trabalhando, para ir atrás de Idalina na casa. Se ela recebeu o legado, provavelmente sabe algo sobre o inventário de Peppe.

Encontro Nora com Tomás na cozinha. É a última semana da babá conosco, pois ela retornará para a casa de Sara a fim de cuidar de Felipe, o que é um alívio, pois o clima tem estado tenso aqui por conta do ciúme que Ida sente da moça.

— Oi, Tomás! — Beijo a cabeça do guri.

— Tio Raffa, você come árvores pequenas? — ele questiona, e eu fico um tempo sem entender, até que Nora levanta um buquê de brócolis.

Rio e concordo.

— Como, apenas pessoas que querem ser fortes comem as arvorezinhas. — Ele sorri animado. — Eu vou até comer mais uma, porque trabalhei tanto que me sinto fraco...

Ele ri quando ponho o brócolis na boca e o mastigo teatralmente, forçando o braço para mostrar o “muque”.

— Tomás quer mais, Nora! — ele pede, e a babá tenta conter um risinho.

— Nora, você viu a Ida? — questiono-lhe, achando estranho que ela não esteja acompanhando o almoço de Tomás.

— Ela estava separando umas coisas no quarto de Don Genaro e as levando para o porão.

— Obrigado. — Bagunço os cabelos de Tomás antes de ir atrás dela. — Coma tudo para ficar fortão!

Ele me mostra seus bíceps, e ergo meus dois polegares.

— Já estão crescendo, viu?

Saio da cozinha e desço correndo as escadas do porão. Ainda não estive nesse local desde que retornei, apenas do outro lado da casa, na adega pessoal de Don Genaro, que estou pensando seriamente em reformar para voltar a usá-la.

— Ida? — chamo-a assim que entro no enorme espaço cheio de tranqueiras e caixas. — Idalina?

Não vejo nem sinal dela, mas uma das divisórias – que antigamente era usada como salão de jogos por mim e meu irmão – está com a porta aberta.

— Idali...

Paro de falar ao reconhecer muitos dos objetos entulhados nas prateleiras, empilhados em cima da mesa de sinuca – que por sinal está em péssimo estado – e pelo chão, dentro de caixas de papelão.

Pego uma placa e sinto um bolo se formar em minha garganta ao ver o primeiro prêmio que meu irmão ganhou, em um festival gastronômico, por fazer uma sobremesa perfeita.

Há muita coisa de Peppe aqui, principalmente coisas que ele usava na cozinha, artigos profissionais e algumas quinquilharias que ele adorava

coleccionar.

Seguro um de seus aventais e vejo uma mancha escura nele, imaginando que meu irmão tenha aposentado a vestimenta por causa dela.

“Um bom chef preza pela limpeza e organização não só de sua cozinha, como de si mesmo”, dizia sempre.

Continuo a exploração sem me preocupar por não ter encontrado Idalina pois achei as coisas do meu irmão, e é como ter encontrado um tesouro.

Abro uma caixa aleatória da pilha para ver o que está guardado e fico lívido ao ver os bonecos do Rambo, todos como eu me lembrava, em suas caixas originais, sem nunca terem sido abertos ou manipulados.

Imediatamente relembro o dia em que brinquei com Tomás na sala, segurando o mesmo bonequinho que, agora, vejo perfeito e intocado dentro da caixa.

Será que ele tinha alguns repetidos e os deixou para o filho?

— Raffaello? — Viro-me para encarar Ida, na porta do cômodo. — Eu não sabia que você estava aqui.

— Eu vim procurá-la, queria fazer uma pergunta. — Olho novamente para o bonequinho. — Ele tinha dois? Porque Tomás tem um igual.

Ela fica muda, vejo uma ruga de preocupação em sua testa, e, então, dá de ombros.

— Eu não sei. Foi seu avô quem guardou essas coisas aí. — Ela entra e coloca uma caixa de acrílico perto das de papelão. — Estou separando as coisas dele para doação e guardando algumas que achei que você ou Tomás possam querer em algum momento.

Nego.

— Por mim pode doar tudo — digo com sinceridade. — As coisas de Peppe estão todas aqui?

Ela demora a me responder de novo.

— Todas que vieram do Rio de Janeiro.

Resolvo tocar no assunto que me fez procurá-la.

— Você sabe algo do inventário dele? — Idalina me olha sem entender o motivo pelo qual estou lhe questionando isso. — Eu não sei se ele tinha bens e, muito menos, o que foi feito com eles.

— Eu não sei, Raffaello, como disse, foi seu avô quem...

— E as coisas que ele deixou para você? — disparo a pergunta.

Idalina franze as sobancelhas.

— Que coisas?

Fecho os olhos e bufo, entendendo o que aconteceu. *Velho filho da puta!*

— Meu irmão deixou para você uns livros de receitas e algumas facas, você não soube disso?

Os olhos de Idalina se enchem de lágrimas, e ela nega.

— Não, ninguém me disse nada. Como você soube disso?

— Arthur achou o documento. — Ela sorri triste. — Provavelmente essas coisas estão aqui, se você quiser procurá-las, posso ajudar.

Ela assentiu.

— Em outro momento, quem sabe? Não me importo com essas coisas que ele me deixou, apenas com o ato de ele as ter deixado. — Concordo com ela. — Peppe era muito amado, mas acho que ele não sabia disso.

— Ele sabia — afirmo. — Don Genaro nunca escondeu sua predileção.

Ida nega e abaixa a cabeça.

— Predileção não é amor, Raffaello. Seu irmão amava Don Genaro e merecia saber que seu avô também o amava ou que, pelo menos, deveria amar. — Ela me olha. — Assim como a você.

— Don Genaro só amava a si mesmo, e a prova disso é ele ter escondido que meu irmão deixou algo para você. — Ponho o bonequinho de volta na caixa de papelão. — Fico questionando o que mais meu avô escondeu.

— Nunca saberemos, e acho isso bom, o passado deve permanecer no passado. Agora é vida nova para você, para meu tesouro Tomás e para Sol.
— Ela sorri. — Por falar nisso, eu a vi chegar quando estava vindo para cá.

Meu coração palpita só em pensar nela, no quanto senti sua falta comigo no escritório durante o pouco tempo em que estive na cidade. Contudo, ainda me sinto intrigado por causa dos bonecos e penso que deve ser melhor perguntar diretamente para ela, para que não haja dúvidas entre nós.

— Vou falar com ela. — Beijo a testa de Idalina. — O dia que quiser pegar suas coisas, me chame, que as procuro contigo. São suas, ele quis que você as tivesse, então nada mais justo as acharmos.

Ela sorri.

— Quando você me trata assim, me lembro do meu guri com o coração de ouro. Obrigada!

Subo para o piso térreo da casa e escuto risadas na cozinha.

— Sol, eu achei...

Paro de falar quando ela grita e tenta esconder algo no balcão da cozinha de qualquer jeito. Nora tenta ajudá-la, e Tomás está branco como cera, os olhinhos arregalados.

— O que foi? — Olho para eles, assustado. — O que vocês estão escondendo aí?

Sol fica vermelha e responde:

— Nada de mais, só algo que trouxe da cidade. — Ela olha para Tomás.
— Eu não sabia que você estava na casa.

Caminho devagar até ela, achando estranho essa atitude de me esconder as coisas. Nora e ela formam um verdadeiro paredão na frente do objeto que escondem, e isso aguça ainda mais minha curiosidade.

— O que vocês...

Paro onde estou assim que avisto o enorme bolo cheio de bombons

brancos envoltos em coco no topo. *Merda!*

— Você viu, né? — ela diz desanimada, e eu me sinto um boçal.

Porra, não queria estragar a surpresa – que seria genuína, porque não disse a ela que amanhã é meu aniversário –, mas acho que acabei de cometer uma mancada das grandes.

— Como você soube?

Sol sorri.

— Ida me disse no começo da semana. — Sorri. — Por que você não disse nada?

Dou de ombros.

— Não comemoro há anos — tento deixar minha voz neutra, mas a verdade é que isso é um espinho na minha carne. Eu gostava demais dos meus aniversários quando mamãe era viva, ela sempre tentava fazer uma festa surpresa ser surpresa. Peppe também me ligava ou mesmo ia me ver nesse dia, mas, depois que se perde todas as pessoas que se ama, as datas comemorativas parecem perder a alegria.

Sol me abraça pela cintura, e eu vejo o bolo temático por completo. Rio, adorando o humor dela demonstrado até nessas pequenas coisas.

— Podemos comemorar este ano? — ela pergunta, a voz abafada contra meu peito.

— Claro! — respondo, rindo. — Como é que eu vou recusar um bolo personalizado para mim?

Ela ri.

— Gostou, tio Raffa? — Tomás indaga.

— Adorei, Tomás! — Ergo o rosto de Sol e deposito um beijo em seus lábios. — Adorei a surpresa, mesmo que eu tenha sido idiota e estragado tudo.

Ela dá de ombros.

— Só adiantou o dia. — Sorri animada. — Espero que goste de comer *Raffaellos*!

Eu já ouvi tanta piadinha com o nome desse bombom que gargalho e concordo. Para vocês terem ideia, eu já recebi cantadas, indiretas e até convites para trepar com o nome dele. Uma vez uma mulher comeu um bombom desse gemendo, chupando sensualmente na minha frente.

— Eu gosto, ele é gostoso como eu! — Pisco.

Sol rola os olhos.

— Seu nome veio dele?

Nego.

— Sou mais velho que esse bombom aí. — Decido provocá-la: — Meu nome veio de um grande pintor italiano, assim como o do Peppe veio do grande compositor italiano Verdi. Mamãe amava artes e sabia que nós honraríamos nossos nomes, por isso sou foda desse jeito.

Sol gargalha e dá um tapa no meu peito.

— Nada humilde comparar seus vinhos aos afrescos do museu do Vaticano! — ela ralha comigo, e eu apenas dou de ombros.

— Já vendi vinhos para lá, então aposto que, depois de algumas taças do *meu vinho*, as pinturas de Raffaello ficaram ainda mais belas.

— Limite, Raffaello, você não tem nenhum!

Olho de soslaio para conferir se Nora e Tomás estão nos olhando e fico feliz ao vê-los entretidos com uma sobremesa. Esfrego meu nariz no pescoço de Sol e dou uma lambida em sua orelha.

— Você ainda tem dúvidas sobre isso?

Sinto a pele dela se arrepiar e tenho certeza de que ela se lembrou da nossa última noite, antes que ela menstruasse, na colina com vista para o lago.

— Nenhuma!

Rio e mordisco a pele sensível de seu queixo antes de beijá-la.

— Sensata, você!



— Hum, gostoso!

Tomás dá o veredito ao provar o primeiro pedaço do bolo Raffaello do Raffaello, fazendo com que todas as pessoas aqui reunidas para comemorar o dia dele caiam na gargalhada.

Sinto seu braço nas minhas costas e sua mão na lateral do meu corpo. Tenho a sensação de que estivemos assim a vida toda, um sentimento de reconhecimento, uma deliciosa impressão de que apenas nos encontramos e que estávamos destinados a ficar juntos.

Estou feliz por poder compartilhar com ele um grande momento, mesmo que tenha dito que não comemora seu aniversário há anos. Isso cortou meu coração, porque sei bem o motivo por que ele parou de se lembrar da data festiva. Não deve ser fácil ficar sozinho no mundo! Ele foi separado do irmão quando seus pais se divorciaram, perdeu o pai, depois a mãe, além de, nos últimos anos, Peppe e Don Genaro.

Se não fosse por Tomás, Raffaello seria o último Ferrero existente, e isso me deixa triste, porque, mesmo com seus problemas, significaria o fim de

uma família.

Eu sempre fui muito apegada aos meus irmãos, talvez por ser a caçula e ter pegado a fase mais desapegada dos meus pais. Não que eles não fossem presentes, mas havia uma certa liberdade que meus irmãos me ajudaram a equilibrar para que eu não fizesse besteiras.

Sei o que significa uma perda, pois passei por isso também com meu irmão. Halley era meu melhor amigo, apesar da nossa diferença de idade, e eu aprendi muito com ele durante nosso tempo juntos. Ele era meu espelho, a pessoa que eu mais escutava e que me ouvia.

Compartilho essa dor com Raffaello, mas nunca deixei de celebrar a vida e seus bons momentos por causa dela. Halley não me perdoaria se eu o fizesse.

Raffaello me oferece um bocado de seu pedaço de bolo, e sorrio ao prová-lo, agradecendo aos céus por ser tão delicioso quanto o bombom, embora nada comparável ao homem ao meu lado.

Foi uma loucura conseguir uma confeitadeira para fazer o doce. Sara, claro, ajudou-me na busca, pois, como eu queria um bolo muito específico, feito de massa de amêndoas com um recheio de musse de chocolate branco e outro de beijinho, cobertura de ganache branca salpicada de coco ralado, nem todas aceitaram fazer. Acabou que uma das cozinheiras do restaurante dela fez um teste, e Sara me ligou deliciada com o sabor e a textura do bolo. Concordamos em adicionar amêndoas caramelizadas ao recheio de musse de chocolate branco para ficar crocante, já que estava tudo muito cremoso, e a receita ficou divina.

Solto um gemido de prazer ao mastigar o bolo, e Raffaello aperta mais sua mão em minha cintura.

— O que foi? — pergunto.

Ele não me olha, mas diz baixinho:

— Seus gemidos estão acordando meu pau.

Eu tento não rir nem olhar na direção do órgão mencionado, mas é impossível. Ele bufa e finalmente me encara.

— Quero saber do meu presente de aniversário...

Finjo estar indignada.

— A festa não foi presente suficiente? — Ele nega. — Olha só, todos aqui comemorando os 36 anos de existência *da lenda* chamada Raffaello.

Ele faz careta.

— Você acha soberba eu reconhecer que sou foda no que faço, por isso fica com esse deboche. — Pisca. — Mas no fundo você sabe que me acha foda!

Rio e me lembro de um roque nacional que tem isso na letra. Acho que é uma música da Pitty, mas agora não me recordo da letra toda. Enfim, eu o adoro e o acho foda, sim, mas não vou facilitar as coisas admitindo isso para ele, que já tem o ego do tamanho do mundo.

— Eu queria propor um brinde! — Gleyson ergue a taça de vinho.

— Oba! — Tomás pega seu copo cheio de suco de uva, e todos riem.

Raffaello sorri ao ver tantos braços esticados para cima, comemorando com ele este dia. Além de todos os trabalhadores que ele mesmo contratou para a vinícola, estão presentes os irmãos Casillos – Arthur e André –, Sara, que trouxe Felipe, Gleyson, Nora e Idalina.

A sala de jantar está cheia. Encomendei salgadinhos e canapés com a Sara, Raffaello mesmo escolheu as bebidas que serviríamos com cada coisa, e a estrela do evento com certeza foi o bolo. Todos sabiam da brincadeira do nome dele com o doce, então foram bem engraçadas as reações das pessoas ao comerem o bolo Raffaello.

— Eu queria agradecer ao Raffaello por ter voltado para casa. — Aconchego-me mais a ele, pois também tenho muito a agradecer por isso, e

olha que eu torcia para que não voltasse. — À Sol por ter tido coragem de fazer algo para manter a vinícola. — Nego com a cabeça, pois, mesmo que eu tenha desenvolvido o cultivo e ajudado no projeto de manutenção dos vinhedos, foi Gleyson quem me ensinou tudo sobre viticultura. — Hoje temos a esperança de voltar a estar entre as *casas* mais famosas do Brasil, quiçá da América do Sul... — ele ri — por que não da Europa, já que temos um enólogo premiado e admirado por lá?

— Ah, pronto! — sussurro e rio, levando um beliscão de Raffaello na minha cintura. — Isso vai ter volta! — ameaço-o.

— Ansioso por isso! — Pisca. — Mas preste atenção ao brinde do Gleyson, o homem é muito sensato.

Rolo os olhos e volto a ouvir o brinde, com um sorriso e o coração cheio de orgulho pelo profissional que é o homem por quem me apaixonei.

— ... então, meus amigos, devemos ser gratos por tudo o que a vida nos dá, seja bom ou ruim, porque há caminhos que não conhecemos e que precisamos trilhar para chegar à felicidade.

— Profundo, isso... — Raffaello cochicha, e eu faço careta para ele, porque seu tom é irônico. — Sério, embora eu tenha feito uma brincadeira idiota, concordo com ele. Por mim mesmo, eu nunca teria voltado para cá e, conseqüentemente, nunca teria conhecido você.

Assinto, o coração disparado ao pensar em todas as oportunidades que teríamos de ainda nos conhecer, mesmo se o passado fosse diferente. Respiro fundo, porque ele não sabe dessas chances e não entenderia se eu tentasse explicá-las.

Eu gostaria de que as coisas tivessem sido diferentes, porque poderia amá-lo sem nenhuma sombra entre nós, mas, ainda assim, agradeço por ter entrado em sua vida e poder sentir o que sinto por ele.

E ser correspondida!

Todos aplaudem ao final do discurso de Gleyson, e é a vez de Raffaello tomar a palavra.

— Não sei dizer coisas tão bonitas quanto meu amigo, mas quero deixar meu agradecimento a todos. Em breve iremos colher, a vindima é um trabalho extenuante, como todos aqui sabem, essa em particular, por tudo o que significa. O mês de janeiro será extraordinário, eu tenho certeza, e, por isso, convido a todos para uma festa especial que decidimos fazer aqui na vinícola, a última sem os turistas que queremos aqui ano que vem. — Ele olha para mim e para Sara, que aceitou assumir o restaurante que iremos construir, seguindo os esboços de Peppe. — Dia 22 de janeiro é dia de Saint Vincent, o padroeiro dos vinhateiros, e essa data é muito comemorada na França, principalmente na Borgonha. Aqui, estaremos no auge da vindima, e não haveria período mais propício para fazer a festa que, espero, se tornará tradição e atrairá turistas e apreciadores de vinho para nossa região.

— Que notícia ótima! — André exclama, cumprimentando-nos com sua taça de vinho. — Sara e eu estamos muito felizes por fazermos parte dos projetos futuros da Don Ferrero.

— É um prazer para nós — retorno o cumprimento.

— Ao futuro da Don Ferrero! — Idalina é quem puxa a saudação, e todos nós a acompanhamos. — E que Tomás seja o primeiro de muitos da nova geração dessa família.

Engasgo-me com vinho, e Raffaello me dá tapinhas nas costas.

— Muitos!? — exclamo assustada.

— A ideia não é de todo ruim. — Ele pisca, provocando-me, quando abro a boca, sem acreditar no que ele diz. — Pense em quantas tentativas teremos que fazer para chegar até um número satisfatório de crianças para a Ida.

Arregalo ainda mais os olhos, conhecendo o amor que Ida tem pelos *gurus*.

— Ai, meu Deus!

Ele gargalha e me puxa para um abraço apertado.



Ajusto a lingerie sobre meu corpo, passo mais uma camada do hidratante que eu mesma fiz, desejando que já fosse o de vinho para que Raffaello associasse o cheiro a mim a cada vez que estivesse lidando com a bebida, seja a fazendo ou bebendo.

Sorrio para o espelho, adorando a maciez da minha pele, o viço que vejo em meu rosto e o brilho em meus olhos. Felicidade é a melhor receita para se sentir linda! Eu estou muito feliz, e a cada novo momento com Raffaello que vou registrando em minha memória, essa sensação de alegria se aprofunda.

Depois da festa, ele me ajudou a arrumar tudo ao passo que Ida cuidava de Tomás. Eu estava lavando a louça enquanto ele a secava, mas, como sempre, não perdeu a oportunidade de me provocar.

— Aqui foi o primeiro lugar onde nos pegamos — cochichou, abraçado às minhas costas. — Mas não foi o primeiro em que fiquei duro por você.

Gemi ao sentir as mãos dele nos meus seios, apertando-os devagar, buscando os mamilos intumescidos por baixo da blusa e do sutiã.

— Eu fiquei louco quando te vi na rua, no Centro da cidade, mesmo sem saber quem você era — confessou, e eu olhei para trás a fim de encará-lo. — Eu estava indo para um encontro com Arthur, estacionei próximo ao restaurante da Sara, e você saiu de um carro...

— Era do Glauco, irmão do Gleyson. Ele foi nos buscar no aeroporto em POA.

— Eu fiquei completamente atraído por você, esperei sua volta, porque

havia entrado no restaurante, e, quando te vi de novo, gemi com a dureza do meu pau. Eu queria ter ido até você naquele dia, mas, certamente, iria me achar um doido.

Ri.

— Confesso que seria interessante, porque eu te reconheceria. — Dou de ombros. — Já tinha visto fotos suas com Peppe e em algumas revistas chiques da Europa.

— Minha reação tão abrupta no dia em que nos conhecemos se deveu a isso também. Eu sentia essa atração vibrar pelo meu corpo e estava tentando travá-la a qualquer custo quando descobri quem era você.

Suspirei, entendendo que ele se sentia incomodado por sentir tesão pela *mulher* de seu irmão. Ainda tenho medo de que essa situação, em algum momento, possa pesar entre nós, mas Raffaello parece estar bem seguro do que quer, e isso me alivia um pouco.

Não foi fácil terminar de arrumar tudo com ele passando a mão pelo meu corpo, beijando meu pescoço, roçando em mim a cada oportunidade. Eu já estava em ponto de ebulição, e, assim que coloquei o último prato no esconder, virei-me, agarrei-o pela camisa e o puxei para um beijo.

Não foi só um beijinho, foi uma verdadeira batalha entre nossas bocas, mãos e pernas. Ele me sentou na bancada, encaixou-se entre minhas coxas e parecia querer me devorar por inteiro, ali mesmo. Confesso que nem passou pela minha cabeça o local onde estávamos e que tinha mais gente na casa, foi somente quando Ida entrou na cozinha e pigarreou que tivemos noção do que fazíamos.

— Tomás já dormiu — ela disse como se não estivéssemos fazendo nada de mais. — Eu vou fazer um chá e me recolher também.

Eu sentia meu rosto arder demais, tal qual uma adolescente pega no flagra dando uns amassos no namoradinho. Desci da bancada e peguei a mão de

Raffaello, que também parecia sem jeito... ou talvez ainda cheio de tesão na cabeça para raciocinar friamente.

— Nós vamos dormir também! — falei. — Boa noi...

Não consegui terminar de falar, porque ele me arrastou, quase correndo, para fora da cozinha. Comecei a rir de nervosismo, imaginando o que Ida estaria pensando sobre nós, quando ele me pegou no colo para subir as escadas.

— Você é um grosseirão, sabia? — repreendi-o assim que chegamos ao quarto. — Eu estava desejando boa noite a Ida quando...

— E eu desejando enterrar meu pau todo dentro de você. — Arregalei os olhos. — Estava trincando os dentes, com uma ereção monstruosa, e você queria que eu ainda pensasse em ser educado?

Rolei os olhos.

— Homens! Quando a cabeça de baixo está em ação, a de cima para de funcionar.

— Estou muito acelerado, cheio de tesão, vou tomar um banho.

Franzi a testa, sem entender.

— Por quê?

— Porque quero te foder com calma hoje, quero passar horas te chupando, te vendo gozar, então meter, depois voltar a te chupar e... — Bufou. — Vou tomar um banho, senão vou gozar antes de tocar em você.

Ri do desespero dele, porém adorando vê-lo assim por minha causa.

Eu achei que, com o tempo, a constância e a rotina, o sexo ia ficar mais tranquilo, mas parece que estava enganada. O tesão que sentimos um pelo outro ainda é o mesmo, ou talvez seja até mais forte agora, que temos mais intimidade e sentimentos mais profundos dentro de nós.

Uma vez eu li que é necessário que a paixão morra para que venha o amor, que a morte da paixão é o ponto crucial para dizer se uma relação vai

ou não se firmar. Eu sei que ainda estamos apaixonados um pelo outro, vivendo essa loucura de querer a cada instante, de estar juntos sempre, de sentir falta, e, sinceramente, não quero que isso morra. O que sinto por ele é profundo, terno, seguro, é amor. Contudo, também mantenho os sintomas da paixão, e isso, na minha opinião, é perfeito!

Depois que ele tomou um banho e voltou cheiroso e mais calmo para o quarto, decidi que eu também queria um tempo no chuveiro. Já que ele prometera passar *horas* com a boca no meu corpo, queria estar fresca e perfumada para que fosse tudo mais apetitoso.

Pulo, voltando à realidade, quando o escuto socar a porta.

— Se você não sair em três segundos, vou arrombar — diz, e eu rio, mas saio.

— Quanta impaciência para...

— Puta que pariu! — ele exclama, olhando-me de cima a baixo. — Você não está facilitando para mim, Sol.

Sorrio.

— Não tenho por quê!

Ele roça sua língua pelo lábio inferior, e o simples movimento já me deixa acesa. Ando até ele, segura na lingerie *vintage* de tule vermelho. A calcinha vai até minha cintura, delineando minhas curvas, e o sutiã não tem bojo, deixando à mostra meus mamilos já túrgidos de tesão.

Ele estende a mão na minha direção, mas giro o corpo e o escuto soltar mais um xingamento. Mordo o lábio inferior, já imaginando o que causou tamanha reação: a parte da trás da calcinha, que não tem tecido, apenas uma fita de cetim unindo os dois lados da peça como um cadarço.

Fecho os olhos quando sinto o dedo dele passar em cada vão entre as voltas da fita, do meu quadril até o meio das minhas nádegas.

— Você quer me pôr de joelhos, não é? — diz, abraçando-me pela

cintura, encostando seu corpo no meu. — Pois bem, Sol Palmeira, já estou!

Ele se ajoelha atrás de mim e, onde senti seu dedo, sinto sua língua. Minha pele se arrepia com o contato, gemo, jogando a cabeça para trás, o ar vibrando à minha volta de tanto desejo.

A calcinha se afrouxa no meu corpo; a fita, que a mantinha justa, cai aos meus pés. Raffaello segura firme cada lado dos meus quadris e depois os puxa para trás, fazendo-me empinar a bunda.

— Isso! — gemo quando sinto sua língua se afundar entre minhas nádegas, deslizando em busca da entrada quente e úmida do meu sexo. Separo as coxas para facilitar o acesso, aguardando o toque da seda macia de sua língua em mim. Estremeço e movo ligeiramente os quadris, ajudando-o a alcançar todas as reentrâncias de minha boceta. Sinto-o lambe os lábios inchados e tocar de leve o clitóris já rijo.

A sensação que tenho com sua boca em mim é de uma explosão. Nada em mim fica estável, tudo acelera, estremece, vibra e derrete. Meu corpo entra em erupção, meu coração bate descompassado, forte, deixando minha respiração entrecortada e minha cabeça dando voltas.

É incrível o poder que ele tem de me fazer me esquecer do tempo e do espaço, de fazer meu corpo transcender à própria matéria apenas com seu toque. Amo tudo nele, principalmente a forma com que nos comunicamos sem palavras, meu instinto levando ao dele, e o dele correspondendo ao meu. É demais!

Nossos movimentos são perfeitamente sincronizados, sem que precisemos pedir alguma ação ou reação um do outro. Simplesmente flui. *É isso!*, penso enlouquecida quando ele me chupa mais forte. Temos uma fluidez natural, como se nossos corpos dançassem juntos esse ritmo a vida toda.

Raffaello se ergue antes que eu goze e retira minha calcinha totalmente. Seus olhos não deixam os meus quando me vira de frente e abaixa as alças do

sutiã, descobrindo meus seios.

Não deixo de encará-lo quando me toca com intimidade, apertando meus mamilos entre os polegares e os indicadores, gerando uma dor gostosa e sensual. Um suspiro sai por entre meus lábios entreabertos. Ele sorri e baixa a visão para meu colo.

— Sou louco pelos seus peitos — sussurra. — Completamente maluco por eles!

Reclino-me um pouco, ciente do que ele irá fazer e então resfolego quando sua boca suga meu mamilo esquerdo com força antes de excitá-lo com a língua e arranhá-lo com os dentes.

Seguro seus cabelos, movimentando-me conforme a força e a velocidade de sua sucção. Contraio meu abdômen tamanho o poder do desejo que sinto, aperto as coxas e sinto que elas estão deslizando. O cheiro da minha excitação chega até minhas narinas, e eu gemo alto, ainda mais excitada por estar tão molhada.

— Preciso de você! — digo em desespero, afastando-o de mim. — Preciso agora!

Desço o short de algodão que ele usa como pijama e, antes mesmo que o tecido caia ao chão, seguro firme sua ereção, vibrando com a dureza de seu pau. Raffaello trinca os dentes e geme rouco, sem deixar de me olhar, mesmo quando delira de prazer com a masturbação que eu lhe faço.

— Gosta assim? — pergunto, movimentando a mão devagar, mas com segurança e profundidade, da cabeça até a ponta, onde consigo sentir o sangue correndo por suas veias salientes. — Ou assim?

Aumento o movimento, balançando o pau dele em ritmo frenético, percebendo o quanto fica mais molhado e duro. Ele olha para minha mão, e eu sorrio, adorando que ele curta me ver fazer isso para si, porque para mim também é um tesão.

— Gosto da sua mão no meu pau — responde, enfim. — Não importa a velocidade ou a posição, desde que seja sua mão nele.

A resposta é tão boa que não resisto e o beijo.

Raffaello segura minha cabeça pelas laterais e me afasta com um sorriso. Lambo os meus lábios, discernindo o gosto do meu corpo em sua saliva e sorrio.

— Sabe do que eu gosto também? — é ele quem inquire dessa vez.

— Do quê? — faço-me de desentendida, mesmo que saiba do que ele gosta *também*.

Raffaello me solta e caminha de costas até a cama.

Hoje, como em todas as noites desde que decidimos assumir nosso relacionamento, estamos dormindo no meu quarto. Ele disse que preferia dormir aqui porque, como o de Tomás é ao lado, era mais fácil para ouvi-lo. Eu, claro, concordei e achei muito fofa sua consideração pelo meu pequeno.

Arrepio-me toda quando ele se senta na beirada da cama, pernas abertas, pau na mão, e me chama.

Adoro esses gestos dele! As piscadas são deliciosas, bem como o beijinho voador ou o dedinho me chamando cheio de safadeza.

Ajoelho-me entre suas pernas, mas não o tomo em minha boca. Gosto de vê-lo se masturbar para mim, então passo a língua pelas suas bolas. Seu pau pulsa, e ele aumenta a velocidade da masturbação, enquanto eu lambo e beijo a parte debaixo do seu pênis, sua virilha e, claro, esse lindo par de esferas durinhas.

Já disse a vocês que sou louca pelas bolas dele? Bom, se não, eu sou! Elas não ficam muito penduradas, nem enrugadas quando ele está duro. Parece que seu pau precisa de toda a pele disponível e as puxa para cima, mantendo a pele esticada e as bolas bem durinhas, logo abaixo da base de seu membro. É lindo de se ver e gostoso demais de tocar e beijar.

Raffaello se deita na cama, e abro um sorriso safado vendo parte das bochechas deliciosas de sua bunda dura e empinada, outra coisa pela qual sou louca. Afundo meu rosto o máximo que posso e lambo aquela costurinha que tem entre o final do saco e o ânus – o períneo –, e ele geme mais alto.

Li uma vez que essa é uma zona extremamente erógena para um homem, e, se ele for aberto aos prazeres que sente, adorará ser estimulado nesse ponto. Raffaello já demonstrou total entrega ao prazer, então não me faço de rogada e chupo com vontade antes de me aventurar com a língua em seu botãozinho rugoso.

Os músculos de suas coxas se retesam quando meto a língua em seu rabo, circulando-o, provocando-o, deixando-o molhado como faz com o meu.

— Sol... pode esperar que vai ter volta! — ameaça, gemendo.

Eu gargalho e me levanto para olhá-lo.

— Não gosta?

Ele ri.

— É bom pra caralho! — Sacode seu pau para me mostrar como está brilhando de lubrificação. — Eu seria mentiroso se dissesse que não é. — Volta a se sentar e me segura. — Mas ter você lambendo meu cu me deu uma enorme vontade de comer o seu.

— Podemos tentar — respondo e aponto para a mesinha de cabeceira. — Os brinquedinhos que você me deu estão ali.

Raffaello me beija.

— Nós tentamos naquela noite, *amore mio*; hoje eu vou comer.

Ele me ergue apenas para conseguir me deitar na cama e se posiciona em cima de mim. Penso que ele vai me penetrar e me preparo para recebê-lo. No entanto, Raffaello desce e ataca meu sexo com sua boca gostosa.

Agarro a colcha da cama, deliciando-me com seu beijo íntimo. Ele segura firme meus quadris e ergue meu corpo, fazendo-me ficar apoiada no colchão

apenas com a parte superior da lombar.

Eu me sinto comida, bebida, devorada. Seus movimentos não são sutis ou mesmo gentis, ele suga com força e lambe com vontade, sua língua se move vertiginosamente sobre meu clitóris, fazendo-me delirar de prazer.

É isso! Um delírio absurdamente inebriante, que toma conta de tudo o que há em mim, impulsionando todas as fibras e terminações nervosas do meu corpo até que a energia absurda que flui por elas colida e exploda, elevando-me aos céus.

— Raffa! — chamo seu nome em meio ao orgasmo. — Raffaello!

Ele aparece sobre mim, seu sorriso me contagiando mesmo após eu ter despencado dos céus e estar com todos os meus músculos trêmulos como gelatina e a respiração de um corredor de 100 metros rasos.

— Eu amo você! — ele declara, e me sinto explodir novamente, o prazer vindo do coração, da felicidade plena de tê-lo comigo em harmonia. — Porra, Sol, eu amo muito você!

Ofego quando ele me penetra até o fundo, a cabeça do seu pau resvalando em todos os pontos sensíveis dentro de mim, deixando meu corpo arrepiado e meus olhos turvos de tesão.

— Eu... — estoca rápido — amo... — mete mais fundo — você! — Rebola e acha meu ponto sensível de novo.

Grito, cravo as unhas em suas costas, enquanto me convulsiono de prazer. Raffaello não alivia a pressão no local, praticamente parado, apenas rebolando curto para massagear o ponto.

Quando relaxo, ele me beija, compartilhando comigo todos os prazeres que depus em sua língua, repetindo dentro da minha boca os movimentos que faz com o pau, como se me penetrasse duas vezes.

Ele rola na cama e me leva consigo. Fico por cima agora, agito meus quadris, mas ele mantém as mãos firmes sobre eles, controlando meus

movimentos para que eu não o leve até o limite.

Eu quero levá-lo!

Sento-me por completo sobre ele, meu tronco em 90 graus com o seu, minhas nádegas sobre suas bolas. Ele estreita o olhar para mim, prevendo que vou aprontar alguma coisa, mas não diz nada.

Tiro os joelhos da cama, planto meus pés sobre o colchão e ergo meus quadris, agachando-me devagar.

Raffaello parece estar hipnotizado pela imagem de minha boceta engolindo seu pau. Decido dar-lhe uma visão melhor e troco o apoio, tiro minhas mãos de seu peito e as coloco sobre seus joelhos.

— Porra, Sol... que gostosa!

Gemo, deliciando-me com a sensação de poder que é conduzir os movimentos, saber que ele está olhando e pulsando dentro de mim enlouquecidamente. Aperto os músculos de minha vagina, como aprendi nas aulas de pompoarismo, e rio ao ouvir o gemido alto que Raffaello não consegue conter.

— Não quero gozar — reclama, tentando me parar. — Sol! — Olho-o. — Quero comer seu rabo agora!

Paro o movimento no ar e o vejo se esticar para abrir a gaveta do criado-mudo e pegar a bolsinha com os presentinhos safados que encomendou pela internet.

Raffaello a abre apressado, pega o pequeno plugue preto de material macio que imita pele humana e lubrificante. Eu afundo seu pau dentro de mim de novo, e ele faz pressão em minhas costas para que eu me deite sobre seu torso.

— Vou colocar devagar... — diz, esfregando o objeto cheio de gel gelado na minha bunda. — Se te incomodar... — gemo de tesão ao sentir a ponta arredondada abrir meu cuzinho — é só me pedir para parar.

Assinto, e ele afunda mais um pouco o plugue.

Movimento-me, esfregando meu clitóris contra sua pélvis, concentrada no prazer que ainda vibra em cada célula do meu corpo, enquanto ele me invade por trás.

— Já está lá! — Sorri orgulhoso. — Eu sinto uma pressão foda no meu pau. — Raffaello rebola. — Posso sentir o plugue dividindo espaço comigo, embora do outro lado.

— É gostoso! — admito.

— Só me dará prazer se te der, entendeu? — Concordo. — Tente se erguer um pouquinho.

Faço o que me pede, e ele se movimenta mais rápido. Parece que estou mais sensível por ter os dois espaços preenchidos, e isso deixa tudo ainda mais pungente. Fecho os olhos, entregando-me às sensações, e, quando menos percebo, meu corpo inteiro se retesa conforme gozo com força.

— Isso, porra!

Ele ri e se senta. O movimento brusco tira o plugue do encaixe, e ele sai, mas Raffaello continua a me foder, seu corpo suado agarrado ao meu, nossas respirações juntas, nossas almas unidas para sempre.

— Foda-se! — grita em certo momento, e eu só entendo que deixou os planos de foder minha bunda quando geme alto e me aperta para que eu pare meus movimentos.

Adoro assistir ao orgasmo dele. Suas expressões, seus sons, a forma como seu corpo todo parece pulsar junto ao seu pau.

Ele fica tremendo um tempo ainda, mesmo depois de ter jorrado todo seu sêmen dentro de mim, curtindo uma ressaca do intenso prazer que sentiu.

— Eu amo você! — Sou eu quem declara, e ele me abraça forte, ainda de olhos fechados.

O coração dele parece que vai sair pela boca a qualquer momento, sua

pele está molhada e fria de suor, enquanto seus músculos estão tensos e quentes. Continuamos unidos mesmo após o êxtase, agarrados um ao outro como se tivéssemos medo de nos soltar.

Um frio sobe por minha coluna, e eu estremeço.

Nego com força qualquer superstição, qualquer pensamento de mau agouro que possa ter apenas porque o momento foi incrivelmente perfeito.

Estamos bem, felizes e nos amamos, o que poderia nos separar?

É aí que minha consciência volta e me chama de hipócrita com todas as letras!



— Vira para o lado agora — instruo o pessoal da adega a tirar um dos barris do vinho de Peppe do fundo escuro e isolado do local. — Isso, deixa assim.

Fiz os testes necessários para atestar a qualidade da bebida e descobri que sim, temos um diamante bruto nas mãos. Sinto-me a porra do homem mais sortudo do mundo por poder, no mesmo lugar, construir uma família e solidificar minha carreira.

Há uma semana liguei para a França e conversei com um dos donos da Lisblanc, Jean-Marie.

— É definitivo? — perguntou quando informei que estava pedindo o desligamento da *maison*.

— É, sim, eu decidi ficar no Brasil e tocar os negócios da família.

— *Oui!* É uma surpresa, *monsieur* Ferrero, porque você sempre pareceu desprezar a tradição de sua família aí no Brasil. Por vezes questionei se não estava aqui na Europa apenas fazendo nome para depois assumir os negócios aí, contudo acreditava quando dizia que a vinícola Don Ferrero nunca lhe

pertenceria.

Suspirei, ciente de que realmente era o que eu dizia e pensava.

— Peppe morreu, como *monsieur* bem sabe, e meu avô também, e...

— Seu irmão já havia morrido quando nos conhecemos, e, quando chegou a hora de seu avô, você nem pestanejou sobre vender a vinícola. É isso que não entendo, *monsieur* Ferrero. Por que agora você sente que é o dono do lugar?

A pergunta dele foi direta demais, mas sempre fomos diretos um com o outro. Sempre prezei a honestidade com meus empregadores, fosse com a qualidade de seus vinhos ou com minha vida pessoal.

— Porque é minha casa, mesmo eu tendo passado anos longe. Minha família está aqui, tanto a de sangue, representada agora por meu sobrinho, quanto a afetiva. — Pensei em Idalina, que me viu crescer. — É aqui que eu desejo estar, trabalhar e construir minha história, não só como enólogo ou vinhateiro, mas como um homem de família.

— Ah... homem de família! — Ele riu. — Existe uma *dame*!

— Existe, sim, mas tenho certeza de que ela iria para onde eu fosse, essa não é a questão. — Respirei fundo. — Eu quero ficar e construir algo ao lado dela.

— Só posso desejar toda sorte do mundo!

Assim, ficamos combinados de que eu enviaria o pedido de desligamento via e-mail, e eles tratariam de todas as formalidades a partir de lá, mas que eu precisaria ir rapidamente para assinar a rescisão. Não queria ter que ir à França tão cedo, não só por causa da aproximação da vindima, mas muito mais porque faltava dias para o Natal, e eu queria comemorar essa data, depois de muitos anos sem nem me importar com ela, então combinamos que isso seria feito na primeira semana de janeiro.

Eu ainda tenho que devolver o apartamento, pôr os móveis à venda, pegar

o resto das minhas coisas e dar adeus à Europa. Tenho que conversar com Evangeline também, pois, da última vez que nos falamos, comentei que iria ficar mais tempo no Brasil, mas ainda não tinha me dado conta do que sentia pela Sol. Depois disso não nos falamos mais, então acho que seria bom comunicar a ela que irei morar aqui de vez e que estou em um relacionamento. Gosto de ser honesto com as pessoas, acho isso essencial.

— Esse são os barris que você vai *cortar*¹⁵? — João pergunta e me tira dos pensamentos sobre minha futura ida à França.

— São. Gostou da minha escolha?

— Excelente, nada convencional, mas excelente!

Bato em suas costas, gostando de sua sinceridade e olho para meu relógio.

— Acho bom todos irem para casa agora. — João concorda. — Daqui a algumas horas, as famílias estarão reunidas para o Natal, e não quero ninguém tendo problemas por chegar atrasado.

Ele ri.

— Minha mulher me espera para colocar a leitoa no forno a lenha — comenta rindo. — Feliz Natal, Raffaello!

— Feliz Natal, João!

Despeço-me e cumprimento outros funcionários da vinícola, todos felizes por esses dois dias de descanso, já que temos trabalhado horas e horas para engarrafar todos os vinhos que preparamos a fim de que continuem a envelhecer, enquanto os que já estavam engarrafados são tratados para poderem ser apresentados ao mundo.

Até o meio do ano, ocorrem competições na Inglaterra e na França que podem ser interessantes para o Don Peppe. São eventos internacionais, mas que eu não considero os mais importantes, por isso decidi que, no próximo ano, vamos concorrer apenas nesses, para fazer os ajustes necessários no vinho até março do outro ano, quando poderemos concorrer na Espanha, para

mim, o concurso mais respeitado do *métier*.

Conquistar medalhas nessas outras competições é importante para a venda do vinho aqui no Brasil e na América toda, mas conquistar o concurso da Espanha é ter entrada livre em qualquer país da Europa.

Posso estar sendo muito ambicioso para um *tupiniquim*, mas reconheço um bom produto quando o vejo e, com minha experiência no mercado europeu, sei que posso deixar nosso vinho do jeito que eles apreciam. Fecho os olhos e agradeço ao meu irmão por esse achado, por ter um vinho com o nome dele para salvar a vinícola e realizar meus sonhos.

Acima de tudo, agradeço ao Peppe por ter encontrado a Sol e prometo a ele que cuidarei de seu filho, meu sobrinho, para sempre.

Eu a amo, Peppe! Não sei o motivo pelo qual você não a amou, mas eu a amo e acho que isso te deixaria feliz.

— Hum, está pensando no que com essa cara tão satisfeita?

Abro os olhos e vejo a Sol me esperando na entrada da casa. Abraço-a pela cintura, cheiro os seus cabelos e digo:

— No sortudo que sou por ter você!

Ela suspira e sorri.

— Somos dois sortudos, Raffa!

De repente uma pessoa pequenina se junta a nós dois, abraçando-nos pelas pernas, e eu gargalho.

— Somos três!

Abaixo-me para pegar Tomás e o ergo bem alto, arrancando-lhe gargalhadas de felicidade. Sinto-me tão completo como nunca pude ser antes. A presença de Tomás acalma meu coração com relação à saudade que sinto de seu pai e, ao mesmo tempo, enche-me de um amor tão grande quanto o que eu sentia por Peppe.

Abraço-o bem apertado e pisco para a Sol, que assiste a tudo com um

sorriso bobo.

Ah, porra, eu amo esse guri!

— Quando o Papai Noel chega? — Tomás dispara quando entramos na casa.

— Não sei — respondo. — Alguns dizem que à meia-noite, e outros, que só na manhã de Natal.

— Aqui em casa — Sol complementa —, só na manhã de Natal, porque esse rapazinho dorme bem antes da meia-noite!

Tomás faz cara feia, impaciente por presentes, e eu me lembro de quando éramos Peppe e eu aguardando o Natal, aqui, nesta mesma sala. O cômodo era decorado com um enorme pinheiro natural, todo arrumado por Idalina com luzes e bolas de vidro. Tínhamos um medo enorme de encostar na árvore e quebrar um dos enfeites, pois *nonno* sempre dizia que eram antigos e raros. Recebíamos nossos presentes à meia-noite, porque não dormíamos cedo. Era impossível dormir enquanto não víamos o pé da árvore se encher de embrulhos. Ficávamos na escada, olhando por entre os balaústres, até que fôssemos chamados para abrir os presentes.

Peppe gostava de ganhar livros e objetos colecionáveis, já eu adorava carrinhos, bolas e jogos.

Suspiro com a lembrança e penso nas coisas do meu irmão no porão.

— Peppe tinha alguns bonecos repetidos, não é? — pergunto de repente para Sol, fazendo-a se virar para me olhar, demonstrando não ter entendido a pergunta. — Os bonecos do Rambo, ele tinha mais de um?

Ela fica um tempo parada, a respiração suspensa e então responde:

— Eram repetidos, sim.

Sua face muda de cor, adquirindo aquele vermelho lindo de quando ela cora, mas isso me deixa tenso. É óbvio que há algo nessa história, só pode ter!

— Eu vou ajudar a Ida com a ceia.

Não respondo nada, fico parado vendo-a *fugir* para a cozinha, andando depressa. Sinto um gelo na barriga, o coração fica mais agitado com apenas a ideia de que há algo que eu não sei e que ela está escondendo de mim. *O que poderia ser?* Eu tenho noção do quanto meu irmão era ciumento com suas figuras de ação, mas não vejo problema algum em Tomás brincar com algo que será dele, principalmente se tratando de peças repetidas.

Respiro algumas vezes, tentado a ir atrás dela e lhe cobrar explicações. Contudo, acabo indo até a porta que leva ao porão da casa.

Ponho a mão sobre a madeira, sem entender por que fui trazido até aqui. Eu sei que os objetos de Peppe estão guardados lá embaixo, vi alguns deles, inclusive as figuras que Sol acabou de confirmar que são repetidas. Então por que me sinto impelido a descer e a mexer em tudo de novo?

Saudades!

Fecho os olhos e assinto, admitindo para mim mesmo que essa data continua difícil. Mesmo com tantas coisas boas, a saudade é uma lacuna que nada preenche.

Abro a porta do porão e, depois que entro, tranco-a, desejando um momento a sós com minhas lembranças da infância e dos Natais que passei com Peppe depois que crescemos. Poucas vezes ele conseguiu passar as festas conosco na Itália, mas mamãe entendia que ele dependia de Don Genaro para ir. Depois, quando ele começou a trabalhar, guardava todo dinheiro que entrava para poder nos visitar, mesmo que demorasse mais de um ano.

Minha família italiana dilapidou toda a herança deixada por *nonno* Felippo. Venderam o que restou do vinhedo, e cada um foi trabalhar com o que sabia, inclusive mamãe, que foi lecionar inglês em uma escola.

Não tínhamos dinheiro sobrando, eu trabalhei durante a faculdade, depois

continuei por um tempo até ter minha primeira oportunidade na adega. Por isso os momentos com meu irmão sempre eram tão importantes, porque sabíamos o quanto nos esforçávamos para nos manter unidos.

— *Raffa, seu praga, mamma quer servir a ceia!* — *Peppe me gritou da janela, e eu rapidamente subi as calças. — Deixa para comer boceta mais tarde e vem comer pernil!*

Eu ri, e a italiana que estava comigo não entendeu absolutamente nada do que meu irmão gritou, pois foi em português.

— *Ele está me chamando para a ceia — informei, e ela assentiu, arrumando a saia, que estava levemente levantada. — Daqui a pouco te encontro no bar.*

— *Seu irmão vai? Tenho uma prima mais velha...*

Sorri, já prevendo diversão dupla.

— *Vai, sim!*

Ela saiu do beco, entre minha casa e a do vizinho, e eu fiz careta, imaginando se a prima era feia ou bonita.

“Porca miseria!”, pensei. “Peppe vai me matar!”

Rio da lembrança, abrindo uma das caixas lacradas. Meu sorriso morre ao ver um boné dele. Pego a peça e a cheiro, querendo que tenha algum resquício do perfume do meu irmão, mas não, somente cheiro de coisa guardada. Há outras peças de roupa, em ótimo estado por sinal, e eu penso em colocá-las para doação junto às de Don Genaro.

Posso ver com a Sol se ela quer guardar alguma, e as demais vão para quem precisa. Isso é algo que ele certamente aprovaria.

Abro mais cinco caixas, todas com roupas, até que mexo em uma que está isolada em um canto. É menor, daquele tipo arquivo, por isso a pego e a coloco mais perto da mesa de sinuca velha.

Convulsiono-me ao segurar o pranto quando vejo uma caixinha cheia de

fotos. Meus olhos ardem, marejados pelas lágrimas, e engulo em seco ao vê-lo, forte e sorridente, vestindo sua roupa de chef. Vou passando foto por foto, adorando vê-lo em tantos momentos descontraídos, cercado de amigos, cheio de vida.

Paro de passar as fotos quando encontro a primeira em que Sol aparece, abraçada a ele junto a mais duas pessoas. Olho na parte de trás para saber se tem alguma anotação, mas está em branco. Ao que parece, foi tirada em uma festa de aniversário, mas ainda não sei de quem.

Ah, da Sol!

Sorrio ao vê-la soprando velas junto ao outro rapaz que apareceu na outra foto. A alegria de todos é tão contagiante que me pego sorrindo. Passo a mão pelo rosto lindo da mulher que amo, anos mais nova na fotografia, notando seus cabelos compridos e mais revoltos do que os usa atualmente.

As fotografias seguintes são de Peppe em seu ambiente de trabalho, algumas de uma pescaria entre amigos e outras apenas de pratos que ele preparou.

É legal ter fotos impressas para ver, pois isso é algo raro de uns tempos para cá, por isso, à procura de mais, abro outra caixinha dentro da caixa arquivo, mas não acho mais fotografias, e sim uma câmera.

Tento ligá-la, mas a bateria deve estar arriada ou, simplesmente, não funciona. Deixo o objeto de lado e continuo a mexer nas caixas, achando verdadeiros tesouros do meu irmão, como suas abotoaduras com a gravação de suas iniciais, presente de Don Genaro no último Natal que passamos juntos aqui, e uma parte de sua coleção de paletas de guitarra.

— Já te disseram que você é maluco? — perguntei.

— Por quê? — questionou sem desgrudar os olhos das paletas temáticas na vitrine de uma loja de instrumentos musicais em Nova Iorque, onde nos encontramos uma vez, pois ele estava fazendo curso por lá.

— *Porque você é louco por paletas de guitarra, mas não toca a porra do instrumento!*

Peppe riu, sua risada ecoando pela rua gelada.

— *Todo colecionador de selos precisa trabalhar nos Correios por acaso? Nunca soube que existia uma regra para se colecionar algo.*

Balancei a cabeça.

— *Isso não tem lógica, Peppe!*

— *É isso que faz tudo ainda mais legal!*

Nem percebi quando comecei a chorar, as mãos mantendo os pequenos pedaços de plástico guardados com força, protegidos, como se eu pudesse ter feito isso com meu irmão.

Agacho-me, encolhido no chão, sentindo uma dor enorme. Eu estive de luto por ele, mas talvez a distância, a falta de contato com suas coisas tenham deixado essa dor que sinto agora adormecida dentro de mim. Não há como não o sentir por perto em cada objeto aqui, não há como conter a emoção.

Não sei o que está liberando todos esses sentimentos agora, afinal, já estive aqui remexendo nas coisas dele. Talvez seja por causa da data tão fraternal que é o Natal, ou apenas a enorme saudade que aumenta a cada dia e a noção de que tudo deveria ter sido diferente.

Seco minhas lágrimas e guardo as paletas no bolso da calça, pensando em mandar fazer algo para armazená-las direito, para expô-las em algum lugar da vinícola em homenagem a ele.

— Eu prometo que você sempre será lembrado, meu irmão! Sempre será amado, e seu filho vai crescer ouvindo o quanto éramos unidos e como você era um herói para mim.

Faço uma prece em italiano, a mesma que mamãe nos ensinou ainda meninos, e decido subir, levar comigo as boas recordações dele, mas sem toda essa carga dolorida de estar mexendo em suas coisas.

Pego a caixinha da câmera para colocá-la no local de novo, mas algo a impede de entrar. Retiro-a do vão onde estava e vejo um cabo embolado. Pego a fonte para ajeitá-la, mas não a enrolo, pelo contrário, confiro sua pontinha para saber se se encaixa na máquina e sorrio feliz quando percebo que sim.

Procuro uma tomada entre as caixas e, assim que plugo a fonte na eletricidade, a câmera liga, acendendo seu visor. Procuro onde mexer para que eu veja se tem algum registro e sorrio largo ao achar um.

— Vou te ver de novo, Peppe! — digo emocionado, dando o *play*. — Ouvir sua voz e...

— *Surpresa!* — a voz de Sol ecoa alta, mas ela não aparece no vídeo.

Ela parece estar andando e filmando, até que entra em um cômodo, um escritório. Peppe levanta a cabeça, assustado, pois estava lendo algo quando ela entrou gritando.

— *O que é isso?* — Ri. — *O que vocês estão aprontando?*

— *Decidimos gravar* — uma voz de mulher, que eu não reconheço, responde. — *Queremos guardar este momento para a posteridade.*

Meu irmão franze o cenho e depois arregala os olhos.

— *Já saiu o resultado?*

Reconheço a mão de Sol entregando um envelope branco para ele.

— *Ah... mas tem que ser hoje? Não podemos esperar?* — Peppe pergunta.

Ela ri.

— *Eu sei que poderia ser algo mais romântico, mas Luna decidiu que precisamos registrar.*

— *Eu vou fazer uma edição linda!* — a voz da irmã dela se sobressai animada.

Peppe olha novamente para a câmera, para a Sol, e respira fundo.

— *Vocês já sabem o resultado?*

A câmera balança em sinal afirmativo.

Ele treme ao abrir o envelope, tira devagar a folha de dentro dele e demora demais para ler.

— *Parabéns, papai!* — Luna grita.

Peppe sorri emocionado e de novo olha para a câmera.

— *Diga algo!* — Sol pede baixinho.

— *Eu só tenho a agradecer* — ele começa. — *Eu nunca entendi por que demorei tanto tempo para te encontrar, porque tive que conhecer tantas pessoas antes de te conhecer.* — Eu me sinto gelar ao ouvir isso, meu coração dispara. — *Não faz mais sentido nada do meu passado, apenas você e o que vivemos desde que nos encontramos. Eu te reconheci, mesmo sem saber quem você era; eu te amei desde o primeiro olhar, desde a primeira conversa, muito antes de você me beijar.* — Escuto risadas. — *Sim, você me beijou primeiro, não negue! Eu já te queria para sempre.*

Paro o vídeo. Estou com a respiração pesada, a cabeça dando voltas, sem compreender o que está acontecendo. Lembro-me do desabafo dele que amassei e escondi de Sol, seu desespero, seu sentimento de estar sendo preso em algo que não quer.

Olho para o rosto dele, congelado na imagem no pequeno visor, e reconheço nele toda a sinceridade de meu irmão, mas, ao mesmo tempo, não tenho nenhuma lembrança desse homem tão emocionado que fala à câmera.

Volto a acionar o vídeo, segurando a respiração, temeroso pelo que está por vir.

— *Essa notícia, esse presente que estamos recebendo, é fruto desse amor que nos uniu desde o princípio.* — Peppe treme e abaixa a cabeça. — Sol... — Nega algo com a cabeça, mas volta a olhá-la. — *Eu não sei o que seria da minha vida sem você!* — sua voz está transtornada. — *Eu não sou nada sem você, não posso nem imaginar te perder, eu prefiro morrer a te...*

De repente a câmera balança bruscamente, como se tivesse sido jogada de lado, e a última coisa que vejo antes de o vídeo ser interrompido é Sol abraçando-o com força e o consolando baixinho.

Peppe a amava!

Sento-me no chão frio do porão, trêmulo, sem condição nenhuma de me manter de pé ou mesmo de raciocinar outra coisa que não o amor que vi nos olhos dele.

Peppe amava Sol desesperadamente!

Sinto-me sujo, traidor, um verme usurpador, um verdadeiro Jacó tirando tudo o que pertencia ao meu irmão. Como isso pôde acontecer? Como nos apaixonamos dessa forma pela mesma mulher?

Lembro-me do abraço cheio de carinho, do vídeo feito para um registro do momento mais feliz dos dois, e choro, imaginando como superar um amor assim. Eu nunca conseguiria fingir que eles não se amavam e nunca irei parar de pensar em como seria se o destino não o roubasse de nós.

Sol merecia ter tido sua felicidade ao lado do meu irmão, assim como Tomás merecia ter seu pai ao seu lado, contando as histórias que eu pretendia contar.

A ilusão de família que eu estava criando se desfaz, e eu percebo que, mais uma vez, sou apenas o *reservado*, o substituto, o paliativo.

Não é justo eu viver a vida do meu irmão, realizar seus sonhos, conquistar sua felicidade. Sinto-me um crápula por o estar traindo desta forma, por ter amado, desejado, tomado o que era dele.

Eu nunca quis isso, Peppe!

Fico tanto tempo chorando sentado no chão do porão que a bateria da câmera é carregada e a luz fica verde, despertando-me do transe no qual estou.

Minha consciência nunca ficará tranquila se eu permanecer aqui,

desfrutando da herança dele, ao lado da mulher que ele amava e criando o filho que eu tanto quero como se fosse meu. Peppe não me perdoará, era muito ciumento com tudo que amava e admirava a lealdade acima de tudo.

Éramos parceiros, cúmplices um do outro, e, mesmo depois de ele estar morto, ainda me sinto obrigado a permanecer fiel a ele.

Guardo a câmera onde ela estava e subo de volta para casa, resoluto, pronto para tomar a decisão mais difícil da minha vida, aquela que vai me rasgar inteiro, mas que é necessária.

Não posso ignorar o que meu irmão sentia, muito menos competir ou querer superar. Nunca fomos assim, nunca quisemos o que o outro tinha, sentimos inveja ou mesmo rancor por eu ter ficado com uma família, e ele, com outra.

Éramos apenas nós dois em nossa fraternidade perfeita.

E assim vai continuar!

Subo direto para meu quarto, nervoso, receoso de me encontrar com Sol no corredor ou nas escadas, porém, entro no cômodo sem cruzar com ela pelo caminho. Não consigo me sentar, estou muito agitado, por isso ando de um lado para o outro, a cabeça a mil por hora pela decisão que tomei.

Eu sei que ela me ama, disse isso, e acredito nela. Pode não ser o mesmo amor que sentia por Peppe ou não ter a mesma intensidade, mas sei que, se eu explicar o motivo pelo qual não podemos ficar juntos, ela não entenderá.

Soluço, o coração dilacerado em briga constante com minha racionalidade. Eu não quero deixá-la! Descobri o que é estar apaixonado ao seu lado, descobri o que é ter uma família ao lado de Tomás e não quero renunciar a isso.

Mas preciso!

Nunca vou conseguir lidar com o fato de que eles se amavam tanto. A imagem de Peppe chorando, dizendo que preferia morrer a perdê-la, traz-me

um gosto amargo à boca que não sei explicar.

Eu não tenho como pesar o amor que sinto pelos dois, não há como comparar. Ainda assim, meu senso de lealdade para com meu irmão me impede de pensar em ignorar o que eles viveram e construir uma vida ao lado dela. *Não é justo!*

Aproximo-me da janela e vejo o vale com o vinhedo. Nada disso era meu, e vai continuar não sendo. Assim que eu voltar para a França e retomar minha vida, pedirei ao Arthur que redija minha exclusão da herança. Farei a vontade de Don Genaro, deixarei tudo como ele queria, para seu neto favorito, representado por Tomás.

Precisarei me afastar do guri, e isso dói demais, mas não há como ser diferente, não posso conviver com a mãe dele como se não sentisse nada por ela.

Sento-me na poltrona do quarto e choro feito um bebê, imaginando a dor e a decepção que ela sentirá. Nosso primeiro Natal, nossa primeira recordação em família! Olho para o armário e me lembro dos presentes escondidos dentro dele, bem como da caixinha de joias com um par de belas alianças de ouro que comprei para pedi-la em casamento no Ano Novo.

Casamento!

Eu estava feito um menino numa loja de jogos quando entrei na joalheria da cidade vizinha para comprar as alianças, sonhando com uma felicidade que nunca tive, uma esposa, um filho, uma família.

Soco o braço de madeira da poltrona, a dor da pancada reverberando por minha mão, mas ínfima perto da que me destrói por dentro.

Vou até o armário e tiro as malas com que vim para cá há meses. Abro-as e as olho, vazias, como deveriam ficar por muito mais tempo. *Estou sendo um covarde!* Estou com medo de nunca ser o suficiente para ela, de estar à sombra do meu irmão e isso sempre martelar minha mente.

Não quero manter uma relação doentia, cheia de ciúmes e insegurança, e, nesse caso, é isso que poderá se tornar. Principalmente, não quero competir com meu irmão depois de sua morte! Sempre aceitei todo seu favoritismo, seu lugar dentro da vinícola, nunca questionei ou o invejei. Não vou começar agora, não seria justo com ele.

Pego os primeiros cabides com camisas e as joga na mala sem nenhum cuidado, apenas esvaziando o armário como se pudesse também esvaziar meu corpo do desejo que sinto por Sol, meu coração, dos sentimentos que ela despertou em mim, e minha cabeça, de todas as memórias que construímos nesse pouco tempo.

— Ah! Você está...

Olho assustado para a porta que se abriu de repente e para a mulher parada à soleira. Meus joelhos tremem, sinto vontade de me jogar aos seus pés para pedir a ela que me ame, que me escolha, mas não posso.

— Estava há horas te procurando pela propriedade. — Sol entra, ainda olhando a mala. — Vai viajar?

Respiro fundo, aprumo o corpo e decido que preciso ser direto e definitivo. Por mais que eu não queira magoá-la, preciso terminar tudo de uma vez para que ela siga em frente, sem esperanças de que um dia eu volte.

— Eu decidi voltar para a França.

Sol fica pálida. Vejo a confusão refletida em seus olhos e sinto vontade de abraçá-la forte e implorar que tudo fosse diferente.

— Mas não ia só depois do Ano Novo para...

— Estou voltando, Sol, de vez. — Tento dobrar uma peça de roupa, mas tremo tanto que temo que ela perceba como estou destruído. — Isso tudo aqui não é para mim.

— Isso tudo... — sua voz corta meu coração. — Nós também?

Forço-me a encará-la.

— Eu não posso ficar, não estou pronto para isso.

— Mas a gente se...

— Às vezes isso não é o suficiente — interrompo-a e a vejo se afastar com o que eu digo. *Merda!* — Eu tinha uma vida e planos e...

— Quer voltar para ela.

Concordo com o que ela diz, achando mais fácil.

Ela seca a lágrima que escorre em seu rosto.

— O que mudou, Raffaello? O que aconteceu nessas horas em que ficou sumido para que você percebesse que *isso tudo* não era suficiente para você?

Porra, é exatamente o contrário!

Engulo em seco, os olhos ardendo, mas por fora pretendo parecer frio e controlado.

— Avaliei melhor e...

— Como você pôde nos iludir assim?! Como pôde ser tão frívolo e nos fazer acreditar que nos amava?! Que *me* amava?! — Sol parte para cima de mim, seus punhos socando meu peito enquanto ela chora. — Seu egoísta, covarde, mentiroso...

Contenho-a, mesmo concordando com todas as suas palavras. Ela soluça, e não consigo mais conter minhas próprias lágrimas, sentindo-me um crápula por deixá-la assim.

— Eu sinto muito, Sol, eu confundi as coisas. — Resolvo ser sincero sem revelar muito. — Pensei que tivesse entendido a situação e que estaria tudo bem, mas não está. Eu entendi tudo errado!

— Seu filho da puta! — sussurra, afastando-se de mim. — Pretendia o quê? Sair de mansinho enquanto estávamos montando a mesa de Natal?

Nego.

— Eu quero me despedir de Tomás. — Ela me olha magoada. — Comprei um presente e...

— Não estrague o Natal dele! — diz entredentes. — Deixe seu presente debaixo da árvore, que vou tentar arranjar algo para dizer ao meu filho, mas não estrague o Natal dele indo embora agora.

Assinto, e ela vira as costas para mim, mas não sai do quarto.

— Você é uma decepção, Raffaello Ferrero. Espero que valha a pena toda sua vida de glamour na Europa.

Ela sai, batendo a porta do quarto, e desmorono no chão, abraçando minhas pernas, ciente de que nada mais vale a pena sem ela.



— Toma, é erva-cidreira e limão. — Luna me entrega o chá e se senta ao meu lado à bancada da cozinha. — Está melhor hoje?

Sorrio, mas nego. Não sei quando vou melhorar, quando meu coração voltará a se emendar depois do que aconteceu. Ainda não consigo entender como pude me enganar tanto sobre como Raffaello se sentia ou mesmo como ele pôde se enganar.

Estou há uma semana em casa, no Rio de Janeiro, buscando encontrar respostas para seguir em frente. Não tencionava vir, afinal, é uma época muito corrida por conta de todos os preparativos para a colheita e a expectativa para a execução, sem Raffaello, de todos os planos que fizemos com ele.

João assumiu a função de enólogo, mesmo ainda não sendo um, pelo menos enquanto não achamos um profissional capaz de levar adiante a programação de Raffaello, principalmente com relação ao Don Peppe em concursos e ao espumante *Pét-Nat*.

— Vai voltar para a vindima? — Luna pergunta, parecendo adivinhar o

que me preocupa.

— Preciso, Luna. — Suspiro resignada. — Gleyson conta comigo, agora que ele se foi.

Luna bufa, e eu sei por quê. Ela sempre reage assim quando falamos de Raffaello.

— Ele não se foi, Sol! O filho da puta não morreu, ele se acovardou diante dos desafios que tinha e escolheu o caminho mais fácil, voltando para sua vidinha de merda na França!

Ela me abraça quando eu soluço, reconhecendo a verdade em suas palavras, sentindo novamente a rejeição, a decepção e a surpresa por ter sido descartada como se não fosse suficiente para ele. Talvez seja por isso que tenho me referido a Raffaello como se ele tivesse morrido, porque, para mim, é como se isso realmente tivesse acontecido depois do que ele nos fez.

— Foi o pior Natal do mundo!

Ela concorda e me estende o chá, porém o líquido quente e calmante não faz o efeito desejado e nem tira da minha memória as tristes horas antes de ele sair de nossas vidas para sempre.

Ele havia sumido por horas, e, quando comecei a procurá-lo pela vinícola, não tinha ideia do que me esperava. Fui até o escritório, desci até a adega, mas não o encontrei, então voltei para a casa e desci até o porão, indo às duas partes dele, mas nada.

Já tinha ido ao seu quarto, inclusive, já havia ligado para seu telefone várias vezes, e, como ele não atendia, estava preocupada.

— Nada ainda? — perguntou Ida enquanto finalizava uma sobremesa.

Neguei.

— Não o acho em nenhum lugar, e ele também não atende o telefone. — Olhei pela janela da cozinha para conferir se os carros estavam no pátio, e vê-los me deixou ainda mais nervosa. — Será que desço até o lago?

Ida parou de fazer o doce e me olhou preocupada.

— Eu morria de medo daquele lago, mas ele e o irmão amavam o lugar.

— Balançou a cabeça afirmativamente. — Eu acho que seria um lugar que ele visitaria nesta época.

— Para se lembrar de Peppe — completei, e ela concordou.

Decidi, então, ir até o enorme lago da propriedade, mas então ouvi um barulho no andar de cima, exatamente no quarto dele.

— Ele está no quarto! — falei aliviada e saí correndo para lhe contar sobre os biscoitos caseiros que tínhamos feito e que ele *deveria* comê-los para fingir que tinha sido o Papai Noel.

Minha animação durou até encará-lo e ver as malas abertas em cima da cama, já cheias de roupas jogadas de qualquer forma. Fiquei em dúvida a princípio, porque eu sabia que em algum momento ele teria que voltar à França para resolver as questões de seu trabalho e do local onde morava, mas não entendia a pressa para *arrumar* suas coisas.

— Eu resolvi voltar para a França.

Raffaello disse isso de uma forma tão natural que imaginei que estivesse se referindo à viagem que faria no começo de janeiro, que talvez a tivesse adiantado, mas não, ele estava indo embora de vez, voltando para sua vida anterior como se nada tivesse acontecido ali nos meses em que estivéramos juntos.

Nada parecia importar para ele, o homem estava frio, referiu-se a meu filho e a mim como *tudo isso*, e eu senti que éramos pesados demais para cabermos em sua vida.

Estava assustada e surpresa demais com a decisão inesperada, mas ainda cultivava a esperança de que ele percebesse que, apesar de todo medo e insegurança sobre essa nova situação que ele vivia conosco, nosso sentimento era forte e iria nos ajudar.

Mas não! Nem isso parecia ser suficiente para que ele trocasse a vida que levara na Europa pelo que estávamos construindo juntos aqui no Brasil.

— Às vezes isso não é o suficiente. Eu tinha uma vida e planos e...

— Quer voltar para ela — completei seu raciocínio, achando óbvio.

A decepção era tão grande dentro de mim que me afastei dele com nojo, sem poder reconhecer o homem com quem convivera todas aquelas semanas, fizera planos e projetos para um futuro juntos.

Senti meu rosto molhado, a garganta apertada, mas, mesmo diante de todas as evidências, meu coração ainda se mantinha inteiro, apesar das avarias. Resolvi ser corajosa e tentar entender o que tinha acontecido, o que havia mudado no homem que, algumas horas antes, estava feliz por passar o Natal conosco e construir uma família.

Meu questionamento foi em vão, e todas as minhas esperanças desmoronaram quando ele simplesmente disse que “havia avaliado melhor”. Raffaello não disse com todas as letras, mas entendi que tinha estado empolgado comigo e com a perspectiva de fazer algo diferente do usual, mas, quando percebera o compromisso e os riscos que iria assumir, desistira.

— Como você pôde nos iludir assim? Como pôde ser tão frívolo e nos fazer acreditar que nos amava? Que *me* amava? — Não consegui conter minha revolta, doía tanto, eu mal conseguia respirar, sentia-me como se fosse explodir a qualquer momento, então comecei a socar seu peito, usando a violência para tentar aliviar a opressão dentro de mim. — Seu egoísta, covarde, mentiroso...

Acabei nos braços dele, chorando feito uma menina desiludida, o coração em pedaços, os sonhos desfeitos como nuvens de fumaça.

— Eu sinto muito, Sol, eu confundi as coisas. — As palavras dele me feriram tão profundamente que trinquei os dentes de dor. — Pensei que tivesse entendido a situação e que estaria tudo bem, mas não está. Eu entendi

tudo errado!

— Seu filho da puta! — sussurrei ao constatar sua imaturidade, sua covardia, e me afastei dele, repugnada.

Tive que me manter forte e pensar na decepção de meu filho, que o amava demais e estava empolgado por tê-lo conosco no Natal, então pedi para que ficasse até que Tomás dormisse e passasse a festa conosco.

Foi minha pior decisão!

O clima à mesa da ceia estava tenso, Ida percebeu, e, pela melancolia no rostinho de Tomás, ele também sentia que algo não estava normal. Mal falamos, não rimos, não comemoramos. O Natal tão aguardado se tornou um jantar qualquer, sem nenhuma felicidade ou emoção, apenas quatro pessoas sentadas à mesa, sem falar uma com as outras, mastigando a comida como se isso as salvasse.

Tomás, que estava tão empolgado com a perspectiva de encontrar Papai Noel, pediu para dormir antes mesmo de terminamos a sobremesa e, quando nos deitamos juntos em sua cama, abraçou-me com tanta força que parecia compreender que eu não estava bem.

Chorei sozinha no escuro do quarto, ouvindo seu ressonar baixinho, alisando seus cabelos, grata por tê-lo comigo.

Desci depois de algum tempo e encontrei as malas de Raffaello na porta principal da casa. Ele não estava por perto, achei que pudesse estar em seu quarto pegando mais algumas coisas, mas então ouvi os soluços de Ida e soube que ele havia contado a ela que estava indo embora.

Só nesse momento eu encarei que era verdade, que ele estava partindo mesmo, abandonando-nos para sempre. Tentei respirar, não chorar, não gritar que não entendia o que tinha acontecido e que queria respostas. Nada fazia sentido! Minhas pernas estavam tão trêmulas que me senti em um degrau da escada, hipnotizada pelas malas na porta, a cabeça rodando com tantas

recordações, tantas promessas, e o coração se negando a aceitar o fim.

— Eu... — Raffaello falou assim que me viu sentada, mas eu balancei a cabeça, interrompendo-o.

— Não fala nada, apenas vai!

Ele respirou fundo e fez o que eu pedi, arrastando suas malas para fora e saindo da minha vida como se não estivesse levando consigo boa parte do meu coração.

Fiquei em choque, parada no meio da escada e nem vi quando Ida se sentou ao meu lado e abraçou meus ombros.

— Deixe ir, Sol — ela falou baixinho. — Eu não posso imaginar como *tu* *está* se sentindo, por isso apenas ponha para fora.

Chorei e nem sei precisar por quanto tempo, feito uma criança. Não conseguia conter os gemidos de dor, e os soluços me impediam de falar qualquer coisa. As lágrimas pararam, mas eu ainda tremia e soluçava em seu colo, recebendo o consolo e o amparo que foram responsáveis por eu não ter desabado completamente.

— Eu não sei o que fazer, Ida — confessei, mais calma.

— Pegar seu filho e ficar um pouco com sua família — sugeri, e eu assenti. — Descansar, esperar toda essa confusão acabar e voltar para cá, para sua casa, e levar adiante tudo o que planejou fazer.

— Sem ele?

Ida sorriu.

— Como tiver que ser.

No outro dia, então, arrumei minhas malas e voltei para o Rio com Tomás, onde estou há dias, ainda me recuperando da reviravolta inesperada que minha vida deu.

— Papai está se esbaldando com Tomás — Luna comenta e me traz de volta ao presente. — Eu nunca o imaginei um avô, mas ele está me

surpreendendo!

Sorrio.

— Eles surpreenderam a todos voltando ao país sem avisar, isso sim.

— Sim! — Luna gargalha. — Eu quase não acreditei quando mamãe entrou na loja para comprar xampu para seus cabelos! Simplesmente entrou, foi até mim no balcão e disparou: “Luna, você acha que meus fios precisam de nutrição, hidratação ou reconstrução?”

Assinto.

— Como se ela não estivesse fora por quase três anos, não é? Bem típico de mamãe!

— Sim! Eu fiquei sem reação, olhando-a surpresa, e ela falando do cabelo como se nunca tivesse saído de perto de mim.

— Eles são doidinhos, mas são ótimos.

Minha irmã concorda e suspira.

Depois do susto da volta dos meus pais, achei emocionante ver como eles interagem com o neto. Papai brincou com Tomás como nunca o vi fazer com criança alguma, e mamãe fez questão de mimar meu filho com suas canções e suas histórias mirabolantes de viagens e descobertas.

Foi um alívio tê-los de volta. Ao mesmo tempo foi estranho ter de esconder como eu me sentia e o motivo pelo qual estava tristonha.

— É essa época — justifiquei. — A saudade aperta.

Eles entenderam e não questionaram mais meu estado de ânimo. Começaram a planejar o Réveillon, incluindo tarefas para mim e Luna, e acabaram me ajudando a passar os dias sem que me afundasse na autocomiseração.

— Você acha que eles vão querer levar Tomás para a praia? — perguntei para minha irmã.

— Você ainda tem dúvidas disso? Pode preparar a roupinha branca para

ele, porque certamente vão ensiná-lo a pular sete ondinhas. Ontem eles chegaram aqui em casa cheios de sacolas com bebidas, a maioria era espumante.

— Vamos ter um grande evento, então — concluo, e ela assente, fazendo careta.

Olho para o iPad em cima da bancada, tentada a olhar – mais uma vez – alguma revista francesa em busca de qualquer notícia sobre Raffaello. Eu esperava que, retornando para o estilo de vida que tinha, ele voltasse a circular nas altas rodas e comparecesse a eventos, mas, nos poucos que acompanhei pela imprensa, não havia nem sinal dele.

— Você me prometeu não *stalkear* mais.

Ponho as mãos sobre o rosto, e Luna me abraça.

— Ele fez a escolha dele, Sol, agora você tem de fazer a sua. — Minha irmã alisa meus cabelos. — Você pode ficar se perguntando o que aconteceu ou aceitar que acabou e seguir em frente.

— Eu sei, mas ainda é tão...

— Dê tempo ao tempo, contudo, ficar procurando saber como ele está não ajuda. Eu sei que o fato de ele não aparecer em nenhuma dessas revistas alimenta sua esperança, mas isso, minha irmã, não quer dizer que ele vai voltar. Sol, ele nem deveria ter ido!

Eu sei disso tudo, porém há algo dentro de mim que insiste em me manter ligada a ele e reforça a cada dia que ainda não acabou. Pode ser minha esperança, minha indignação pelo modo como tudo aconteceu, mas está aqui, todos os dias, repetindo que nada do que vivemos foi mentira.

Olho para o aparador do apartamento, cheio de porta-retratos e suspiro.

Algo me diz que ainda não acabou!



Sou um covarde, um verdadeiro filho da puta!, penso, insone, sentado na cama do hotel em Porto Alegre, aguardando a hora do meu voo de volta para a França.

Há dias não consigo dormir, comer ou mesmo conversar. Estou isolado, dolorido, processando tudo o que eu vi e que fiz. Uma enorme batalha se travou dentro de mim, por isso mesmo que ainda não voltei para a Europa, mesmo depois de quase uma semana ter se passado.

Passei a noite de Natal dentro do carro, parado em uma das ruas da cidade, bebendo qualquer porcaria que encontrei em uma espelunca aberta, chorando feito um bezerro desmamado e reprisando o vídeo de Peppe em minha cabeça inúmeras vezes.

É meu irmão, porra, não posso traí-lo! Não posso ter para mim o amor que ele tinha, não posso competir com ele!, a cabeça fazia questão de me lembrar quando a dor se tornava tão insuportável que eu recuava e ligava o carro para voltar para casa, para Sol e Tomás.

A cada dia que se passa, sinto mais a falta deles. Sonho com aquela

mulher nas poucas horas que durmo e, em muitos momentos, consigo ouvir a vozinha de Tomás me chamando. Estou destruído como nunca me senti antes, nem mesmo quando mamãe morreu ou quando eu soube da morte de Peppe.

É porque é diferente, seu idiota! Eles estão vivos e amam você!

Soco o colchão diante do pensamento, levanto-me e decido tomar outro banho para esfriar a cabeça. Nada é pior do que viver essa montanha-russa de emoções na qual me encontro, querendo fazer uma coisa, mas fazendo o oposto.

Eu amo Sol Palmeira, não há dúvida alguma quanto a isso! Quero acompanhar o crescimento de Tomás, tomar conta dele como seu pai tomou de mim, amá-lo e protegê-lo para sempre. No entanto, esses desejos me trazem um gosto amargo à boca ao pensar que meu irmão sentia o mesmo e que era dele essa família.

Não suporto mais ficar com as coisas dele!

Herdei o local que ele amava, que cresceu sabendo que seria seu. Não posso também usurpar sua família, o amor da mulher que amava. Isso é tão injusto!

Depois de uma ressaca gigante no dia do Natal, peguei a estrada para a capital do estado e me hospedei no hotel em que estou. Não saí do quarto nenhum dia, nem mesmo atendi os telefonemas ou li as mensagens que me deixaram. Eu não estava com clima para as felicitações desta época, sentia-me em luto, magoado, em pedaços.

Só decidi partir de vez há três dias, quando, em busca por passagem pela internet, achei uma vaga para Paris. Foi algo raro de acontecer, porque os voos costumam ser cheios nesta época, por conta do Ano Novo, então resolvi que era um sinal para eu parar de protelar minha decisão de retomar minha vida.

Fazer isso me aliviou? Não! Eu só penso neles, na vida que teríamos, na

felicidade que estava sentindo e em como eu me senti completo ao lado de Sol.

Um pedaço de mim está ficando para trás, com ela, e, provavelmente, é uma parte muito importante de mim, pois eu me sinto morto, agindo como um autômato, fazendo as coisas mínimas para me manter vivo.

Termino meu banho e coloco a roupa que separei para viagem. Confiro a bagagem de mão, com um casaco bem grosso, afinal é inverno por lá, e verifico meus documentos.

Tudo certo!

Respiro fundo, bebo o último gole frio do café que pedi há pouco e desço para fazer checkout.

— Boa noite — cumprimento a recepcionista. — Gostaria de fechar a conta do quarto 1842.

Ela sorri para mim, pega as chaves e mexe no computador. Alcanço o telefone para fazer o check-in online do voo, mas paro ao ver as notificações de mensagens e ligações de Arthur.

Decido ignorá-lo, como fiz com todos, mas, assim que eu desbloqueio a tela, uma foto minha com Sol aparece na tela principal do meu aparelho.

Soluço, tentando não chorar ao ver a recordação da noite especial que preparei para ela, na colina com vista para o lago, onde comemos, rimos, nos amamos com o cheiro maduro das uvas ao nosso redor e, principalmente, nos declaramos um para o outro sem nenhuma dúvida.

Ela me ama! Passo a mão sobre a tela, em cima de seu rosto, imaginando que o sorriso cheio de amor que vejo agora tenha desaparecido. Sol deve estar sofrendo tanto quanto eu, e essa constatação me faz sofrer ainda mais.

Eu tento justificar meus atos com a lealdade que sinto pelo meu irmão e me convencendo de que ela, um dia, poderá amar outra pessoa que não tenha ligação direta com seu passado, mas nada disso é suficiente para aplacar a

raiva que sinto de mim mesmo.

A última pessoa que eu queria fazer sofrer é ela, a mulher que amo. Eu quero que Sol seja feliz, que Tomás também seja e espero que isso aconteça. Ficarei mais tranquilo quando ocorrer, quando ela encontrar outra pessoa para restaurar a fé no amor que eu...

Porra, não!

Bufo tão alto que a recepcionista me olha assustada e sorri sem jeito.

— Nosso sistema está meio lento, mas já estou emitindo sua conta — diz, e eu balanço a cabeça, engasgado com meus ciúmes, incapaz de falar.

Eu não quero que ela ame outra pessoa, porque eu a amo! Eu *já* a amo, e ela corresponde ao sentimento! Eu quero criar Tomás e não saber que um estranho está fazendo isso!

Mas que burrice é essa que estou fazendo?!

Fico agitado. A recepcionista coloca a folha no balcão e se afasta, provavelmente com medo da minha expressão, achando que sou algum maluco. Estendo o cartão de crédito para ela sem nem conferir a nota e espero impaciente a transação terminar para que eu saia deste hotel o mais rápido possível.

Arrasto as malas para fora, onde o manobrista me espera com meu carro. Soco tudo dentro do porta-malas de qualquer jeito e dou uma última conferida no relógio, calculando que faltam duas horas para meu voo e três de viagem até a vinícola.

Eu não quero renunciar à mulher que amo! Não quero que ela desista de mim e do que sentimos um pelo outro! Limpo as lágrimas e começo a dirigir, parando minutos depois no cemitério onde Peppe está enterrado.

— Eu amo você, meu irmão, e nunca fiz segredo disso. Nunca o invejei ou quis que as coisas fossem diferentes na preferência de Don Genaro. Eu pensava como ele, também preferia você a mim — soluço, falando dentro do

carro, sem coragem de ir até sua lápide. — Mas eu não posso mais te dar essa preferência, Peppe! Você merecia ter vivido seu grande amor, e pude ver, naquele vídeo, o quanto realmente você a amava, porém a vida não permitiu, e eu a conheci, me apaixonei e a amo demais para me afastar. Eu espero que você entenda que não posso ser feliz negando o que sinto. Amo-a, amo ao Tomás e prometo cuidar dele como se fosse meu filho, sempre lhe lembrando de você e lhe contando sobre nossa amizade.

Deito a cabeça sobre o volante do carro e pulo assustado quando ouço alguém bater no vidro.

— Algum problema? — um policial pergunta.

Nego.

— Não, pelo menos eu espero — respondo, e ele não entende.

— Acho melhor o senhor voltar para casa.

Sorrio para o guarda e ligo o carro.

— Eu também acho! Boa noite.

Ele se despede, e eu sigo em direção à minha vida, voltando ao lugar de onde não deveria ter saído nunca, muito menos quando e como o fiz.

Tento me lembrar de todas as preces que aprendi quando criança, pedindo a todos os santos, anjos ou o que seja ajuda para que Sol me entenda e me perdoe, disposto a lutar até o fim das minhas forças para provar a ela que nosso amor é suficiente e que ela e Tomás são tudo o que sempre sonhei ter na vida.



— Um café, por favor — peço ao atendente da loja de conveniência do posto em que parei para abastecer.

Já é de madrugada, estou cansado, dirigindo sem parar mesmo depois das noites insones. Meu corpo está esgotado, mas não quero parar, preciso prosseguir e chegar o quanto antes à Don Ferrero.

Mexo no celular, abro o aplicativo de mensagens pela primeira vez nesses dias em que passei lutando contra mim mesmo, enfiado em um quarto de hotel.

Descarto as mensagens de boas festas, mas abro a de Idalina.

“Eu não sei o que aconteceu entre vocês, mas espero que *tu reflita e não vá* embora. Sol e Tomás foram para o Rio ver a família dela, mas devem voltar para a colheita. Eu espero, Raffaello, que, quando eles voltarem, possam te encontrar em casa.”

— Merda! — xingo ao ver que a mensagem foi enviada dois dias depois do Natal. — Eu demorei demais, e ela foi embora!

Termino o café e abro o navegador do meu telefone em busca de uma passagem para o Rio de Janeiro, não me importando para onde ela foi e nem se voltará em breve, apenas atendendo minha necessidade de voltar a vê-la o mais rápido possível.

Busco várias opções, mas os voos hoje estão lotados. O Réveillon no Rio de Janeiro é famoso demais, e as pessoas já estão indo para lá a fim de curtir os fogos na praia de Copacabana. Penso em encontrar outra forma de ir e calculo o tempo de viagem de carro.

São 16 ou 17 horas até o Rio de Janeiro saindo de Porto Alegre, mais as quase três horas que já percorri vindo para o Vale dos Vinhedos. Procuro por passagens no dia seguinte e concluo que é melhor ir de carro mesmo. Vou chegar lá destruído, mas, pelo menos, vou conseguir falar com ela.

É isso! Se eu pegar a estrada agora, chego lá no começo da noite e...

Uma mensagem de Arthur me chama a atenção, e eu a abro.

“É urgente, Raffaello, me ligue!”

Uma sensação gelada percorre meu corpo, e meu coração parece parar ao pensar que possa ter acontecido algo com Sol ou mesmo Tomás depois que eles se foram para o Rio. Não penso duas vezes e ligo para Arthur, ignorando que a mensagem foi mandada na manhã de ontem.

— Alô? — ele atende sonolento.

— Aconteceu algo com Sol ou Tomás? — disparo preocupado.

— Raffaello? — Ouço o barulho de algo. — Porra, são quase 3h da manhã!

— Foda-se a hora, Arthur! Acabei de ver sua mensagem de urgência e suas ligações perdidas. Aconteceu algo com a Sol ou o Tomás? — Penso na Don Ferrero, e meu coração dispara. — Com Idalina?

— Não, não aconteceu nada com eles. — Ele boceja. — Te liguei porque encontrei a papelada do seu irmão.

Franzo o cenho, não entendendo a urgência toda que ele disse que tinha. Ando em direção à saída da loja, pronto para pegar meu carro e partir imediatamente para o Rio de Janeiro.

— Isso que é a urgência? Porra, Arthur, você quase me matou de susto! Isso pode esperar, eu tenho que ir até...

— Eu não ligaria se não tivesse encontrado algo, Raffaello. — Paro de andar ao ouvir preocupação no tom de sua voz. — Seu avô escondeu muitas coisas, por isso pedi ao meu pai para guardar tudo isso.

Fico pálido e me sento em um banquinho da loja de conveniência.

— Do que você está falando? Da herança de Peppe?

Arthur não responde de imediato, penso até que a ligação caiu, mas então escuto sua respiração do outro lado da linha.

— Também, mas não só disso. Acho melhor você vir até minha casa amanhã e...

— Eu não tenho interesse na herança de Peppe, mesmo porque ela deve

ter ficado para Tomás.

Arthur pigarreia.

— Há algo sobre Tomás e Sol também aqui, e, meu amigo, você precisa ver. — A informação me deixa intrigado. — As coisas não aconteceram como ela contou, Raffaello. A Sol está mentindo!

Levanto-me rapidamente e quase tropeço em uma lixeira.

— Estou indo para aí — aviso-lhe.

— Agora?! — Ele se assusta. — Você está maluco? É madrugada e...

Desligo o telefone para não ouvir suas reclamações sobre o horário, mas não há como eu esperar para saber o que ele descobriu e por que disse que Sol está mentindo.

Pago a conta do combustível e sigo em alta velocidade para o Centro da cidade onde ele mora, agradecido por estar próximo quando ele jogou essa bomba em meu colo.

O que será que ele descobriu sobre a Sol?, questiono, sentindo medo de que o que Arthur irá me mostrar possa acabar de me destruir.



Saio do banho depois de ter passado o dia todo na cozinha preparando petiscos para o Réveillon em família. Luna ajudou bastante com a preparação das comidas veganas – para meus pais e alguns convidados -, enquanto eu fazia bolinhos de carne e minissanduíches de queijo e presunto para os “carnívoros”.

Apesar de tudo o que aconteceu, da desilusão sofrida com Raffaello, eu estou feliz por ter minha família reunida depois de tantos anos. Sinto falta de tê-los por perto, do seu carinho e aconchego. Tomás ama conviver com os avós, e isso o distraiu da ausência de Raffaello.

Coloco um vestido leve, porque, mesmo com o tempo chuvoso, o Rio de Janeiro parece arder em brasas, e saio do quarto para saber se mamãe voltou com Tomás e papai.

Passo pelo corredor do apartamento, as fotos nas paredes me dando a sensação de que sou uma impostora e que eu nunca poderia cobrar de Raffaello uma honestidade que nunca tive com ele.

Paro. Respiro fundo.

Respirar dói! Estar com o coração partido deve ser como quebrar costelas. A cada inspiração mais forte, uma dor lancinante parece acertar meu peito. É incrível como algo emocional possa afetar tanto a parte física do meu corpo, mas eu sei que é possível, já não é a primeira vez que sinto isso.

Tomo coragem, depois de dias aqui, para olhar a moldura na parede e, sem conseguir me conter, começo a convulsionar, as grossas lágrimas escorrendo por minhas bochechas, deixando um gosto salobre em minha boca.

O coração, todo remendado precariamente quando reuni minhas forças e voltei para cá, parece cair pedaço por pedaço novamente. Sinceramente, eu não entendo por que a vida faz tanta questão que eu passe por tudo o que tenho passado, por tantas dores, por tantas situações, medos e inseguranças.

Mamãe sempre diz que o que não nos mata, fortalece; quanto mais forças eu irei ainda precisar antes de poder ser feliz?

Toco o vidro frio da moldura, acariciando a face sorridente e amável que olha para a câmera com a alma aberta. Eu posso ver todas as suas cores, seus sentimentos, suas verdades, e amo cada pedaço seu.

— Eu te amo tanto, mas está muito difícil continuar — confesso. — Às vezes quero sentir raiva por você ter me deixado sozinha com tudo isso, lidando com Don Genaro, a vinícola e com Raffaello. Eu não queria nada disso, apenas Tomás. — Solução ainda mais. — Eu só queria poder criar meu bebê e seguir em frente! Então por que tive que ir ao Sul? Por que tive que mentir tanto?

Braços calorosos me acolhem, e deixo o pranto tomar conta de todo meu corpo, sacudindo tudo, lavando minha alma de todas as coisas que eu nunca quis fazer, mas que continuo fazendo.

O perfume de mamãe é doce, remete-me aos tempos difíceis da infância, quando chorava em seu colo depois de sofrer bullying na escola. Seu abraço

me acalenta, me acalma, toca fundo em um lugar que só uma mãe consegue alcançar.

— O preço está alto demais — falo contra seu colo.

— Eu sei, Sol, senti isso nas minhas entranhas enquanto estava longe. — Ela ergue meu rosto e me encara. — Por isso voltamos.

Marisa seca minhas lágrimas, sorrindo docemente, seu olhar cheio de compreensão e consolo.

— Eu não quero falhar com ele, mãe.

— Você nunca irá falhar, Sol. — Ela pega minha mão. — Tome a decisão que tomar, nunca será a errada.

Ela me puxa em direção ao quarto de hóspedes, e, quando entramos, vejo os álbuns da nossa família todos espalhados pelo colchão *king size* da cama.

— Eu quero que você olhe cada foto que escolhi. — Mamãe me dá um empurrãozinho. — E depois me diga como se sente.

Meu coração em frangalhos pulsa forte como um touro, falta-me ar, a cabeça roda, e a vista está embaçada com as lágrimas.

Nas páginas que ela escolheu, há fotos minhas e de meu irmão desde o momento em que eu nasci até quando ele se foi. Enquanto as olho, choro, lembrando-me de cada instante, o coração contrito pelos momentos que se foram e não podem mais voltar.

Halley era parte de mim, assim como Luna o é também. A falta dele deixou um vazio, um pedaço que nenhum outro sentimento pode ocupar. Éramos imbatíveis juntos, confidentes, os que sempre queriam algazarra, festas e aventuras. Luna sempre foi mais contida, séria, responsável.

Halley me ensinou a andar. Rio ao ver a foto do garoto de 10 anos ajoelhado, ajudando uma menininha ruiva a dar passinhos. Ele me ensinou a pedalar o velotrol, a brincar de casinha, jogar taco com o pessoal da rua e subir em árvores quando passávamos as férias no interior.

Quando menstruei pela primeira vez, não contei à Luna, mas tirei todas as minhas dúvidas com meu irmão mais velho. Ele me ensinou a não ter nojo do meu corpo, a respeitá-lo, entendê-lo e, principalmente, a reconhecê-lo. Foi ele também quem me acalmou quando decidi ter minha primeira transa. Enquanto Luna só falava em gravidez e DST, ele me disse que, além da proteção, eu deveria buscar meu próprio prazer.

As fotos de tantos momentos ímpares me mostram apenas uma coisa.

Olho para a mamãe e balanço a cabeça, pois entendi o que ela quis provar ao abrir cada página específica desse álbum, ao me fazer viajar em todas as ocasiões memoráveis da nossa história, documentadas ou não.

— Ele queria que eu fosse feliz.

Marisa sorri.

— Assim como você quis fazê-lo feliz até seu último suspiro. — Mamãe sorri, mas as lágrimas caem, molhando seu rosto. — Aquele último ano nos deixou no chão, Sol. Foi uma injustiça pela qual não podíamos protestar, gritar ou mesmo ameaçar. Em oito meses todo o controle nos foi tirado, e tivemos que assistir ao nosso filho querido definhando, emagrecer, perder os cabelos, parar de andar e morrer.

— Ah, mamãe! — Corro até ela e a abraço.

Eles – papai e ela – sempre se mantiveram tão fortes desde a descoberta do câncer com metástase até o funeral de Halley que eu achei que encaravam a morte com mais tranquilidade por praticarem o desapego.

Pelo visto, estava enganada.

— Quando você nasceu e Halley te viu, ficou apaixonado por você, por seus cabelos da cor de cenoura, sua pele tão branquinha e sensível, e virou seu guardião a partir dali. Eu nunca me preocupei com você quando estavam juntos, sabia que ele lhe cuidaria, a protegeria e que iria garantir, sempre, que você fosse feliz. — Mamãe toma ar. — Aí veio a doença, a impossibilidade

de ele realizar seu maior sonho, e você se doando inteiramente por amor a ele. Eu nunca senti tanto medo, Sol!

Sua confissão final me surpreende, e franzo a testa, intrigada por ela.

— Por quê? Vocês concordaram.

Ela ri.

— Como eu podia dizer não? Eu amei você ainda mais, mas temi que a dor que eu sentia por estar perdendo um filho fosse também sentida por você um dia. — Entendo o que ela quer dizer e assinto. — Minha filha, você sabe que eu não acredito em mentiras bem-intencionadas. Para mim, mentira é mentira, e a “boa intenção” é sinônimo de falsidade. Quem é sincero não usa panos quentes, quem é honesto não diz meias-verdades, ainda que pensando em fazer o bem. A verdade é sempre o caminho do meio, é sempre o equilíbrio, senão tudo se descompensa e o preço é alto demais. A vida cobra, e, depois disso, até a mais sincera verdade pode parecer mentira diante dos olhos daquele que foi enganado.

— Eu tenho medo, mamãe...

— Eu sei. — Ela toca em meu peito. — Mas seu coração clama pela verdade. Ainda correndo todos os riscos, você já cansou de ser quem não é. — É difícil admitir, mas minha mãe está certa. — É hora de ser você, Sol.

— E se...

Marisa ri.

— É hora de resplandecer e iluminar tudo o que está escondido, aliviar sua alma, sua consciência e buscar sua felicidade.

Penso em Raffaello e nas coisas que ele me disse ao ir embora.

— Ele não me quer, mãe — a frase sai entrecortada, dolorida. — Ele voltou para a vida que tinha, e nela não há espaço para mim e Tomás.

— Você acredita nisso? — Dou de ombros e respiro fundo. — E se fosse o contrário, Sol? Se Luna tivesse morrido e você se apaixonasse pelo grande

amor da vida dela? Você aceitaria viver esse sentimento sem nenhum remorso?

Nego.

— A senhora acha que ele nos deixou por “lealdade” ao irmão?

— Eu não sei, nem o conheço — ela é sincera. — Contudo, eu conheço você e nunca a vi amar ninguém como o ama. Eu posso sentir todos os meus cristais do amor vibrarem. — Ela pisca com a piadinha descontraída. — Você não o amaria assim se ele não fosse aquele que merecesse seu amor. Confie no que você sente. Você se doa tanto, minha filha, sua alma é tão generosa que nunca pensou em si mesma. Chegou a hora de pensar!

Abraço-a bem apertado, uma energia nova fluindo pelo corpo, o coração ainda ferido reagindo e, no ar, o delicioso cheiro de esperança.

Chegou a hora da verdade!



— Está difícil conseguir um voo assim, tão em cima da hora! — Luna diz do computador, enquanto eu arrumo as malas. — Quem pensa em viajar na madrugada de Ano Novo?

Concordo com ela, mas não posso esperar mais. Preciso ir até Raffaello, desnudar minha alma, mostrar a ele quem eu sou e esperar que meu coração não esteja errado.

Tenho muito a perder, mas tanto a ganhar! Não quero passar a vida perguntando como seria se tivesse contado tudo a ele, sentindo o gosto amargo da dúvida na boca. Eu tenho certeza do que sinto e acredito que ele não mentiu que me ama também.

Podia seu corpo mentir quando me abraçava e todos os seus músculos

tremiam de emoção? Ou quando, após o sexo, ele se aconchegava a mim, alisando minhas costas, aspirando forte o cheiro dos meus cabelos enquanto conversava sonolento?

Eu senti amor em cada momento, terno ou safado, que passamos juntos.

— Tomás está completamente louco por papai — Luna comenta, arrancando-me dos meus pensamentos. — Mas ele nunca ficou sem você, será que não vai sentir falta?

Respiro fundo.

— Tenho medo de levá-lo junto, você sabe.

— Eu sei. — Ela para de mexer no computador. — E entendo, mas... acho que você está muito apressada. Ele a magoou há alguns dias, Sol, e não tentou mais contato. E se Raffaello for mesmo um canalha? Eu não quero te ver destruída por ele não amar você e ainda perder o...

Calo-a antes que diga o que minha cabeça vive me alertando.

— O que tiver de ser, será! — Luna concorda. — Não posso viver uma mentira a vida toda.

— Eu sei... — Ela volta a olhar a tela do computador. — Vou tentar um voo para amanhã, porque hoje...

Mamãe abre a porta do quarto repentinamente, arrancando olhares assustados de nós duas.

— Luna, seu pai está na praia com Tomás, e eu pensei em ir até sua loja para pegar umas coisinhas.

— Agora? — Luna olha para o relógio, marcando quase 18h. — Mãe, a rua já deve estar entupida de turistas!

Acho mamãe um tanto estranha, nervosa, sorrindo muito.

— Vamos logo, não diga não à mamãe!

Luna se levanta, troca olhares comigo, mas não sai do quarto.

— Marisa Palmeira, eu te conheço bem. O que está aprontando?

Mamãe bufa, e eu rio.

— Raffaello Ferrero está na portaria do condomínio esperando autorização para entrar.

Arregalo os olhos. Meu coração parece querer saltar pela boca, e vejo Luna correr para a janela.

Raffaello aqui? Olho para a tela do computador, aberta no site da AirFrance, quando mamãe pega minha irmã pelo braço e a carrega para fora do quarto, parando apenas para me olhar.

— Eu não autorizei, isso cabe a você. De qualquer forma, o apartamento está vazio. — Manda um beijo. — Abençoada seja em sua decisão!



Olho impaciente para o porteiro, que, há dez minutos, pediu *um minuto* para autorizar minha entrada. Eu o vi entrar em sua sala, pegar o interfone e falar com alguém e, então, simplesmente me esquecer aqui na recepção. Respiro fundo, nervoso demais, sonolento depois de horas de viagem de carro, corpo moído e mente pesada.

Preciso falar com a Sol e entender tudo o que Arthur me contou!

Tento não me lembrar mais da conversa, nem das suposições que fiz, afinal de contas gastei a viagem toda pensando, conjecturando, analisando e remoendo cada detalhe do que o advogado me disse.

Levanto-me da poltrona em que estou à espera de liberação para entrar no condomínio onde ela mora, onde meu irmão morou. Vou até a sala do porteiro e ponho um pouco de pressão.

— Ninguém atendeu? — pergunto.

Ele fica um tempo me olhando como se não me reconhecesse e depois abre a boca como se tivesse se lembrado.

— Ah! Só um momento, pediram para o senhor aguardar.

— *Pediram?* — questiono, mas o interfone toca, e ele já não me dá mais atenção.

Bufo de raiva, sem entender o motivo pelo qual *eles* não autorizaram minha entrada. Sento-me novamente, questiono se a irmã dela mora no apartamento também e se todos sabem dessa história maluca.

Claro que sabem, o único “stronzo”¹⁶ aqui sou eu!

Fecho os olhos, tento me acalmar, lembrar que não sei a história toda, apenas fragmentos do que Arthur achou no arquivo do meu avô, guardado por seu pai a sete chaves.

De novo, minha cabeça resolve repassar tudo o que aconteceu quando cheguei à casa do advogado, em plena madrugada.

— Por que você diz que ela mente? — disparei a pergunta assim que ele abriu a porta.

Arthur, um tanto descabelado e com o rosto assustado, respirou fundo e me deu passagem para adentrar sua casa. Entrei marchando, pisando firme, puto demais com o fato de ele tê-la chamado de mentirosa e temeroso por descobrir que ela realmente podia ser desonesta.

— Vamos até meu escritório. — Ele apontou para uma sala. — Fiz café e deixei lá.

— Vou precisar de alguma coisa bem mais forte que café dependendo do que você achou — comentei, e ele assentiu.

— Tenho vinho do Porto. — Ri quando se referiu à bebida, que é um aperitivo. — E uísque também.

— Melhor.

O escritório dele estava iluminado, havia muitos papéis sobre a mesa de madeira, e, sinceramente, nem me fixei nas estantes planejadas abarrotadas de livros e na decoração.

Sentei-me numa poltrona de frente para sua escrivaninha e controlei o

impulso de pegar todos aqueles papéis e lê-los um a um.

— Desembucha, Arthur.

Ele se sentou, serviu-se de uma xícara de café – neguei quando me ofereceu – e me olhou com espanto e pena.

Foi naquele momento, por causa da expressão em seu rosto, que eu percebi que as notícias não eram boas, que Sol realmente mentira em algo – ou em tudo – e que ele estava prestes a me contar.

— Foda-se! — exclamei e me pus de pé. — Não importa o que você descobriu sobre ela, Arthur, não vai mudar nada o que eu sinto. Ela pode ter mentido, mas o que ela sente por mim, o que sentimos um pelo outro, é verdadeiro.

— Eu sei, mas você queria saber se houve inventário do seu irmão, e eu achei o arquivo do seu avô. — Arthur suspirou. — Tive que revirar o escritório de papai no dia de Natal enquanto ele não estava em casa. — Estendeu-me um papel, mas não o peguei. — Houve um inventário extrajudicial, aberto no Rio de Janeiro.

— Pela Sol — concluí, julgando que essa era a mentira pela qual ele a acusava.

— Não. — Arthur parecia sem jeito, desviou os olhos dos meus e se concentrou em seus chinelos. — Pelo irmão dela, Halley Palmeira.

Franzi o cenho, confuso. Tentei lembrar se qualquer pessoa podia abrir um inventário, mas, como nunca perguntei isso a ele, resolvi esclarecer:

— Ele podia ter feito isso por ela?

Arthur me olhou e negou.

— Ele não fez por ela, fez por si mesmo. — Agitou a folha na minha cara, e eu finalmente a peguei.

Sentei-me, completamente perdido, quando o que estava lendo principiava a fazer sentido. Minhas mãos começaram a tremer, amassando a

cópia de um contrato de união estável em que o nome do meu irmão e o do irmão dela figuravam como contratantes.

“Ele me diria!”, pensava a todo momento enquanto lia, olhos rasos de lágrimas, magoado por meu irmão nunca ter confiado isso a mim. Comecei a questionar se ele achava que eu o desprezaria ou não o aceitaria e não pude controlar o choro, imaginando-o guardando esse segredo, escondendo quem era de todos os que amava.

— Eu sinto muito que você esteja sabendo assim, para mim também foi um choque, porque seu irmão sempre foi tão...

— Não me importa o mínimo o fato de descobrir que ele era gay, Arthur — interrompi-o antes que dissesse bobagem. — Me dói saber que ele nunca me disse! Que ele achou que eu ia reagir como você está reagindo. — Arthur ficou vermelho e se sentou também. — Eu queria que ele fosse feliz independentemente de quem amasse, homem ou mulher, e perceber que ele não sabia disso me machuca demais!

— Seu avô nunca o aceitaria, você sabe — ele ponderou, e eu concordei. — E, apesar de tudo, o velho era a única família que ele tinha por aqui.

— Eu entendo ele ter mantido isso escondido de Don Genaro, mas por que de mim? Eu o teria entendido, apoiado, amado da mesma forma. — Solucei, chorando feito um guri, porque meu coração se ressentia de não ter podido dizer a ele que eu o apoiava, que queria apenas que fosse feliz do jeito que era. — Você tem razão sobre Don Genaro, e creio que era isso que impedia Peppe de voltar para montar o restaurante. — Arthur balança a cabeça. — Meu irmão estava apaixonado, casado com um homem a quem amava, não renunciaria a seu amor por um negócio.

— Também acho que foi isso, mas o fato é que seu avô descobriu.

— Depois que ele morreu — concluí.

— Depois de conhecer a Sol no funeral — ele complementou.

Arregalei os olhos. O coração parecia sair pela boca. Lembrei-me de quando soube da Sol e do menino, dos questionamentos que fiz sobre Don Genaro nunca ter pedido um exame para comprovar a paternidade.

Coloquei as mãos na cabeça, tentando fazê-la parar de girar como se eu estivesse num carrossel maluco. Senti meu estômago revolto, irritado, fritando dentro de mim.

— Eu não entendo...

— Sol estava acompanhada do irmão no funeral — Arthur começou a falar. — Eu estava lá, os vi juntos. Ela ainda nem tinha barriga, por isso nunca suspeitei que Peppe tinha um filho. Mas o fato é que eu vi quando ela e o homem que a acompanhava foram até Don Genaro. Não sabia que era o irmão dela naquele momento, achei que fosse marido ou... enfim, ela chamou minha atenção, e eu fiquei fazendo suposições de quem era.

— Ele foi ao funeral? — perguntei, sem entender novamente.

— Era ele, sim. Estava muito magro, usava uma bengala e parecia muito doente.

— O irmão dela morreu de câncer pouco antes de Tomás nascer.

Arthur concordou.

Comecei a andar pela sala, ainda sem conseguir ligar todas as peças do quebra-cabeça que se tornara aquela história, confuso demais para entender como a Sol se tornara a “viúva” de Peppe e como eles tinham feito um filho.

— Tomás é meu sobrinho, temos um DNA! — exclamei em meio ao meu desespero.

— Ele é, mas creio que não seja filho de Sol — Arthur disse, e eu me virei para olhá-lo, impactado com o que havia acabado de revelar. — Peppe não se envolveria com a irmã do marido, Raffa. Está claro, para mim, que ela era a barriga de aluguel dos dois.

“Barriga de aluguel?!”, pensei estarecido. Meu corpo todo começou a

tremer com as implicações do que ele estava me contando.

— Por que ela fez todo mundo acreditar que era a mãe dele e que tinha um relacionamento com Peppe? — indaguei, mas Arthur apenas deu de ombros.

— Por que seu avô não a desmascarou? — ele rebateu meu questionamento com outra pergunta.

Fechei os olhos, tentei imaginar Don Genaro descobrindo tudo isso acerca de seu neto preferido, seu “Gran Reserva”, e a resposta foi óbvia:

— Porque ele não queria que ninguém soubesse que seu herdeiro era gay. — Meu coração se compadeceu de meu irmão, do que ele devia ter vivido, escondendo de todos, amando e achando que isso era errado. — Foi muito mais fácil se fingir de bobo, acreditar na história de Sol, do que admitir para a cidade inteira que seu neto gostava de homens. Peppe era perfeito, ele o escolheu por isso, então, revelar seu segredo era como se o maculasse, o tornasse imperfeito aos seus olhos, como se lhe mostrasse que ele errou na escolha.

Doía-me dizer essas coisas, porque era tão absurdo que alguém pensasse assim sobre outra pessoa que me causava nojo, mas esse era meu avô. Eu não poderia fingir que o velho aceitaria a situação de Peppe, porque ele nunca faria isso.

E meu irmão sabia!

Fechei os olhos, sentindo-me falho também, porque Peppe achara que eu também não o aceitaria.

— Você entende a situação que se desenhou agora, Raffaello? — Arthur voltou a falar. — Sol Palmeira não tem direito algum sobre Tomás, nem para criá-lo, muito menos para representá-lo na herança.

Tentei não me abalar por tudo o que descobrimos, mas era humanamente impossível não ficar destruído depois de saber que tudo o que me disseram

era mentira.

— Por que ela manteve a mentira mesmo depois da morte de Don Genaro?

— Talvez ela tivesse medo de perder a criança — Arthur disse, e eu concordei. — Ou talvez ela quisesse participar da herança. — Ele me estendeu outro papel. — O inventário foi finalizado, o apartamento, passado para o nome do companheiro do seu irmão, e ele imediatamente o doou para Sol.

— A herança é de Tomás — afirmei, mas temendo que Arthur tivesse razão.

— Sim, mas ela, como representante, é quem decide tudo sobre ela até que o menino atinja a maioridade. Poderia vender os bens e usar o dinheiro como bem lhe aprouvesse, desde que justificasse que era para o bem do filho.

Neguei.

— Não, Arthur, ela não faria isso. Sol é... — interrompi-me antes de afirmar que ela era a pessoa mais honesta que eu já tinha conhecido.

Ela não era!

Ela me fez acreditar que amava meu irmão, chorou por ele, fez com que eu me sentisse traíndo-o ao querê-la e nunca disse sequer uma palavra que pudesse me fazer entender que eles nunca tiveram nada.

Peppe nunca sequer encostara nela!

— Eu preciso ir — disse de repente, e Arthur se levantou atordoado.

— Para onde?

— Para o Rio de Janeiro. Preciso falar com ela.

Arthur olhou o relógio.

— Agora? Neste estado? Não acho prudente voc...

Não ouvi o que ele terminou de falar, porque simplesmente saí de seu escritório e de sua casa, entrando no carro e dirigindo até aqui, onde estou,

ainda aguardando a autorização para ir até o apartamento dela.

— Senhor Ferrero! — o porteiro me chama. — Pode subir, é o número 1713, a senhora Sol o aguarda.

Fico um tempo sem reação. Ele me olha como se eu fosse doido, mas não entende que todos os meus músculos parecem liquefeitos, meu coração parece querer sair pela boca e há um frio generalizado em minha barriga que parece me congelar no lugar.

Eu estava ansioso para conversar com ela, para entender o que a levou a mentir para todos. Contudo, só sinto medo do que vou ouvir.

Levanto-me, enfim, tomando coragem para fazer o que me fez passar horas no trânsito, dirigindo em estradas lotadas de pessoas querendo aproveitar o Réveillon, virado, sem comer e desesperado por respostas. Não vou desistir de tudo por medo do que me espera independentemente do que tiver de encarar.

Uma coisa é certa: eu a amo. Só espero não ter me apaixonado por uma mentira.



— Se acalma! Se acalma! — repito, olhando meu reflexo no espelho do hall de entrada do apartamento enquanto aguardo Raffaello chegar.

Foi um susto quando mamãe entrou no quarto e arrastou minha irmã para fora consigo, anunciando que Raffaello estava aguardando na portaria para subir. Fiquei em choque, sem poder acreditar que ele estava mesmo aqui, mas, então, toda a conversa que tive com mamãe mais cedo voltou à minha memória.

Ela sempre parecia prever esses momentos!, pensei, lembrando-me de que, quando Peppe morreu, ela ligou de onde estava e pediu para conversar com Halley. Nunca soubemos o teor da conversa, mas, quando a notícia do acidente aéreo chegou, meu irmão já estava “preparado”. Claro que ele chorou muito, sofreu, principalmente não entendeu o motivo pelo qual a vida fizera aquilo aos dois.

Tudo tem seu tempo para acontecer, foi o que ele disse, parafraseando umas das falas preferidas de nossa mãe.

No começo, assim que soube da tragédia, eu fiquei revoltada com a sorte

dos dois. Halley sempre foi um cara bacana, mas seus namorados eram escrotos demais com ele. Ele ria a cada nova decepção e dizia que tinha dedo podre. Quando se apaixonou pelo chef de cozinha do restaurante onde estava pintando um mural, amaldiçoou sua sorte, porque o homem era hétero.

Eu não sei bem como de “certeza que é hétero” eles evoluíram para “nós ficamos”, mas foi um período bem curto entre uma coisa e outra. A verdade é que eles eram almas gêmeas! Nunca vi meu irmão tão feliz, e Peppe parecia adorá-lo em cada coisa que fazia.

Demoramos a conhecer o cozinheiro italiano que trabalhava numa cozinha francesa, pois meu irmão nos disse que, como era seu primeiro relacionamento homoafetivo, Peppe ainda tinha questões para lidar. E ele tinha mesmo! Teve uma educação machista e conservadora, criado para ser o macho-alfa pegador de mulheres até escolher uma “recatada e do lar” para se casar e ter um bando de filhos.

Quando o conheci, notei que havia, sim, constrangimento, mas, acima de tudo, havia muito amor entre eles. Ri quando descobri que os dois colecionavam figuras de ação – bonecos de personagens de filmes e desenhos – e que Peppe era ciumento e protetor com os seus, todos ainda nas caixas originais. Meu irmão, ao contrário, sempre amou brincar com os dele. Os dois gostavam de moda, de design, de obras de arte. Meu irmão era um artista plástico estupendo, já com uma certa fama estabelecida no eixo Rio-São Paulo entre as pessoas mais entendidas de arte, inclusive foi patrocinado por um grande empresário de São Paulo e teve suas obras expostas na capital paulista e na França.

Os dois eram perfeitos juntos! Eu nunca tinha sentido um amor mais puro e verdadeiro antes do deles. Entretanto, quase um ano depois, quando Peppe já assumia publicamente o romance, inclusive havia pedido Halley em casamento, fizeram um contrato de união estável e programavam uma festa

memorável, meu irmão soube que as dores as quais vinha sentindo havia algum tempo para andar, sentar-se, ir ao banheiro ou mesmo durante o sexo era câncer.

Nosso mundo caiu, mas tínhamos esperança de conseguir superar a doença, que, a princípio, parecia ser na próstata, e seguir com os planos de felicidade para os dois. Não foi possível, mesmo depois da cirurgia; os médicos descartaram qualquer possibilidade de recuperação. O câncer havia tomado o osso dos quadris e parte da coluna.

É o tumor mais agressivo que já vimos, mas costuma ser assim em jovens, foram as palavras do médico ao nos dar a notícia funesta.

Halley tinha 36 anos apenas e uma sentença de morte para ser cumprida entre seis a oito meses.

A campainha toca, e meu coração dispara. Volto à realidade, abandonando as lembranças e me preparando para contar a Raffaello toda a verdade, independentemente do que ele possa me dizer agora ou mesmo depois.

Abro a porta do apartamento e o vejo com aparência cansada, roupas amassadas e um olhar cheio de dor.

— Entra — falo, saindo da entrada, sem saber como cumprimentá-lo. — Eu... — respiro fundo quando as palavras me faltam — pensei que você já estivesse em Paris.

Ele balança a cabeça e olha tudo ao redor, cada detalhe do apartamento decorado por nossos irmãos.

— Não pude ir. — Raffaello se volta para me olhar. — Estava retornando para casa quando descobri que você estava no Rio com sua família.

Encho-me de esperança ao saber que ele estava voltando, que reconsiderou a decisão e que, mesmo sabendo que eu não estava mais na vinícola, não desistiu de falar comigo e veio até aqui.

— Idalina te deu meu endereço? — pergunto e lhe aponto o sofá para que se sente. — Quer algo? Você parece cansado.

Raffaello não se move e olha fixamente para o quadro em cima do aparador da sala.

— Quero a verdade, Sol — ele fala de repente, e sinto meu corpo gelar. — Quero entender por que você mentiu para mim. — Volta a me olhar. — E por que meu irmão nunca me contou sobre o seu irmão.

Ele sabe! Sinto o ar rarefeito, minha cabeça roda, e sou eu quem precisa tomar assento para não cair, pois as pernas estão bambas. *Raffaello sabe sobre Halley e Peppe, por isso veio atrás de mim!*

Minha esperança desmorona, parte-se em mil pedaços, e sinto tanto por tê-la perdido que me encolho no sofá antes de soluçar e tentar segurar o choro.

Eu prometi contar a verdade a ele independentemente de como viesse. Eu iria viajar para a França com esse propósito, sem saber como ele reagiria e se ainda iria me querer depois de tudo.

— Eu prometi não contar — disse apenas.

Ele bufa alto e começa a andar pela sala, olhando as fotos dos dois juntos, que ainda estão espalhadas por aí e alguns objetos de Halley, pois os de Peppe, meu irmão enviou para a vinícola, pensando em Don Genaro.

— Você *prometeu* não contar a mim? — ele parece dilacerado, sua voz soa trêmula. — Peppe fez você prometer não contar a mim?

Nego, as lágrimas já derramadas, um bolo em minha garganta me sufocando.

— Peppe nunca me pediu isso. — Suspiro. — Ele precisou do tempo dele para assumir publicamente que amava meu irmão, teve de se aceitar e entender o que estava acontecendo. Ele tinha medo de decepcionar Don Genaro e de... — engulo em seco — perder você.

Raffaello fecha os olhos e, ainda assim, seus cílios ficam úmidos com as lágrimas.

— Como ele achava que iria me perder? Eu nunca o rejeitaria!

— Ele estava confuso, não é fácil enfrentar uma sociedade preconceituosa, mas ele o fez aos poucos, por amor. Só que era diferente arriscar ter o desprezo de pessoas que nunca foram importantes para ele e pensar em ser desprezado por quem ele amava. — Reúno minhas forças, imaginando o quanto Raffaello está ferido com essa história toda de o irmão não ter lhe contado, e vou até ele. — Peppe dizia que, se fosse o contrário, ele ficaria em choque, porque nunca esperaria algo assim acontecer contigo e imaginava que você também reagiria assim.

— Ele me amaria, me aceitaria, e eu também faria o mesmo por ele! — suas palavras são duras, ditas de forma contundente, mas seu semblante é de dor e confusão. — Ele tinha que saber disso...

Sinto vontade de abraçá-lo, consolá-lo, mas o medo de ser rejeitada me faz ficar imóvel. Raffaello está sofrendo, sentindo-se enganado, e eu entendo que se sinta assim. Se fosse comigo, por causa da amizade que eu tinha com Halley, também doeria profundamente em mim, ter sido deixada de lado em algo tão importante.

— Eu acho que ele sabia, Raffa. — O apelido carinhoso o faz olhar para mim. — Ele tinha programado ir te ver algumas vezes, queria te falar pessoalmente, mas aconteceram imprevistos que o impediram. — Puxo o ar antes de complementar: — Meu irmão estava morrendo.

Raffaello fica um tempo olhando para o nada, talvez processando tudo o que acabei de lhe contar, aceitando, entendendo que Peppe não tinha coragem de viajar para tão longe de Halley, pois meu irmão poderia morrer a qualquer momento.

— Eu não imaginava que ele estivesse passando por tudo isso — diz

finalmente. — Toda vez que nos falamos, ele estava como sempre, alegre, animado com alguma coisa do trabalho.

— Peppe era assim, dificilmente ele demonstrava desânimo ou mesmo tristeza perto do meu irmão, tentava manter uma vida normal, como se a doença não existisse, sabe? Isso foi tão importante para Halley, fez tanto para sua qualidade de vida e criou muitos momentos incríveis para ele.

Raffaello chora e assente.

— Peppe sempre soube aliviar a dor das pessoas. — Concordo com ele. — E Tomás? — Arregalo os olhos ao ouvir o nome do meu filho. — Eu vim dirigindo, tentando encaixar todas as peças desse quebra-cabeça, e, dentre todas as suposições que fiz, a mais lógica é que Tomás era para ser filho dos dois.

Sorrio, mesmo triste e temerosa.

— Ele é filho dos dois, mesmo que isso não conste em seus documentos.

— Por que não? — Raffaello se aproxima e me segura pelos ombros. — Por que a mentira? Por que a encenação de viúva?

Respiro fundo, pois sei que chegou a hora de contar como aconteceu tudo e das promessas que fiz. Não é fácil para mim rememorar tudo isso, traz muita dor, lembra a minha perda e meu luto e, principalmente, renova o medo de eu perder Tomás.

— Halley sempre amou crianças. Sempre! O sonho da vida dele era ter um filho, e isso iria acontecer, pois estava nos planos dos dois. Seria mais para o futuro, quando estivessem morando na vinícola, e Peppe, com o restaurante estabilizado. — Aponto para a pintura que chamou tanto a atenção de Raffaello quando entrou, o projeto de Peppe, o restaurante lindo e rústico, pintado em aquarela pelo meu irmão. — Eles tinham sonhos e planos que a doença de Halley os impediria de conquistar.

Raffaello fecha os olhos, franze o cenho e respira antes de perguntar:

— Então você se dispôs a gerar esse filho para eles?

Minha boca seca, e o coração galopa.

— Sim. Peppe foi o doador único, porque Halley não tinha mais material por conta da doença e do tratamento. — Raffaello se afasta de mim, anda até a porta balcão que leva para a sacada e fica olhando a orla iluminada ao longe. — Tentamos três vezes sem sucesso, e na última...

— Eu vi o vídeo — interrompe-me, mas não entendo do que ele está falando, por isso me mantenho quieta. — Quando você mostrou o teste positivo.

Minha memória retorna àquele momento a que está se referindo, e abro a boca em choque. Halley estava em São Paulo para tratamento, utilizando uma pílula desenvolvida pela USP que poderia ajudar na sobrevivência dele, mesmo com o câncer, quando recebi a confirmação de que estava grávida. Queria contar a ele, mas Luna teve a ideia de fazermos um vídeo contando, e decidimos gravar a reação de Peppe.

Halley nunca viu aquele vídeo, porque seu marido desmoronou pela primeira vez. Eu nunca havia visto Peppe daquele jeito, chorando feito uma criança, soluçando, e suas palavras dizendo que não poderia viver sem Halley cortaram meu coração.

Desistimos da surpresa, e quem deu a notícia, de forma calma e tranquila, fui eu, por telefone.

Eu não sabia que aquela filmagem ainda existia, imaginei que Luna a tivesse apagado. Nunca poderia imaginar que Raffaello a achasse e...

— Foi assim que você soube? — disparo a pergunta, sem pensar.

— Não. — Ele balança os ombros, ainda de costas para mim. — Eu pensei que era por você que ele chorava, achei que ele a amava tanto que não imaginava viver sem você.

Retenho o fôlego ao ouvir isso, o tom de sua voz tão quebrado, e consigo

sentir, mesmo sem que ele me olhe, a emoção que sente ao me contar.

— Quando você viu o vídeo? — arrisco a questão, o coração disparado, as peças se encaixando na última conversa que tivemos na vinícola.

— Na véspera do Natal. — Raffaello se vira para me olhar, mas não se aproxima. — Durante o tempo que fiquei sumido.

Ponho as mãos no rosto e choro, entendendo o motivo que o levou a me dizer todas aquelas coisas. Fiquei tão confusa achando que ele não me queria, que preferia sua vida de glamour na França, mesmo que tudo me dissesse que isso era impossível. Eu sentia o amor dele, e aquilo não podia ser ilusão.

— Você... — sinto-me sem ar e paro de falar, tentando respirar — foi embora porque achava que Peppe me amava daquele jeito? — Ele confirma com a cabeça. — Você abriu mão de nós dois por lealdade ao seu irmão?

Raffaello abaixa a cabeça e assente.

— Eu achei que não era justo. Ele havia perdido todos os seus sonhos, e eu os estava vivendo. Estava usurpando tudo o que ele mais amava. — Eu soluço ao ouvi-lo dizer isso. As palavras duras de Amália quando o chamou de usurpador, o apelido horroroso que seu avô lhe deu de *Reservado*, como se ele não valesse nada, apenas Peppe. — Achei que seria o certo não ser eu a tirar dele a mulher que amava. — Suspira. — Não consegui. — Raffaello volta a me olhar. — O que eu sinto por você não pode ser superado, mensurado ou mesmo comparado a nada. Eu me senti mal por esse amor ser tão mais forte que o amor fraterno que sempre senti por Peppe, mas ainda assim não pude deixar de sentir.

Meu coração parece saltar pela boca ao ouvir essa declaração, e meu corpo inteiro treme de antecipação quando Raffaello vem em minha direção.

— Eu voltei para casa para dizer a você que menti sobre querer minha vida na França de volta. Eu nunca mais pensei em nada daquele lugar, nem as festas, as mulheres, o prestígio ou o glamour, desde que te conheci. Eu fiquei

na vinícola por você, por Tomás e nunca teria ido embora se sua mentira sobre o relacionamento com meu irmão não tivesse me feito sentir um traidor.

Desabo, soluçando, a consciência pesada por tê-lo feito passar por isso, por fazer com que o sentimento lindo que nos une parecesse a ele algo errado. Eu não tinha ideia do que tantas mentiras estava fazendo, achava que poderia continuar mantendo-as, conservando minhas promessas e ser feliz com Raffaello.

Fui egoísta e tola!

— Por que, Sol? — sua pergunta é doce, e ele acaricia meu rosto. — A quem prometeu viver uma mentira? A Don Genaro?

Nego.

— Seu avô nunca soube de nada.

Raffaello ri, mas sua risada é amarga.

— Ele sabia, o desgraçado. — Olho para ele, totalmente confusa. — Eu soube porque Arthur mexeu nos arquivos de seu pai e achou os documentos de Peppe e Halley. Don Genaro sabia, mas preferiu manter a mentira para que o romance de seu neto com outro homem não o envergonhasse.

Levanto as mãos, incrédula, e balanço a cabeça.

— Ele acreditava que eu era a namorada de Peppe!

Raffaello nega.

Tantas mentiras, o medo de descobrirem a verdade e eu ser julgada uma aproveitadora, o compromisso de nunca contar sobre o relacionamento de Halley e Peppe para que Don Genaro nunca soubesse... tudo isso por nada!

Ele sabia! Ele me enganou, enquanto eu me corroía por dentro por pensar que o estava enganando.

— Eu acompanhei Halley ao enterro — começo a contar. — Meu irmão estava fraco e muito abalado com a perda de seu grande amor. Eu pensei que

ele ia se apresentar ao avô de Peppe e contar que ele ia ser bisavô, pois os dois iam ter um filho. — Raffaello seca as lágrimas do meu rosto. — Eu estava com poucos meses de gravidez, ainda não tinha me dado conta de que, possivelmente, quando a criança nascesse, nenhum dos seus pais estaria vivo.

— Então seu irmão teve uma ideia — Raffaello conclui.

— Sim. — Dou de ombros. — Nos aproximamos do seu avô, ele se apresentou e, quando se dirigiu a mim, foi como companheira de Peppe. Eu me assustei, mas Halley me enviou um olhar que dizia que era para eu segui-lo, para não o contradizer. Sempre fomos muito unidos, nos comunicávamos apenas com o olhar. — Sorrio ao lembrar. — Somente depois que voltamos para o Rio é que ele me explicou por que fez aquilo.

— Para que você criasse Tomás.

Choro novamente, e ele me abraça.

— Halley tinha medo de que seu avô rejeitasse a criança se soubesse que era filho de um casal gay, com o nome de dois pais na certidão. Então abriu mão de reconhecer a criança, destruiu os documentos que tinha sobre a fertilização e me deu a honra de poder ser mãe de Tomás oficialmente. — Raffaello alisa meus cabelos, mas não diz nada. — Ele me deu um presente antes de morrer, e eu nunca poderia lhe agradecer o suficiente. — Afasto-me de Raffaello. — Você entende que, além de ter prometido ao meu irmão manter essa história, eu ainda morria de medo de perder meu filho?

Ele assente.

— Por causa da fertilização, da barriga solidária, você não tem direito à criança, ainda que fosse a mãe biológica dele. Eu sei.

Meu coração parece parar um segundo ao ouvir o que ele diz, e então tomo coragem para dizer algo que ele ainda não sabe:

— Você tem razão, eu não tenho direito a Tomás, *mesmo* sendo a mãe biológica dele.

Raffaello fica em choque com o que acabei de revelar e parece ainda mais confuso. Penso que talvez assim ele entenda um pouco os motivos que levaram meu irmão a inventar essa história toda... e os meus para mantê-la.



Eu me sentia preparado para ouvir a maioria das coisas que Sol me confessou durante nossa conversa, mas, mesmo assim, desmorenei a cada nova informação que recebia.

Senti a presença do meu irmão assim que adentrei ao apartamento. Era tudo como eu imaginei que seria o lar dele. Havia objetos cheios de estilo, a decoração era sofisticada e acolhedora ao mesmo tempo. Eu quase pude sentir o perfume favorito dele na sala de estar, e isso abalou minhas estruturas.

Quando vi o quadro na parede e a assinatura do irmão da Sol em um cantinho perto da moldura, percebi quem fez os rótulos do vinho que encontramos. Os traços de Halley eram incomparáveis, elegantes, precisos e cheios de autenticidade. A pintura retratava vividamente o que Peppe havia planejado para o seu restaurante. Quase ouvi a voz do meu irmão descrevendo cada detalhe que eu via ali retratado. Parecia uma fotografia real, embora lúdica, pintada em aquarela sobre canva.

Pensei que Peppe devia ter sido muito feliz ao lado de Halley, e Sol

confirmou isso ao contar um pouco do relacionamento dos dois. Eu não posso mensurar o que ele passou desde que assumiu seu amor por uma pessoa do mesmo sexo. Não deve ter sido fácil, não por ele, mas pelo julgamento das pessoas, algo que ele prezava.

Saber que ele teve coragem de viver o amor da forma como ele era me enche de orgulho, mas dilacera um pouco mais meu coração por ele não ter confiado em mim para compartilhar esse momento.

Compreendo que ele queria me contar pessoalmente e que o estado de saúde de Halley fazia com que ele não tivesse coragem de se afastar muito. Todavia, se ele me dissesse que precisava me ver e me pedisse para vir ao Brasil, eu teria vindo.

Bom, talvez meu jeito conquistador e um tanto machista, sempre falando em irmos azarar mulheres quando nos encontrássemos, tenha dado a ele a visão de que eu o rejeitaria.

Nunca saberei, mas o entendo, e nada do que descobri aqui mexeu no amor e no orgulho que sinto dele.

Ouvi a história de como a Sol foi envolvida na mentira sobre seu relacionamento com Peppe e, apesar de isso ter quase destruído nosso relacionamento, percebi o quanto a mulher que amo é especial.

Poucas pessoas se doariam a ponto de gerar uma criança para outras, muito menos de criá-la e amá-la como ela o faz com Tomás. Por isso a sua confissão de que é mãe biológica do meu sobrinho me deixa ainda mais estarecido, porque não foi só a barriga que ela emprestou ao irmão e ao Peppe, mas parte de si mesma!

— O óvulo era seu? — pergunto ainda em choque com a revelação.

— Sim. — Ela sorri. — A princípio, eu não iria gerar, apenas me disponibilizei a doar o óvulo, porque, como meu irmão não poderia contribuir com seu material genético, achei que seria boa ideia fazer a mistura do DNA

da família Palmeira e da Ferrero. Halley ficou emocionado com a proposta e aceitou, mas, quando fomos procurar a clínica, descobrimos que, para casais homoafetivos, era necessário que a mulher que fosse gerar a criança fosse da família de um dos dois, ou então eles teriam que pedir uma autorização ao Conselho de Medicina para utilizarem o útero de uma estranha ou amiga, o que poderia levar muitos meses.

Dio Santo!

— Então você se dispôs a doar e a gerar o filho deles.

— Meu irmão estava morrendo, Raffaello. — Sol se emociona e chora. — Não havia nada que eu não fizesse para lhe dar alegria em seus últimos momentos. Eu me concentrei em lembrar, a cada momento em que o bebê crescia dentro de mim, que ele não era meu, que eu seria sua tia, aquela que contaria a ele histórias sobre seu pai. Na minha cabeça, quando Halley se fosse, o pequeno iria consolar o coração de Peppe e da minha família. Então, quando Peppe morreu...

Balanço a cabeça, compreendendo-a e a abraço forte novamente, admirado por seu coração, por sua generosidade. Sim, eu concordo que, mesmo utilizando caminhos errados, a escolha de Halley ao inventar o relacionamento de Sol com meu irmão foi a melhor.

Don Genaro teve que “engolir” a mãe de seu bisneto, mesmo sabendo que ela não tinha direito à criança por ter doado o óvulo, porque não queria que ninguém soubesse que Peppe, seu neto querido, era gay. E assim Tomás pôde crescer com a mãe e sem a péssima influência de meu avô. Foi uma jogada de mestre de Halley, admito.

— Eu espero que, um dia, você possa perdoar minhas mentiras — Sol fala contra meu peito. — E que não tire Tomás de mim.

Beijo o topo de sua cabeça.

— Eu nunca seria capaz de tirar seu filho de você, Sol. — Ela me abraça

mais forte. — Mas eu espero algo em troca por isso.

Contenho um sorriso quando ela se afasta de mim e me olha assustada.

— O que você quer? — Ela pensa um momento e chuta: — A herança?
Rio e nego.

— Eu deveria me sentir ofendido por isso. — Aproximo meu rosto do dela, afago sua face, toco seu nariz lindo, cheio de sardas e sua sobrancelha acobreada. — Eu espero poder dividir Tomás com você.

Ela soluça, mas sem chorar.

— Ele é seu sobrinho, eu nunca...

Calo-a antes que diga bobagem:

— Eu espero poder criá-lo contigo. — Deslizo sobre seus lábios macios o dedo que usei para calá-la. — Espero vê-lo crescer ao seu lado e, se você achar que eu mereço mais, ver irmãos se juntarem a ele.

Os olhos dela brilham de lágrimas, seus lábios tremem de emoção.

— Eu espero passar minha vida contigo, plantando, colhendo, criando e, sobretudo, amando. — Encosto minha testa na dela. — Eu amo você, achava que seria impossível amar mais do que já amava, mas, depois de ouvir tudo o que me disse, percebi que não há limite para o que sinto por você. Você é linda, Sol, seu coração é lindo, sua alma é enorme e perfeita. Eu não sou nada disso, sou apenas um cara que acha que faz bons vinhos, mas acredito que, amando você, eu possa evoluir e me tornar, quem sabe, alguém digno do seu amor.

Nunca, em toda minha existência até aqui, senti tanta emoção, tanto amor. A sensação que tenho é algo transcendental, difícil de ser explicado com palavras, por isso substituo meu dedo sobre seus lábios pela minha boca. Bem devagar acaricio a dela até que se abra para mim e para meu beijo.

Que saudade!

Meu corpo, cheio da tensão que me manteve alerta na estrada, relaxa

diante do toque dos lábios dela. Todas as perguntas que eu tinha e que ela respondeu deixaram-me mais leve. Entrego-me ao beijo e às sensações de tê-la novamente em meus braços.

O cheiro dela penetra minha alma, trazendo lembranças de tantos momentos bons que passamos juntos, tantas risadas, tanto carinho e, claro, tanto prazer. Eu a beijo, mas não faço isso somente com minha boca, deixo tudo nessa carícia, entrego todo o amor que professamos, toda a paixão que nos faz queimar e as promessas de uma vida inteira juntos.

Suspiro bem alto quando nos afastamos, mesmo que ainda continuemos de testa encostada uma na outra.

— Cansado? — ela questiona, e eu não tenho outra resposta a não ser a verdade.

— Estou. Não dormi direito nesses últimos dias e estou há quase 48 horas virado. — Esfrego meu nariz no dela. — Preciso de um banho, estou nojento.

Ela beija todo o meu rosto e sorri.

— Você é uma delícia, mesmo se achando nojento. — Faço careta, e ela ri. — Vem, vou pegar uma toalha para você.

— Minhas malas estão no carro — informo-lhe enquanto ela me arrasta para dentro do apartamento.

As paredes do corredor, forradas com quadros de fotos, chamam-me a atenção, mas realmente estou tão cansado que meus olhos parecem estar cheios de areia, por isso decido fazer o que ela sugeriu, tomar um banho relaxante e me deitar um pouco, desde que Sol esteja na cama comigo, claro.

Sorrio diante da perspectiva de me aconchegar em seu corpo.

— Leve o tempo que precisar, aproveite um banho quente sem pressa. — Beija-me de leve e me entrega a toalha.

— Não tenho nada para vestir depois... — jogo a indireta, e ela fica vermelha.

— Não vai precisar.

Sorrio animado e a puxo para mim, esquecendo o cansaço e devorando sua boca cheio de tesão.

— Vem para o banho comigo.

Ela parece considerar a proposta, mas nega.

— Vou arrumar um sanduíche para você comer, tenho certeza de que está com fome.

Gargalho e pego a mão dela, pressionando-a contra a frente da minha calça.

— Pode ter certeza de que estou faminto!

Sol suspira.

— Eu também estou, Raffaello. — Ela pega minha mão e a coloca sobre seu peito, na direção do coração. — Eu estou faminta por seu amor, emocionada por termos esclarecido tudo e grata por ter você na minha vida.

Ah, porra! Não quero ser repetitivo, mas... amo essa mulher!

Entro no chuveiro e percebo o quanto ela tinha razão, eu precisava mesmo deste banho. Não só por conta do meu estado lastimável por estar há quase dois dias com a mesma cueca, mas porque minhas costas estão doendo por ter passado tantas horas dirigindo; minhas pernas latejam por ter ficado tanto tempo sentado; e, sobretudo, minha cabeça parece pesada por falta de sono.

— Eu estou me sentindo bem melhor depois do banho — comento quando volto para o quarto usando a toalha enrolada nos meus quadris, e vejo a Sol arrumando a cama usando uma camisola de seda sexy *pra caralho*. — Usei uma escova de dentes nova que estava em cima da pia.

Ela assente e me estende um prato e uma caneca de louça.

— Queijo quente e café fresquinho. — Entrega-me o lanche e sorri quando eu aspiro o aroma da bebida maravilhosa.

Sento-me na beirada da cama, que ela já desfez e que está pronta para nos

deitarmos, e gemo ao dar a primeira golada no café. *Delícia!*

— Eu não tinha ideia de que estava com tanta fome! Obrigado — agradeço após mastigar uma porção do delicioso sanduíche.

Ela entra no closet e volta com um frasco na mão. Eu já conheço o rótulo dos produtos da loja dela, bem como o design das embalagens, bem *vintage*, parecendo coisa antiga, então sei que é algo que ela mesma deve ter feito.

Sol percebe meu olhar curioso para o frasco e sorri.

— Quando você terminar de comer, vou te fazer uma massagem nas costas antes de dormir.

Engulo o último pedaço do sanduíche e coloco o prato na mesinha de cabeceira, arrancando gargalhadas dela. Deito-me na cama de bruços, como ela sugeriu. A luz é apagada, e ela liga uma luminária fraquinha, de luz quente, amarelada. O colchão da cama cede um pouco quando ela sobe nele, ficando do meu lado esquerdo. Fecho os olhos e tento relaxar, mesmo que uma certa parte da minha anatomia esteja muito desperta e ansiosa.

As mãos de Sol deslizam sobre minha pele com força, de maneira rítmica, controlada, mostrando que ela tem conhecimento do que está fazendo. Um delicioso cheiro cítrico invade o ambiente e me acalma, faz-me viajar nos movimentos que ela produz em meus músculos. Sinto-me leve e sonolento.

— Hum, que delícia, Sol! — gemo quando ela chega à minha lombar. — Hum...

Os dedos ágeis dela vão soltando cada nó muscular, relaxando as fibras tensas dos meus músculos, dando-me uma sensação incrível de alívio. É tão bom que... Interrompo o pensamento relaxante quando ela se deita em cima de mim.

Sol me massageia com seu próprio corpo, deslizando-o sobre o meu. Posso sentir o contorno de seus seios, suas costelas, sua barriga colando contra minhas costas. Abro os olhos e vejo a camisola jogada sobre a cama,

perto da minha cabeça.

— Sol... — gemo.

— Desculpa, Raffa — ela sussurra em meu ouvido antes de se sentar sobre minha bunda de novo. — Eu não consigo te tocar e não te querer. Sei que está cansado e que deveria dormir, mas estamos aqui juntos, depois de tanto tempo e sozinhos...

Jogo-a para o lado e me viro rapidamente. Fico sobre ela na cama, o cheiro bom do óleo que passou em minhas costas mais forte nas suas mãos, e a encaro sério.

— Se eu realmente não precisasse de um maldito banho, já estaria dentro de você desde que entrei neste apartamento — falo baixinho, tremendo de tesão. — Você sente? — Mexo meus quadris; meu pau se esfrega entre as coxas dela. — Eu estou sem dormir há um tempão, todo dolorido de dirigir como um doido, sem parar, do Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro, e olha só como estou!

Ela sorri e morde o lábio.

— Eu adoro o efeito que temos um sobre o outro. — Passa a mão no meu braço tatuado e ri quando me vê arrepiar. — Temos essa coisa de pele, essa...

— Química perfeita — completo. — Não é só pele, é tudo! É nosso sentimento, é nossa paixão, nosso amor, a vontade e a necessidade de estarmos juntos. Você me completa, Sol, e eu a você. — Ela suspira, e eu a beijo devagar. — Onde está o óleo que usou em mim? — pergunto, tendo uma ideia maravilhosa.

— Na mesinha... — Ela parece curiosa.

— É natural? — Pego o frasco. — Posso usar em todo seu corpo?

Noto suas narinas inflarem quando ela puxa o ar antes de responder:

— Sim, é um produto meu, totalmente vegano.

Sorrio e espalho o óleo na mão. O cheiro de limão fica ainda mais forte,

porém noto também notas doces. Olho o rótulo e vejo que é capim-limão com bergamota, com base de óleo de coco, o que explica o aroma adocicado.

Passo as mãos sobre os peitos de Sol, excito os bicos, aperto-os, contorno os seios, junto-os, depois volto a mexer nos mamilos. Tudo fica brilhoso e muito cheiroso. Desço para seu abdômen, massajeio sua cintura fina, sinto o ondular sobre suas costelas e, antes de pôr a mão, meto a língua dentro de seu umbigo.

Ela geme alto e se contorce sob mim.

Deito-me no meio de suas pernas, uso mais óleo para massagear suas coxas, demoro, sigo em direção aos seus quadríceps, coloco a mão por trás de seus joelhos, depois subo pelo posterior da coxa e, por fim, me atenho à parte interna, perto da virilha.

Abro suas pernas ao máximo. Sol dobra os joelhos, e eu aproveito para massagear suas panturrilhas. Ela está distraída, aparentemente apreciando a massagem, então, sem nenhum aviso, passo a língua por sua boceta.

Ela se retesa, prende o fôlego, geme, soltando-o devagar.

Repito o ato, só que mais devagar agora, demorando-me em sua entrada já molhada, apreciando o gosto agri-doce de sua excitação, lambendo os pequenos lábios, os grandes lábios e seguindo em busca do botãozinho túrgido que sei que está à minha espera.

Pincelo minha língua, com a ponta bem molhada de saliva, em cima do seu clitóris. *Ah, como eu amo ouvir os gemidos dela quando toco suas áreas erógenas!* Movimento-o devagar, acariciando, a língua se movendo como se fosse um leve bater de asas de borboleta, rítmico, suave, perfeito.

Sol se contorce, segura o lençol, torcendo-o. Sua respiração está ofegante, seus gemidos, mais altos. Sei que está próxima do ápice e não quero que seja um gozo qualquer, tem que ser foda!

Abocanho-a com vontade e a como com a boca, chupando seu clitóris,

seus lábios, penetrando-a com a língua, estocando, fodendo sua boceta com ela como vou fazer com meu pau. Ela solta o lençol e agarra meus cabelos, forçando-me contra si, apertando-me com suas coxas, balançando os quadris no mesmo ritmo que minha língua açoita seu clitóris.

Sinto-a tremer inteira. Ela para de se mexer e só fica tensa, os músculos todos retesados, a pele quente como um verdadeiro sol irradiando calor.

Demoro-me mais, mesmo depois que ela relaxa, sedento de seus orgasmos, louco de prazer por tê-la assim tão entregue.

Seguro firme seus quadris e a viro na cama, deitando-a de bruços, tendo ao meu dispor seu belo rabo. Massageio as nádegas. Ela rebola provocativa, e eu dou um tapa para que se aquiete. Sol gargalha, e eu volto a lhe bater, gostando da brincadeira.

Deito-me sobre ela, mordo a parte superior de sua orelha e vou me esfregando em seu corpo, subindo e descendo, meu pau invadindo e saindo do vale de sua bunda.

— Você gosta de me pôr louco, não é?

— Adoro!

Agarro seus cabelos, levantando sua cabeça. Sol se vira para me olhar, e eu enfio a língua em sua boca para que compartilhe comigo o seu gosto.

Ela geme e chupa minha língua com força, mexendo a cabeça como faz quando chupa meu pau. *Porra!*

Enlouqueço, abaixo sua cabeça e a seguro contra o travesseiro e, com a outra mão, firmo seus quadris na cama e meto com tudo, sem nenhuma brincadeira mais, profundamente, até onde ela consegue aguentar.

Fico por lá um tempo, quadris encaixados. Enrolo as mechas vermelhas em meu punho e me movimento devagar, rebolando, saindo até a cabeça e voltando com um soco até o fundo dela novamente. Sol geme, eu suo, deliro febril de tanto tesão, tentando encontrar algum controle.

Não acho! Não dá!

Ergo os quadris dela levemente e começo a estocar com força e rápido. A cama balança, faz barulho. Fodam-se os vizinhos embaixo! Não há nenhuma possibilidade de eu me preocupar com alguma coisa que não nossos corpos unidos, meu pau dentro da boceta quente e úmida dela, fazendo barulhos deliciosos ao entrar e sair.

Separo suas nádegas conforme estoco e decido aproveitar um pouco do óleo ainda em meus dedos. Lambuzo a entrada de seu rabo, unto cada preguinha apertada desse local praticamente inexplorado. Tremo de desejo só em lembrar o quanto é apertado e enfio o dedo devagarzinho.

Óleo bom da porra!, gemo, metade do indicador em seu cu, sentindo-o “mordê-lo” a cada estocada mais forte que dou.

— Raffa... — ela geme, implorando mais um orgasmo que eu sei que já está vindo.

— Te incomoda? — Mexo o dedo, e ela nega, então o aprofundo mais. — Você gosta?

Sol não responde, apenas goza como uma louca e afunda a cabeça nos travesseiros para abafar os sons de seus gemidos. Eu rio, meu corpo implora por liberação também, mas não quero, preciso de mais.

Saio dela, o pau brilhado, molhado, cheio do seu gozo. O cheiro de sexo, de prazer feminino me atinge, e meu pau, como se possível, lateja e endurece mais.

Encosto a cabeça dele na entrada apertada. Gemo e fecho os olhos com a sensação da textura das pregas na parte mais sensível do meu membro. Eu sei que ela ainda não está pronta e que estamos fazendo essa preparação desde que lhe dei os brinquedos com o intuito de que seja confortável para ela de todas as maneiras possíveis, mas...

Tiro o pau da reta e cuspo sobre seu cuzinho, usando minha saliva espessa

para lubrificar o caminho, mesmo que eu ponha só a cabecinha. Sol geme, rebola, empina-se. Sinto uma leve pressão na glânde assim que passo pelo anel, fecho os olhos e travo os dentes para não gozar com o delicioso aperto e o calor intenso.

É muito perfeito!

Afundo-me mais um pouco. Sol geme um pouco sentida, e eu paro um instante de me mexer, deixando com que seu corpo se acostume com o meu. Só volto a rebolar quando ela volta a se movimentar.

É demais para mim! A vontade que eu tenho é de pressionar seus quadris na cama, erguer um pouco meu corpo e meter com tudo, socar no seu rabo até que ela goze de novo, de novo e de novo.

Meu abdômen se contrai apenas com a ideia, meu suor pinga sobre ela, e só tenho tempo de puxar a metade do meu pau que está dentro dela para fora e cobrir suas costas lindas com a porra que acumulei durante todos os dias que passamos longe um do outro.

Gozo enlouquecidamente, gemo alto, urro, tremo inteiro, sentindo meu corpo pulsar junto aos esguichos que saem de mim. Tombo na cama, o coração parecendo querer sair pela boca. Dou um pulo quando ela me toca, tamanha energia que me percorre inteiro, que fez com que eu tomasse um pequeno choque quando ela pôs a mão em mim.

— Tudo bem? — Sol pergunta.

Nego, mas rio e a puxo para os meus braços.

— Eu amo você demais! — Olho-a, o cansaço de toda essa maratona, de todos os dias de sofrimento e da tensão das últimas 24 horas me vencendo. — Eu vou sempre agradecer ao meu irmão por ter se apaixonado pelo seu e possibilitado que nos encontrássemos. Você é minha!

Ela suspira e deita a cabeça sobre meu peito.

— Você é meu!

— Para sempre! — falo devagar, o sono me levando, a mente entorpecida.

— Para sempre — escuto-a repetir antes de adormecer, sentindo-me o homem mais sortudo deste mundo todo!

Obrigado, Deus!



O som conhecido de uma música que adoro me faz parar de trabalhar. Ergo a cabeça e olho em volta da pequena sala que uso para fazer meus óleos e cosméticos e estranho a falta de movimentação no entorno.

Sempre há barulhos do lado de fora da sala, afinal, estamos ainda no meio da vindima, e os trabalhadores andam de um lado para o outro, trazendo os bagos no final da manhã para serem selecionados, lavados e prensados. Inclusive instalei meu local de trabalho aqui por esse motivo, para estar próxima da área de prensagem, de onde tiro boa parte da matéria-prima que estou utilizando para a criação da minha nova linha de cosméticos naturais: a *Vino Senses*.

A música ainda chega a meus ouvidos, apenas a introdução, repetindo-se várias e várias vezes como se estivesse tentando chamar a minha atenção.

Levanto-me e vou até a pequena janela, cujas persianas estão fechadas. Eu gosto de trabalhar à meia-luz, sentir os aromas me envolverem durante a criação de um produto. Antes de a melodia me interromper, eu estava dosando o óleo da semente das uvas para fazer óleo em creme, uma opção

hidratante mais leve que o tradicional.

Até o momento, depois de quase três meses de trabalho, já desenvolvi cinco produtos dentro do novo conceito, utilizando absolutamente tudo do processo produtivo de um vinho, desde as folhas dos parreirais até o restante da polpa da uva orgânica que está sendo usada para fazer o espumante *Pét-Nat* “1979”.

Suspiro ao pensar na data, sorrio e sinto o coração bater mais forte, cheio de amor e orgulho de Raffaello.

Assim que os primeiros testes indicaram que as uvas seriam excelentes para o espumante, ele começou a trabalhar nos cortes – nas misturas – de qualidade e em como ele gostaria de fazer todo o processo para deixar o espumante de uva tinta com a cor mais impressionante possível, nem branco, nem *rosè*.

Confesso que eu mesma não participei muito desse processo dele com o vinho, porque estava mais interessada na colheita, atuando ativamente com Gleyson nos campos. Adorei cada momento e tratei com muito respeito cada bago que era retirado das videiras. Eu amo a terra, amo o que ela é capaz de gerar e sou grata a ela por dividir conosco. Se cada pessoa neste mundo tivesse a consciência disso, que não somos donos de nada, mas privilegiados por receber da Terra os frutos de seu dom, nós a trataríamos muito melhor.

E quando digo isso, não me refiro somente à terra onde plantamos – por isso usei a letra maiúscula na palavra – mas sim à nossa casa, ao nosso planeta, que nos oferece através do solo, do subsolo, do mar e do ar tantas coisas benéficas que muitas vezes não nos damos conta. Não somos donos de nada, somos responsáveis por cuidar do nosso lar, tratá-lo bem, mantê-lo limpo e saudável. Infelizmente, não estamos cumprindo nosso dever, a nossa parte do acordo, e podemos pagar um preço alto por isso.

Bom, sou criada por ativistas, então fazer um discurso em prol daquilo

que eu acredito dentro da história do meu romance é algo que eu não poderia deixar passar. Para vivermos o amor, precisamos ter onde *viver*, então pensem sempre nisso.

Voltando ao outro assunto – o da criação do “1979” –, Raffaello laborou arduamente, mas os resultados, segundo ele, foram rápidos porque a qualidade das minhas uvas bebês – orgânicas, bem-tratadas e amadas – era superior a qualquer outra que ele já trabalhara.

O vinho – ele ainda está na base, viu? Não começou o processo longo de gaseificação da bebida – ficou com uma cor dourada acobreada, mas eu prefiro a definição que ele deu:

— É a mesma cor de seus cabelos quando você está no sol. Eles ficam claros, mas conservam o tom avermelhado.

Ah, gente! O que vocês esperariam que eu fizesse depois disso? Abandonamos o vinho e fizemos sexo como loucos no escritório dele, onde havia me chamado para ver a cor.

Dias depois, estávamos sentados à mesa com Idalina e Tomás, quando Raffaello simplesmente soltou:

— 1979!

Olhei para ele achando que estava acontecendo algo muito sério, porque ele só disse o número do nada, sem correlação nenhuma aos assuntos que já havíamos conversado à mesa naquela noite.

— O quê? — perguntei.

— O nome para o espumante — respondeu, mas eu ainda não tinha entendido.

Idalina ficou com os olhos marejados de lágrimas e pegou a mão de Raffaello, visivelmente emocionada.

— É o ano em que Peppe nasceu — Ida finalmente explicou.

Raffaello, então, sorriu, mas negou.

— É o ano em que Peppe e Halley nasceram.

Foi a minha vez de desabar emocionada, puxá-lo para mim e o beijar na frente de meu filho e de Ida. Ele estava homenageando os dois com o espumante, e eu tinha certeza de que não havia bebida mais perfeita para esse feito. O “1979” reunia facetas dos dois: era sofisticado, leve, alegre, jovem e tradicional ao mesmo tempo. Uma bebida perfeita para nossos irmãos!

Idalina, que soube da história de Halley e Peppe assim que retornamos para a vinícola, dois dias depois do Ano Novo, ficou emocionada também. E ressaltou nossos planos de construir o restaurante e de transformar a Don Ferrero em um vinícola turística, como era o sonho de Peppe.

Suspiro novamente, deixando de lado a música que me desconcentrou, imersa nas lembranças do nosso retorno à Don Ferrero depois que nos entendemos no Rio de Janeiro.

— Mais um Ferrero na família! — mamãe disse quando conheceu Raffaello, horas depois de ter arrastado Luna para fora do apartamento.

— Espero estar à altura do meu irmão para fazer parte de sua família. — ele respondeu.

Papai se aproximou dele e o abraçou forte.

— Eu sei que está, senão Sol não o teria escolhido.

Ele olhou para mim meio perdido dentro do abraço de papai, mas, quando eu sorri, Raffaello me deu uma de suas piscadinhas lindas seguida de um beijo no ar.

Luna viu o movimento e começou a rir, o que o deixou muito sem graça.

— Raffaello é em homenagem ao bombom? — minha irmã indagou, e foi minha vez de gargalhar.

Ele sempre vai sofrer com essa pergunta!, pensei.

— Não, foi em homenagem ao pintor — ele explicou.

— Tem bombom chamado Raffaello? — mamãe questionou, um tanto

confusa com nossa conversa.

— Tem, é delicioso! — Raffaello sorriu quando disse isso, provavelmente se lembrando de seu bolo de aniversário e do sexo incrível que fizemos depois, ainda com o sabor do doce em nossas línguas.

Depois disso, Tomás arrastou Raffaello para seu quarto a fim de mostrar a coleção de bonecos que eram de Halley, com os quais ele brincava.

Passamos o Réveillon como papai havia planejado, na praia até a queima de fogos e depois em casa, ceando juntos. Nos outros dois dias em que ainda permanecemos no Rio, passeamos pela cidade com Tomás. Levei Raffaello para conhecer o restaurante onde Peppe trabalhava e o estúdio de meu irmão, ainda fechado, com suas obras armazenadas.

— Pensei em colocá-las na Don Ferrero, principalmente no restaurante, caso decidirmos implantar o projeto de Peppe.

Raffaello me abraçou por trás e depositou um beijo em minha nuca.

— Perfeito!

Virei-me para ele e peguei sua mão.

— Tenho algo para lhe mostrar. — Levei-o até um canto do estúdio e descobri a tela coberta com tecido. — Halley presenteou seu irmão com isso no dia em que eles foram morar juntos.

Raffaello se aproximou do retrato do irmão, sério, sentado à mesa de um café e olhando para longe.

— Seu irmão era muito bom em captar não só a imagem da pessoa, como também sua personalidade e seus sentimentos. — Ele tocou de leve sobre o rosto de Peppe. — Quase consigo entender os pensamentos dele, vejo o brilho excitado em seus olhos e sei que estava fazendo planos para o futuro. Peppe sempre ficava assim quando sonhava acordado.

— Acho que essa tela ficaria linda em destaque no restaurante.

Ele concorda.

— Não sei como não adivinhei que aquele desenho do rótulo não era coisa do meu irmão. — Ele riu de si mesmo. — As pinceladas de Halley são tão cheias de personalidade, e isso só é possível quando se tem confiança no que se está fazendo.

Ficamos horas dentro do local cheio de telas acabadas e obras que nunca seriam completadas, deixadas pela metade, depois que foi impossível ao meu irmão continuar pintando.

— Foi a primeira vez que vim aqui depois que ele morreu — confessei já no carro, voltando para o apartamento. — Me doía muito pensar em ver seus quadros e saber que nunca mais teria nada dele. É como se o colorido da minha vida tivesse perdido o viço depois que ele se foi.

Raffaello apertou minha mão.

— Não perdeu, Sol. Eu fiquei assim um tempo, evitando comer as receitas que Peppe mais preparava. Todas pareciam areia na minha boca. Aí, depois que entendi que a morte dele, apesar de ter interrompido novas lembranças, não anulavam as que eu já tinha, inclusive o prazer de comer algo que ele preparava — eu assenti —, comecei a praticar suas receitas e a dedicar cada progresso meu na cozinha a ele.

— Eu amo você! — declarei, o coração orgulhoso do homem a quem escolheu para amar.

— Eu também te amo! — Sorriu e esfregou minha mão em seu rosto. — Demais!

De volta à vinícola, decidimos ir juntos ao porão, ao grande “arquivo” familiar de Don Genaro. Tiramos tudo das caixas, avaliando o que iríamos guardar e o que doar. Inclusive achamos as facas e os livros de receitas que ele legara à dona Idalina.

— Uau! — exclamei ao pegar um conjunto caríssimo de facas. — São lindas!

— Sim, são alemãs! — Raffaello tirou a proteção de uma das lâminas para olhar melhor. — São de cerâmica, não perdem o corte nunca.

Idalina amou os presentes que Peppe lhe deixou, mas nem ligou quando Raffaello disse que, se ela quisesse vender os jogos de facas, eles lhe renderiam um bom dinheiro.

— Prefiro meu presente! — ela retrucou. — Quando eu me for, deixo para Tomás.

Depois de todas as descobertas, conversas e entendimentos sobre a relação de nossos irmãos, estávamos prontos para começar a vindima e...

Novamente a música soa alta, e eu decido sair da minha sala, deixar as recordações de lado e descobrir se há alguém aprendendo a canção ou se algum aparelho está com defeito, só tocando a introdução da música.

Estranho não ter ninguém na produção. Olho para o relógio em meu pulso e confirmo que ainda não é hora de parar o trabalho, mas, ao que parece, todos saíram mais cedo.

Sigo o som e fico confusa quando descubro que ele vem de baixo, da cave. Ponho a mão sobre os ouvidos quando entro, porque está altíssimo o som, por isso chegou até onde eu estava, mas subitamente é abaixado, a música fica agradável e para de agarrar na introdução.

Ah, bem melhor!

Sorrio, acompanhando a linda e afinada voz da Vanessa da Matta, seguindo até o local de onde a música vem, mas paro, surpresa, assim que vejo Raffaello vestido em um smoking, perto de uma mesa posta para duas pessoas, um aparador cheio de réchauds mantendo aquecidos pratos que cheiram deliciosamente e, claro, um balde de gelo com um espumante dentro.

— O que é isso? — inquiri quando ele estende a mão para mim.

— Dança comigo.

Não me importo por estar usando um vestido de algodão bem simples e

fresco e ele estar todo a rigor. Vou para ele, balançando com o ritmo gostoso da música, e Raffa me aperta forte em seus braços.

— É minha música favorita dela!

Raffaello ri.

— Eu sei.

— Por que isso tudo? Estamos comemorando algo?

Ele me rodopia e me traz de volta para si.

— Todo dia contigo é motivo de comemoração. — Pisca.

Eu rio.

— Bom saber disso! — Aspiro o perfume da comida. — Isso é coisa da Sara!

— Sabichona! — Ri. — Ela me ajudou, sim. Viu? Não é só sua cúmplice!

— Será que errei o dia do meu aniver...

— Shhhh... — ele me silencia. — Eu ensaiei essa parte.

Franzo a testa, sem entender, quando ele aumenta um pouco o som e mete a mão no bolso, parando de dançar comigo.

— Entre tantos anos. Entre tantos outros. Que sorte a nossa, hein? Entre tantas paixões. Esse encontro, nós dois, esse amor.

Meus olhos se enchem de lágrimas, e canto com ele:

— Entre tantos séculos. Entre tantos outros. Que sorte a nossa, hein? Entre tantas paixões. Esse encontro, nós dois, esse amor.

Ele se ajoelha, e eu soluço, prevendo o que vai fazer, sem conseguir conter a emoção dentro de mim.

— Você adora essa música, e eu entendo o motivo. Ela fala de nós dois, do que sentimos quando estamos juntos e de como tudo fez sentido quando nos encontramos. — Choro e concordo com ele. — Éramos para ser, Sol, não somos frutos do acaso. Temos a sorte de o destino ter nos dado duas oportunidades para nos encontrarmos: quando nossos irmãos se apaixonaram

e quando você teve Tomás. De qualquer forma, ainda que aquela tragédia não tivesse nos abatido, nós nos conheceríamos, nos reconheceríamos e nos amaríamos como agora.

— Raffa...

Toco seu rosto, e ele fecha os olhos. Uma lágrima escorre em sua face, e o sinto tremer.

— Você já é minha de corpo, alma e coração. — Assinto, e ele estende a caixinha de joias com duas alianças. — Agora quero que seja minha de uma maneira mais mundana, tradicional, mas que me encheria de orgulho. Eu quero meu nome junto ao seu, quero tudo nosso unido para sempre. — Soluça, e eu sorrio. — Casa comigo?

Balanço a cabeça em afirmação, não encontrando palavras tamanha a emoção e o romantismo que ele me demonstrou com esse pedido.

— Sim! — respondo, e ele se levanta para selar num beijo molhado, cheio de tesão e vontade, o nosso começo feliz juntos!



Um ano depois.

O som de uma de nossas músicas preferidas toca, e não penso duas vezes ao estender a mão para Sol e convidá-la para dançar comigo. Ela cessa a conversa com o casal que está à mesa conosco – ambos chilenos – e pega minha mão com um sorriso.

Ah, eu amo esse sorriso!

Vamos devagar até a pista, onde poucos casais dançam a música da banda Extreme, *More than Words*. O som acústico do violão é perfeito para que bailemos juntinhos, agarradinhos, cantarolando a letra junto à banda do baile, que a executa perfeitamente.

O perfume de Sol chega até minhas narinas, e eu não consigo evitar sorrir feito um bobo ao pensar que ela está usando uma fragrância que concorre entre as melhores do ano no Brasil e que foi feita da mesma uva que possibilitou o espumante sensação do verão no nosso país.

Quantas alegrias, quantas conquistas nesse ano que se passou!

— As pessoas estão nos olhando — ela cochicha. — Ninguém deve dançar tão agarrado assim aqui.

É, ela tem razão, provavelmente ninguém dança assim colado desse jeito em um evento como esse.

Foda-se!

Duvido que eu não vou trazer minha esposa junto ao meu corpo em qualquer oportunidade que tenha! Como diz uma expressão que Idalina aprendeu assistindo a canais do Youtube com Tomás: eles que lutem!

— Está te incomodando, isso?

Escuto a gargalhada da Sol.

— Nem um pouco, só comentei para saber, afinal, todos os olhos estão sobre você hoje!

Afasto-me dela um pouco, o suficiente para poder olhá-la.

— Impossível! Só se forem burros, porque você está simplesmente linda esta noite nesse vestido de gala. — Ela fica vermelha, da cor de seu vestido. — Eu visto um smoking como qualquer outro homem aqui, então não temos nenhuma novidade fashionista entre os machos. Mas você, minha prenda, ah...

Nem preciso completar o pensamento, porque ela já sentiu o estado do meu pau contra seu corpo enquanto dançamos.

Sol me beija de leve e volta a deitar a cabeça no meu peito, e eu me aconchego mais a ela, seguindo seus passos, balançando meu corpo na cadência do seu.

Confesso que eu quase caí duro ao vê-la arrumada para o baile desta noite. Ainda não tinha visto o vestido, mas imaginava que seria lindo e que ela ficaria maravilhosa. Sol o comprou assim que chegamos à Espanha, há quase duas semanas, em uma viagem de negócios e prazer, já que não viajamos na nossa lua de mel por conta da vindima e de todos os

compromissos que tivemos depois dela.

Casamo-nos dois meses depois que eu fiz o pedido, no final do mês de maio. O buffet montou o altar da cerimônia no pergolado onde ela e eu passamos uma noite muito divertida e nada santa, e a festa, no outro lado da propriedade, no terreno plano perto do lago.

Tremi feito um guri esperando o horário, com medo de que ela desistisse, sentindo minhas tripas darem nó de nervosismo. Idalina me deu vários chás – de camomila, cidreira, capim-limão, passiflora – para que eu tentasse relaxar, mas tudo isso só serviu para que eu tivesse muita dor de barriga e mijasse a todo instante.

Cancelei por conta própria os chás e abri uma garrafa de vinho. Não sei se por conta do meu estado de espírito ou por ter me distraído, acabei pegando duas taças e servi vinho nas duas. Só me dei conta de que não havia outra pessoa para beber comigo quando ergui minha taça e vi a outra em cima da mesinha. Imediatamente pensei em Peppe.

Com certeza meu irmão estaria ali comigo se pudesse, e, de alguma forma, eu soube que ele estava, mesmo que eu não o visse, mesmo que não acreditasse naquelas coisas sobrenaturais, eu só sabia que ele estava sentado comigo naquela sala.

— A você, meu irmão, minha gratidão eterna! — Ergui um brinde. — Sem você, eu não saberia o que era amor, primeiro, entre dois irmãos. Aprendi contigo sobre a cumplicidade, a lealdade e, acima de tudo, sobre perseguir sonhos. Você me preparou para ser feliz, Peppe, me amou, me ensinou a sentir e, quando partiu, me deixou ainda um caminho a seguir para encontrar o que eu nem sabia que procurava. Você é minha pessoa, meu padrinho, meu amigo, e espero que esteja tão feliz quanto eu estou neste dia!

Tomei um gole do vinho e senti todo medo evaporar. Não havia motivo para temer, afinal, eu iria me casar com a mulher que amava, a quem eu

sempre esperei, aquela que foi amiga, suporte e uma irmã para meu irmão.

Peppe não só conhecia, como amava a Sol e sabia que eu também a amaria.

Não estou supondo isso, ele sabia mesmo! Descobri isso quando terminamos de tirar tudo dele das caixas que estavam no porão e separamos o que iríamos doar e o que ficaria guardado. Em uma das caixas, achamos o álbum do jantar em comemoração à união de Peppe e Halley.

Eles não fizeram nada convencional, nem mesmo no álbum. Compraram um caderno especial de folhas pretas e de gramatura alta – folhas grossas –, tiraram as fotos com uma Polaroid – uma máquina que tira fotos instantâneas – e escreveram lembranças de cada momento do dia.

Em uma dessas páginas, havia uma foto da Sol, linda, com vestido florido e segurando um buquê que ela mesma fez para que fosse jogado pelos noivos. Na página, Peppe escreveu: “a linda Sol, que é perfeita para meu irmão, mas ainda não o conhece. Espero um dia apresentar os dois!”

Quando lemos isso, olhamos um para o outro, olhos rasos d’água e nos abraçamos. Ter a confirmação de que Peppe aprovaria nosso relacionamento, apoiaria nosso amor foi muito especial e emocionante.

Eu gostaria que ele tivesse sido nosso cupido, que me contasse sobre Halley para que eu pudesse conhecê-lo e me apresentasse a Sol. Eu teria amado se ele soubesse que eu me tornaria um homem mais completo e feliz ao lado dela.

Olhei novamente para a taça de vinho cheia e intocada na mesinha.

— Você sabe, não é, meu irmão?

Tomei mais duas taças, senti-me mais confortável e fui me aprontar para o casamento. Gleyson, meu padrinho, já me esperava no meu quarto, vestido em um terno cinza e tomando chimarrão.

Tomei um banho longo e coloquei o terno azul-marinho que deveria

vestir, conforme Sol planejara.

Dividi o chimarrão com Gleyson e descobri que ele batizou a bebida com pinga. Ri feito louco ao pensar que o noivo e o padrinho estariam bêbados na cerimônia e o acusei de ter maculado a erva preciosa.

— Eu estava tremendo! — ele se justificou. — Tu casando vai colocar ideias na cabeça da minha namorada!

Rimos juntos, principalmente do fato de ele ter fobia ao pensar em se casar, mesmo tendo conhecido uma moça maravilhosa: a Nora!

Sim, Gleyson estava namorando – na época do meu casamento – a Nora, que foi babá de Tomás. Hoje em dia os dois não namoram mais, já se casaram! E foi tão foda levar chimarrão com cachaça para ele tomar quando fui seu padrinho!

Eu já estava saindo do quarto, indo para o altar, quando o André Casillo apareceu para me escoltar. Ele e Sara foram padrinhos da Sol.

Falando nela, Sol se atrasou demais, e eu quase tive um ataque cardíaco debaixo daquela pérgola. Andava de um lado para o outro, pedia para Gleyson me dizer as horas a todo minuto, e, quando ela apareceu, o tempo congelou e toda minha ansiedade se foi.

Linda! É a única palavra que eu tenho para definir como Sol estava vestida com uma renda feita de algodão cru, marfim, num vestido justo no corpo, reto, até seus pés, que estavam lindamente descalços, mas enfeitados com cristais.

Mais tarde descobri que a linda maquiagem e os adereços nos pés foram obras de Luna. Sol queria se casar, mesmo que tradicionalmente, em uma cerimônia católica, levando em si alguns preceitos de seus pais. Por isso a simplicidade, o vestido em tecido sustentável e os pés descalços. Os cabelos vermelhos estavam trançados de lado e tinham flores no meio dos fios.

Naquela tarde, diante de pessoas que eram importantes para nós, eu uni

minha vida à dela oficialmente e ganhei uma família, dois pais meio doidos e uma irmã muito sensível e linda.

Apresentamos o Don Peppe na nossa festa de casamento, e a qualidade do vinho causou um alvoroço, principalmente no pessoal da associação. Foi esse um dos motivos de nós não termos tido tempo para viajar em lua de mel, porque, logo depois da vindima, comecei a viajar para apresentar o vinho. Só há pouco mais de três meses é que consegui contratar um profissional para fazer esse serviço, coisa em que meu pai era expert, de vender nosso produto, e assim pude ficar mais tempo em casa com minha esposa e nosso pequeno Tomás.

Ah, o guri cresceu tanto nesse tempo!

Ainda me lembro da festinha de aniversário dele, de três anos, um pouco antes do nosso casamento e de como ficou feliz com as surpresas que preparamos. Seus amigos estavam lá, já que havia começado na escolinha, e transformamos o pátio de pedra, na frente da casa, em um verdadeiro parque de diversões, cheio de brinquedos.

Contudo, mesmo Tomás tendo recebido muitos amigos e ganhado muitas lembranças, quem verdadeiramente ganhou o presente do dia fui eu.

— Tomás, antes de apagar as velas, tem que fazer um pedido! — Sol lhe lembrou assim que terminamos de cantar os parabéns.

Ele ficou pensando um tempo, depois me olhou de esguelha e, sem saber que o pedido deveria ser feito em silêncio, apenas em sua mente, disse:

— Quero chamar tio Raffa de papai!

Ele soprou as velas, mas parece que seu sopro congelou o tempo. As crianças, claro, não perceberam, mas as mães e os adultos presentes ficaram sem reação.

Eu, emocionado demais e com receio de chorar na frente de todo mundo, abracei-o forte e disse em seu ouvido:

— Seu desejo se realizou, Tomás! Pode me chamar de papai o quanto quiser!

A partir daí continuei sendo o tio Raffa, mas com o título honorífico de papai, e nada no mundo me fez tão feliz quanto ouvi-lo me chamar assim. É uma honra, um privilégio poder dar ao meu sobrinho o amor que seu pai lhe daria.

— A música já mudou, vamos continuar? — Sol pergunta divertida, tirando-me das lembranças por um momento.

Escuto uma balada em inglês que eu não conheço, mas cuja melodia é boa para continuar agarrado à minha esposa e escandalizar mais o pessoal presente.

— Vamos!

Sinto-a rindo e beijo o topo de sua cabeça, o cheiro de seus cabelos me fazendo lembrar que, além de minha mulher e mãe do meu filho, Sol é também uma empreendedora.

Luna e ela conseguiram fazer dar certo o negócio da franquia, e a salinha que ela usava na vinícola não deu mais conta da quantidade de produtos que ela precisava fazer, por isso construímos um local novo apenas para ela e suas funcionárias, mulheres do entorno que trabalhavam na roça, que ela contratou e ensinou a trabalhar com cosmética natural.

A linha *Vino Senses* se tornou um sucesso, juntamente a outros produtos que já faziam a fama da Boticca – a loja dela e da irmã no Rio. No momento, enquanto estamos aqui dançando, a empresa da minha mulher já conta com mais de 20 franqueados, e isso porque só há alguns meses começaram a vender as franquias.

— Eu não queria que a Boticca crescesse muito, tinha medo de perder a essência que nos tornou conhecidas no Rio: a qualidade dos nossos ingredientes e o compromisso que temos com a natureza e o planeta — disse

ela em seu discurso de final de ano, em uma palestra sobre mulheres empreendedoras. — Mas, depois de muito estudar, percebemos que poderíamos ir além do que já tínhamos ido e aumentar nosso compromisso, não só o que já tínhamos, mas abranger outros, como o social. Cada mulher que empregamos teve uma vida difícil, trabalhou duro, enfrentou batalhas fora e dentro de suas casas. Um emprego, o trabalho com responsabilidade, os princípios que temos ajudam a consolidar uma mente mais empoderada e a mostrar que somos capazes de nos reinventar a cada momento ruim que passamos. Nós, mulheres, somos um elemento essencial da natureza, somos nós que geramos, nós que damos seguimento à nossa espécie, e, como todo elemento importante deste planeta, temos a capacidade única de nos refazer, mesmo quando as intempéries nos desmontam.

Guris, eu morri de orgulho, sim! Aplaudi de pé, assobiei e depois meti um beijão em sua boca linda no meio de todo mundo. Eu seria louco se não a amasse! É impossível não a amar cada vez mais!

Vocês pensam que eu sou exagerado? Que nada!

Estamos na Espanha porque Don Peppe foi classificado para as finais na categoria dele. Este é o mais respeitado concurso de vinhos do mundo, e só de ter chegado à final já conferia um valor e uma fama estrondosa para nosso vinho. Eu já estava feliz com isso e, sinceramente, nem queria vir para a Espanha, não tinha boas recordações.

Foi aqui, neste mesmo lugar, neste mesmo concurso, que eu soube que meu irmão tinha morrido, há quatro anos. Foi aqui que eu me tranquei no banheiro com o prêmio e chorei o tempo todo. Foi esse dia, esse evento que eu deletei do meu portfólio e da minha carreira.

— É hora de enfrentar isso tudo. Dane-se se não ganharmos, o importante é que você esteve lá, com outro vinho, com seu nome de novo aparecendo na Europa, e o melhor, com um vinho da *sua* vinícola.

Concordei com Sol, mas fiz chantagem.

— Só vou se você for comigo.

Então entramos em um debate sobre levar Tomás ou não e decidimos que seria melhor ele ficar com Ida, mesmo porque ainda estava em período de aula.

Chegamos dias antes do concurso, passeamos, trepamos como loucos e decidimos organizar uma viagem rápida até a Itália, onde mostrei a ela os lugares onde trabalhei e os melhores vinhedos do país.

Voltamos à Espanha somente na véspera do julgamento do vinho, e ontem, quando o resultado saiu, confesso que não acreditei: vencemos!

— Raffa... — Sol volta a me chamar. — Eu não estou me sentindo muito bem, podemos parar um pouco?

Seguro-a pelos ombros, alarmado, com medo de que, durante minhas lembranças, eu a tenha machucado ou pisado em seu pé e... Meu desespero aumenta quando a vejo pálida e a levo, nos braços, até nossa mesa.

— Respira, Sol! — Pego o menu que está na mesa e começo a abaná-la.
— O que você está sentindo?

Ela sorri.

— Nada de mais, fiquei sem ar, um pouco tonta, só isso.

— Te apertei muito? — Ela gargalha e nega. — Você mal comeu, e não te vi bebendo nada!

— Está tudo bem, eu juro. — Ela olha em volta, acho que está preocupada por eu estar fazendo uma cena, mas, pelo amor de Deus, ela é minha vida, não posso pensar em tê-la doente ou perdê-la! — Podemos voltar para a nossa suíte?

Ela mal termina de perguntar, e eu já a levo, no colo de novo, para fora do salão cheio de pessoas, mal ventilado e quente – talvez eu só tenha percebido isso agora, mas nunca é tarde – e entro no primeiro elevador vazio e parado

no andar em que estamos.

— Já, já estaremos no quarto, e você vai poder se livrar desse vestido e...

— Prefiro que você o tire e que vá beijando cada pedacinho do meu corpo que aparecer sem ele — ela me interrompe, e eu a olho desconfiado.

— Você fez uma cena só para ir para o quarto trepar? — Sol fica séria, então eu começo a rir. — Você é mesmo minha alma gêmea, porra!

Ela gargalha.

— Eu amo você e quero tê-lo dentro de mim em cada oportunidade que tivermos, mas não, eu me senti mal de verdade.

O elevador chega ao nosso andar, e ela pega a chave de acesso em sua pequena bolsa para entrarmos.

— Você está doente? Há quanto tempo tem tido essas tonturas e...

— Não muito. — Ela desce do meu colo e acende a luz da sala da suíte.

— Na verdade, eu piorei na viagem e por isso fiz um exame.

Franzo a testa, pensando em que momento nós ficamos separados para que ela tenha tido tempo para ir ao médico e, principalmente, por que ela não me contou!

Começo a tremer, sentindo medo de, mais uma vez, a felicidade em minha carreira significar uma perda pessoal.

— Sol, o que você tem? — pergunto baixinho.

Ela me estende uma coisa parecida com um termômetro.

— Um bebê.

Arregalo os olhos e arranco o exame de sua mão, olhando aflito para o resultado. Duas linhas? Porra, pensei que vinha escrito: “parabéns, você está grávida, conte para o papai!”

Olho-a, sinto-me um tanto perdido, e ela chora.

— Sol! — Abraço-a apertado, mas logo diminuo o aperto, afinal, não quero esmagar meu filho. — Um bebê?

Ela ri, mesmo ainda chorando.

— Até o momento, sim, mas só a ultrassonografia poderá dizer se tem mais de um.

Perco o fôlego ao pensar em *dois bebês*! Porra, eu quero isso! Eu quero nossa casa cheia de crianças e que Tomás tenha irmãos pequenos para cuidar e amar como o pai dele fez comigo.

Ajoelho-me à sua frente e encosto a testa em sua barriga.

— Ei, bebê, é seu pai! Desculpa a demora para falar contigo, mas é que sua mãe resolveu só me contar agora... — Sol gargalha. — Eu queria dizer que estou muito feliz com sua chegada e que em breve seu irmão vai falar com você também. Vem em paz, porque estamos aqui, seu irmão e eu, para proteger, cuidar e te amar para sempre.

Beijo a barriga nada redonda da minha esposa antes de me erguer e beijá-la com carinho.

— Esse foi, sem dúvida, o melhor prêmio que eu poderia receber na minha vida — digo a ela enquanto acaricio seu rosto. — Eu entendo você não ter me contado antes, porque simplesmente eu iria fazer cara de desdém quando me entregassem a placa do Don Peppe.

Ela me beija.

— Não te contei antes porque só fiz o teste hoje de manhã! — Ri. — Mas eu já desconfiava antes de virmos para cá, inclusive Ida já está tricotando.

— Mais um Ferrero para a alegria dela! — não há amargura mais ao dizer isso, afinal, é o que somos: Ferreros! — Eu te amo muito, achava que era impossível amar mais, mas você consegue fazer meu sentimento se superar a todo instante.

— Eu estou muito feliz, Raffa! É nosso filho, fruto do nosso amor, um irmão para Tomás! — Ela chora de novo, e eu percebo que eu também o faço.

Pego-a no colo e a levo para o quarto, porque realmente precisamos nos livrar do vestido, e eu, claro, preciso beijar cada pedacinho de pele dela.

Ah, a vida é mesmo impressionante. Há anos esse evento e esse lugar ficaram marcados em minha memória por uma tragédia; agora, toda vez que viermos concorrer com um novo vinho ou espumante – porque eu tenho certeza de que viremos –, tudo de que vou me lembrar é que uma nova vida foi gerada e que eu tive o privilégio de receber a responsabilidade de cuidar e amar esse novo ser.

Meu filho! Nosso filho!

A vida não poderia ser mais perfeita!

Fim.



Querida amiga Babi,

É com muita alegria que escrevo esta carta para comunicar que nossa menina nasceu ontem, linda e forte. Raffaello está louco! Você o conheceu em nosso casamento, sabe como ele é protetor, não desgruda da filha nem por um momento, está sendo difícil até fazê-lo trabalhar, porque fica como um cão de guarda ao lado do berço. E o pior: Tomás está no mesmo caminho!

Confesso que já estou sentindo pena de Paola quando crescer.

Ah! O nome da minha pequena é Paola (se fala Paula, porque é italiano, né? Coisa do meu marido, você sabe!), ela tem lindos olhos da cor do chocolate, uma boquinha vermelha pequenina e cabelos ruivos como os meus.

Meus pais estão vindo de algum lugar do mundo para conhecê-la e participarem da vindima, que, este ano, estará movimentada por conta dos turistas. Ainda aguardamos você aqui, viu? Tente achar um tempinho nessa

sua agenda louca de dança e aulas de balé para vir nos visitar, tomar uns bons vinhos e namorar um pouco. Aqui no Sul os gaúchos são quentes!

Obrigada pelo presente de boas-vindas, amei o sapatinho vermelho!

E obrigada também por estar sempre por perto, sendo uma amiga e irmã para Luna. Eu lamento não estar próxima dela, mas minha vida agora é aqui na Don Ferrero, por isso fiquei tão feliz quando soube que você estava de volta ao Rio depois de tantos anos morando em Barcelona e que renovaram nossa amizade de infância.

Estou tão feliz, Babi! Espero que, um dia, você encontre um amor tão forte quanto o que eu encontrei. Eu sei que você diz que não faz questão de homem na sua vida, compreendo isso, mas ter um amor é algo que nos conforta, e ter uma família é algo que nos completa.

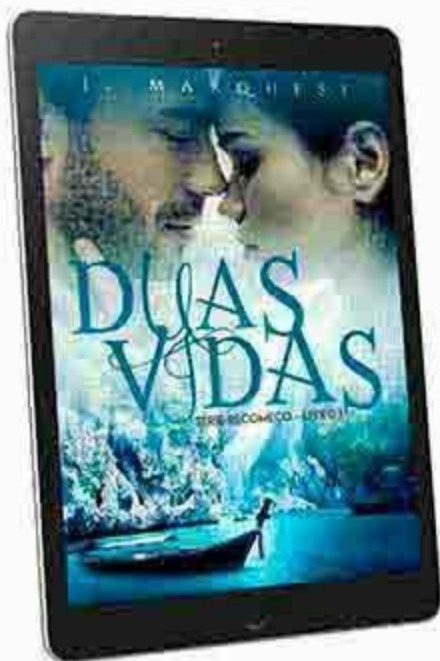
Eu te amo muito, minha amiga, obrigada por todo o apoio que me dá, e, mesmo na distância, mesmo que não nos falemos mais com a regularidade de antes, você continua sendo minha melhor amiga.

Com todo carinho,

Sol Ferrero.



J. Marquesi sempre foi apaixonada por livros e, na adolescência, descobriu seu amor pelos romances. Escreveu sua primeira história aos 13 anos, à mão, e desde então não parou mais. Só tomou coragem de mostrar seus escritos em 2017, tornando-se uma das autoras bestsellers da Amazon e da Revista VEJA.



DUAS VIDAS

Série Recomeço, livro 1

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

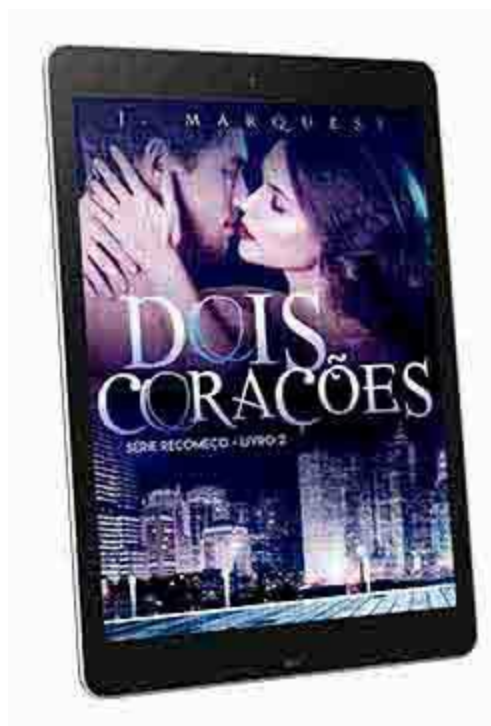
SINOPSE

Dois homens iguais, duas vidas marcadas por um jogo do destino.

Eric e Thomas Palmer são gêmeos e possuem uma relação conturbada. Após um grave acidente a vida dos dois é colocada em xeque e um só tem uma segunda chance. O sobrevivente precisa reaprender a viver, a lidar com sentimentos confusos, culpa e com as limitações físicas que o acidente lhe deixou.

Analiz Castro é uma mulher independente e segura. Ela batalhou até se formar em fisioterapia, o que ama de paixão, e após ser despedida do hospital onde trabalhava, Liz recebe a oportunidade de cuidar da reabilitação do homem que, no passado, a machucou muito, fazendo-a voltar à ilha que prometeu nunca mais pisar.

O destino os reúne novamente, dando a possibilidade de um recomeço para ambos. Um romance sobre perdão, recomeço e segunda chance.



DOIS CORAÇÕES

Série Recomeço, livro 2

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

Cadu Fontenelles tem fama, dinheiro e mulheres, mas trocaria isso tudo por apenas uma coisa: a oportunidade de criar sua filha.

Depois de perder a mulher que amava, ele se vê totalmente perdido, afundando em drogas e álcool, sendo impedido de ficar com Amanda, que está sendo criada por seus ex-sogros. Decidido a mudar de vida para ter a menina, ele enfrentará uma enorme batalha contra o vício. Contudo, irá descobrir que o destino ainda guarda muitas surpresas para o seu coração.

Lara Martins mudou-se para São Paulo para estudar e acabou se tornando babá de Amanda Kaufmann, uma menina solitária e infeliz que perdeu a mãe ainda bebê e cujo pai é limitado a vê-la sob supervisão. Lara entende o que é uma infância triste, pois nasceu com um problema cardíaco que a restringiu de ser como as outras meninas e cresceu sob a superproteção de seus pais. Disposta a tudo para fazer sua pupila feliz, ela bola um plano para aproximar

pai e filha e, no percurso, acaba se apaixonando por Cadu.

Ele, um homem quebrado, cheio de marcas do passado, que insiste em viver um eterno luto sentimental. Ela, querendo viver intensamente, aberta a sentir o amor pela primeira vez. A paixão entre os dois é intensa, mas Lara sabe que Cadu não pode amá-la, uma vez que continua ligado à falecida mãe de Amanda.

Há chance de dois corações tão sofridos serem finalmente felizes?



DOIS DESTINOS

Série *Recomeço*, livro 3

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

No coração do Pantanal, dois destinos tão diferentes se encontram...

Guilherme é peão pantaneiro que gosta das coisas simples: seu cavalo, sua viola, um bom churrasco e um tereré após o trabalho duro. A verdade é que nem sempre sua vida foi assim. Misterioso, o peão guarda dentro de si uma dor que tenta esquecer, mas a culpa o impede. A fazenda e os tios são tudo o que mais preza, seu porto seguro, e ele não deixará ninguém atrapalhar isso.

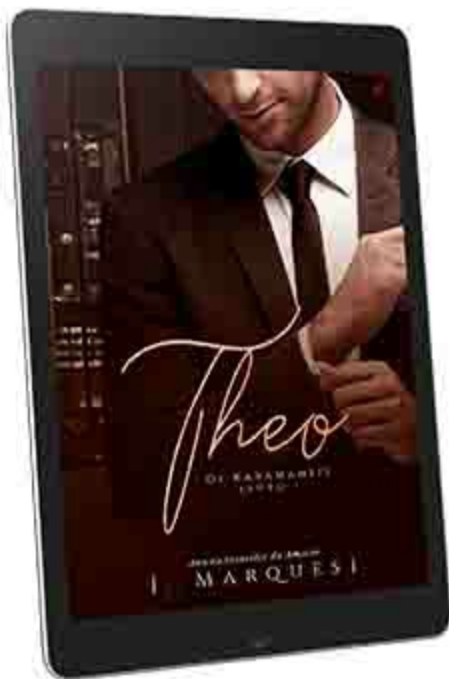
Até que uma dondoquinha da cidade grande aparece...

Malu Ruschel é uma executiva de sucesso disposta a trabalhar sem parar para atingir seu objetivo: ser a primeira mulher na diretoria da Karamanlis. Sua obsessão pelo trabalho a faz ficar doente, e ela é obrigada a tirar férias (acumuladas há 10 anos) e, assim, embarca para um SPA no Mato Grosso do Sul. Acontece que o tal SPA nunca existiu, e Malu se vê no meio de uma fazenda de gado no coração do Pantanal Sul, sem nenhum meio de se

conectar com a civilização, com apenas uma ordem: descansar!

Como ela conseguiria relaxar com um peão xucro – e muito gostoso – provocando-a a todo momento, levando-a ao limite da raiva e do desejo? Guilherme não gosta dela por trazer de volta lembranças amargas de seu passado e Malu não entende por que esse homem a atrai tanto. Os dois resolvem curtir uma aventura de férias sem saber que isso é apenas o início de um verdadeiro recomeço.

DOIS DESTINOS, o terceiro livro da série RECOMEÇO, vem recheado com humor, erotismo e, claro, um segredo de tirar o fôlego!



THEO

Os Karamanlis, livro 1

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

Uma família separada pelo ódio...

Criado pelo avô, renegado pelo pai, odiado pelos irmãos, Theodoros Karamanlis recebeu o cargo de CEO da empresa da família. Sua principal meta é provar a todos que é mais competente do que o homem que sempre o renegou, seu pai. Para isso acontecer, falta apenas comprar o imóvel onde funciona um pequeno pub na Vila Madalena e assim fechar uma conta aberta há mais de dez anos.

Uma família mantida pelas lembranças...

Maria Eduarda Hill sempre teve o sonho de ser uma renomada chef de cozinha, mas, por circunstâncias do destino, acabou assumindo o antigo boteco de seu pai na Vila Madalena. Ela trabalha duro para manter o negócio

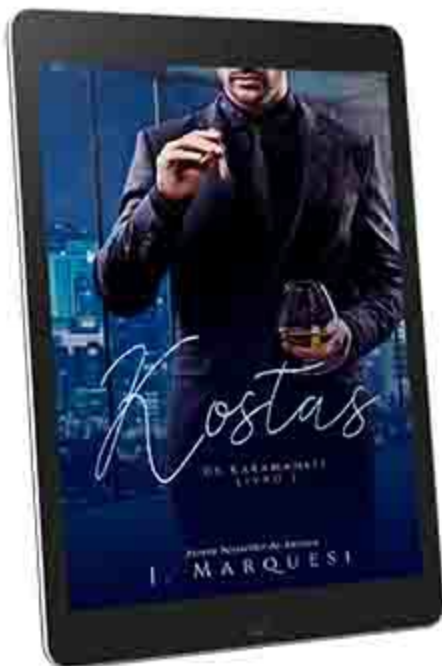
e preservar a memória de sua família e luta bravamente contra o assédio de uma empresa que quer comprar e demolir o lugar.

Uma noite, um bar, e uma química explosiva...

Depois de cair em uma armadilha e conhecer a irritante cozinheira que o impede de fechar o maior negócio de sua empresa, Theo se vê dividido entre essa forte atração, conquistar o que seu pai não foi capaz e uma promessa feita ao avô. Por mais que resista, o grego não consegue ficar longe de Maria Eduarda, então começa uma implacável sedução para tê-la em sua cama.

Theo e Duda têm tudo para se odiarem. No entanto, mal sabem eles que a paixão não se conduz pelo óbvio!

Atenção: esse livro não tem continuação. O próximo da série é de outro Karamanlis: Kostas.



KOSTAS

Os Karamanlis, livro 2

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

Confiança: palavra inexistente no dicionário de Konstantinos Karamanlis.

O segundo filho de Nikkós Karamanlis é um homem duro e frio, que prefere a sinceridade de umas notas deixadas na cama após o sexo à falsidade de carinhos e beijos interesseiros. Arrogante, seguro de si, um brilhante advogado, dirige sua vida como quer e não precisa de ninguém ao seu lado, nem da família e muito menos de uma mulher!

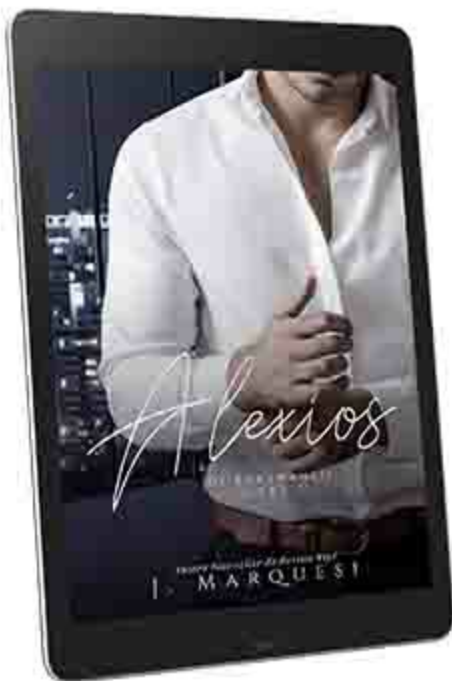
Disposto a ir até às últimas consequências para tirar seu irmão mais velho da presidência da Karamanlis, Kostas não se importa em ser solitário e faz questão de esconder seus medos e traumas do passado. Contudo, há uma pessoa capaz de arranhar suas defesas e causar reações que ele achava não serem possíveis: a irritante e debochada Wilka Maria Reinol.

Kika Reinol vive intensamente!

De personalidade esfuziante, é querida e amada por todos que a cercam. Focada, objetiva, competente, líder nata, é gerente da Karamanlis e odeia intromissões em seu trabalho, principalmente as do diretor jurídico Kostas – ou Bostas, como o apelidou. Embora seu jeito vibrante esteja presente em cada palavra, sorriso ou gesto, Kika esconde algo que pode abalar o que construiu em sua vida, por isso, fará tudo para proteger o seu futuro.

Os dois se detestam; não sabem, no entanto, o quanto já estão envolvidos.

Atenção: Contém SPOILER do livro Theo - Os Karamanlis 1.



ALEXIOS

Os Karamanlis, livro 3

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

Com um passado nebuloso, marcado por traumas, rejeições e violência, há anos Alexios Karamanlis busca entender a si mesmo e, para isso, começa uma caçada sem fim pelo destino de sua mãe biológica, junto a sua melhor amiga, Samara Schneider.

Amigos desde tenra idade, Alexios sempre tentou não notar como mulher por temer perder sua amizade e apoio, e Samara sempre sonhou com o dia em que o garoto problemático e rebelde se apaixonaria por ela.

Juntos em busca de respostas sobre a verdadeira história do nascimento de Alexios, os dois mergulharão no sujo passado do pai dele, Nikkós Karamanlis, revelarão segredos muito bem guardados e, por fim, descobrirão que não há como reprimir mais a paixão e o desejo que sentem um pelo outro.

ATENÇÃO!

Contém spoilers dos livros: Theo - Os Karamanlis 1; e Kostas - Os Karamanlis 2.

A história de Alexios não depende dessas anteriores, porém sugiro a leitura delas caso não goste de spoiler.



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Fanpage](#) | [Instagram](#)
[Wattpad](#) | [Grupo do Facebook](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Notas

[←1]

Nota da autora: Mistura de qualidades de uvas que pode variar de duas até 14 diferentes para criar sabores e aromas nos vinhos, deixando-os mais harmoniosos e complexos.

[←2]

Nota da autora: Denominação de “Origem Controlada e Garantida”.

[←3]

Nota da autora: dono de vinícola.

[←4]

Nota da autora: Terroir é uma definição francesa para elementos naturais que afetam a qualidade da uva, como solo, clima, altitude etc.

[←5]

Nota da autora: *Eu posso te mostrar que o amor é a cura para o sofrimento. "Cure", Moonchild, 2017.*

[←6]

Nota da autora: Processo onde os frutos começam a ganhar cor, começando assim a maturação da uva.

[←7]

Nota da autora: Vinho composto com por somente um tipo de uva.

[←8]

Nota da autora: Vinho de corte (ou *blend*, ou *assemblage*) é composto por misturas de dois ou mais tipos de uvas.

[←9]

Nota da autora: A tradução seria “branco de preto”, a designação de espumantes feitos de uvas tintas (escuras).

[←10]

Nota da autora: Mistura.

[←11]

Nota da autora: Ancestral.

[←12]

Nota da autora: Efervescente natural ou espumante natural.

[←13]

Nota da autora: Licor de tiragem é uma mistura de açúcar e leveduras para gerar as bolhas do espumante.

[←14]

Nota da autora: Tipo de testamento que traz a vontade do testador de doar bens de pequeno valor, como joias de uso pessoal, móveis, roupas etc.

[←15]

Nota da autora: Misturar. Vinho de corte é o resultado da mistura de dois ou mais vinhos.

[←16]

Nota da autora: Idiota, em italiano.